



Quando a guerra acabou, sobretudo, no ano especialmente em que se viu obrigado a permanecer no front até o instante em que entregou sua vida ao Senhor em Zaragoza, Ismael caminhou envolto num manto de discrição verdadeiramente heroica. Não teve um momento em que não perambulasse como de pontinhas de pé pelas terras do silêncio. Sem fazer-se notar. Sem que ninguém pudesse imaginar a torrente de amor a Deus que lhe saltava desde dentro de si. “Todo de Deus e para Deus”. E “calar e sofrer”. Alguém disse que a verdade mais funda é o silêncio. Isso é de maneira singular em Ismael.

Valentín Arteaga
Postulador para a Causa de Canonização de Ismael de Tomelloso

1ª Edição

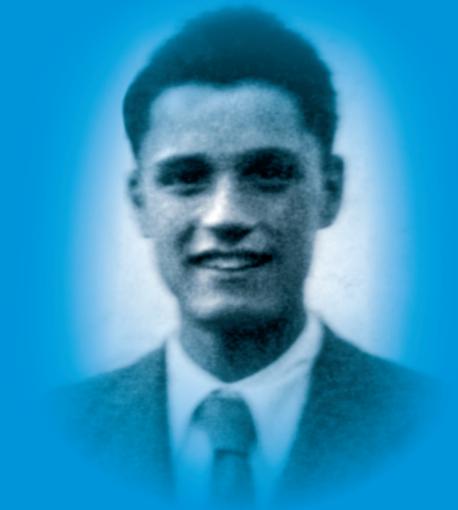
Ismael de Tomelloso

“IN SILENTIO...”

Blas Camacho Zancada

Ismael de Tomelloso

“IN SILENTIO...”



Blas Camacho Zancada

1ª Edição

A vida e a morte de Ismael de Tomelloso foram uma vida e uma morte “de graça”. Um ofertório totalmente gratuito a Deus. E calado. É impressionante como foi germinando e forjando a semente da graça de Deus que o grupo de jovens da Ação Católica de sua vila semeara um dia no coração de Ismael. Deixou-se trabalhar sem pôr dificuldades à ação do Espírito envolto na humildade e no silêncio. E em certo modo como dissimulando. Pode dizer-se que o traço característico da experiência espiritual de Ismael é o silêncio. Parece impensável que um jovem de temperamento tão vital, tão extrovertido, tão cordial, tivesse, como teve, tanta vontade para driblar as dificuldades que lhe correspondeu viver. Sua marca foi a de ir fazendo, por um lado e passar despercebido por outro. Longe de ele querer protagonizar feitos sobressalentes ou empresas dignas de reconhecimento público e aplausos.

Ismael de Tomelloso

“IN SILENTIO...”

Blas Camacho Zancada

Traduzido do espanhol
Pe. Celso Nilo Luchi, CR

Ismael de Tomelloso
“IN SILENTIO...”

© Blas Camacho Zancada, *Ismael de Tomelloso, ‘In Silentio...’*,
2ª edição revista e corrigida, 2010

© Associação para a canonização de Ismael de Tomelloso

Com licença eclesiástica

Realização:
Ediciones Soubriet
Doña Crisanta, 39 – 13700 Tomelloso (Ciudad Real)
ediciones@soubriet.com

Imagem de *El Varal*: Sala Francisco Carretero,
Excmo. Ayuntamiento de Tomelloso

I.S.B.N.: 978-84-95410-91-7

Depósito Legal: CR 496 / 2013

Impresso na Espanha

*Aos sacerdotes de Jesus Cristo:
Para que com suas palavras, com seus gestos
e com suas vidas
sejam servidores, sejam fieis,
sejam testemunhas, sejam o mesmo Cristo,
com Nossa Mãe a Virgem Maria, por todos nós.*

ÍNDICE

<i>Introdução ao silêncio de uma alma,</i> <i>por Valentín Arteaga</i>	9
Preâmbulo	15
I. Tomelloso	33
II. Nascimentos	45
III. Trabalho para Deus	57
IV. Deus lhe pede um pouquinho mais	69
V. Guerra Civil	87
VI. Seguindo em frente	101
VII. Batalha do Alfambra	113
VIII. Silêncio	131
IX. Morte	147
X. Terra	173
XI. Céu	177
Epílogo	187

Introdução ao silêncio de uma alma

Eis aqui uma pequena história interior. A biografia, com efeito, de Ismael Molinero Novillo, conhecido como Ismael de Tomelloso pelos Jovens da Ação Católica Espanhola depois de sua morte a 5 de maio de 1938, no Hospital Clínico de Zaragoza, oferece pouco material para sua escrita. A sua é uma “vida” sem grandes acontecimentos, anedotas de brilho ou atos sobressalentes segundo a mentalidade utilitarista e pragmática que levamos em nossos dias. Mas convém, de tanto em tanto, deter-nos um pouco e tomar nota dos pequenos relatos. Pareceria que nos tempos que correm carecessem de interesse. Apenas nos chamam a atenção as modestas e humildes peripécias de pequena monta. E mais ainda trata-se de pequenos assuntos de silêncio e meditação, puro labor da graça de Deus e generosa resposta, silenciosa, agradecida, sobressaltada, do homem. Qualquer deles. Ismael Molinero Novillo, por exemplo.

Todo um “caso” sem dúvida aquele de Ismael. Sua biografia cabe em meia página. Não há lugar para poder lançar voo a fantasia numa terra, a sua, na qual a imaginação está na ordem do dia e a inspiração artística se abre campo através buscando-lhe à paisagem (sic) seu labirinto, suas fábulas, seu romantismo. A história singela de Ismael de Tomelloso pode contar-se no tempo em que se recita um credo ou em que um camponês diz a outro o que está acontecendo pelas terras da ermida da Virgem. A Ismael, naturalmente, não lhe ocorreu portar um Diário ou escrever num caderno seus pensamentos espirituais. Estando no front enviou algumas cartinhas, talvez, fosse melhor dizer, uns bilhetes: que estou bem, mãe; que não devem se preocupar comigo. Faz muito frio. Lembranças à família...

Era simplesmente um rapaz de aldeia. Uma vila, então, muito fora de mão e longínqua. O extraviado, como quem disse na extensão manchega. Uma ilha na planície. Na vila, suas chácaras, seus farnéis, suas vinhas, suas ruas larguíssimas cheias de sol, seus becos, suas saliências, a praça, o clube, a Igreja... Um mal dia começou lúgubre, a soprar o terrível vento do ódio e da denúncia: *esses do outro lado da Glorieta são gente inimiga; precisamos estar a par de tudo que dizem ou fazem; acorrem às novenas, atendem aos padres... e isto e aquilo*. Maus tempos aqueles. O ódio é péssima companhia e nunca avisa. Ismael era mais um rapaz do povoado a quem um dia outros jovens de sua idade, valentes e atrevidos naquela hora difícil – Miguel, Pedro... –, lhe falaram de coisas de Igreja e de uma felicidade até então para ele desconhecida; sim, porque Deus sabe fazer-se contraditório com os humildes e simples de coração. Eram membros do recém-fundado Centro de Jovens da Ação Católica dirigidos pelo sacerdote Pe. Barnabé Huertas. *Ismael*, dizem-lhe Miguel, Pedro e os demais, *se você quer, pode vir ao Centro e verá que certamente vale à pena. Quem? Eu? Pois claro, irmão*. E ele respondeu que sim. Desde então, pela paisagem sem limites da planície aberta de sua alma, foi entrando em Ismael pouco a pouco uma luz que, à medida que o tempo transcorria, lhe ia aclarando os pensamentos e as intenções; e até inclusive, lhe pareceu crescer no fundo do ser um “monte” de novas canções e muita alegria para regalar aos pobres, aos anciãos, às crianças, aos vizinhos solitários, às mulheres simples que vinham à loja de tecidos onde ele trabalhava. *Sou de Deus e para Deus*, repetia. Sentia interiormente, apesar da atmosfera tensa que envolvia a vila, um desejo imenso de fazer feliz a qualquer um, a seus pais e irmãos em casa, a quantos encontrava na Praça bem cedo pela manhã, antes de ir ao trabalho, quando ele com toda dissimulação possível, entrava na igreja para fazer uma visita ao Santíssimo. *Quero dar exemplo de vida*, confessava.

No Asilo era feliz sempre que tinha ocasião de entreter-se, aos domingos, sobretudo, tocando guitarra e cantando cantigas aos Anciãos Desamparados. Recitava-lhes poesias, organizava bailes

para eles e lhes compunha comédias alegres. Em várias ocasiões falando com alguma das monjas, ou com Padre Barnabé, ou Miguel e Pedro, arrebatado e ingênuo, costumava deixar escapar o seguinte desejo: *Quero ser bom, porém não sei como. Ah! Se o soubesse!* Ismael era bom naturalmente. O mesmo que se respira. Como ocorre a alguém com uma piada ou um gracejo, algo para fazer ir aos que estão tristes por aí, pobrezinhos. *Oxalá pudesse ser um dia sacerdote*, sonhava. Havia participado de um curso de exercícios espirituais (o mesmo que retiro espiritual), no Seminário de Cidade Real e observou muito o padre que o havia dirigido, nos seminaristas também... E ele que era tão devoto de Cristo Sacramentado e sempre que podia ia deter-se com os olhos fixos diante do sacrário, mais de uma vez comentou: *Gostaria de ser sacerdote*. Alguns jovens, devido ao contato com o exemplo de vida de Ismael, com o tempo se animaram a seguir a vocação sacerdotal. O Espírito do Senhor, como se sabe, sopra onde quer e quando quer. Tivesse sido um bom sacerdote nosso jovem. Disposições e qualidades, no dizer de seus biógrafos, não lhe faltavam. E ilusão, um entusiasmo que lhe vinha do centro da alma. Quando estava na última etapa de sua vida, com o corpo carcomido pela tuberculose que já não podia mais, confessou ao capelão que lhe assistia: *Sinto-me muito feliz, Padre. – Quicá você seja curado*, animou-lhe o sacerdote. *Não quero nada no mundo*, respondeu o jovem, *se morro, serei totalmente de Deus. Se não morro, quero ser sacerdote. Dos bons. Dos que servem a Deus de graça*.

A vida e a morte de Ismael de Tomelloso foram uma vida e uma morte “de graça”. Um ofertório totalmente gratuito a Deus. E calado. É impressionante como foi germinando e forjando a semente da graça de Deus que o grupo de jovens da Ação Católica de sua vila semeara um dia no coração de Ismael. Deixou-se trabalhar sem pôr dificuldades à ação do Espírito envolto na humildade e no silêncio. E em certo modo como dissimulando. Pode dizer-se que o traço característico da experiência espiritual de Ismael é o silêncio. Parece impensável que um jovem de temperamento tão vital, tão extroverti-

do, tão cordial, tivesse, como teve, tanta vontade para driblar as dificuldades que lhe correspondeu viver. Sua marca foi a de ir fazendo, por um lado e passar despercebido por outro. Longe de ele querer protagonizar feitos sobressalentes ou empresas dignas de reconhecimento público e aplausos. Quando a guerra acabou, sobretudo, no ano especialmente em que se viu obrigado a permanecer no front até o instante em que entregou sua vida ao Senhor em Zaragoza, Ismael caminhou envolto num manto de discrição verdadeiramente heroica. Não teve um momento em que não perambulasse como de pontinhas de pé pelas terras do silêncio. Sem fazer-se notar. Sem que ninguém pudesse imaginar a torrente de amor a Deus que lhe saltava desde dentro de si. “Todo de Deus e para Deus”. E “calar e sofrer”. Alguém disse que a verdade mais funda é o silêncio. Isso é de maneira singular em Ismael.

Foi uma verdade que ele descobriu sem mesmo se dar conta. Como o rezar. Como fazer rir aos anciãos do Asilo. Como querer à Virgem Maria. Como o tratar com tino e carinho aos clientes da loja em que trabalhava como dependente. Quando foi mobilizado o contingente de 38, o seu, em 18 de setembro de 1937, teve que fazer a mochila e seguir com seus companheiros rumo ao front de Teruel; ia bem avisado: *Não digas a ninguém o que pensas, o que sentes, não fale da Ação Católica, de coisas de Igreja, dos meninos, das monjas...* Isso –dizia ele a si mesmo –, *a calar e a rezar; e a lançar uma mão como seja, se for o caso, aos demais, ou cantar uma canção bem baixinho: é próprio de quem crê em Deus, cantar.* Quando ocorreu, na primeira semana de fevereiro de 1938, a batalha de Alfambra, ele ofereceu a Deus o silêncio pela paz. Era a guerra e ele tão pobre que não tinha outra coisa. Ademais, por que haveria de dizer a quem quer que fosse que alguém era da Ação Católica? Ainda que te façam prisioneiro e te passem para o outro lado e afinal possas falar, o melhor é calar, e ir-se diretamente sem nenhum ruído às mãos de Deus.

Assim ocorreu. Atravessado pelas agulhas sinistras da tuberculose adquirida naquele inverno terrível, depois da batalha foi conduzido

a um campo de prisioneiros em Santa Eulália e posteriormente a São João de Mozarrifar: *Que vontade, meu Deus, de comungar*. Pediu isso em voz baixa— um filete de súplica!— porém como se nada dissesse... Ao capelão, seguramente, “*foi-se o santo ao céu*”. Quem, no entanto, ia saber que aquele prisioneiro de vinte anos ao qual se estava apagando rapidísimamente a vida, e lhe brilhavam os olhos como as lâmpadas do Santíssimo das igrejas, tivesse tanta vontade de santificação. O Senhor é sempre surpreendente e tem seus modos de enamorar a qualquer um. Ismael Molinero Novillo entregou sua alma a Deus em 5 de maio de 1938. No momento de fazê-lo, seu silêncio se rompeu como um vaso de fragrância. Todos, ao seu redor, o capelão, as enfermeiras, os membros da Ação Católica de Zaragoza, louvaram e deram graças a Deus. Mui pronto a juventude espanhola soube tecer comentários ao testemunho silencioso de Ismael de Tomelloso. As histórias menores com o tempo resultam muito eloquentes.

Valentín Arteaga

PREÂMBULO

A vida de Ismael Molinero Novillo, mais conhecido como Ismael de Tomelloso, é uma vida cheia de simpatia, de alegria e de felicidade, inclusive no meio dos sofrimentos que padeceu nos últimos meses de sua vida.

As lembranças mais vivas que guardamos de Ismael são as seguintes:

– Em nossa infância falavam-nos de Ismael como um jovem simpático, alegre e valente que havia morrido tuberculoso, em Zaragoza, durante a guerra civil, como miliciano, e que pertencia à Ação Católica¹.

– Quando trasladaram seus restos mortais desde Zaragoza a Tomelloso, em 1950, era Ano Santo Eucarístico e assistiram o

1. Alguns dados sobre a instituição:

A Ação Católica surge como um intento da Igreja de organizar, na velha Europa, a ação confessional dos leigos, em meados do século XIX. Durante os pontificados de Pio IX, Pio X e, inclusive Pio XI, sua definição se mantém no contexto de uma grande indeterminação, e no tempo de Pio XII existiu a possibilidade de integrar na Ação Católica um conjunto mais amplo de associações e iniciativas de apostolado laico, porém as circunstâncias históricas e políticas obrigaram a uma série de modificações nos objetivos para evitar seu desaparecimento sob a pressão do fascismo italiano, que obrigou à Igreja a dizer que a Ação Católica não tinha mais que o fim religioso da Igreja, identificando-se assim com o fim próprio da hierarquia, e lograr desta forma que o fascismo não ousasse tocar uma instituição que se apresentava agora como a “mão comprida” do apostolado hierárquico.

Na Espanha a Ação Católica nasce da reorganização operada, em 1926, sob a influência da personalidade possibilista e conciliadora de Ángel Herrera Oria, que foi presidente da Junta Central nos anos da república, inspirada no Estatu-

Bispo Prior das Ordens Militares, dom Emetrio Echevarría, centenas de jovens da Ação Católica de Zaragoza e de Ciudad Real e as autoridades locais e provinciais. Dom Emetrio, referindo-se a Ismael, na oração fúnebre que pronunciou com motivo do traslado dos restos mortais debulhou a preciosa biografia de Ismael de Tomelloso, recordando as palavras que pronunciara Sua Santidade Pio XII, na visita “ad limina” em novembro de 1947: “Eu creio pessoalmente – disse o Prelado – na santidade de Ismael. Porque

to italiano de 1931, em cujo ano a Juventude de Ação Católica espanhola contava com 200 centros e 10.000 sócios, e também fundador da Ação Católica Nacional de Propagandistas (ACN de P), e do Colégio Maior São Paulo. A 18 de julho de 1936, início da guerra civil, supõe um corte fundamental na evolução da Ação Católica, frustrando-se a via possibilista do catolicismo espanhol.

A repercussão da guerra é especialmente forte para a Juventude da Ação Católica que fica cindida segundo a região, permanecendo anulada a organização. Passaram-se vários meses antes que o ramo da Juventude tomasse corpo como tal organização e se instalasse sua cabeça em Burgos. Os três anos de guerra marcarão um estilo e umas metas que imprimirão caráter na Juventude da Ação Católica até a peregrinação a Santiago de Compostela, que foi um objetivo formulado antes de julho de 1936 que não se realizará até 1948 e significará o final desta etapa. No ambiente peregrino se lança o lema de que “Há que começar de novo”, ao ter-se comprovado que, depois da guerra civil, Ação Católica busca sua presença não só em todas as paróquias, senão em todas as cerimônias religiosas e inclusive civis.

Desde 1970 a Ação Católica passa a ser testemunhal em seu intento de canalizar o apostolado geral de homens e mulheres, embora haja um auge e também uma crise de alguns movimentos posteriores nos quais predomina o cultural, o caritativo-assistencial, o catequético, inclusive a dimensão sociopolítica, sobre o estritamente missionário e apostólico.

De Ação Católica se nutriram instituições eclesiais tão importantes como Cáritas Espanhola, Mãos Unidas e os centros de cultura popular, entre outros, porém o ambicioso espírito inicial não pode consolidar na velha Europa por circunstâncias muito diversas. Na atualidade a Conferência Episcopal Espanhola parece manifestar seu empenho no relançamento da Ação Católica Geral.

Vamos deixar aqui registrado nossa homenagem a tantos homens e mulheres jovens e adultos que entregaram suas vidas a Deus na Ação Católica, nalguns casos mártires durante a guerra ou, em outros, como o caso de Ismael, oferecendo suas vidas a Deus, nas alegrias, na saúde, na enfermidade e na dor.

se bem que sua vida foi curta, o certo é que em pouco tempo alcançou os mais altos cumes da perfeição espiritual. Peçamos ao Senhor que exalte a Ismael aos altares, e enquanto isso, que ele seja modelo e exemplo das juventudes manchegas!”. Assim foi que o jornal *Signo* se expressou ao publicar a notícia sobre Ismael de Tomelloso, a 20 de maio de 1950.

– As homenagens que lhe foram prestadas por sua fama de santidade em diversos lugares pelos jovens da Ação Católica foram numerosas, porém as mais importantes aconteceram em Zaragoza, em 1940, e em Tomelloso, em 1956, e concentraram milhares de jovens.

– Cada vez que passávamos pela porta de sua casa, como diante do estabelecimento industrial, havia a forja onde trabalhavam seu pai e alguns de seus irmãos que eram ferreiros, parávamos atraídos pela luz do fogo, pelo vermelho em brasa do ferro, pelo ruído estridente das marteladas que forjavam o ferro e pelas faíscas que saltavam por todas as partes.

– Quando visitávamos o cemitério nas festas de Todos os Santos e dos Defuntos, apreciávamos parar diante da tumba de Ismael porque era a mais importante que havia ali.

Tudo o que sabemos depois o lemos nos livros de seus biógrafos dos anos quarenta², em cartas, artigos de imprensa e outras publicações; aquilo que nos contaram seus irmãos Maria da Cruz, Luis e Martín e outras pessoas que o conheceram; assim como

2. Revista Dominicana *A Vida Sobrenatural: Ismael Molinero Novillo: El Miliciano Santo*, do Operário Diocesano Clemente Sánchez Sánchez (Ano XXII, tomo XLII, núms. 257-58, maio-junho de 1942), AGC-IT; *Ismael de Tomelloso. La lección de su silencio*, Del Padre Florentino Del Valle (publicado por El Mensajero Del Corazón de Jesús, em Bilbao, em La revista *Entre bromas y veras*, nº 412 de marzo de 1947), AGC-IT; *El miliciano que murió como um santo. Vida heroica de Ismael Molinero Novillo*, Del Pbro. Alberto Martín de Bernardo (Ediciones Pia Sociedad de San Pablo, Zalla-Bilbao-Madrid, 1949), AGC-IT; *El miliciano de Amaponte, joven modelo de Acción Católica*, Del Pbro. Manuel Liñan Carrera (escrita y representada em los años cincuenta y editado em La Imprenta Castilla S.C., Álora, 2005), AGC-IT.

pelas investigações levadas a cabo até agora. Por isso, a maior parte dos textos que se referem à sua vida iremos transcrevê-los literalmente porque queremos deixar claro desde o primeiro momento que esta biografia é obra de todos os que desejamos dar a conhecer a vida de Ismael.

À medida que fomos aprofundando em sua vida cremos oportuno escrever somente aquilo que foi confirmado com segurança, pois alguns atos não são fáceis de entender, sobretudo a entrega da vida a Deus com naturalidade e simplicidade, em condições extremamente duras, sem perder o sorriso, com alegria e em silêncio.

Ismael foi uma pessoa simples e comum durante a infância e a adolescência na sua vila, na frente de batalha em Teruel e no Campo de Concentração de São Juan de Mozarrifar, onde pela primeira vez rompeu seu silêncio para pedir a confissão ao Capelão da prisão Pe. Ignacio Bruna Peribáñez, e a Comunhão no dia seguinte, o mesmo fazendo no Hospital Clínico de Zaragoza onde morreu. O sacerdote que o confessou guardou o segredo da confissão, porém tão impressionado ficou com Ismael, que tornou a visitar-lhe em seu leito, e na conversação que mantiveram posteriormente Ismael lhe confiou o segredo de sua vida: ***“Sou de Deus e para Deus; se morro serei totalmente de Deus no céu e se não morro... quero ser sacerdote!”***.

Plasmou a conversação numas folhas de carta que entregou à enfermeira, Aurora Álvarez, que assistiu a Ismael no Hospital Clínico de Zaragoza, onde morreu como prisioneiro de guerra, e ela as entregou ao Operário Diocesano Pe. Clemente Sánchez Sánchez, que as publicou num artigo que enviou desde Tucumán (Argentina) à revista *La Vida Sobrenatural*, com o título *“Ismael Molinero Novillo: El Miliciano Santo”*. Começa assim:

“Lá onde a fama escreva com caneta de ouro o nome de seus eleitos, temos de gravar um de tom vermelho com coração e alma brancos: Ismael Molinero Novillo. Era um santo, foi um mártir. Quando chegar a hora de escrever sua biografia, conheceremos o menino santo, o jovem exemplar, o miliciano resignado, o prisio-

neiro sofrido, o homem mártir no amplo sentido da palavra. Agora, como recordação e para exemplo dos jovens católicos, contemplemos a flor sem despetalá-la; logo nos deparará Deus ocasião de abrir o bouquet de sua santa vida e gloriosa morte, para recrear o mundo com suas mais delicadas essências. Era um jovem exemplar, simples, humilde, abnegado, piedoso, com grande espírito de mortificação. Não me atrevo a dar patentes de santidade, porque excedem minhas competências; porém creio poder dizer que andava pelos caminhos dos santos. E se é certo que não conheço haja tido estupendas revelações, não tenha feito ruidosos milagres, tenho que dizer que, ante meus olhos, o maior milagre que um santo pode fazer é manter a bússola orientada a todo o momento a seus ideais e o arco tirante sem dobrar no cumprimento do dever. Ressuscitar mortos, fazer prodígios é exclusivo de Deus; porém viver sempre na luta, arma em punho, pisando espinhos agudos e sorrindo, quando o coração sangra é obra mui meritória da natureza, ainda que ajudada pela graça. Este milagre pertence a nosso jovem Ismael. Quando quantos o conhecemos e tratamos com ele, demos à publicidade os traços que presenciamos, o mundo erguerá a voz para aclamar: era um santo”³.

A piedade de Ismael tem a simplicidade do sentido comum e a humilde coerência que há entre a razão e a fé, porque, como nos acaba de dizer Bento XVI, “*A razão necessita ser purificada pela fé e a religião tem sempre necessidade de ser purificada pela razão para mostrar seu autêntico rosto humano*”⁴. O exemplo na prática das virtudes em grau heroico que nos deixou Ismael não morre, pois seguirá vivo em todo aquele que se aproxime para conhecê-lo.

Se a alegria foi a característica principal na vida de Ismael, o mais impressionante foi o mistério de seus silêncios, que começo a relatá-los desde sua adolescência, devendo calar suas ocorrências e suas piadas, fechando os olhos no cinema e tapando os ouvidos a tudo

3. *La Vida Sobrenatural*, Año XXII, Tomo XLII, Núms. 257-58. Mayo-junio 1942, pág. 219, AGC-IT.

4. *Caritas in Veritate*, 56.

aquilo que não o aproximava de Deus. E teve seu cume nos últimos meses de sua vida quando ocultou sua condição de Tesoureiro⁵ da Ação Católica quando o fizeram prisioneiro, o que lhe daria supostamente sua liberdade imediata. Também, desde 1956 o silêncio sobre sua memória se impôs durante mais de cinquenta anos.

Demos o título a esta biografia com duas palavras latinas, “IN SILENTIO...” – “Em silêncio...” –, tomadas do livro do profeta Isaías: “*In silentio et in spe erit fortitudo vestra*” – “*No silêncio e na esperança se fundará vossa fortaleza*”⁶: silêncio para entrar em si mesmo, escutar a Deus e ter esperança e fortaleza para viver e morrer com a alegria de Ismael.

O biógrafo Alberto Martín de Bernardo disse: “*Quando mais tarde o vemos padecer e sofrer com aquele silêncio que espanta, alguém se perguntará: “mas... onde aprendeu este rapaz a sacrificar-se assim? De onde retirou forças para isso?*

Atrevo-me a contestar, quase sem temor de erros, que naquelas visitas ao Senhor Sacramentado onde O via tão sozinho e sem se queixar, tão abandonado e sem sair de seu cárcere amoroso a buscar almas, foi onde aprendeu a lição que lhe ensinava Jesus: Sofrer... e calar!

*Assim, meditando, aprofunda naquele calar de Cristo e aprende a lição. Deste trato íntimo e amante com o Senhor, auriu forças ele para levar sua cruz sem queixas à semelhança de seu Deus. Aqueles momentos de sacrário na solidão da capela mencionada foram os que lhe ensinaram a ser “hóstia”*⁷.

Esta realidade nos conduziu a formular algumas perguntas que vamos tratar de responder, ainda que cada um deverá tirar suas próprias conclusões.

A primeira: Por que tivemos que esperar mais de meio século, até

5. Embora nalguns documentos se diga que é secretário da Ação Católica, Ismael foi nomeado Tesoureiro e posteriormente Vocal, como assinala A. Martín de Bernardo. Op. Cit., p. 40.

6. Isaías 30,15 (cf. a tradução da Vulgata).

7. Alberto M. de Bernardo. Op. Cit., p. 81.

o recém-começado século XXI, para resgatar do silêncio a recordação de Ismael de Tomelloso? “*Por quê?*”, se perguntava o Postulador, Padre Valentín Arteaga, no prólogo do texto que enviamos a Roma, em janeiro de 2008, solicitando o “Nihil Obstat” para a Causa de canonização. “*Por quê? Que aconteceu para que agora mais de meio século depois um jovem da Ação Católica de antes da guerra nos sacuda de novo o coração para que morramos de anseios por sermos santos?*” Em seguida responde: “*Sem dúvida, coisas da Providência; pois o Senhor, como se sabe, tem sua hora e seus planos, e a luz, como diz o evangelho, não é para ser escondida debaixo da cama*”. E conclui: “*Demos graças a Deus por esta nova corrente de aproximação a Ismael. Que bom modelo de vida espiritual poderia ser hoje para os jovens. Seu sentido festivo da vida, sua humildade, sua capacidade de renúncia, seu silêncio, seu apego à oração, sua devoção eucarística, constituem uns aspetos de santidade ordinária dos quais o mundo atual está tremendamente necessitado. Os tempos de hoje são tempos de indigência espiritual que estão pedindo a gritos modelos de referência. Por exemplo: Ismael de Tomelloso*”⁸.

Por quê? Perguntava-se Miguel Montañes, Presidente da Ação Católica, o amigo que o aproximou do sacerdote conselheiro, Pe. Barnabé Huertas Molina, numa carta que escreveu a Ismael por motivo do vigésimo quinto aniversário do seu trânsito ao céu, publicada em *Luz de Tomelloso*, em 1963, com o título “*Carta de Ultratumba*”:

“*Querido Ismael:*

Não sei quando chegará a você minha carta, porém nesta data— 5 de maio—, em que a tal período de tempo é clássico nos homens tributar uma homenagem àqueles que já se foram daqui e se distinguiram, quero eu tributar a você uma pequena e particular recordação, por meio destas linhas, com motivo do simples aniversário e do que cotidianamente nos teem unidos e em contato.

8. AGC-IT.

Ignoro se, como você merece e corresponde a você, existe algo sendo programado entusiasticamente por quem deveria e em cujas mãos creio descansar sua causa digna. Não sorria, pois bem sei que tu já estás além dos louvores e vitupérios; daquilo que a nós pobres mortais nos insufla, por nossa vaidade, e nos lastima por nossa soberba. A firmeza de seu estado de bem-aventurado— creio particularmente goza da visão beatífica de Deus com minha submissão ao Magistério da Igreja— faz com que você esteja acima de todas as nossas homenagens e esquecimentos. Porém se a você já nada pode acrescentar nem retirar, nem sua própria simplicidade e humildade que humanamente viveu ruborizar-se possa, homenageá-lo, falar de si, divulgar quem e como foi, é um dever exultante que redundará sempre na glória de Deus.

Você é, paradoxalmente, mui conhecido e esquecido. Houve momentos em que sua causa parecia tomar voos de águia e chegar veloz a todos os rincões de âmbito nacional e mais além de nossas fronteiras; outros, um silêncio, como se a sua morte tivesse que unir a de sua lembrança, envolveu tudo o que a si concernia. Nossa visão, míope por ser humana, não alcança vislumbrar se é que nos desígnios de Deus não é chegada ainda a hora de sua exaltação diante dos olhos dos homens, ou seria que estes, por apatia, negligência e desleixo, sendo infiéis a deveres vocacionais de amizade, de associação, de membros confessionais e de doutrina, fazem com que seja demorada.

Eu sei que se agora você continuasse envolto pela nossa natureza humana e pensasse com suas faculdades próprias, me diria, porque o conheço — conhecia— que nada de particular havia em você que fizesse necessário ressaltar. Porém você bem sabe, porque com outras faculdades já é capaz de discernir — a verdade é humildade — que isso mesmo é o que temos que exaltar: sua simplicidade, sua naturalidade, seu humanamente caminhar; seus devaneios, passatempos vãos, diversão, loucuras passageiras e alegrias... Alguém entre tantos e tantos, como aquele que mais, que não sabia bem de onde vinha e para onde caminhava, que o conheceu e disse basta, e

sem deixar de ser no acidental, porém purificando a intenção e a substância, começou a ser outro, parecendo o mesmo.

Criando uma maneira de ser, que ao passar dos dias parece ser que não exista diferença, predis põe para que chegado o momento – um instante – que é fácil o ponha Deus com frequência, decidir entre a reprovação e o heroico: seu momento foi o campo de concentração e dado o passo, o consumou no Hospital de Zaragoza.

Não faz muito tempo, uma boa pessoa, com qualidades humanas excelentes, pequeno pioneiro em caminhar rumo a Deus e com um coração maior do que ele se supõe, perguntava-me coisas a seu respeito: Não encontrava nada de extraordinário; achava você como um de tantos. Não souberam lhe explicar seu princípio e final. Conheceu você e ficou enamorado de você. E isto é o que interessa prodigalizar e dar a conhecer: sua semelhança com tantos outros, que só esperam a ordem de marcha; conchas vazias predispostas e esperando preencher seu vazio o espírito de Deus para começar, a saber, e ser simplesmente heroicos no momento determinante. Fazer-lhes ver sua procedência tão idêntica a deles, sem formação nem ambientes especiais, porém que perfilando e dando matizes a esse ordinário viver de luta e esforço, desânimos e quedas, injetados pelo afã de superar-se se levantam e seguem, parecendo como os demais, vivem extraordinariamente o ordinário que é o mais heroico viver, tenha depois ou não o final apoteótico do heroico diante dos olhos dos homens.

E isto você foi, Ismael. Por isso a divulgação de sua vida é primordial para muitos e suas homenagens e recordações são necessárias. Quantos que ao conhecer você, ver você tão acessível, tão similar a eles, se animem a dar o passo de seu caminhar rumo a heroicidade. Ser silenciosamente heroicos, passar ocultos aos olhos dos homens, porém com essa valentia galharda de ir se fazendo gratos aos olhos de Deus, ante quem jamais há heróis anônimos.

Um abraço. – Miguel”⁹.

9. AGC-IT.

Por quê? Perguntava-se o Padre Florentino Del Valle, que foi o autor da primeira biografia sobre Ismael, intitulada de *Ismael de Tomelloso. La lección de su silencio*¹⁰.

Vale à pena contar desde o princípio algo que ocorreu. Em 18 de maio de 2009, telefonamos à Casa de Escritores, que a Companhia de Jesus tem em Madrid, para buscar algum outro escrito do Padre Florentino Del Valle. Falamos com o Padre Xavier Ilundáin e nos disse que o Padre Florentino vivia, porém tinha mais de cem anos e não sabia qual seria seu estado físico, que ia averiguar essa situação e que volvêsemos a chamar mais tarde. Com essa feliz surpresa e com a emoção contida pela notícia, pois nos haviam dito que o Padre Florentino Del Valle havia falecido há mais de trinta anos, tornamos a telefonar-lhe pela tarde e nos deu seu número de telefone. Em poucos minutos estávamos falando com ele, e com voz clara e forte, nos disse:

“Alegrar-me-ia que fosse uma grande realidade a Canonização de Ismael; vamos pedir isso ao Senhor, pois parte depende de nós, ou seja, de nossas preces de confiança no Senhor, porém cientes de que temos entre as mãos uma estupenda realidade. Agora, o motivo pelo qual se atrasou tanto, não o sei”.

No dia seguinte, 19 de maio, sem perda de tempo, fomos a Villagarcía de Campos (Valladolid) para falar com ele, e desde ali mesmo combinamos a visita ao Tribunal Eclesiástico para o dia 19 de junho, dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, e da abertura do Ano Sacerdotal.

Quando em 19 de junho terminou de prestar declaração e firmar seu testemunho secreto ante o Tribunal, na conversação que mantivemos em continuação começou a falar em voz alta com o olhar ausente:

“Eu me perguntei... por que Ismael se inclina ao silêncio e dessa maneira, por quê? Então, há detalhes, no fundo há algo que, no meu entender, não está totalmente esclarecido. Por que

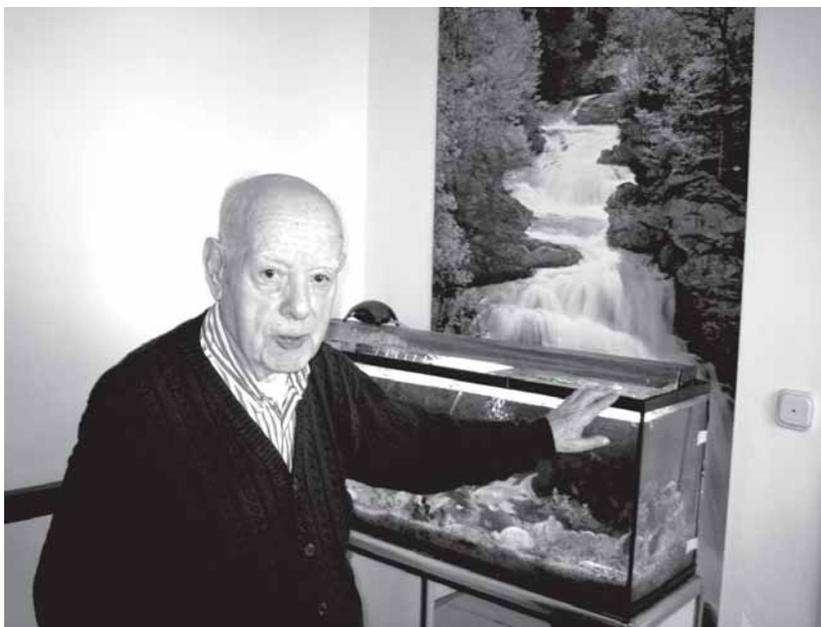
10.AGC-IT.



Pe. Clemente Sánchez Sánchez.



Miguel Montañés.



Pe. Florentino del Valle, 19 de maio de 2009.

essa imposição? Por que esse silêncio? Por que a imposição do silêncio? Por quê? Esse por que não tem, eu creio, até agora, explicação total e absoluta.

E houve um momento em que se produziu um corte na vida de Ismael, se rompeu, se escapou e vai além esse silêncio... Aumenta o porquê dos silêncios.

Não consigo entender ainda..., é o mistério do silêncio de Ismael. Pode ser, pois, porque ele acreditou, ou o sacerdote acreditou que se reduzisse ao silêncio, ou para não expor-se. E depois, porque metido no cárcere, recluso, sabe sobrenaturalizar essa situação sua, essa enfermidade que praticamente o leva até o extremo. Portanto, disse muito, “mártir do silêncio”. Por uma parte, parece ser que se o impôs ele mesmo de maneira heroica, porém também se deveu impor ao capelão, à enfermeira, aos amigos da aldeia, e aos jovens da Ação Católica de Zaragoza que o visitavam no Hospital.

Porém, por quê? Se todos queriam que recebesse melhor trato, mais atenções médicas, por que o deixaram no pavilhão de prisioneiros? A única resposta é que esta era a férrea vontade de Ismael para cumprir o que Deus lhe pedia, que era sofrer em silêncio.

Tampouco entendo porque se fez o silêncio sobre sua vida depois da extensão de sua fama de santidade por toda a Espanha, e mais além, e depois das homenagens que lhe prestaram. No encontro explicação, é como se se tratasse de um silêncio querido por Deus, porém, por quê?”.

Perguntamos-lhe se o esquecimento poderia ser devido às circunstâncias atravessadas pela Ação Católica, e afirmou com total segurança que não podia ser por isso, porque ele tinha seguido de perto todas essas circunstâncias e estava certo de que o silêncio de Ismael e sua vida iam ser um exemplo para os jovens que se aproximavam a conhecê-lo à margem de qualquer circunstância, e acrescentou:

“O silêncio que se estendeu sobre Ismael foi impulsionado e protegido por ele mesmo, que nunca queria dar-se a conhecer, nem na

prisão, nem no hospital, nem depois de morrer. O título de 'La lección de su silencio' (a lição de seu silêncio) foi escolhido por Ismael e chegará um dia que se dará a conhecer o seu por que".

Finalmente lhe perguntamos pela difusão da vida de Ismael, e respondeu:

"Sim, me parece muito bem. Para a juventude atual, terá seu destino, terá dados atuais, terá estímulos que convençam aos jovens, esta vida exemplar. Uma porta aberta para que entrem e a fechem para nós que já não sabemos dizer o destino do jovem atual".

Faltando dez minutos para o meio-dia fomos interrompidos na interessante conversa para irmos celebrar a Eucaristia naquele dia de grande festa.

Foi muito emocionante a concelebração de vinte e seis jesuítas, todos com idade em torno de 90 anos, além do Juiz e o Notário da Causa.

Segunda pergunta que está relacionada com as que se fazia o padre Florentino Del Valle: Por que permaneceu em silêncio Ismael quando o fizeram prisioneiro na batalha de Alfambra, no campo de prisioneiros de Santa Eulália do Campo (Teruel), ou no Campo de Concentração de São João de Mozarrifar (Zaragoza), e não disse que era Tesoureiro da Ação Católica? Ou, por que não disseram isso seus amigos e as pessoas que o conheciam para ajudá-lo a sair da prisão? Como vimos, não há uma resposta fácil: a mais elementar pode ser o temor que todos sentiam naquele tempo a dizer quem eram de verdade, porque a guerra não havia terminado ainda, podia mudar a situação, a experiência vivida era muito cruel e havia que evitar a todo custo que qualquer delator pudesse denunciar aos pais, filhos, irmãos, parentes ou amigos que viviam na retaguarda e se consumassem novas vinganças.

Outras respostas prováveis por aquilo que hoje sabemos de Ismael: porque da mesma forma que costumamos buscar nossos próprios interesses em vez dos interesses de Deus, Ismael só buscava os interesses de Deus, nunca os seus: vivia esquecido de si mesmo e entregue totalmente a Deus; ou porque o Senhor queria manter a

Ismael no lugar onde o havia colocado e, como ele o aceitou, o Senhor lhe deu a força necessária para cumprir sua missão; ou porque Ismael, mesmo parecendo débil de natureza, sem dúvida, espiritualmente era mais forte que todos os demais, e esta fortaleza, que lhe vinha de Deus, o acompanhou no silêncio e na dor com a segurança de que em muito pouco tempo estaria no Céu para sempre.

Ismael se deixou seduzir por Deus de uma vez por todas. Disse sim uma vez a Jesus e toda sua vida se converteu em um sim; em câmbio nós estamos acostumados a dizer umas vezes sim e outras vezes não.

Terceira pergunta: por que buscar a vinculação política de Ismael com um dos bandos que se enfrentavam na guerra civil?

Porque, embora nas biografias publicadas a profundidade espiritual e as virtudes heroicas de Ismael permanecem recolhidas com clareza, às vezes contém expressões e conteúdos próprios das circunstâncias bélicas e políticas daqueles anos que, mesmo sem pretender isso, poderiam desfigurar sua personalidade, porque Ismael viveu alheio de tudo o que não fossem as alegrias da juventude e as alegrias de Deus desde que O encontrou.

Porque era próprio da guerra civil e do pós-guerra atribuir afiliações políticas ou religiosas para qualificar os amigos ou para desqualificar os inimigos de maneira muito simples, com o fim de acolhê-los ou de perseguir-los, somar ou subtrair prestígio, oportunidades e privilégios. O mesmo ocorria na vanguarda que na retaguarda. Sem embargo, Ismael viveu a perseguição da Igreja tolerada pelos governos da República e impulsionada pelo setor mais radical que, por sua vez, incentivaram aos exaltados a cometer terríveis crimes contra sacerdotes, religiosos, militantes da Ação Católica e leigos. Nunca Ismael pode esquecer os ataques à religião, a queima das imagens da paróquia na Praça de Tomelloso, as notícias que chegavam de tantos lugares de igrejas incendiadas, imagens profanadas, seminaristas, sacerdotes e religiosos torturados e assassinados, porque La Mancha, e concretamente Ciudad Real, foi uma das zonas onde a Igreja foi mais perseguida e açoitada pelo terror. Cerca de

trezentos sacerdotes, religiosos e leigos foram torturados e assassinados só por serem católicos, entre outros, Pe. Vicente Borrell Dolz, o pároco de Tomelloso que o batizou e lhe deu a Primeira Comunhão e dois coadjuutores, Pe. José Maria Mayor Macías e Pe. Amador Navarro Lorente, o bispo prior das Ordens Militares, Dom Narciso Estenaga e Echevarría, que o confirmou; o Pe. Anibal Carranza Ortiz, natural de Tomelloso e pároco em La Solana; o Padre José Sánchez Olivas, jesuíta, com quem Ismael fez os primeiros e únicos Exercícios Espirituais; o Padre Manuel González, jesuíta, com o qual chegou a dirigir-se espiritualmente; porém, sem dúvida alguma, sua maior dor foi o assassinato em Socuéllamos do Conselheiro da Ação Católica de Tomelloso, Pe. Barnabé Huertas Molina, com o qual recebera direção espiritual em Tomelloso, desde que ingressou na Ação Católica.

Porque sabemos com certeza que Ismael estava longe de qualquer forma de confrontação, afiliação ou simples aproximação de partido ou facção política, e foi mobilizado pelo exército popular pela simples razão de que Tomelloso estava dentro da zona republicana, e o fato de que se deixara fotografar em agrupações musicais ou teatrais sob a bandeira republicana era por ser a única bandeira oficial que havia, e a situação que se vivia obrigava a falar e a escrever guardando o roteiro oficial marcado pelas ordens, a ausência de liberdade, a censura e o medo. Por exemplo, Ismael escrevia Ciudad Real, *C. Libre*, porque então foi chamada *Ciudad Libre de La Mancha*; *salud* porque era a saudação habitual e oficial; o *glorioso exército* não podia ser outro que o popular na zona republicana, etc., e tudo isso expresso numa linguagem criptografada.

Porque Ismael serviu lealmente no exército popular apesar inclusive das vexações, insultos e golpes que lhe impingiram no front, e não tentou passar para o bando nacional em nenhum momento, segundo sabemos e declararam, entre outros, um sacerdote, testemunha viva, que foi mobilizado com ele, Pe. Félix Torres Olalla, que passou para o outro lado, na primeira ocasião que teve, e disse que: *“Ismael nunca tentou isso, nem o ouvi dizer, porque não estava*

em suas intenções". O mesmo fizeram amigos, paisanos e companheiros de sua turma que também foram mobilizados, e deixaram testemunho de que Ismael aquilo que queria fazer era servir a Deus ali onde o Senhor o havia colocado.

Os silêncios de Ismael por si mesmos nos convidam a meditação. Vinham sendo preparados desde o primeiro momento de sua conversão, segundo contava com humildade a um amigo na Ação Católica: "*Como não sei falar e tenho pouca inteligência, não sei dizer a ninguém coisas boas e de religião; por isso quero dar exemplo de vida*"¹¹; antecipando assim uma vida comprometida com o silêncio e com o exemplo.

Um silêncio, em cuja prática se iniciou na vila, à base de pequenos vencimentos, que manteve heroicamente desde que o fizeram prisioneiro na batalha de Alfambra e somente rompeu para pedir a confissão ao capelão da prisão.

Um exemplo que começou a dar na vila e abriu seus lábios às palavras que disse ao capelão depois de confessar-se para consolo nosso. Este foi o momento mais sublime de sua vida, ao que nunca podia ter chegado se não houvesse percorrido um longo caminho buscando a Cristo, lutando por imitar a Cristo: não se queixou, nem pediu auxílio, porque queria dar exemplo e imolar sua vida a Deus no silêncio e na dor já que não lhe havia permitido selar o testemunho com seu sangue. Assim o recolheu o capelão da prisão, no importante documento que temos de sua fama de santidade.

Ismael imitou a Jesus: "***Quero ser sacerdote!***", disse ao capelão. E foi sacerdote por vocação, por intenção, por desejo, por confissão e porque celebrou o sacrifício supremo da missa com a entrega de sua vida.

É necessário que demos a conhecer a vida e a morte de Ismael, porque "*as obras de Deus devem ser publicadas e proclamadas como elas merecem*"¹², e Ismael é uma obra de Deus, e tudo o que

11. Florentino Del Valle, op. cit., pág. 14.

12. Tobias 12, 1-5; 15-20.

sucedeu e sucederá será porque o Senhor do Tempo e da História, como dizia João Paulo II, joga com seus filhos como se fossem uma bola de pano com a qual Santa Teresinha do Menino Jesus gostava de comparar-se.

Vamos entrar no coração de Ismael, porém como para entrar na intimidade do Coração de Jesus, necessário se faz estar em estado de graça, despojar-se da velha criatura, fazer-se como meninos: *“aproximemo-nos com coração sincero e cheio de fé, com o coração purificado da má consciência e com o corpo lavado com água pura”*¹³.



À esquerda, Pe. José María Mayor, sua mãe, suas irmãs; Miguel Montañés e Lola Consuelo; Pe. Bernabé Huertas (sentado), sua irmã Rosario, Pe. Vicente Borrell, Ismael e Pe. Amador Navarro.

13. Hebreus 10, 19-25.

I TOMELLOSO

O Padre Florentino Del Valle disse de Tomelloso, em sua biografia:
“A população é muito grande; espalhada na planície e exposta ao duro sol do verão e à pungente nevasca do inverno, recortada no céu sempre azulado, com ruas muito iguais e muito compridas, de casas alinhadas em filas intermináveis, desde as quais cada tomellosense pode contemplar, a cada dia no entardecer, e no confim do horizonte, aonde avista se perde no horizonte sem obstáculos em sua trajetória, esse espetáculo sempre novo da morte do astro rei desprendendo profusamente o pó dourado na terra e no céu como recordação que fica do dia que perece. Não há montes nem colinas que atrapalhem a expansão do olhar ao redor.”



G. Muñoz: O mercado na Praça da Constituição. 1920.

Esta paisagem, ela mesma cilício e flagelo para dominar a carne, não desperta indomável o sentido voluptuoso da vida, não convida ao gozo passageiro com suas falsas miragens de eternidade no mesmo, não mata o ímpeto generoso debilitando a vontade num acomodamento ou numa cômoda inatividade, muito pelo contrário, que a incita.

Terra e céu? Muito mais céu que terra; não há montes que o limitam, nem nuvens que o obscureçam: por isso voaram tanto, as almas desta terra”, as que se lançaram a voar com ímpetos de enérgica inteireza.

Porém dentro do recinto de Tomelloso há desproporção entre os templos do dinheiro e os de Deus. Humanamente há luta desigual: muitas fábricas e uma só igreja, o brilho do metal chega a cegar, e é demasiado tênue o som do sino para uma extensão tão ampla de edifícios... Muito tilintar de moedas, pouco murmúrio de orações; mais terra que céu?”¹⁴.

O presbítero Alberto Martín de Bernardo disse:

“Tomelloso! Sentada entre plantações, como alegre vinhateiro no descanso saboroso do trabalho, ao NO da província de Ciudad Real; marcada com a cruz vermelha e afilada do Santo Padreiro da Espanha; olhando no rumo do histórico castelo de Peñarroya, ali onde termina a planura e se alça o céu em suaves ondulações; em sua retaguarda os velhos moinhos criptanenses; descansando na rigidez da planície seu extenso casario sempre cheio de luz, está a imponente e povoada cidade de Tomelloso (40.000 habitantes), das mais industriais da região da Mancha em licores e bebidas alcoólicas. Atualmente começa ganhar espaço no mercado mundial seu glorioso nome entre os espumantes (rendas de alegria) de seus dourados vinhos. Tem a dois passos o importante centro ferroviário de Alcázar de San Juan e seus confins quase tocam as províncias de Albacete e Cuenca.

Por sua urbanização e movimento industrial era Tomelloso a

14. Florentino Del Valle, Op. Cit., PP.

pérola da Mancha e para que essa glória terrena não se eclipse, Deus a valorizou com uma nova joia espiritual. “Tomelloso é de luz”. E... suas almas?”¹⁵.

As referências que fazem ambos os biógrafos a Tomelloso nos obrigam a dar alguns dados da cidade onde nasceu Ismael para compreender melhor sua vida e sua personalidade.

Diz o Salmo 86: “O Senhor escreverá no registro dos povos: este nasceu ali. Em ti estão todas as minhas fontes”. E para buscar essas fontes vamos nos servir de um texto de Francisco García Pavón, um dos melhores escritores do século passado:

“A história de Tomelloso, por sua humilde origem e esforçado desenvolvimento econômico, foi essencialmente uma história civil, doméstica, de portas adentro, sem mais projeção ao exterior que a puramente econômica. Tomelloso, por sua juventude e seu isolamento, ficou sempre entre correntes, esquecido pela política motora da História oficial da Espanha. Tomelloso, sentado no limite de sua vinha, jamais foi convocado, nem ele acorreu de boa vontade aos grandes chamados da História com maiúscula.

... Tomelloso trabalha e trabalha não fitando à Cruz, nem de costas para ela, senão com a Cruz às costas. Sabendo que está ali, respeitando-a, sentindo-a como indiscutível legado, porém não fanaticamente como quem a salvou das meias luas árabes e turcas.

Esta equilibrada postura ante ao fenômeno religioso é, por sua vez, tônica do desapaixionado acorde sentimental de nosso povo. Claro que se necessita analisar muito objetivamente esta questão, para não cairmos no equívoco. A tibieza que comentamos é meramente prática, não interna. Tomelloso por sua honestíssima conduta coletiva milita na mais ortodoxa moral cristã...; os que conhecem sua pureza e sanidade de costumes, e, sobretudo, quem sabe de sua temperança durante a última guerra civil; e os que, por fim, saibam compreender sua nobre condição quanto ao social, familiar e mercantil.

15. A. Martín de Bernardo, Op. cit. Pp. 15-16.

A única lei social e moral de Tomelloso tem sido o trabalho. Um trabalho sem repouso contra uma terra austera, um clima extremado e um tipo de cultivo tão inconstante como a vinha, o ritmo do comércio que resiste à eficácia das mais generosas estatísticas. Este trabalho sem descanso foi a forja dos únicos modelos humanos que até agora foram produzidos em Tomelloso. Dele estavam desterrados a aristocracia, o intelectual, o político e o artista.

... Um povo como este que a cada ano e em cada colheita, arrancada da terra mais árida da Espanha, se joga não já seu porvir, senão seu presente, não pode ter respiro nem evasões ao sonho e à vida sossegada. Como seus antigos caminhos, o espírito de cada habitante dessa cidade, o espírito e o corpo, hão de estar em constante tensão pelo mais elementar; o pobre afã de viver, como disse Ortega.

Uma convivência simples e democrática é a tônica entre os representantes de todas as classes sociais. Povo sem soberba e com o orgulho da empresa comum, o vencer à terra, eliminou sempre todo tipo de conflitos sociais ou de bandos acirrados. A simplicidade, a nobreza de sentimentos e a falta de paixão diante de todo tipo de negócio público corroboram para esta harmonia social”¹⁶.

Valham também para ampliar o conhecimento de Tomelloso e de seu entorno os poemas que, com precisão, recolhem três poetas tomellosenses:

Eládio Cabañero López no *Ruego ao Señor desde La Tierra*:

*A terra tem sede: remos e lancha;
fogem as folhas secas do caminho;
Grita a voz e se desgarra o trinado;
Sofre a luz desoladora e ampla.
O campo cheira a cruz.*

16. Francisco García Pavón nasceu em Tomelloso, a 24 de setembro de 1919 e morreu em Madrid a 18 de março de 1989. *História de Tomelloso*. 1955, pp. 11-13.15.20.

*Desengancha-se a roda gigante,
Sem vendas e sem destino,
E na frente o suor é como um vinho
Brindado pela morte da Mancha.
Raízes e torrões, tumba e céu.
Sangue e água, Senhor, para a terra
Amortecida ao sol da planície.
Água e pranto, Senhor, pássaro e voo.
Semeie-nos, chova-nos, sega e desterra
Esta sede que nos queima e nos mói¹⁷.*

Juan Torres Grueso no livro *Tierra Seca*:

*Meu povo! Não o olheis
A crosta seca;
Calar sua fé e suas raízes,
Calar com força,
E encontrareis sempre verde seu ramo novo.
Por isso quero
Calar nesta amplitude,
Sem seu perfil eterno,
Medir sua arquitetura,
Rebaixar seu sistema,
Ter a essência pura
Da palavra exata,
Da palavra suma¹⁸.*

E Natividad Cepeda Serrano, Secretária Geral da Associação para a Canonização de Ismael de Tomelloso, que em alguma reunião da Junta Diretiva comentou com certo temor que a vida de Ismael, apesar de sua fraca formação e de sua humilde condição lhe recorda,

17. Eládio Cabañero. *Poesía 1956-1970*. Selecciones de Poesía Española. Plaza y Janés. 1970, p. 72.

18. Juan Torres Grueso. *Tierra Seca. Una exaltación lírica de La Mancha*. Madrid, 1957.

cada vez que a lê, a poesia mística de São João da Cruz, porque universaliza o cultivo do amor, no silêncio da planície, sob o sol e as geadas que transformam o trigo e o vinho em colheita fecunda. Ela regalou-nos um poema com o título de *Geografia de Amor*:

*Claustro onde renasces de amor iluminado,
Servo de Deus, Ismael de Tomelloso,
Serve teu amor feito oração pela aldeia global
Onde agora te buscamos.
Silêncio de planície,
Pranto sem lágrimas, broto de trigo que na metade
Da cizânia cresce. Vinha de Tomelloso para enxertar
Valores aos jovens que ignoram que Deus é o presente,
O Alfa e o Ômega, a única exigência de tua vida.
Deixa-nos tua colheita, teu exemplo de abandono
E simplicidade, recorda-nos que quiseste ser de Deus,
E para ninguém mais. Pequeno amanuense, o que escutou
O Senhor venho com meus trajes de sombras
Ao que cristaliza de amor minha vasta geografia,
A que vele teu amor meu coração nas horas de tristeza.
Desde a profecia do anjo, desfia conosco
As contas do rosário a Santa Maria a quem sempre oraste,
E cultiva em minha alma a herança de teu amor,
Para que através de tua vida conheçamos a Deus.*

Alguns dados atuais para conhecer o desenvolvimento que tiveram as artes, as ciências, as letras, a política e a economia em Tomelloso, a partir da metade do século passado e, ainda com o risco que comporta, daremos alguns nomes dos que colaboraram no mesmo.

Nasceram pintores, algum de fama internacional, como Antônio López García, digno discípulo de seu tio, Antônio López Torres, grande pintor, que influenciaram pintores de reconhecido prestígio, dentro e fora da família, junto com Francisco Carretero Cepeda, que dizem ter influenciado também em seu amigo Benjamín Palencia, o desenhista José Luis Cabañas, Pepe Carretero, Caroline Colubret, Joaquín



Igreja da Assunção e Casino de San Fernando, no início do século XX.



A Igreja da Assunção de Nossa Senhora de Tomelloso em 2009.

Díaz Vallés, Concha Espinosa, Fermín García Sevilla, Marcelino Grande, Félix Huertas, Federico Huertas, Diógenes López García, o professor de arte e fotógrafo Juan Luis López Palacios, María Jesús Martínez, Rufo Navarro, Ángel Pintado, Andrés Ruiz Paraíso, Amadeo Treviño Jareño, etc., etc.

A escultura tem sido uma das facetas mais reveladoras, desenvolvida por Antônio López García, com figuras monumentais, como as situadas no vestíbulo da Estação de Atochaq de Madrid. Luis García Rodríguez que, entre outras obras, realizou a estátua de Francisco Martínez Ramírez “El Obrero”, Imaculada Lara Cepeda – Maku–, etc., etc.

Há um conservatório Municipal de Música de prestígio crescente, que é dirigido por Luis Osuna, diretor da banda da Associação Santa Cecília, cujo coral é dirigido com êxito por Marieli Blanco, organizando-se cada vez mais recitais, concertos e óperas no Teatro Municipal; Agustín Pradillos, o compositor Alejandro Montejano, Miguel Huertas, Luis Pozuelo, etc., etc.

Nas ciências destaca-se Santiago Roperro, biólogo investigador, e recém-premiado pela Fundação Doutor Antonio Esteve; Jesús Puerta Pelayo, físico do CERN, responsável pela divulgação do Detector Central de Muones; Lourenço Sánchez López, geógrafo e autor de várias obras de conteúdo geográfico e didático, que ocupou a Secretaria da Universidade de Castilla-La Mancha; Pluvio Coronado Martín, é atualmente o membro mais jovem da Real Academia de medicina de Espanha.

A respeito das letras, há que assinalar o elevado número de escritores e poetas, que fizeram fama junto a jornalistas que fundaram numerosas revistas e periódicos. Em primeiro lugar, a personalidade e a pluma de Francisco García Pavón, doutor em Filosofia e Letras, fundador e primeiro Diretor da Biblioteca Municipal, credor de numerosos prêmios, cuja extraordinária atividade consistiu, com simplicidade e amizade, em acolher e abrir caminho a poetas tão notáveis como Eladio Cabañero, Félix Grande que embora nascido em Mérida viveu e se formou em Tomelloso, desde os dois anos até os vinte;

Juan Torres Grueso, José y Ángel López Martínez, Miguel Palacios Valero, Dionísio González Roper, Dionísio Cañas, Natividad Cepeda Serrano, Valentín Arteaga Sánchez-Guijaldo, Francisco Pérez Fernández...

Outro meritório contributo de García Pavón foi, durante os difíceis anos quarenta, nos quais os espanhóis apenas pensavam em sobreviver, a Festa das Letras que levou adiante ano após ano até sua morte, em 1989, e chegou a celebrar sua sexagésima edição. Por ela passaram os mais brilhantes oradores, escritores e poetas que existiram, e abriram as portas a centenas de jovens que receberam nela sua primeira oportunidade, muitos deles consagrados hoje.

Entre as revistas e periódicos destacamos: a excelente revista *Albores de Espíritu*, fundada em 1940 e dirigida pelo jornalista liberal Francisco Agrados Fernández, recentemente falecido; José Jiménez Candelas, fundador de *Luz de Tomelloso* (1958), e Clemente Cuesta Santandreu fundou o jornal *Voz de Tomelloso* (1964). Atualmente publicam: Francisco Rosado, fundador e diretor de *Cuadernos Manchegos* (1975), Pablo Ortiz Perona, proprietário e fundador da revista *Pasos* (1982), Jaime Quevedo Soubriet, fundador e proprietário de *El Periódico Del Común de La Mancha* (1992), José Luis Albiñana Masó, que foi redator chefe de *Voz de Tomelloso* e continua escrevendo com mais de 80 anos; o Grupo Literário Jaraíz, editor de *El Cardo de Bronce*, que foi a origem do mais importante movimento literário dos últimos trinta anos, promovido com entusiasmo por Natividad Cepeda e Valentín Arteaga, entre outros.

Homens e mulheres eminentes que publicaram livros e artigos especializados em temas, sobretudo, políticos, econômicos e sociais: Luis Quirós Arias, prolífico articulista amante da música, da poesia e da literatura; Francisco Martínez Ramírez que fundou o jornal *El Obrero de Tomelloso* (1903-1909), Pablo Camacho Alcarazo, colaborador nas revistas e nos jornais nacionais mais importantes da época especializados em finanças, economia, bancos, vinhos e bebidas alcoólicas.

A partir do restabelecimento da democracia, Tomelloso começou a ter presença na vida pública provincial, regional e nacional: o atual prefeito, Carlos Manuel Cotillas López, é deputado às Cortes; Clemente Cuesta Santandreu, primeiro prefeito democrático de Tomelloso, foi candidato ao Senado e 1º Vice-presidente do Conselho Provincial; Ramón González Martínez de Cepeda, que fora prefeito de Tomelloso, deputado regional e 1º Vice-presidente do Conselho Provincial de Ciudad Real; María Teresa Novillo Moreno é Vereadora da Câmara Municipal e foi senadora do Reino da Espanha; Carmen Casero González é vereadora e deputada regional; Antônia Valverde Quevedo foi deputada regional; Blas Camacho Zancada foi deputado às Cortes Constituintes, tomou parte do primeiro governo constitucional e foi deputado às Cortes por quatro legislaturas; Elías Cruz Atienza, engenheiro industrial, que interveio na construção das Bases Hispano-Americanas e no primeiro governo constitucional foi nomeado Diretor Geral de Cooperação com os Regimes Autônomicos do Ministério da Administração Territorial, nascido em Tomelloso, assim como o atual prefeito de Getafe, Pedro Castro Vázquez, Presidente da Federação Espanhola de Municípios e Províncias; Francisco Javier Martín Del Burgo foi deputado às Cortes e Diretor Geral de Esportes de Castilla La Mancha e agora é Presidente da Comissão Nacional contra a Drogadição. Isto tudo quer dizer que em Tomelloso despertou-se também certo interesse pela vida pública que até agora não existia.

Tomelloso conta hoje com cinco institutos de ensino médio, escolas de arte, escola oficial de idiomas, colégios particulares e treze escolas públicas; volta a ter ao redor de 40.000 habitantes, depois do duro processo de emigração que sofreu nos anos sessenta; o número de habitações cresceu mais de quarenta por cento, nos últimos dez anos; foram registradas cerca de três mil empresas e mais de vinte instituições bancárias e de poupança. A renda “per cápita” de Tomelloso é a mais alta da província de Ciudad Real e da Comunidade Autónoma de Castilla-La Mancha, entre as localidades com mais de 5.000 habitantes, e acima da média nacional.

O povo de Tomelloso sempre permaneceu distante de qualquer forma de manifestação pública, no entanto, há algumas exceções ocorridas recentemente, que vamos anotar: depois de ter esgotado o diálogo, saíram às ruas para exigir suas justas reivindicações, pondo à prova sua força vital e social para pedir um hospital e o trem de alta velocidade. Sentiram-se “autoconvocadas” mais de vinte mil pessoas em cada ocasião por própria iniciativa, sem que tenham se deixado influenciar pelos meios de comunicações pelos partidos políticos ou por outros interesses alheios. E sem incidente algum. O hospital está já funcionando e continuam esperando o trem.

A força econômica, cultural, social e política de Tomelloso não vai de acordo com seu sentido religioso, o que não significa que não exista. Tomelloso “trabalha com a Cruz nas costas”, como disse García Pavón: sabe que o elemental e primeiro é o bem comum, que só será possível à medida que se procure o bem de todos e de cada um; e sabe que a principal aspiração do ser humano é a alegria e a felicidade que só se alcançam com trabalho e com esforço, embora custe muito, porque só o que custa vale e o que vale custa, e para que sejam duradouras sabe muito bem que não se conseguem com o ruído e com a luz dos foguetes de pólvora que são fugazes, acabam num instante e só deixam um pau queimado, fumaça e obscuridade.

A vida breve e simples de Ismael Molinero Novillo é um exemplo e uma tocha que ilumina em silêncio o caminho da alegria e da felicidade para sempre, inclusive em meio das dificuldades que atravessou e das quais ninguém, de uma forma ou de outra, se livra mais cedo ou mais tarde.

“Na vida de cada Santo vemos brilhar, como num espelho, o caráter do povo ao qual pertence”¹⁹.

19. Weiss. Apol., X, C, 1ª 24. Revista *La Vida Sobrenatural*. Ano XXII, Tomo XLII, núms. 257-258, Maio-junho de 1942. Pág. 169.

II NASCIMENTO

O Servo de Deus Ismael Molinero Novillo nasceu em Tomelloso, a 01 de maio de 1917, na rua Hidalgo, número 6, durante a Primeira Grande Guerra Mundial, uns meses antes que explodisse a revolução na Rússia, que dividiu a Europa e o mundo em dois blocos em guerra, mais ou menos fria, até 9 de novembro de 1989, quando foi derrubado o muro de Berlim.

Ismael recebeu, cinco dias depois de nascer, em 6 de maio, o batismo pelas mãos do pároco Pe. Vicente Borrel Dolz²⁰, na Paróquia da Assunção de Nossa Senhora, sendo recebido na igreja com a fórmula ritual do batismo: “O Senhor Jesus, que fez os surdos ouvir

20. Pe. Vicente Borrel Dolz nasceu em Valência. Em 1913 foi nomeado pároco de Tomelloso, até sua morte. Era homem de grande preparação, foi um dos oito párocos consultores que assessoravam o bispo no governo da diocese. Em 16 de agosto de 1936 foi martirizado no muro do cemitério por sua fé e consequência de uns fatos que tiveram origem antes da guerra civil: primeiro, por um enfrentamento com as autoridades locais, que derrubaram parte da igreja paroquial para alargar uma rua; e, em segundo lugar, por um anônimo que o abordou a mando de um delinquente habitual, pedindo-lhe uma soma em dinheiro, o que foi pelo pároco denunciado à Guarda Civil, que deteve o jovem e em sua fuga lhe dispararam e acabou morrendo uns dias depois. Pouco depois de começar a guerra civil, alguns exaltados, movidos pelas mentiras grosseiras imputadas contra o pároco fazendo-lhe responsável pela morte do delinquente e pela oposição que fez às autoridades locais a fim de evitar derrubar parte da igreja. Foi perseguido até a morte, sendo detido em dramáticas circunstâncias, encarcerado, humilhado, maltratado, ferido e desde a prisão, seguido por sua mãe anciã, que implorava misericórdia, o levaram até a entrada do cemitério, onde foi cruelmente martirizado até morrer.

e os mudos falar, lhe conceda que possa logo ouvir sua Palavra e professar a fé para louvor e glória de Deus Pai”.

Era o quinto de onze irmãos, dos quais sobreviveram oito; o pai, Francisco Antônio, ferreiro de profissão, e a mãe, Ângela Maria Francisca, levaram adiante heroicamente a numerosa família com uma abnegação e entrega admiráveis. Na atualidade vivem três irmãos: Luis, de 87 anos, Martín, de 82, e Mercedes, de 80 anos. Maria da Cruz, a última irmã falecida em 5 de fevereiro de 2006, foi religiosa consagrada na congregação dos Anciãos Desamparados, com o nome de Maria de São Miguel dos Santos²¹.

Dos primeiros anos da vida de Ismael temos escassas notícias; umas foram aportadas pela família e outras por pessoas que o conheceram, mas que por sua idade avançada não recordam detalhes daqueles tempos, nem os biógrafos de então tiveram o cuidado de recolher com precisão antecedentes dessa etapa de sua vida.

A mãe era muito piedosa e ensinou as primeiras orações a Ismael. Aos seis anos de idade o levaram ao colégio das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e Santa Luisa de Marillac e aí, sob o olhar da Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, aprendeu a ler e a escrever, e também foi preparado para receber a primeira comunhão, que recebeu no dia de Corpus Christi, do ano de 1925, das mãos de Pe. Vicente Borrel, quando tinha oito anos, e foi, depois, confirmado pelo bispo Prior Dom Narciso Estenaga y Echevarría²².

21. Seus pais: Francisco Antônio Lázaro Molinero Román, nascido em 17 de dezembro de 1883, e falecido em 31 de dezembro de 1965, e Ângela Maria Francisca Novillo y López, nascida a 30 de janeiro de 1889 e falecida a 01 de dezembro de 1942; seus irmãos: Mercedes Antônia, nascida em 8 de agosto de 1910 e falecida a 20 de abril de 1997; Antônio, nascido em 26 de maio de 1915 e falecido em 23 de abril de 1990; Jesus, nascido em 29 de julho de 1919 e falecido em 2 de setembro de 2002; Luís, nascido em 4 de janeiro de 1923; Maria da Cruz, nascida em 21 de janeiro de 1925 e falecida a 5 de fevereiro de 2006; Martín, nascido a 9 de fevereiro de 1928; e Mercedes, nascida a 11 de maio de 1930; três irmãos morreram pouco depois de nascer: dois deles entre Mercedes Antônia e Antônio, e o terceiro entre Jesus e Luís.

22. O bispo prior das Ordens Militares, Dom Narciso Estenaga y Echevarría nasceu em Logroño, a 29 de outubro de 1882, numa família de humildes e sim-

Nesse ano vieram em missão a Tomelloso os padres jesuítas, a frente dos quais estava o padre Rodríguez. À suas conferências assistiam jovens e adultos que enchiam a igreja e até a praça, com grande proveito espiritual.

Aos dez anos continuou seus estudos na escola do Sr. Félix Pavón, o qual dizia de Ismael que era um bom estudante, muito inteligente e trabalhador, e o premiou várias vezes pela aplicação e pontualidade.

A Superiora do Asilo de Tomelloso, das Irmãs dos Anciãos Desamparados também conta que, a partir dessa idade, Ismael vinha acompanhando a sua mãe nas visitas aos anciãos, e no domingo, depois da missa, permaneciam ajudando às Irmãs a cuidá-los, dar-lhes comida e entreter-se alguns momentos de conversação.

Na escola do Sr. Félix, esteve até aos quatorze anos quando os pais tiveram que retirá-lo para trabalhar como ajudante de comércio na loja de Cláudio Moraleda, e trazer algum dinheiro para ajudar nas fracas economias da numerosa família que, por carecer de quase tudo naqueles tempos, passava necessidades com muita dignidade.

Quando começou a trabalhar trocou as amizades do colégio por outras novas e, como seu caráter aberto, alegre e simpático não encontrava freio diante do afã de viver, Ismael se converteu em imprescindível em todas as farras e festas que havia em Tomelloso. Além do mais era experto em tocar guitarra e o bandolim, e demonstrava uma

ples trabalhadores. Foi ordenado sacerdote em 1907 e consagrado bispo, na igreja basílica da Virgem Milagrosa dos Padres Vicentinos de Madrid, a 22 de julho de 1923, fazendo sua entrada solene em Ciudad Real como bispo prior das Ordens Militares, em 12 de agosto de 1923. Em 01 de março de 1934 começou a publicar o Boletim Oficial da Ação Católica, em cujo nº 01 diz: “... a *Ação Católica da Diocese-Priorato é uma instituição magnífica e de magníficos frutos e o será muito mais cada dia*”, destacando-se em seu pontificado por seu empenho em revitalizar o seminário diocesano, a “menina de seus olhos”, fomentar as vocações eclesíásticas, e por seu interesse em organizar a Ação Católica, na diocese. Na manhã de 22 de agosto de 1936, junto com seu capelão, Pe. Júlio Melgar Salgado, foram assassinados, na Margem do rio Guardiania, depois de que o Senhor bispo benzesse a seus assassinos e lhes dirigisse palavras de perdão antes de ser fuzilado (Mártires de Ciudad Real. Francisco Del Campo Real. Edibesa).

grande habilidade e estilo para bailar na rua, na praça ou nos salões, onde descansava amenizando as reuniões cantando canções, contando piadas, recitando poesias e inventando coisas que fizessem rir.

Os carnavais de Tomelloso eram famosos em toda a comarca e os bailes de máscaras, com vistosos disfarces e as caras cobertas, se prolongavam durante toda a semana, com suas noites incluídas, segundo costume que se manteve até hoje.

“Ismael não nasceu santo. Não era um jovem para servir de exemplo”, conta o Padre Florentino Del Valle em sua biografia. *“O mundo e o demônio o querem, além do mais, e põem todos seus ardis e malícias ao passo ligeiro daquele rapazinho”*, anota o presbítero Pe. Alberto Martín de Bernardo.

A gang que frequentava com mais assiduidade era a do “Tito” e do “Canuto”, que tinham fama de “caveiras” e não eram as companhias mais adequadas para um rapaz de quatorze anos que acabava de sair da escola.

A imaginação, a simpatia e a graça de Ismael o converteram, cada dia mais, no centro de todas as reuniões, porque Ismael não sabia negar-se a prestar animação em qualquer momento e ocasião, porém agora o fazia frequentando ambientes mais perigosos.

Não se caracterizava por ser um rapaz religioso, que visitasse a igreja, salvo nos domingos porque sabia que sua mãe o vigiava de perto, e cada dia estava também mais afastado.

Como era muito inquieto, não tardou em deixar o comércio de Cláudio Moraleda e foi trabalhar com Jerônimo Belda, onde tampouco ficou muito tempo.

Foi aberto, então, em Tomelloso um estabelecimento de “Tecidos e Novidades” com o nome de “El Siglo”, cujos proprietários fundadores, Juan Pérez Palomares e Elías Montero Ruiz, conheciam as habilidades comerciais do jovem Ismael, e o requisitaram para trabalhar no novo comércio, o que aceitou encantado.

Ismael revelou-se como um artista consumado para a decoração das vitrines, montando-as com fantasia e bom gosto. Mudava-as com frequência, adornando-as com os mais variados motivos e aprovei-

ISMAEL DE TOMELLOSO - 'IN SILENTIO...'



Os pais de Ismael.



Bispo Prior Dom Narciso Estenaga y Echevarría.

tava as vésperas das festas para fazer a apresentação dos artigos recém-chegados para sua promoção e venda.

Foi um precursor das promoções para liberar as lojas dos produtos que não tinham fácil saída no mercado. Convenceu aos donos da necessidade de mudar os gêneros com frequência para adaptar-se à moda, baixar os preços e liquidar o “démodé” com promoções engenhosas.

Seu irmão Luis disse que era muito reconhecido por seus chefes e companheiros que o tinham como um gênio na matéria. Fez verdadeiros alardes de fantasia. Recorda a vitrine que preparou para a festa de Reis, quando vestiu como Rei Baltasar a um cigano de dois metros de altura, conhecido em Tomelloso com o apelido de “Varal”.

Transformou-o num verdadeiro mago, pôs-lhe na mão um cartaz que dizia: “Escrevei vossas cartas aos Reis Magos e depositai-as na caixa de correio de nosso Baltasar”.

Com aquela apelação, uma concorrência enorme visitou o comércio, e a venda naquela ocasião foi mais elevada que outros anos. Seus chefes, muito agradecidos, lhe obsequiaram com uma caixa de presentes.

Esta ideia pode ter sido um precedente para as grandes lojas e magazines do mundo cristão, onde as crianças começam a entregar as cartas aos Reis Magos, um mês antes da festa de 6 de janeiro.

Ismael era um jovem tão simples, honrado e simpático que muitos clientes só queriam ser atendidos por ele, porque enquanto vendia lhes contava piadas, histórias e anedotas que sabia intercalar na conversação. Um dos donos de “El Siglo” declarou que Ismael “foi o melhor que passou por meu comércio”.

As filhas de Elías Montero, María e María Victoria, ouviram seu pai contar que Ismael era um jovem muito valoroso, cheio de alegria e de simpatia, hábil para decorar as vitrines da loja e capaz de atrair os clientes com agrado e com bons modos. Maria, a mais velha, recorda que Ismael costumava vir a sua casa para visitar a seu irmão Ramón, que padecia uma grave enfermidade e passava longos momentos ajudando-lhe e conversando com sua mãe. Também recordam ambas ter ouvido seu pai dizer o quanto Ismael era responsável e fiel.

Martín Pérez de Juan, filho do outro dono de El Siglo, Juan Pérez Palomares, concorda com as irmãs Montero e lembra que o acompanhava a sua casa quando saía da escola e nunca viu nele um mau gesto, nem uma cara feia, muito pelo contrário que se divertia com as brincadeiras que Ismael improvisava. Nos últimos tempos antes da guerra recorda que a caminho de sua casa entrava, a cada dia, na igreja paroquial, para fazer uma visita ao Santíssimo, o que não acontecia no início.

Ismael se sobressaía no comércio, nos bailes, nas farras de amigos e cada vez se preocupava menos das coisas da Igreja.

Não é que tivesse prevenção ou fosse contrário à religião, porém faltava cultivo; não se aproximava da confissão, e sofreu uma alegre e irrefletida atitude ao lado de seus amigos de farra. Esta atitude afugentou de Ismael outros bons amigos que queriam aproximar-se dele, porém seguia uma vida mais fácil, cômoda e rodeada da admiração que lhe tributavam os jovens de seu grupo.

No ano de 1933²³, um rapaz um pouco mais velho que Ismael, Miguel Montañes Rodero, que o conhecia bem porque eram vizinhos, o convidou para visitar o Centro de Ação Católica do qual era presidente, com a ideia de que conhecesse o sacerdote conselheiro Pe. Barnabé Huertas Molina, que havia fundado a Juventude de Ação Católica em Tomelloso. Havia apreciado as boas qualidades de Ismael e, sobretudo, sua maneira de tratar bem as pessoas, e soube descobrir suas habilidades e gostos pessoais quando lhe falava de que no Centro faziam exercício de declamação nos momentos livres e ali podia dar mostras de sua habilidade ao recitar poesias e ensinar a outros a fazê-lo, tocar a guitarra ou o bandolim.

O Presidente lhe apresentou o Centro, lhe expôs o plano das reuniões, lhes mostrou as mesas de jogos e a biblioteca; tudo impressionou favoravelmente a Ismael, prometeu fazer visitas com frequência e numa delas falou com o conselheiro.

23. O papa Pio XI declarou o ano de 1933 Ano Santo pelo 19º Centenário da Redenção, com numerosos acontecimentos religiosos dirigidos para comemorar o milésimo nongentésimo aniversário da morte de Jesus.

Ismael aceitou em princípio, a contragosto, porém logo lhe surgiram as dúvidas imediatas até sobre o mesmo padre com quem tinha que falar. Alguma vez ia a convite de Miguel, que lhe insistia, aos círculos de estudo, e prestava atenção aos conselhos que recebia, porém se debatia num mar de dúvidas e sempre acabava reconhecendo, a modo de justificação, a escassa educação cristã que possuía, e o pouco que dizia ter o escondia atrás de uma capa de indiferença religiosa que se alimentava do ambiente contrário à religião que se vivia naqueles anos.

Pouco a pouco, com aqueles pequenos esforços feitos para se encontrar com o pároco e assistir aos círculos, foi compreendendo que sua via afastada de Deus era menos feliz que junto a Ele. Comparava e via a diferença entre os amigos do seu ambiente com aqueles do Centro da Ação Católica. E assim, foi renunciando a certas coisas do mundo que havia criado ao seu redor. Começou frequentando a confissão com o conselheiro e o tomou como diretor espiritual com o propósito de ir melhorando sua vida espiritual.

Todos os que formaram aquele primeiro grupo de jovens da Ação Católica de Tomelloso, conservam de Pe. Barnabé Huertas uma recordação indelével: *“comunicava fogo, inquietude sã, ânsias de ideais elevados, e acelerava o processo da santificação”*²⁴.

Falava-lhes com o coração aceso:

“...Falta-nos sócios decididos e ativos, de coração limpo e espírito resoluto.

*Assim deveis ser vós, porque sem esses cimentos sólidos virá abaixo a obra que somos e tentamos levantar. Sois doze; se doze apóstolos conquistaram o mundo, vós, doze também, podeis conquistar uma cidade”*²⁵.

Em abril de 1934 celebrou-se em Roma o Ano Santo da Redenção e o grupo manchego que assistiu a este evento era formado, entre outros, por Pe. Barnabé Huertas. Numa das três missas que celebraram nas catacumbas, na cripta de Santa Cecília, Pe.

24. Florentino Del Valle, Op. cit., p. 7.

25. Alberto Martín de Bernardo, Op. cit., p. 29.



Francisco Carretero: *'El Varal'*, 1936.



Ismael em San Isidro, com um grupo de amigos. Ismael é marcado com uma cruz.



Pe. Bernabé Huertas, sentado, e da esquerda para a direita: Pedro Cuesta, Miguel Montañés e Ismael.

Barnabé dirigiu umas palavras com as quais exortou “*a seguir o caminho de Santa Cecília, sofrendo, se fosse necessário, o martírio*”.

O Presidente de Ação Católica de Daimiel, Sr. Miguel Briso de Mondiano, assim se expressa:

*“Ouvindo-o em absoluto recolhimento, refletíamos e pensávamos em nossa querida Espanha, que tão terrível perseguição religiosa vem padecendo faz tempo. Pensamos também em nossa responsabilidade, pois nós os jovens católicos, segundo as palavras do arcebispo de Toledo, somos os chamados a recristianizá-la, a levar de novo a fé aos corações que a perderam”*²⁶.

A alma agradecida de Ismael recorda com gratidão a Miguel Montañes naquelas confidências que teve com o capelão do Campo de Concentração, Pe. Ignacio Bruna, contando-lhe tudo o que lhe devia ao amigo que o aproximou da Ação Católica, aos do grupo, ao Conselheiro e diretor espiritual:

*“Quantos homens vivem escondidos na escuridão sombria do pecado, atados pela corrente dos vícios, porque não encontram u’a mão amiga, que os retire de tão funesta situação!”*²⁷

*“Embora educado de forma cristã, teria me perdido sem remédio. Meu caráter fogoso, meu espírito agitado e violento me empurravam com força irresistível na direção dos prazeres do mundo, nos quais haveria chafurdado, se outro jovem de minha cidade não tivesse se colocado ao meu lado, para exercer comigo a tutela do Anjo. Ele foi a primeira célula da Juventude de Ação Católica, que o conselheiro fundou na cidade. Ele nos buscou; ele começou a formar-nos; ele nos ensinou a conhecer o valor do sacrifício; ele, enfim, nos preparou para o martírio...”*²⁸

No ano de 1934, Ismael deu a resposta afirmativa ao chamado, um sim esperançoso e fecundo, que acabou renovando nos últimos dias de sua vida com as palavras que confiou ao capelão da prisão:

26. Francisco Del Campo Real. *Testigos de la fe para el tercer milênio*, pág. 13.

27. A. Martín de Bernardo, Op. cit., pp. 29-30.

28. A. Martín de Bernardo, Op. cit., p. 28.

“Sou de Deus e para Deus; se morro serei totalmente de Deus no céu, e se não morro... quero ser sacerdote!”

Havia acontecido o novo nascimento de Ismael, quando tinha 17 anos. Sua vida havia se harmonizado com a música e as estrofes do hino da Ação Católica:

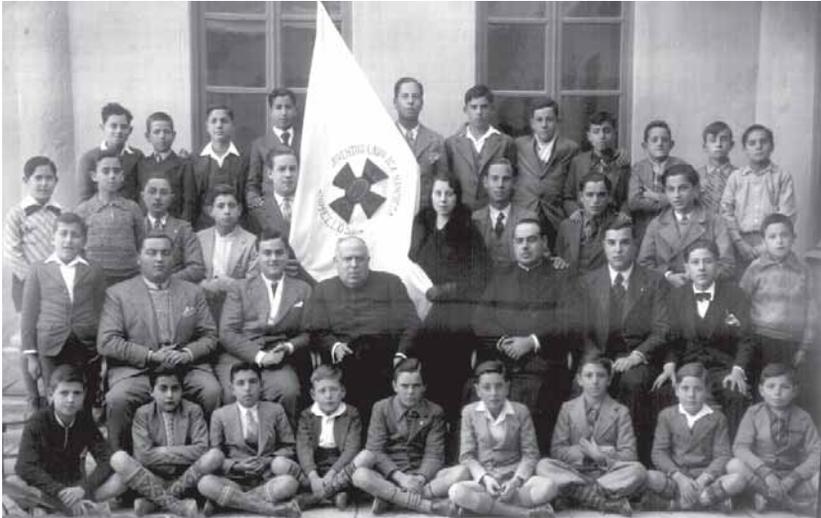
*Levar almas de jovens a
Cristo
Infundir nos peitos a fé;
Ser apóstolo ou mártir acaso,
Minhas bandeiras me ensinam
a ser.*

*Por bandeira e símbolo
A Cruz Redentora,
Que estende no ânimo,
Sombra protetora.
Paz no Espírito,
E sentir o coração*

*Cheio de esperança
Pelo triunfo do amor;
Cheio de esperança,
De firmeza e decisão!*

*Minha trilha na terra ilumina
Com flashes de sua radiante
luz,
A missão Sacrossanta e Divina
De viver ou morrer pela Cruz.*

*Levar almas de jovens a
Cristo...*



O grupo de jovens da Ação Católica de Tomelloso com o padre Vicente Borrell e Pe. Bernabé Huertas (à sua direita, acima, Ismael).

III

TRABALHO PARA DEUS

Ismael não mudou de vida nem de trabalho, nem de amigos, porém seu trabalho foi mais frutuoso: no comércio tinha iniciativas que ajudavam melhor a seus patrões, atendia com maior agrado aos clientes que entravam pela loja, ia adquirindo entre seus chefes e seus amigos uma autoridade que nascia em sua disposição constante a servir; por outras palavras, havia se convertido, sem se aperceber, no líder da turma, no empregado fiel e eficiente, que contagiava a todos com sua alegria e bom humor.

“Só deixou tudo o que podia ser entrave no caminho rumo ao novo ideal que lhe entusiasmava; nem abandonou sua guitarra, nem queimou o alaúde, nem cobriu de tristeza o rosto, nem mudou seu caráter atraente. Simplesmente se orientou. Houve uma voz compreensiva que lhe disse que suas armas para a tarefa de sua santificação e para o apostolado iam ser os dons que Deus lhe havia concedido; não podia, então, converter com racionamentos brilhantes as mentes ofuscadas pelo erro; não podia pronunciar discursos grandiloquentes, porém podia isso sim, cantar modinhas, e dedilhar a guitarra, e fazer o palhaço em cena, e ser o bufão que entretém e atrai e conquista aos desorientados, colocando-os no caminho da salvação, facilitando o trabalho do sacerdote.

Deixou, sim, o baile, se não era para alegrar aos velhinhos do asilo; deixou o cinema para poupar um dinheirinho que pudesse distribuir entre os que, mais necessitados que ele, excitavam sua compaixão.

Um dia um compromisso inadiável ou uma força maior lhe obri-

gou a assistir a uma sessão de cinema; cedeu, ante a impossibilidade de permanecer livre, porém disposto a rir-se de todos com um estratagema; sua vontade já estava fortalecida; fechou os olhos à tela dizendo que tinha sono e seu irmão lhe dava com o cotovelo chamando-o “desajeitado”. E o que começou de brincadeira, terminou em sono profundo, bem afundado na poltrona, e não viu o filme e triunfou na prova, e ficou bem diante dos homens, que riram do acontecido, e melhor diante de Deus, que aplaudiu sua vitória.

Todos que se relacionaram com ele são unânimes no reconhecimento dessa delicadeza de alma de artista de Ismael. Isso é o que mais se ressaltava; era o que todos viam e com que todos se agradavam.

Era sumamente habilidoso para tocar quantos instrumentos musicais caíssem em suas mãos e sem mestre, nem escola: uma espécie de instinto para arrancar o segredo das cordas, para combinar sons, para fazer o fundo grave e harmonioso ao canto religioso e para acompanhar de modo ritmado as trovas.

Na declamação arrancou muitos aplausos. Nos frequentes saraus que preparavam os rapazes de Ação Católica, o número indispensável era o de Ismael; sobretudo como declamador. Não há ninguém que o conheceu que não o repita como doce evocação de momentos bons: como declamava tão bem!

Quando subia ao palco para recitar uma de suas poesias prediletas, aquelas que chegavam à sua alma, as que sentia como se fossem composição sua, mantinha o respiro suspenso do auditório. Compreendia ao poeta do sulco estendido e do campo sereno, do vaqueiro e da ama, e do embargo e dos mendigos. Com esta última, sobretudo, e com o “Viático”, de Pemán, se fazia grande e chorava e fazia chorar.

Em saraus mais solenes, preparavam alguma comédia ou zarzuela [(A zarzuela é um gênero lírico-dramático espanhol em que se alternam cenas faladas, outras cantadas e danças incorporadas: cf. Wikipédia, acessada em 27/8/2012 (nota do tradutor)], e em mais do que uma delas foi encarregado Ismael do papel de protagonista,

como na famosa de “Os Mendigos”, que se viram obrigados a repetir, por adulação do público, no teatro mais amplo de Tomelloso. Nessa ocasião revelaram-se outras qualidades artísticas de Ismael; seu valor como diretor de cenografia, já que preparou a obra em todos os seus detalhes de interpretação, além do mais de executar maravilhosamente seu papel; e de eletricista e de pintor, ao menos de fachada: aquela formosa tela de fundo de parede, com uma esbelta palmeira, indispensável para a obra, que em poucas horas desenhou e pintou e que foi a admiração dos espectadores; isso é outro de seus êxitos dos que não esqueceram seus amigos, como recorda Pedro, por estar maravilhosamente pintada.

Em caracterizar personagens ia já ganhando fama; eram muitas suas exposições triunfais. Um dia, em plena rua, pediu-lhe esmola um garotinho mendigo, sujo, faminto; Ismael teve uma ideia genial para dar de comer àquele traste; recolheu-o por sua conta, lavou-lhe tolhendo a inhaca do tempo, vestiu-lhe com um traje chamativo, cobrindo-o com um manto, torcido nos ombros, com muito garbo, desses que tinham acabado de receber uma boa remessa para o comércio e os donos queriam acabar logo com o estoque, meteu o garoto na vitrine, colocando em suas mãos uma guitarra para chamar a atenção dos transeuntes com o som de suas cordas; e ante aparição tão singular, houve o dia inteiro uma multidão de curiosos contemplando na vitrine a transformação de “Carrañaca”²⁹, e a publicidade deu um resultado animador”³⁰ e os donos do comércio o premiaram por isso.

“Para todas as obras de apostolado que a Ação Católica organizava, Ismael estava preparado. A propósito disso, intercalo aqui o que disse o bom Montañes, seu presidente: “Eu tinha nele um bom colaborador e em qualquer coisa que necessitasse, lançava mão com êxito de Ismael. Na preparação das comunhões, para que a ordem fosse perfeita; nas apresentações de teatro, para representar e ensaiar, ele nos vinha encontro e fazia tudo.

29. Um velhinho de Tomelloso que ia pelas ruas tocando o violão.

30. Florentino Del Valle, Op. cit., pp. 9-11.

Até se animou por espírito de serviço, a acompanhar-me a um ato público numa cidade vizinha para atuar como orador. Confessou-me de modo claro que não sabia falar nada. Animei-o, rascunhei um discursozinho, o pronunciou e triunfou..., coroando a festa com a recitação de algumas poesias”. Entre estas havia uma belíssima ao Sagrado Coração que, quando estive muito doente no final de sua vida, Ismael recitou-a pleno de amor a todos os companheiros de sala. Parece-me que seja a intitulada “Amor Divino” do jesuíta Pe. Félix G. Olmedo, tão terna como apostólica, doce queixa do Senhor, golpe forte de advertência dado às portas das almas.

Montañes me contou o contratempo que lhes ocorreu no trem quando Ismael e ele iam para Puebla Del Príncipe, que foi a cidade onde trabalharam naquele dia: “Ocorreu-me- dizia-me- de levar junto comigo propaganda direitista e distribuí-la pelo trem. Eu não sabia que isso estava proibido; porém o revisor, que devia ser “vermelho” denunciou-nos ao casal da Guarda Civil. Fingidamente esta nos fez descer, na estação de Manzanares, como detidos; mas quando se retirou o revisor, disseram-nos: “Vão em paz, rapazes e que não aconteça fazer isto outra vez, no trem”. Pois bem, Ismael não se alterou com este pequeno contratempo e até foi motivo para risos e gracejos””³¹.

Ismael nunca era vencido pela vaidade; é muito provável que não soubesse nem o que isso significava.

“Miguel Montañes disse “que assim tão simples, não havia outro”. Fazia tudo por Cristo, para ganhar para Ele quantas almas pudesse; como Javier que ganhou as almas de seus adversários, ganhando, às vezes, uma partida de xadrez. Outro caso demonstra que trabalhava por Deus e não para exhibir-se: quando no dia de Reis de 1936 preparou maravilhosamente a Adoração dos Magos na igreja paroquial, e toda aquela “corte” se apresentou, ele não queria aparecer na fotografia e o “forçaram

31. A. Martín de Bernardo, Op. Cit., pp. 89-90.



'Carrñaca'.



Grupo de música. Ismael representa a quarta posição a partir da esquerda.

a colocar-se no grupo dos familiares dos atuantes, em agradecimento ao trabalho tão bem realizado”.

Suas qualidades estavam a serviço do Senhor. “Se a Ismael lhe houvessem mandado zanzar pelas coisas da Ação Católica—disse Montañes— e ele o teria feito”.

Acontece que ele queria ser bom e obediente, e o era!

Escreve seu amigo Pedro: “Com grande satisfação via que a cada dia ganhava mais força em seu coração a chama do amor divino, isso se via pela transformação rápida que acontecia com ele. Este aperfeiçoamento se tornou visível, já que em nenhum momento deixava de cumprir com seus deveres tanto na rua como na igreja e em todos eles se via a mudança que operava diariamente, tais como em conversações, maneiras, trato e recolhimento na igreja. E nisso, especialmente, se sobressaiu”³².

Uma transformação importante estava se processando na vida de Ismael, pois só falava e vivia para aproximar almas de Cristo, porém sentia a chamada do Senhor ao silêncio e ao exemplo mais do que às palavras. Por isso, em certa ocasião, um amigo falou-lhe sobre seu comportamento e ele respondeu com humildade aquilo que vinha dizendo a todos:

“Como eu não sei falar e tenho pouca inteligência, não sei dizer a ninguém coisas boas e sobre religião; por isso quero dar exemplo de vida”.

Foi um de seus propósitos, exposto com sincera intimidade a um amigo, porém propósito que é resultado de um longo processo na luta afetiva, de ímpetos de fervor apostólico, de um lado, e um fundado receio de sua pouca preparação, de outro.

Não que pretendesse seguir adiante sendo santinho de devocionário ou estatueta de vitrine, braços cruzados e cabeça inclinada, não; mas, com inteireza se propunha cumprir com o melhor, sendo útil dentro da Ação Católica”³³.

Aquilo que o mantinha unido ao Coração de Jesus era a caridade

32. A. Martín de Bernardo, Op. cit., pp. 47-48.

33. Florentino Del Valle, op. cit., p. 14.

praticada com os mais pobres e necessitados, e o empenho que punha em transmitir esta atitude aos de sua casa e a seus amigos.

Existem testemunhos de sua abundante caridade. Outra manhã, “ao sair para o trabalho, encontrou-se com quatro meninas pedindo esmola, todas sujas e esfarrapadas”. Chamou-as e lhes disse:

– ***Olhem, pequenas, quando chegar a hora de sair da loja, esperem-me na esquina, que darei a vocês umas roupas e ajudarei vocês.***

Elas se alegraram e quando Ismael saiu da loja para o almoço, as meninas o esperavam. Não se sabe se Ismael comprou as roupas ou as pediu de esmola ao dono do comércio. As meninas o abraçaram e falando amigavelmente com elas levou-as até sua casa, providenciou o asseio, o penteado e lhes vestiu a cada uma com um vestido novo. Como faltasse um vestido e ele conseguiu isso de sua mãe que lhe deu um vestido de suas irmãs. Ao despedi-las disse:

– ***Que sejam boas e que não encontre vocês sujas novamente!***³⁴

Em outra ocasião, tratava-se de “*uma pobre mulher que ganhava a vida vendendo pavio, papel de fumar e pedras de isqueiro. Os rapazes faziam mofa e gritavam pelas ruas: Faisqueira! Faisqueira! Os dissabores e sufocos que passava por isso a pobre vendedora nem se deve contar. Tendo sido recolhida no Asilo e Ismael aí se encontrou com ela. Para que seus irmãos menores se acostumassem e fossem compassivos ele dizia ao sair de casa rumo ao hospital:*

– ***“Meninos, vou ver a pobre Faisqueira”.***

Os meninos marotos riam e começavam a dizer: Faisqueira! Faisqueira! Ismael revestia-se de autoridade e severidade e docemente lhes reprendia, procurando evitar que os pequerruchos não dissessem mais aquilo, porém um deles ficou enfadado e atreveu-se a repetir e Ismael retrucou dizendo:

– ***“Como os capengas, vereis...”***³⁵.

Porém a arte de seu amor com os pobres o desenvolveu no Hos-

34. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 61.

35. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 63.

pital-Asilo de anciãos que costumava visitar com sua mãe desde a infância e, posteriormente, lhes convidava a visitá-lo Pe. Barnabé.

Havia em Tomelloso um “hospital-asilo, reconstruído em 1893, às custas da filha caridosa de dona Crisanta Moreno. Ali ficavam os anciãos desamparados da cidade e de seus arredores, aqueles que tiveram de abandonar o lar frio—onde faltava amor—e pobres—os meios econômicos não dão para viver sem trabalhar—. Bateram às portas da caridade, sempre abertas, onde uns braços maternais fazem esquecer um pouquinho seus membros cansados, onde uma virtude sobrenatural se impõe tão sutilmente à repugnância e faz tão naturalmente as tarefas mais humildes, que se chegam a persuadir os anciãos, que é obrigação das Irmãs da Caridade em atendê-los.

Foi o campo mais frequente do apostolado de Ismael porque com profunda e santa compreensão penetrava nesse ambiente onde o Conselheiro havia orientado a seus rapazes do Centro, a fim de pô-los em contato com a dor e o abandono; desse modo a privação, se a sentissem na vida, não lhes fosse tão difícil; e para fazer com que difundissem a alegria entre seres que agradecem a esmola do riso como a carícia do sol em seus membros frios.

Umhas horas de vencimento de si mesmo, de freio na natureza que reclamava outros espetáculos naquela idade da pureza estudada, outras diversões naquele dia de descanso da tarefa semanal, outra companhia naquela idade de sonhos. Ali estavam em planos de trabalho; se fosse necessário empunhar a vassoura porque o trabalho estava atrasado, não vacilavam; e com a desenvoltura de quem manuseia a podadeira no vinhedo, ou a pena, ou a máquina de escrever no escritório, em dois segundos a tarefa permanecia concluída, é claro, não do jeito que queria a freirinha, que pacientemente seguia depois deles recolhendo a poeira entre os bancos, limpando a sujeira das mesas... Os anciãos desajeitados em seus movimentos, coxos ou meio cegos, que normalmente buscavam apoio na pessoa da Irmã, nestes dias são conduzidos com a vivacidade da juventude desses rapazes os quais, uma vez estando sentados os



Ismael com os Reis Magos, em janeiro de 1936.



Tomelloso. Hospital-Asilo de anciãos, antes da Guerra Civil.

velinhos, vão servindo-lhes amavelmente a comida. Dirigem-lhes palavras suaves e piadinhas que lhes arrancam o sorriso.

Ismael era, entre eles, um dos mais pontuais e cuidadosos.

“Todos os domingos e vários dias feriais— dizem as notas de um de seus companheiros—após a missa das juventudes na Paróquia, depois do desjejum ou sem esse ainda, iam até o Hospital para repartir sua caridade e seu bom humor entre os anciãos, sempre com a intenção de fazer-lhes rir e para que passassem o tempo que ficassem juntos com ele de maneira a mais agradável possível”.

“Víamos com frequência a Ismael—disse a Superiora—dando o braço para acompanhar carinhosamente alguns anciãos que andavam com muita dificuldade”.

Havia uma anciã choramingas, que vivia se lamentando e apenas provava algum bocado. Permanecia ali num ângulo da mesa do refeitório, rude, esquiva, fechada num mutismo constante. Ismael se dirigia, preferentemente, a ela e se sentava a seu lado, e começava com brincadeiras e piadas que trazia sempre na ponta da língua, depois com carinho lhe fazia o prato, indicando-lhe o melhor bocado, enchendo a colher e colocando-a na mão, enquanto carinhosamente, como se fosse o trato com uma criança caprichosa, levava-a na direção da boca; depois secava, pouco a pouco, aquela enxurrada de lágrimas. Experimentou grande contentamento num dia que, para animá-la, conseguiu vencer sua repugnância e provou da mesma comida no mesmo prato da anciã! Sentiu um imenso gozo que não conseguiu esconder. E um dos companheiros, percebendo isso, repreendeu-lhe amigavelmente, dizendo:

– Você passou dos limites, Ismael; não faça isso!

*– **Veja! É que estou pensando nas provas da religião à qual aspiro e quero começar por vencer-me**— respondeu Ismael.*

Fazia algum tempo que andava pensando em sua possível vocação religiosa, sem, contudo, ter escolhido algum Instituto religioso, vacilando entre a Companhia de Jesus e os Irmãos Hospitaleiros de São João de Deus; e tratava-se de ir ensaiando a vida de sacrifício e vencimento de si mesmo para medir o alcance de suas forças, sua

capacidade de resistência, seu amor prático para com os pobres.

No entanto, a repreensão do amigo o impressionou. Tinha como norma de conduta não fazer nada sem antes consultar-se com quem considerava como autoridade: o conselheiro, o amigo, a Superiora das Religiosas.

Impulsionado por esse sentimento de humilde submissão, certa vez se apresentou à Madre Superiora com o extravagante pedido para que lhe permitisse comer das sobras dos pratos dos anciãos. A superiora não achou isso prudente; por isso não consentiu e deu-lhe a razão da negativa como sendo o risco de contrair alguma doença; como a razão dada não lhe pareceu de peso, Ismael prosseguiu no seu intento como meio de mortificar-se.

Um dia quando terminaram de comer, seus amigos sentiram sua ausência e indagando-se por ele, o foram encontrar na cozinha, com um avental endossado e umas luvas, esfregando as tigelas e os potes com tanta graça e um ar de desenvoltura que parecia encontrar-se num momento de grande glória.

Noutro dia, Ismael esbarrou-se com um serviço que exigia abnegação e ocultamento. Percebeu que na enfermaria estava o refugio dos refugos e para lá se encaminhou. Delicadamente colocou-se ao lado de cada cama de enfermos; e enquanto servia-lhes a comida, ia temperando-a com palavras de resignação cristã e com frases perspicazes que premiavam com um sorriso, já quase apagado, naqueles rostos meio inexpressivos e cansados pela dor. Foi esta, então, sua ocupação favorita. Se alguma vez as Irmãs com certo escrúpulo de responsabilidade, diziam-lhe que não devia fazer aquilo devido o perigo de contágio, ele com atenção e os olhos baixos, escutava-lhes, depois se retirava com um sorriso habitual nos lábios e... e a imprescindível brincadeira para tolher importância àquilo que a seus olhos não tinha importância.

Na recreação que seguia após o almoço e que, às vezes, era prolongada por toda a tarde, Ismael era a figura mais popular.

“Como tinha um temperamento comunicativo e até travesso que tornava mais agradável ainda sua virtude—continua o relato

da Superiora—era também o protagonista das diversões daqueles pobres abandonados do mundo, aos quais alegrava com suas felizes tiradas e travessuras. Nalguns domingos contava bonitas histórias; noutros declamava belas poesias, arte na qual se mostrava mestre; noutros ainda eram cantos e bailes de cantigas manchegas entre as anciãs”.

Ele era o que cantava e tocava a guitarra; se alguém o substituíu no canto e, sobretudo quando mais tarde isso ocorreu com um gramofone³⁶, ele tirava a velha mais animada para dançar, com que aumentava a algazarra daquele grupo infantil em seus muitos anos e já no ocaso da vida.

— Ismael, você não tem uma namorada que o acompanha nos domingos?— lhe perguntavam?

— Sim; é esta; veja que saliente e como dança bem!

No Asilo ainda vive a boa Mercedes, que conta as tiradas de Ismael com lágrimas nos olhos.

“Como nos queria bem!— diz—. Quando chegou a guerra e tolheram as Irmãs, já não vinham também os rapazes da Ação Católica e ficamos muito tristes. Um dia eu mandei uma anciã que se atreveu a ir à loja onde trabalhava Ismael para pedir-lhe umas alpargatas. Eu sabia que lá não se vendia alpargatas. Mas isso não importava. A anciã entrou na loja, perguntou pelas alpargatas, riram muito dela e falaram um momento e ele perguntou-lhe por todas nós e a consolou e animou dizendo que em breve voltariam as Irmãzinhas e eles também. Que alegria nos causou quando a anciã retornou e nos contou a entrevista! Como o queríamos!”

É Mercedes que narra isso, a velhinha enrugada e dobrada pelos anos; e é assim que recorda também o ceguinho inocente; a esses fazem coro todas as idosas e todos os anciãos que agradecem as mostras de afeto, como a carícia do sol invernal através dos cristais da galeria”³⁷.

36. Que pertencia a Pedro Pablo González, pai da Madre Abadessa das Concepcionistas de Manzanares, Asunción González Burillo.

37. Florentino Del Valle, op. cit., pp. 14-20.

IV

DEUS LHE PEDE UM POUQUINHO MAIS

Aprende-se a andar andando, a rezar, rezando; aprende-se a amar amando; confessa-se o Amor confessando.

“Ismael vai escutando o conselheiro e frequenta a igreja com um espírito muito cheio de fé e com um amor muito grande. “Chegamos a ser mui bons amigos devido a ter iniciado a frequentar com bastante assiduidade os Santos Sacramentos” – diz Pedro. A imensa maioria de suas conversações foram espirituais. Agradava-lhe muitíssimo ouvir falar de Jesus, da Santíssima Virgem e daqueles Santos pelos quais sentia devoção particular. Quando não surgiam estas conversas, ele mesmo as provocava e ainda pedia com insistência que lhe falassem dos que tanto seu coração amava: Cristo e Maria. Ouçamos Pedro sobre este particular:

“Ouvia com grande complacência as conversações que tratavam sobre a Santíssima Virgem Maria, da qual foi um grande devoto. Ela foi o espelho onde se refletiu sempre, para observar uma perfeita castidade não somente exterior, senão também interior. Como modelo de sua vida escolheu a São Luis Gonzaga, imitando várias passagens suas como o fazer as orações às escondidas. Gostava muito da vida religiosa da Companhia de Jesus, alegrava-se em saber os inconvenientes com que tropeçou o santo para ser jesuíta, pois ele sofria, pensando que ao pedir a permissão em sua casa, encontrariam muitas dificuldades, sem contar com o serviço militar”.

“Tendo algumas vezes que estar sozinho no escritório do seu pai– continua Pedro– fazia ali a oração que tinha por costume, permanecendo nisso bastante tempo. Aparentemente acrescentava à oração alguma penitência corporal e para fazê-lo pedia instruções aos amigos. Ismael não era cristão praticante referente à oração. Não somente cumpria com seus deveres como cristão prático, senão que a respeito da oração, além do mais de fazer as quotidianas ao levantar-se e ao deitar-se, à noite, ampliava esta última com um momento de oração mental, ignorando quanto tempo investiria. Nas mortificações da comida, sem que ele o manifestasse, pois o proibi, atrevo-me a afirmar que se mortificou muito. Sobre este particular como sobre a oração, ele gostava que tratássemos com frequência, posto que ele tinha grandes desejos de aperfeiçoar-se cada vez mais, e nas conversações surgem sempre luzes para um e outro”.

Sobre a mortificação foi-me dito que empregava muito a interna e a de certas coisinhas que não prejudicam a saúde e teem valor diante do Senhor, quando se fazem com espírito obediente.

“Ele me perguntava alguns meios para mortificar-se tanto interior quanto exteriormente– conta o Secretário que foi do Centro então–. Eu lhe indicava as mais apropriadas a suas condições, tais como não comer sobremesa; falar pouco, baixar os olhos para não ver algumas coisas, embora fossem boas, etc....”.

Ismael fazia estas mortificações e andava sempre em busca de realizar outras”³⁸.

Ismael se entusiasmava com os traços heroicos dos santos e queria imitá-los para ficar mais próximo de Deus; por isso perguntava:

“Dize-me coisas de meus santos”, costumava dizer a Pedro, mostrando mais interesse por São Luis Gonzaga, São Francisco Xavier ou São João de Deus. Tinha maior gosto em ouvir contar deles os fatos sublimes e heroicos de caridade. Sobre a cama de seu quarto havia um quadro que fez e esculpiu representando a

38. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 73-74.

São Luis Gonzaga com um empestado sobre seus ombros, naqueles tempos dolorosos de Roma, em que se viu castigada pelo mal da peste. Admirava o “louco de Granada”³⁹ carregando os enfermos e cadáveres, para levá-los a seu Hospital. Por isso tinha certas simpatias pelos Religiosos e a vida desta Ordem gloriosa. Teria sonhado ser Irmão Hospitaleiro, prodigando sua caridade junto ao leito dos enfermos? Parece que sim.

Seus desejos foram recolher-se em algum convento, expressando depois que “em qualquer congregação se considerava feliz, mesmo que somente lhe dessem uma vassoura para varrer e tivesse que fazer isso o dia todo; porém que desta forma habitaria na casa do Senhor”⁴⁰.

“Ao contar-lhe— disse um de seus amigos— um dos episódios de São Francisco Xavier, aquele em que para vencer-se ante um enfermo ulceroso tocou com sua boca as chagas, Ismael ao ouvi-lo lançou um ai! Irreprimível de gozo que traduzi sem duvidar de sua autêntica interpretação, por: eu hei de fazer o mesmo!” por isso não deve estranhar-nos sua atitude no Asilo ao lado dos enfermos e seu gozo, sentado junto a rostos repugnantes⁴¹.

“Falando destas coisas, às vezes, sentia tristeza, porque “se reconhecia de saúde débil e porque não queria ser peso para ninguém, se o admitissem nalguma congregação, e por isso temia não ser recebido”.

Ismael não só admirava aos santos, senão que os imitava.

Verdadeiramente deu exemplo de vida. Com razão disse padre Ignácio Bruna: “No dia em que todos que o conhecemos e tratamos com ele dermos publicidade dos traços que presenciamos, o mundo gritará aclamando: Era um santo!”⁴². E aquilo que este bom sacerdote não soube, talvez, os atos belíssimos de caridade que Ismael praticou, embora soubesse o mais sublime e heroico

39. São João de Deus.

40. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 63-64.

41. Florentino del Valle, pp. 18-19.

42. Revista La Vida Sobrenatural, p. 220.

*de sua vida: sua oblação de amor que foi preparando com o exercício diário e pequeno, entre os homens, de uma vida irrepreensível desde que ingressou na Ação Católica”*⁴³.

“Ismael tendo despertado o anseio do melhor e mais perfeito, seguiu buscando, com encantadora simplicidade e uma imponente firmeza, nas vidas de santos, formas de santidade que pudesse copiar literalmente. De São Luis Gonzaga lhe cativava o esplendor da castidade, a aspereza da penitência e a oração longa e oculta. Dos instrumentos de penitência ignorava ainda o nome; à medida que o tempo passava foram se tornando familiares.

Um dia, um dos bons amigos lhe mostrou um cilício⁴⁴, e Ismael tomando-o nas mãos, colocou as pontas sobre seu braço esquerdo desnudo e puxou com tal força os extremos do cilício com a mão direita, enquanto forçava para cima o braço esquerdo, “que eu me lancei para tolhê-lo em seguida— disse o amigo que o havia mostrado—, porém ele não o soltava e o apertava contra si, como se fosse mais um objeto de prazer e agrado do que um instrumento de dor. Quis ficar com ele; eu não consenti, porém em seguida sua inata destreza captou o mecanismo daquele instrumento e já não se importou ficar com o meu”.

Pela sua típica reação de menino dócil que não quer fiar-se do próprio parecer, perguntou ao amigo se poderia usá-lo, manifestando na força do olhar e na ânsia refletida no rosto que desejava uma afirmação afirmativa; o amigo o aconselhou que sem a permissão do confessor não devia fazer isso. Imediatamente começou a claudicar das pernas, sem poder dissimular isso, indicando que Ismael o trazia já na raiz da carne.

E ainda foi mais distante, porque as vidas de santos iam-lhe

43 . A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 64-65.

44. O cilício e outros objetos pessoais Ismael entregou-os a Jacinta Burillo, mencionada com frequência em suas cartas, na véspera de seguir para o front, e é o único que hoje se conserva desses objetos. Foi a esposa de Pedro Pablo González e mãe de Asunción González Burillo, Abadessa das Religiosas Concepcionistas de Manzanares.

mostrando novas dicas no uso da mortificação. Suas mãos habilidosas entretiveram-se em atar pacientemente uma áspera corda que logo envolveu seus membros, amarrando-os como Xavier, o ágil desportista da Ilha do Sena.

Assim que um dia surpreendeu-se sua mãe com aquele instrumento penitente amarrando seu corpo e adivinhando a razão de levá-lo consigo, simulando estranheza, perguntou-lhe o que isso significava. Ismael saiu do sério com uma frase de enfado, protestando pelo motivo de que se abrisse a porta do seu quarto sem bater. Procurando ocultar-se aos olhos dos outros, escolheu para lugar de seu sossego o porão da casa, assim como Luis Gonzaga, que se escondia dos palacianos em Castiglione a fim de dedicar-se mais à oração e à mortificação.

Existem em Tomelloso os famosos porões das casas particulares, que cavados em terreno sílico-calcáreo, permitem dispor de um lugar cômodo para pisar a uva, para guardar os barris, para servir de despensa caseira e como refrigério dos calores sufocantes de verão, sobretudo nas horas modorrentas da sesta.

Comunicam-se com o piso subterrâneo por uma escada cavada na própria terra, e recebe luz suficiente do exterior pelas típicas claraboias que trazem luz da rua, cortada na calçada, de trecho em trecho, pelas fortes grades que defendem as claraboias e deixam passar a claridade. Foi num porão assim que se fixou Ismael para seu retiro dentro de casa. Quase diariamente, na hora do descanso, depois do almoço, ali descia permanecendo longos momentos, pois ali possuía também seu ateliê de arte e seu escritório e sua biblioteca de leitura e estudo. Porém todos suspeitam que, além do mais, aquelas paredes fossem testemunhas mudas de sua oração e de sua penitência.

Começou cuidadosamente pondo ordem no local, outrora carvoaria e então providencialmente abandona. Seu delicado temperamento exigia limpeza. Para evitar assaltos inesperados de curiosos, chamava seus irmãos menores, indicava-lhe uma liçãozinha de catecismo que deviam aprender de memória, atra-

ídos facilmente por algum caramelo que ganhariam caso deco-rassem a lição, e os colocava de guarda na entrada para que dessem o sinal de alarme se algum intruso tentasse violar o silen-cioso refúgio secreto. Ali foi adquirindo a facilidade para o trato com Deus do qual se pasmam seus próprios companheiros, aque-les que um dia o convidaram para o apostolado, e que em pouco tempo o admiravam respeitosamente fitando-o como superior e reconhecendo que havia se adiantado no caminho e que lhes fa-zia sinal de muito longe, convidando-os alegremente, simples-mente, a lançarem-se decididos ao voo ascensional do espírito. Viram nele e admiraram uma vontade firme e resoluto, um domí-nio extraordinário para rechaçar na natureza caprichos ou ex-pansões juvenis, sacrifícios exagerados que a eles custava tanto consegui-los mesmo em doses reduzidas. Admiravam-no fincado de joelhos em longa meditação, quando eles lutavam para ven-cher a imaginação durante breves momentos.

Em troca, ele o fez rapidamente; como para causar admira-ção. Uma vez que respondeu sim ao chamado da graça se propôs ser dos melhores.

Sua formação ascética era pobre; sua vontade, de ouro. Com simplicidade de menino, mas com santa perspicácia, foi obser-vando os melhores rapazes; estudou cada um deles com detalhe e começou a copiar o que em cada um apreciava como melhor. Então necessitava da ajuda desta pauta, não porque lhe faltasse o pulso, senão por temor de desviar da retidão de uma linha que ele pretendia fosse reta e sem desvios; mais tarde, e já bem orien-tado, a tolheria por inútil, porque toda pauta é uma prisão para o homem de personalidade acurada, e além do mais, em seu caso, porque o Senhor lhe deu a graça de escrever linhas tão limpas, que atraem, com santa inveja, o olhar dos antigos modelos, que pedem ajuda para copiar alguns desses traços tão finos da vida daquele que começou com traço inseguro a segui-los.

Porém nos primeiros passos procedeu assim. Pediu conselho, luz, quase direção a vários dos companheiros, que eles temiam

dar, sobretudo quando perceberam que ia mais adiantado do que eles no caminho.

As páginas de um dos melhores amigos dizem a este respeito: “Veio a mim desejoso de encontrar um amigo, algo mais, um confidente, um bom conselheiro, para que nos momentos livres que lhe permitia seu trabalho e sempre que as circunstâncias o facilitavam, pudéssemos juntar-nos para falar de nossas coisas”.

Seu programa religioso ficou traçado assim: às sete horas da manhã, participava da missa; era a primeira do dia que se celebrava em Tomelloso; e seu trabalho o permitia porque entrava de turno às oito horas. Não muito claramente explicava a razão para sair tão cedo de casa; não todos o compreenderam; a mãe adivinhou logo a conduta e delicadamente deixava-lhe à mão um bocadinho para o desjejum, que raramente experimentava Ismael; os pobres iam lhe conhecendo e o esperavam em lugares estratégicos.

Na igreja tinha um rincãozinho predileto para onde se dirigia, a capela de Santo Antônio, onde ficava o sacrário (hoje ali é a sacristia) e perto do sacrário de onde se enxergava o altar-mor, e longe dos olhares dos outros rezava, meditava e cria fortemente e falava com Jesus. A oração dos humildes! Deus ilumina as mentes que se submetem em sua presença... Ali oferecia tudo quanto a jornada do dia ia colocar em suas mãos; sabia já que o trabalho pode assim converter-se em oração”⁴⁵.

““Escolheu para si este lugar – disse Pedro – porque além de estar com o Senhor e muito perto, não era visto por ninguém, pois ele queria passar como um entre tantos, e não dar lugar com isso a constantes louvores que não lhe agradavam”.

“Desejava com ardor – continua Pedro – comungar diariamente, porém como estava desempenhando o cargo de despachante de loja, dizia que se via obrigado a dizer algumas mentirinhas, por ser as mulheres muito pechincheiras; e por este motivo não comungava, às vezes; não obstante nos últimos tempos o fazia várias vezes na semana”. Que extremada delicadeza de consci-

ência! Ele queria que quando Jesus entrasse em seu coração, não encontrasse nem pequenos estorvos””.

Sempre esteve em constante vigilância para não perder a alvura que a Eucaristia deixava em sua alma, com qualquer defeitozinho, nem sequer com as desentencionadas mentirinhas de ofício. Pode-se calcular o seu trabalho e cuidado em evitar as faltas, para não perder o consolo da comunhão diária.

Acontecia, às vezes, que ao voltar à loja, havia aglomeração de pessoas e o dono o prendia docemente:

– Ismael, onde você tanto se entretém? Não está vendo que a loja está cheia de gente?

– A loja cheia de gente – respondia pensativo o bom Ismael. No entanto, ali de onde eu venho, não há ninguém, ninguém! E teria que estar tão cheio, tão cheio! Porque quem ali vive merece outro tratamento!

E se punha a despachar os fregueses com a jovialidade e atenção que sempre usara.

Sempre que podia aproveitava para passar pela igreja a fim de saudar o Senhor. Tinha tanto cuidado com o rincãozinho da capela de Santo Antônio que voltava à loja queixando-se:

– Venho da visita ao Amo... Como está tão só o Amo!⁴⁶.

Antes de retornar à loja pela tarde, também passava um momento com o Senhor e, quiçá, fosse este o momento mais longo de todo o dia. Passava pela porta da sacristia, chegava à igreja e se punha a orar. Que luzes o inspirava então o Espírito Santo!

Se esta era sua piedade ordinária, nas festas eucarísticas redobrava, caso se possa dizer. Vejamos uma cena que a esse respeito escreve o padre Florentino Del Valle”⁴⁷.

45. Florentino Del Valle, op. cit., pp. 21-25.

46. “Duvidava-se da veracidade destas cenas da loja: porém ouvida a opinião de seu chefe e por outras análogas, parecem bem prováveis. Desde logo era assíduo visitante do Amor Sacramentado”. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 80.

47. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 78-81.

“Uma cena no Hospital-Asilo: na noite de quinta-feira santa permanecia aberta a porta da igreja para facilitar a oração, na vigília dos fiéis diante do Santíssimo Sacramento. Nos dois últimos anos antes da guerra, ali esteve Ismael, não entrando ou saindo, ou repartindo o tempo por turnos de meia hora, senão cravado no genuflexório, sem mover-se durante toda a noite. Seu exemplo reteve em silêncio, no templo, a outros bons rapazes, durante longos momentos; porém chegou o momento em que se rendiam ao cansaço e ao sono; olharam a Ismael e se impressionaram com seu aspecto de arrebatamento e intensa meditação. Saíram, e a Madre Superiora do Asilo ofereceu-lhes umas poltronas para que descansassem no locutório e deu-lhes umas taças de vinho doce e uns biscoitos. Alguém se lembrou de Ismael; o chamaram”⁴⁸.

“Aceitou, ao sair da igreja, a tomar aquela pequena refeição para não desobedecer à Madre Superiora. Disse-me a Madre, assim como as Irmãs, que ficaram edificadas por aquele jovenzinho ter passado toda a noite em profunda oração, sem descansar nem um pouquinho. Apesar disso – continua dizendo – não era sua piedade taciturna ou triste, já que qualquer um que o julgasse pela aparência externa, só veria o rapaz de caráter alegre e até traveso, uma espécie de “palhaço” sempre pronto a fazer todo mundo rir; e que por seu bom humor e disposição para contar piadas lhe chamavam de “ator” e isto fazia com que passassem, na maioria das vezes, despercebidos muitos traços que dentro de si carregavam um espírito de verdadeira virtude”⁴⁹.

“Provou entre a doçura da amizade, daquele vinho e daqueles biscoitos, e como vencido por outro peso maior iniciou em seguida o caminho rumo ao templo”. Convidaram-lhe a ficar um momento de prosa na sala de visita, porém com sua cara de riso habitual contestou dizendo que uma promessa o chamava de

48. Florentino del Valle, op. cit., p. 25.

49. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 82-83.

novo no altar, e se despediu dos amigos. E diante do altar orou a noite inteira.

Vendo-o nesta postura tão própria diante do sacrário, os amigos se perguntavam, como é normal que se pergunte, tendo em conta sua fraca formação ascética qual seria o assunto de sua meditação prolongada e quais os sentimentos de seu coração. Creio que a resposta a encontramos numa poesia que vi entre seus papéis mais manuseados e que, sem dúvida, a fazia objeto frequente de sua meditação:

*Por que empenhar-se em saber
Quando é tão fácil amar?
Deus não te manda entender,
Não pretende que seu mar
Sem praias possa caber
Em teu mínimo pensar.
Deus só te pede amor.
Dá-lhe todo o teu e mais,
Sempre mais, com mais ardor,
Com mais ímpeto... verás
Como amando-O melhor,
Melhor O compreenderás!⁵⁰.*

Ismael cria profundamente, e amava e falava com humildade, sim, porém confiadamente, com Deus como com um Pai. Orava em silêncio e se mortificava às escondidas, embora soubesse também fazer mortificações à plena luz, porém com santa dissimulação. Sabia às refeições renunciar a sobremesa, sobretudo se era um pouco mais delicada que de ordinário, ou ao bocado melhor temperado com qualquer pretexto e qualquer saída graciosa que desarmava os seus, os quais facilmente o teriam tomado porque não compreendiam ainda a linguagem refratária de sua ascética: ou a merenda ou o pão do desjejum a favor dos mendigos.

50. Amado Nervo.

Ismael lançou-se decididamente a ser bom, mas, às vezes, detém o passo, não arrependido, senão temeroso de errar o caminho, e como lhe falta a direção do conselheiro, transferido para outra freguesia, acorre implorante aos amigos; porém estes assustados diante de um compromisso de tal envergadura, respondem simplesmente: Isso sobrepassa nossas normas de prudência e coloca você num terreno muito delicado; consulta o seu confessor.

Desta situação nasce nele esta frase que é um grito simpático de sinceridade, porém ao mesmo tempo despreendedor da alma, em desafio diante das monjas do Asilo:

–“Quero ser bom, mas não sei como; quero ser muito bom, mas não sei como tenho que sê-lo!”

Deus veio em sua ajuda. Estava para ser realizado um retiro espiritual, na Ciudad Real, em abril de 1935; foi convidado a participar dele junto com Montañes. Ponderaram-lhe sobre a eficácia do mesmo, fazendo-lhe ver que era a grande escola da virtude e, desde então, falava e sonhava com o dia da partida. A primeira dificuldade séria que apresentou foi a vulgar questão monetária; na loja ganhava somente três pesetas diárias, que eram destinadas para o sustento da numerosa família. Nem em casa, nem no serviço podia esperar compreensão sobre a importância do retiro como para custear as despesas para tal. Confidencialmente expunha aos amigos estas dificuldades, porém sem desanimar de encontrar uma solução. Afinal, privando-se de todos os gostos e ajudado pela Ação Católica, conseguiu ajuntar a quantidade de que necessitava: cerca de setenta pesetas: isso para a viagem, as diárias, etc. e partiu rumo ao seminário de Ciudad Real onde aconteceria o retiro sob a direção do padre jesuíta José Sánchez Oliva”^{51, 52}.

51. Nota do Autor: José Sánchez Oliva, S.J., sacerdote, foi detido, no início da guerra e, com inteireza de ânimo e um imenso júbilo, contestou aos que lhe ofereciam a fuga: “Como vou fugir do martírio, se estive pedindo isso a Deus toda minha vida?” Naquela mesma noite, uma caminhonete partiu do cárcere a caminho de Carrión de Calatrava, a 12 km de Ciudad Real, com 18 prisioneiros,

“José Ballesteros, futuro sacerdote, cursava, então, o segundo ano de filosofia; ele conserva tão gratas recordações de Ismael, o qual encontrou no ano de 1938, no Hospital-Clínico de Zaragoza. Ouçamos o que disse este sacerdote e a impressão que Ismael lhe causou:

“Próximo da semana santa de 1935, conheci Ismael, por ocasião do retiro espiritual a que nos referimos. Com ele havia outros jovens de Tomelloso⁵³. Era vivaz e inquieto, alegre e festivo o tempo todo. Não se tratava de uma alegria que envolve e destrói; era uma alegria espontânea e natural, nascida de um coração que se sente feliz e se esparrama por todo seu ser. Eu me afeiçoei a ele, sem dúvida por parecer-nos no temperamento... No entanto, ao mesmo tempo em que lhe queria bem, admirava-me de vê-lo na capela nas horas livres com um recolhimento especial, ajoelhado diante do sacrário; e sentia-me mais admirado porque, afinal de contas, não era mais do que um jovem da Ação Católica”.

O então seminarista, Sr. Rogelio Redondo, recorda: “Mais do que um retiro que traz consigo tanta penitência, para Ismael se apresentavam aqueles dias como os mais felizes de sua vida. Não conseguia esconder a alegria de sentir-se dentro do seminário, durante aqueles dias nos quais só ia pensar na sua salvação eterna. Admirava-me das frequentes e longas visitas que fazia ao Santíssimo. Quando se despediu me disse:

*– **Que inveja tenho de você, pois os seminaristas sabem mui-***

entre eles ia o padre Sánchez Oliva, o qual se dirigindo ao Irmão Sánchez, também da Companhia de Jesus, lhe disse: “Vamos, que Cristo nos chama”.

O padre Sánchez Oliva recebeu, ajoelhado, os disparos dos fuzis dos assassinos e um deles não conseguiu apagar de sua memória a serenidade e a alegria do mártir. Numa bomba hidráulica do cemitério, chamada “Poço de Carrión”, foram lançados os cadáveres.

Depois de três anos foram exumados os cadáveres, e o cadáver do padre Sánchez Oliva tinha entre seus dentes uma medalha da Virgem do Carmo e um pequeno crucifixo ligado a uma correntinha que pendia do pescoço.

52. Florentino Del Valle, op. cit., pp. 25-28.

53. Miguel Montañes, Pedro Cuesta e Rogelio Redondo.

to melhor que nós o que é preciso fazer para ser bons... e você o pode ser tão facilmente aqui!”

Fez o retiro com muito proveito e ficou surpreso agradavelmente quando o santo padre Oliva se ajoelhou a seus pés e transbordando humildade os beijou. Na quarta-feira santa, pela manhã, terminou o retiro e pela tarde, com seu querido amigo Montañes retornou para Tomelloso.

Ao despedir-se me disse:

Que pena que tenha terminado o retiro!” E rindo como sempre, com a alma nos lábios, ao estender-me a mão, continuou:

Ei, padrezinho, vejamos se me escreves! Óh! Porque talvez eu entre logo para o seminário, sabes?” E se foi. O seminário parece que lhe agradou muito e talvez despertou em seu coração o amor para abraçar a vocação sacerdotal porque, certa vez, entre brincalhão e humilde, me disse:

“Você quer levar-me consigo para o seminário, onde está tão bem, mesmo que seja para servir de porteiro? Porque essa coisa de livros é para mim muito difícil, pois acredito que seja muito bobo para os livros”.

Vemos assim que todas suas aspirações eram as mesmas: “consagrar-se a Deus, disse um amigo, coisa que nele foi o mais difícil de ocultar”. Não era uma “vocação” de caprichoso, porém era autêntica. Ele buscava ser totalmente de Deus e não o importava o lugar”⁵⁴.

“O retiro espiritual proporcionou um perfil mais acurado de inteireza a seu caráter, sem perder o encanto de sua santa alegria. Gravou na alma com profundidade de cinzel em perenidade de granito, princípios definitivos, norma segura de conduta ainda nos momentos difíceis. Retornou mais forte na vontade, decidido, no falar mais firme, o passo mais decidido, até a prestar, com constância, uma ajuda sistemática ao espírito na guerra contra seus inimigos, e mais alegre, porque o sorriso nos lábios

54. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 86-87.

fazia eco ao sorriso da alma. Sentia-se escultor de uma obra magistral, artista de sua alma.

Foi orientando a vida ao seu redor sem tanta preocupação, sabendo que estava acertando. Intensificou, pode-se dizer, sua vida de serviço pela alegria, no Asilo, em casa, com os amigos, e entre os mais jovens da Ação Católica, aos quais entendia como ninguém, porque entre explicação e explicação, entre conselho e máxima, acrescentava uma historinha, uma piada, umas brincadeiras saudáveis, que encadeava e temperava as reuniões.

Com alegria ia adornando sua alma pelo domínio constante e com novos golpes de mortificação, pois sabia que sem sacrifício não há grande êxito na terra. A dor rompe os blocos, porém cria as estátuas. Pobre sairia a estátua se o artista se compadecesse e “tratasse bem” o mármore!

Era experto em contar uma piada que brotava saltitante nos lábios, ou em deixar que os amigos falassem demoradamente, sem meter o bedelho enquanto a conversação ia animada. Havia pedido a um de seus amigos, que nestes momentos de expansão, lhe fosse pondo provas em pequenas doses, para que fosse acostumando a vencer-se a si mesmo prontamente em cada instante; por exemplo, no melhor da conversação, quando os olhos de Ismael brilhassem e se adivinhava sua intervenção graciosa e frequente, seu nome saía dos lábios do amigo e Ismael calava, fechando os lábios e escutava, arrancando um sorriso do rosto do anjo da guarda.

Certamente os que não sabiam do exercício secreto de Ismael que estranharam alguma vez, não compreendendo sua atitude, mas aquilo, na verdade, era sua forma de dominar a vontade e, portanto, um exercício de ascese, preparação para responder aos apelos do Senhor. E no amigo perceberam o estraga-prazeres caprichoso ou o censor impertinente. As grandes batalhas são preparadas com breves escaramuças. Os grandes triunfos requerem preparação lenta; o martírio vem confirmar muitas vezes e chancelar as coisas pequenas; dar publicidade aos pequenos martírios de

cada dia, a fazer realidade sublime um dia, o que durante muitos foi treinamento, jogo quase para ser santo ou ser mártir.

Saber padecer é a arte mais difícil e importante da vida; requer método; do pequeno ao grande, do fácil ao difícil, do vulgar ao raro. Os padecimentos pequenos devem ser escada para os grandes. Há que saber ser cristãos diante das pequenas coisas quotidianas, driblando o mau humor e os aborrecimentos, de modo a fazê-los eficazmente dar frutos bons. Necessitamos grande provisão de energias morais, e a maneira certa de alimentar esse depósito é aproveitar as fraquezas comuns das leves contradições de cada dia.

A morte dos que terminam heroicamente, num momento de total entrega, ou por enfermidade levada a cabo santamente, é algo preparado, não é improvisação; é resultado de longos ensaios. No altar da vida ordinária foi imolando o que hoje aparece com o aparato dos gestos heroicos; prazer da carne pela castidade, elogio da soberba pela humildade, renúncia da comodidade pelo zelo, desaforo pela queixa diante das dores... e tudo isso foi sendo preparado, num treinamento constante, a fim de se tornar tão generosa e totalmente “hóstia” naquele momento que vinha sendo preparado “desde longe”⁵⁵.

“O amor que Ismael devotava à Santíssima Virgem evidencia-se de modo especial na recitação do santo rosário e nas conversações sobre Ela com os íntimos. O consolo e recurso para todas suas necessidades foi o rosário que até chegou a rezá-lo contando as ave-marias nos dedos porque havia perdido o que usava; e rezava-o muitas vezes no mesmo dia.

Sentia um imenso desgosto quando alguém ofendia a Deus, na sua presença. Sempre sacrificado e obediente, “durante a guerra—disse um conhecido—Ismael assumia os últimos lugares nas filas e dessa maneira era quem, geralmente se privava do sono da noite e sofria as inclemências do tempo”.

Quantas vezes chegava à casa e dizia:

55. Florentino Del Valle, op. cit., pp. 28-30.

– Venho porque não posso sofrer com as blasfêmias que dizem os evadidos; que má língua teem.

Outras vezes se punha a rezar o rosário nos finais de filas, pois dizia:

– Ao mesmo tempo em que não me aborreço, é o melhor modo de aproveitar o tempo.

Sofria muito também quando ficava sabendo que algum sacerdote havia dado escândalo. Valia-se de todos os meios imagináveis para evitar as ofensas a Deus. Não somente se afastou de todas as diversões (e isso custava-lhe o sacrifício de vender-se a si mesmo, pois tinha um caráter jovial e alegre), mas também procurava afastar dos perigos a todos aqueles sobre os quais exerceu alguma influência e com toda a fantasia e meios de que dispunha, fazia para distraí-los.

Houve um carnaval em que se reuniu com vários jovens de sua idade. Vestiu-se de bruxa e com uma vassoura andou de cá pra lá e de lá pra cá divertindo-os e evitando-lhes a assistência ao baile”⁵⁶.

“Ismael adiantava cada dia mais na perfeição e nas virtudes, deixando admirados seus companheiros e a todos os que o observavam.

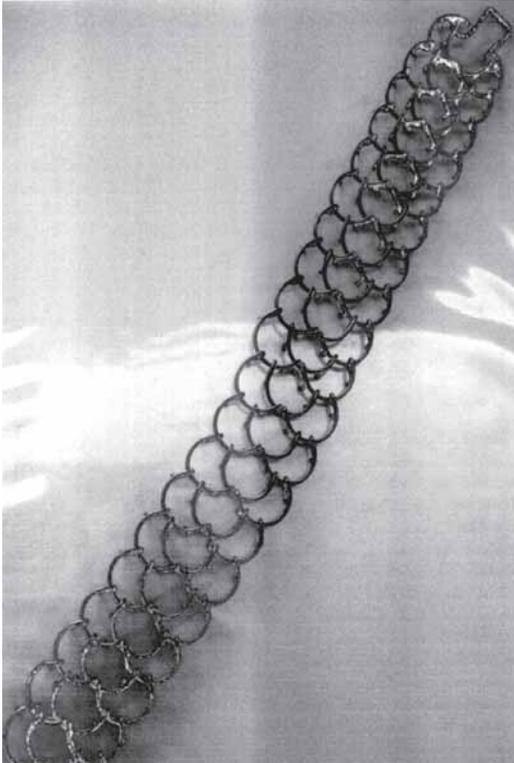
Rapidamente repassemos os simples fatos apostólicos de Ismael. No Asilo de Tomelloso foi o campo de ação mais frequentado, porque ao puxar pelos corações dos anciãos e desamparados suas obras de caridade, semeava também em suas almas a Cristo Redentor; porém estas cenas de apostolado como já vimos, quase todas suas obras de propaganda feitas em vigílias de oração e atos públicos que foram celebrados em Tomelloso.

O principal trabalho apostólico o realizou com sua vida. No entanto, não faltam nele expedições e correrias buscando almas para o Senhor. A serviço d’Ele procurou sempre trabalhar sem descanso e com o olhar na vitória final com seu grande coração

56. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 83-84.

cheio de santo otimismo. “Ele amava a Deus e sua alma enamorada não resistia ver frias e insensíveis as criaturas que tanto lhe devem”⁵⁷.

No dia 21 de junho, festa de São Luis Gonzaga, padroeiro da juventude, os jovens da Ação Católica celebraram uma grande festa em Tomelloso, depois de participarem da missa, fizeram pequena procissão interna pelas naves do templo com a imagem do patrono, entoando o hino da juventude da Ação Católica e celebraram uma vigília no colégio da Milagrosa. Ismael recitou poesias, tocou a guitarra, e fez rir e se divertir com suas brincadeiras às religiosas, aos jovens e suas famílias, como era habitual fazer.



Cilicio de Ismael.

57. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 88-89.

V GUERRA CIVIL

Em 18 de julho de 1936, instala-se a guerra civil mais cruel e sangrenta que houve na história da Espanha, e que vinha sendo gestada há muito tempo atrás.

Tomelloso era uma cidade isolada das vias de comunicação e seu povo simples e suas terras bem repartidas não eram propícias para revoluções porque todos viviam muito atarefados na labuta diária e seguiam de longe as ruidosas transformações da política nacional e europeia.

Narram-nos os cronistas que não foi esta uma das cidades nas que se cometeram mais atrocidades em relação com o sucedido em outros lugares da comarca e da província.

“A revolução encontrou Ismael em Tomelloso. Conta, excepcionalmente, no entanto, entre seus crimes o assassinato de seu pároco⁵⁸ e a responsabilidade da morte de dois coadjutores de

58. Além de Pe. Vicente Borrell Dolz, que está registrado na nota nº 20 da pág. 43, havia dois coadjutores em Tomelloso, que foram assassinados em Ciudad Real: Pe. José Maria Mayor Macías, nascido em Navalpino a 13 de agosto de 1897. Foi nomeado coadjutor de Tomelloso, na quarta-feira santa de 1935. Detido em Tomelloso e posto em liberdade, sentiu-se seguro e não quis esconder-se. A 5 de setembro foi preso novamente, em Tomelloso e levado ao cárcere, onde permaneceu três dias e um só dia na Checa do seminário de Ciudad Real, de onde foi retirado e levado à aldeia de Las Casas, na noite de 8 de setembro de 1936 e, junto dos padres jesuítas Manuel González (ver nota 69, p. 93) e Domingo Ibarlucea Oregui e alguns seculares, foram assassinados. Puseram-nos empilhados e enterrados dentro de uma valeta, no cemitério da referida aldeia, onde foram sepultados no dia seguinte. Pe. Amador Navarro Lorente nasceu

sua paróquia, sem contar com a sacrílega devastação de suas igrejas, nos primeiros dias da revolução”⁵⁹.

“Ismael assistia com Montañes e Pedro à Santa Missa que era celebrada ocultamente, no Asilo. Um dia eles foram surpreendidos pelos milicianos. Conduzidos aos calabouços do conselho municipal, passaram ali meio dia, sendo postos depois em liberdade, não sem que a um deles lhe fosse exigido uma multa elevadíssima. Então começou a reclusão de Ismael em sua própria casa”⁶⁰.

“No dia de Sant’Ana – 26 de julho–uns quantos incendiários estranhos à cidade, ajudados por algum elemento da própria comunidade que envenenado e descontente , retiraram da igreja paroquial as imagens e lançaram na praça Maior; depois fizeram uma grande fogueira e queimaram-nas junto com outros objetos de arte e devoção”⁶¹.

“Ismael teve que escapar de seu isolamento e, às ocultas, ver aquelas cenas, chegando, não obstante, a colher um pedaço de fita da bandeira pontifícia, que a Ação Católica tinha como recordação da peregrinação a Roma, no Ano Santo”⁶².

“A Ismael lhe esquentou o sangue ao sopro daquelas chamas sinistras, e se remexeu inquieto em sua casa; porém os seus eram os mais interessados em que não aparecesse em público, que sabiam muito bem o que significava aquilo em termos religiosos. Temeram por sua vida; e com motivo. Um dia o levaram preso,

em Carrizosa (Ciudad Real) a 11 de julho de 1905. Foi detido em 18 de agosto de 1936, em Tomelloso, onde exercia o ministério como coadjutor, e transferido a Ciudad Real em 3 de setembro com seu companheiro de ministério Pe. José Maria Mayor Macías. Morreu assassinado, em 24 de outubro pela manhã, ignorando-se o lugar onde jazem seus restos mortais, se bem que se acredita que tenha sido lançado no fatídico Poço de Carrión de Calatrava.

59. O sacerdote nascido em Tomelloso, Pe. Aníbal Carranza Ortiz, sendo pároco de La Solana, foi ali assassinado no início da guerra civil.

60. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 99-100.

61. Florentino del Valle, op. cit., p. 34.

62. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 100.

mas por rogos e conhecimentos de seu pai o puseram novamente em liberdade e tornou a fechar-se em sua casa”⁶³.

Conta Luis Molinero que se apresentaram os milicianos na ferraria de seu pai pedindo uma ferramenta para forçar a porta da ermida de São Francisco, com intenção de queimar as imagens, e quando ouviu isso Ismael saiu de seu esconderijo e disse a seu pai que não desse a ferramenta porque queriam queimar as imagens, como haviam feito com as da paróquia.

Aquela atitude decidida e corajosa provocou um bate-boca que fez com que os milicianos se retirassem, não sem antes adverti-lo que sabiam quem era ele, e que bem antes que se imaginava ia pagar por aquela sua atitude.

Esta cena presenciou Luis assustado, escondido debaixo da mesa que havia na ferraria.



Pe. Barnabé Huertas Molina (sentado) com Pe. Amador Navarro Lorente, Pe. José María Mayor Macías eo pároco, Pe. Vicente Borrell Dolz. Os quatro mártires foram assassinados em 1936.

63. Florentino del Valle, op. cit., p. 34.

Quando os milicianos se afastaram o pai de Ismael estava muito nervoso, porque sabia que não ameaçavam em vão, e decidiu levar Ismael para fora de Tomelloso, com um tio seu que era caçador e conhecia um casarão seguro, próximo das Lagunas de Ruidera.

O casarão hoje está abandonado, porém se manteve de pé graças às obras de restauração que fizeram em sua fachada. O lugar está tão escondido que nem Luis Molinero sabia chegar lá, mas o descobrimos depois de algumas averiguações, e Luis sentiu uma grande emoção ao reconhecê-lo. Como se de repente tivesse recuperado a memória, disse que havia passado ali duas semanas com Ismael que esteve quase um mês e meio, até os primeiros dias de setembro de 1936.

Quando Ismael regressou a Tomelloso, em setembro, as notícias que recebeu eram ainda menos tranquilizadoras porque a guerra civil havia acirrado e por prudência não saía à rua.

“A Tomelloso chegam notícias truculentas e consoladoras ao mesmo tempo; os martírios de tantos, crentes, religiosos e sacerdotes, com desumanidade por parte dos verdugos, porém com inteireza invencível por parte dos mártires”.

Súbito, na intimidade dos lares, e com cautela entre grupos de confiança nas ruas, comenta-se a morte daquele que foi conselheiro da Juventude de Ação Católica de Tomelloso, Pe. Barnabé Huertas, e agora pároco em Socuéllamos. Os olhares dos que relatam a morte e dos que a escutam impressionados se dirigem instintivamente aos jovens que ele formou e que estavam tão unidos a ele na lembrança.

Quando Pe. Barnabé chegou transferido como pároco a Socuéllamos o encontrou num abandono religioso impressionante, porém a cidade foi lentamente correspondendo a seus apelos. A igreja, aos poucos foi sendo povoada nas missas cotidianas pela manhã, e já não era mais raro ver aproximar-se frequentemente da mesa da comunhão mulheres e homens”⁶⁴.

64. Florentino del Valle, op. cit., p. 32.

ISMAEL DE TOMELLOSO - 'IN SILENTIO...'



Fazenda perto Ruidera onde seus pais enviaram Ismael um mês e meio no verão de 1936.



Luis Molinero, irmão de Ismael, em uma recente visita ao interior da fazenda.

“A cidade inteira o queria bem; mas o ódio também se encarniçou contra ele. Pressentindo o martírio naqueles dias de inferno “preparou os seus pais e irmã para o supremo transe – escreve-me um conhecido seu-. Ponderou-lhes o quanto era formosa a morte pelo martírio e que, se nos altos desígnios de Deus, estava decretado que ele o sofresse, com júbilo imenso e gozo interior se entregaria totalmente; que eles deveriam acatar em tudo a Vontade de Deus e abraçar a Cruz que Ele permitia, assegurando-lhes que jamais seria tão pesada, que não pudessem carregá-la”. No dia 30 de agosto, depois de celebrar a missa num quarto- oratório de sua casa e tendo partido o Pão aos seus, não sem falar-lhes novamente do martírio, foi detido por uma corja de milicianos. Esta cena foi bem descrita pelo conhecido que falava antes: “Terminou a missa, na qual recordou a seus rapazes (assim chamava na intimidade aos jovens da Ação Católica de Tomelloso) especialmente a Montañes e a Pedro. Três horas depois se apresentaram os milicianos. Sua mãe abriu-lhes a porta e ao perguntarem por ele, manifestou que estava dentro de casa. Nesse momento Pe. Barnabé orava. Apresentou-se diante deles, os saudou com sua costumeira afabilidade; foi-lhe, então, indicado que devia apresentar-se no Conselho municipal, para fazer uma pequena declaração. Chamou seus pais e a irmã para despedir-se (sabia que não voltaria mais) e diante dos milicianos deu-lhes os últimos conselhos indicando-lhes, mais uma vez, que aceitassem sem reservas nenhuma a Vontade de Deus e que única e exclusivamente confiassem no Coração de Jesus. Abraçou-os e no limiar da porta levantou os olhos ao Céu, e levando consigo seu crucifixo e o rosário embarcou no automóvel dos milicianos.

No cárcere de Socuéllamos esteve até a madrugada do dia 6 de setembro. Durante sua permanência aí prodigalizou seus consolos a todos os detidos; no dia 3 os confessou e neste dia que tornou a ver sua mãe, recomendou-lhe os conselhos de antes”.

Chegado ao local da morte, falou aos milicianos e como gos-



Cruz erguida no lugar onde assassinaram Pe. Barnabé Huertas.



O pai ea irmã de Pe. Barnabé Huertas pela cruz.

taria de proceder, de modo que o deixaram só e não quiseram matá-lo; mas houve um que os acusou de covardes, fazendo com que voltassem atrás. Assim os esperava Pe. Barnabé sereno e rezando. Na manhã do dia 6 de setembro, na estrada do Bonillo, lugar denominado “Cuesta de la Herradura”, o assassinaram.

E contam, disse o Pe. Florentino del Valle, que a terra permaneceu embebida deste sangue e nem a chuva conseguiu limpá-la durante muito tempo, chamando a atenção até dos assassinos, quando passavam por aí. O fato foi comentado em Socuéllamos e Tomelloso, lugares de onde mais que um foi ver e recolher daquela terra, como relíquia”⁶⁵.

Depois do assassinato de Pe. Barnabé, Ismael continuou “recluso em sua casa, porque o mantinham fechado por precaução, uma vez que havia se distinguido em todos os atos da Ação Católica e do apostolado cristão, e sofreu o indizível; até seu esconderijo chegaram mais notícias horríveis de martírios e “checas”, partindo-lhe o coração de pena, porque ansiava com ardor o martírio, ânsia que, mais tarde, sentiria com mais intensidade ainda, no front. Ele mesmo chegou a dizer:

“Eu pedia ao Senhor que me desse fortaleza para beber o cálice do martírio, porém... o fruto não estava maduro para entrar tão logo no Céu; não cingi a coroa, nem empunhei a palma de glória e isto foi para mim mais duro que o próprio martírio”. Também confessou que fez ao Senhor entrega generosa de sua vida”⁶⁶.

“Ismael conheceu a fundo, na Ação Católica, um jovem, José Antônio Martínez. A correspondência que hoje em dia se conserva são umas cartas trocadas com este amigo. Nelas trocavam informações e se animavam mutuamente e dessa maneira se desafogavam um pouco. Nas cartas de Ismael se transfunde seu espírito de fogo, o esforço que lhe custava permanecer escondi-

65. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 96-99.

66. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 100.

do em casa, suas ânsias de martírio e sua conformidade com a vontade de Deus. Vejamos algumas:

***“Querido amigo J. A. Martínez: escrevo-te para pedir que me mandes o endereço do Pe. Manuel,⁶⁷ pois me disse que as havia deixado contigo... Escreve-me em seguida e me manda isso e me conta como estás; eu bem, graças a Deus..., sofrendo desde já, porém, o que vamos fazer, se esta é a vontade de Deus... Bendito seja Deus!... Até aqui há que dar-lhe muitas graças por ter velado por nós; porém se algo nos manda, há que fazê-lo, pois tudo o que façamos por Ele é pouco; assim que tenha ânimo e resistamos a qualquer coisa. Que dita maior seria se algo sofrêssemos por Ele, a quem tanto devemos e tão mal pagamos!*”**

Rasga esta carta ou guarda-a com cuidado. Quando me escrever, ponha a carta dentro de um envelope e fecha-a; não aponha o remetente. Lembra-te de mim em tuas orações. Peça muito.

Sem mais para o momento, reitero-me de ti amigo que não te esquece nas orações.– ISMAEL. Recordações”.

O principal pensamento da carta é sofrer por Deus. A ideia do sacrifício a levava aferrada sempre na sua mente. Como devia já estar meditando em se tornar “hóstia”! Que planos traçaria para ser algum dia vítima e holocausto sobre o altar do martírio, da dor, do sofrimento! Iluminado com estas luzes e marcado com tão veemente desejo, exclama:

“Que dita maior seria, se sofrêssemos algo por Ele, a quem tanto devemos e tão mal pagamos!”

Noutra carta, contesta ao amigo Martínez cheio de alegria por ter tido notícias dele, e lhe manda um recorte do jornal “Heraldo” que devia dizer alguma fanfarronada, porque se compece dos que escreviam ou pensavam daquela maneira:

“Querido amigo: não podes imaginar a alegria que me deu

67. Segundo Pedro Cuesta, Ismael quis ser dirigido espiritualmente por esse padre, em seus últimos tempos de guerra. Alberto Martín de Bernardo, op. cit., p. 88.

a tua carta, pois eu já acreditava que te houvesse esquecido de que me tinhas que contestar. Sobre o monólogo te agradeço⁶⁸, pois gostei muito e me tens que dizer de onde retiraste isso.

Sobre o Pe. Manuel⁶⁹, estou muito preocupado porque não nos escreveu e te pedia o endereço para escrever-lhe um cartão postal. Aí te mando algo do “Heraldo”; lê isso e verás. Eles são uns pobres coitados!

Não te esqueças de mim e peça muito por mim. Lembranças; não crê que são dos outros, porque comigo ocorre o mesmo que para ti, que não vejo ninguém faz um século. – ISMAEL”.

68. Nota de A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 103: “Intitula-se esta ‘España arrependida a los pies de Maria Inmaculada’. Na verdade é muito bonito, para que não se entusiasmasse Ismael”.

69. “Em duas das cartas alude a um mártir de Ciudad Real que teve parte importantíssima no seu propósito e esforço de santidade: o padre Manuel González. Numa dessas cartas pede o endereço postal para escrever ao padre; e noutra sente preocupação por não haver recebido resposta e determina-se escrever novamente”. Ismael, porém, não chegou a fazê-lo.

No entanto, “por imprudência de uma carta havia perdido 6 falando torpemente, a nosso modo humano 6 o padre González. A carta o delatou; através dela, os que o procuravam, deram com seu paradeiro em Daimiel e o prenderam e acreditaram ter logrado um êxito por manietar o “apóstolo da classe operária” de Ciudad Real, como o apelidavam todos que o conheciam, que eram muitos na capital e nas grandes cidades da província, por suas conferências e seus retiros espirituais. Em Tomelloso, Ismael e seus bons amigos o conheceram, por ocasião de um retiro e a recordação do homem sério e alegre ao mesmo tempo, modesto e conquistador, ficou gravada para sempre na memória. Ele era odiado...: e tinham sede de pegá-lo porque com seu exemplo destruía toda a argumentação contra a opressão tirânica da Igreja. Ao ser preso e conduzido ao cárcere, confessou que era jesuíta e sacerdote.

No cárcere continuou sendo o consolador e animador dos tristes: “é necessário trabalhar para Deus e sofrer com ânimo aquilo que vier!”

Teve uma defesa magnífica diante do tribunal.

Eu inimigo do povo, e sabeis vós que me mortifiquei pelos pobres; que não poupei sacrifício algum para fazer-lhes algum bem? Arranjai outras razões para condenar-me, porém não estas que todos sabeis que são falsas”.

O auditório se comoveu e reagiu a seu favor. Os dirigentes passaram à calúnia; falaram de partidos políticos e de armas escondidas, e ditaram a

Retiro de outras cartas algumas frases que demonstram sua prudência: “Sobre isso de juntar-nos o vejo muito mal, porque eu creio que aquilo que nos aconteça há de ser porque Deus Nosso Senhor no-lo manda– e sendo assim, bem-vindo seja tudo o que Ele disponha– , porém não creio que devamos nós buscar o inimigo”. E numa franca expressão de amizade:

“Não te fies nem de tua camisa... nem de tua camiseta; lembranças a todos”.

Ocorreu a Martínez uma bonita ideia de meditar em comum; quando se reuniram, Ismael discordou de alguma coisa, expõe colocar por escrito em papeizinhos os pontos de meditação e assim fazer todos as mesmas. Um menino embaralhava os papeizinhos e para despistar, costumavam enrolá-los na forma de cigarros e os mandavam dizendo ao rapazinho: “Toma, leva-os a Ismael estes cigarrinhos para que os fume”.

Há frases nas cartas de Ismael que no mostram como era suscetível:

“Eu creio que vou estourar por ter que ficar sem falar com ninguém. Ah! Que martírio tão grande por ter que censurar aquilo que gosto de “licenciar”⁷⁰.

Em outras confessa seus sacrifícios:

“Eu também tenho vontade de ver a todos; porém me mortifico não indo a lugar nenhum, sem ver a ninguém. Pedro faz um sécu-

sentença de morte. Terminou o julgamento com umas palavras do padre que pesaram ainda sobre a consciência de muitos daqueles juízes:

“Vede bem o crime que ides fazer! Não digo isto para livrar-me. Meu maior desejo é morrer mártir de Cristo; porém, não cometei este pecado! Embora no meio de tudo isso me alegre que meus operários, pelos que tanto trabalhei me abram as portas do céu. Viva Cristo Rei!

“Na véspera de 8 de setembro, Natividade da Virgem Maria, entreviu o padre seu possível nascimento para o céu: Que dia tão formoso amanhã, dia da Virgem, para morrer mártir!” Assim aconteceu. Na madrugada do dia 8, quase noite ainda, uns disparos rasgavam os corpos de nove mártires da fé, entre eles o do padre González”. Florentino del Valle, op. cit., pp.36-38.

70. Expressão usada em Tomelloso para dizer que gosta de falar muito.

lo que não o vejo e isto para dizer-lhe “adeus”, na rua; Miguel desde que estivemos juntos na chirona⁷¹; J. A. faz quase um século... assim que acabo estourando mesmo. Tuas cartas me dão uma alegria enorme, porém demoras muito em responder-me⁷².

“Num daqueles encontros mostrou uns pedaços de fitas pontifícias que havia na bandeira da Ação Católica e os repar-tiu, chorando de emoção. Seus amigos o conservam ainda como lembrança.

Isto foi referido por seu amigo Pedro, nas vezes que o viu durante a guerra e que se reuniram em sua casa: “Muitos domingos nos reuníamos em casa, onde passávamos toda a tarde conversando sobre as várias coisas resumidas (Sagrado Coração de Jesus, Santíssima Virgem, São Luis, desejos de sofrer, etc.), sendo incansável nos desejos de conhecer e aprofundar nas práticas de piedade, as quais deve ter praticado com muita frequência e extensas”⁷³.

“Certa vez na rua e com certas aparências de tranquilidade cogitaram em recolher algum objeto que tivesse sido usado pelo conselheiro da Ação Católica, a fim de retê-lo consigo como recordação e relíquia e desse modo sentirem coragem até a última prova. Ismael traçou seu plano um tanto ousado; um dia, com o pretexto de uma excursão, montado em sua bicicleta chegou a Socuéllamos, falou com os familiares de Pe. Barnabé, expondo-lhes seu desejo e retornou a Tomelloso com um bom pacote atado ao porta-bagagem da bicicleta. Outro dia voltou, mas desta feita montado numa motocicleta emprestada; nunca havia andado de moto, porém umas rápidas lições foram suficientes, pois a recordação do mártir bastaram para aprender a guiá-la decididamente, realizando uma viagem feliz e rápida.

Na terceira vez, vendo que eram muitos os que desejavam

71. Cárcere ou prisão.

72. A. Martín de Bernardo., op. cit., pp. 101-104. E Florentino del Valle, op. cit, p. 36.

73. A. Martín de Bernardo, op., cit., pp. 104-105.

obter alguma lembrança do sacerdote mártir, foi até Socuéllamos de carro e com ele trouxe a mesa do escritório de Pe. Barnabé e livros de sua biblioteca e enorme quantidade de objetos de seu uso... Ao chegar Ismael com a preciosa carga, todos se lançaram sobre ela com avidez, enquanto ele desfrutava contemplando a disputa pela melhor parte, com seu sorriso habitual no semblante, como sempre que conseguia propiciar uma gota de felicidade aos demais. E com isso se deu por satisfeito e bem pago; e mais satisfeito ficara por ter levado para si as obras completas de Gabriel e Galán, fonte exaustiva para seus hobbies literários.

A noite de natal de 1936 passaram juntos Pedro Cuesta, José Antônio Martínez e Ismael. Improvisaram um presépio com alguns poucos recursos, graças a habilidade de Ismael. Prepararam uma ceia para a qual Ismael se encarregou de fazer uma marmelada que ficou muito boa. Depois leram devotamente a santa missa. Cantaram cantigas natalinas até esgotar o repertório; meditaram e falaram daquele Menino feito homem por amor dos homens e tão desconhecido e perseguido pelos homens, que até matavam a seus fieis seguidores”⁷⁴.

“A tarde de natal, escreve Pedro, passamos juntos; fizemos uma meditação e posteriormente nossa conversação versou, pelo resto da tarde, sobre o quanto deveríamos dar graças a Deus por ter-nos permitido reunirmos todos para celebrar este dia em circunstâncias tão perigosas”⁷⁵.

O ano de 1937 foi mais tranquilo nas cidades da Mancha porque já havia terminado o terror da perseguição e dos martírios e começou uma vida oculta e amedrontada, plena de fome e de necessidades.

Porém os anseios de martírio não haviam se consumado ainda, segundo a própria confissão de Ismael que **“invejava aos que caíam”**. Uma inveja de mártir, mais forte que a luta no front de batalha, porque Ismael não gostava da guerra.

74. Florentino del Valle, op. cit., pp.38-39.

75. A. Martín de Bernardo, op.cit., p. 106.

Sabemos muito pouco dos primeiros meses de 1937: a igreja paroquial e a ermida de São Francisco tinham sido fechadas, as imagens queimadas, as Irmãzinhas do hospital-asilo e as Filhas da Caridade tiveram que esconder-se ou fugir. Ismael continuava reunindo-se com seus amigos, procurando seguir um plano de oração e de meditação, com os textos que possuía escondidos no porão de sua casa e rezando o rosário no parque.

“Ismael teve um tempo maravilhoso para as coisas do espírito, pois dispôs de muitas horas para dedicar-se à oração e leitura espiritual: impressionado pelos martírios crudelíssimos padecidos com fortaleza, seu coração saltava de gozo, e simultaneamente sentia inveja santa pelos que recebiam tal coroa e com a insistência e firmeza pedia a seu Deus tão soberana graça.

Entregue sempre nas mãos de sua santa vontade, aceitava a negativa e lhe oferecia humildemente o sofrer que isso lhe causava, como se fosse o próprio martírio. Naqueles dias tão negros viu com claridade celestial que sua vida neste mundo já seria um enorme sofrimento. Adivinhou o caminho da santidade e para dar realce a sua dor pensou sofrê-la em silêncio. Como temperou sua alma com tantos bons exemplos, tanta oração, tão saudáveis leituras como fez nesse tempo em que ele continuava ainda em Tomelloso!

Ismael o presente e se prepara para isso com muita oração, lendo vidas de santos e retocando sua alma com novas virtudes e mortificações. Este pensamento o leva a sair fora de si. “Notava-se, disse um conhecido, que pressentia seu sacrifício e que ele andava fora de si; por isso queria sair quanto antes de Tomelloso””⁷⁶.

76. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 107-108.

VI RUMO AO FRONT

A guerra civil se prolongava, o exército republicano necessitava de mais efetivos humanos e a 18 de setembro de 1937 foi mobilizado o contingente de 1938, conhecido como “o contingente da mamadeira”, por ser o mais jovem, e como Tomelloso estava em zona republicana Ismael se incorpora ao exército popular.

Não existem muitos dados deste momento.

O manuscrito de Irmã Felices Sánchez, Filha da Caridade:

“Sua despedida para mim foi muito emocionante; na noite anterior à sua partida para o front se apresenta em casa de Miguel (Montañes), onde estávamos duas irmãs hospedadas, pede uma medalha de Nossa Senhora das Graças, e ele mesmo costurou sua medalha entre o tecido da farda; eu o deixei que fizesse por conta própria porque estava me servindo de meditação aquele ato que nunca esqueci”.

Também a Madre Asunción, abadessa das Religiosas Concepcionistas de Manzanares, que conheceu Ismael desde a infância porque suas famílias eram vizinhas e amigas, disse que sua vocação se deve a Ismael, pelo grande amor que ele demonstrava ter pela eucaristia, diante da qual passava muitos momentos silenciosos, adorando ajoelhado. Na véspera de seguir para o front, Ismael levou para sua mãe uma caixa que continha seus objetos pessoais, um cilício, vários livros e objetos de espiritualidade, que foram guardados na sala de sua casa, até que Miguel e Pedro os requisitaram:

Despediu-se de minha mãe e da família com muita serenida-

de, com a alegria e as brincadeiras de sempre, porque era muito brincalhão”.

Um amigo do lugar conta que algum temor deviam ter de que pudessem matá-lo traiçoeiramente e pediu um aval na Casa do Povo, porque o obrigaram os pais, porém ele acreditava que não serviria de nada porque estava bem fichado.

“Encontrei-o – dizia um amigo –, a tarde antes de prosseguir, na bomba de combustível da praça. Fazia muito tempo que não o via e o saudei efusivamente:

– De onde vens?

– Veja, rapaz, de que me serve este aval, porque amanhã vou para o front! O levarei, porém não me servirá de nada. Tu já sabes como estou fichado e talvez quando chegue lá, me deem um tiro.

Abraçou-me e se despediu de mim dizendo-me:

– Até que termine a guerra ou até o Céu... Adeus!⁷⁷

“Que triste é esta despedida! Vão, talvez, perder a vida e sem ideal algum e com positiva repugnância. Sua mãe, no momento de dar-lhe o adeus de despedida, adivinhando que o estava perdendo para sempre, o abraça e dilaceradamente disse: “Já não o vejo mais, vão matá-lo, vão matá-lo!” Também Ismael está impressionado; desfaz-se como pode dos braços maternos e permanecem flutuando as palavras da despedida como um eco sinistro e amargo:

Orai por mim; adeus, até a eternidade.

E prosseguiu rumo ao sacrifício”⁷⁸.

No dia seguinte partiu com Miguel Montañes, Sevilla, Espinosa, Masó, Serna, Tomás e outros: *“no primeiro trajeto do trem rumo a capital– Ciudad Real–, Ismael foi quem levantou a voz cantante com brincadeiras contínuas para contornar a tristeza da despedida que tanto atormentava a todos, mesmo quando seu coração sangrava mais que o dos outros. Depois a conversação baixou de tão, e o mau humor displicente mesclou palavrões frequentes na conversação,*

77. A. Martín de Bernardo, op .cit., p. 113.

78. Florentino del Valle, op., cit., p. 40.

e inclusive soaram blasfêmias. Começava para Ismael o martírio que ia prolongar-se por todo o tempo de permanência no front. Saiu ao corredor, pegou despistadamente seu rosário e começou a rezar com fervor de naufrago em pleno mar alvoroçado”⁷⁹.

Desde Ciudad Real, onde passaram alguns dias, escreveu uma carta a seus pais que não lhe responderam por não estarem seguros de que a recebesse.

Partiram rumo a Valência, onde permaneceram Miguel Montañes e Antonio Masó. Os demais saíram rumo a Cuenca, com parada em Utiel, a 5 de outubro de 1937, e daí escreveu uma carta⁸⁰:

“Queridos pais e irmãos: muito me alegrarei que ao receberem esta se encontrem bem; eu estou bem, graças a Deus... Escrevo-lhes estas quatro letras para fazer-lhes saber que chegamos bem de viagem. Chegamos a Valência às 12 horas do dia; depois retomamos a viagem às 8 hs da noite, chegando aqui às 10 da mesma, e aqui nos encontramos perfeitamente bem, comendo, bebendo e dormindo numa excelente cama, tendo ao lado do dormitório o banheiro e estando tudo melhor do que esperávamos.

Mãe, causou-me muito desgosto ficar tanto tempo em Valência, e não poder visitar Nossa Senhora do Pilar, por não saber o endereço. A comida está muito melhor que C. Livre,⁸¹ pois temos batatas em abundância, tomates, pimentão, carne, etc.

Depois escreverei novamente dando mais detalhes e mandarei o endereço, porque nesta casa não é onde vamos permanecer.

Sem mais, despede-se de vocês seu filho que os quer bem e não se esquece de vocês.

Ismael.

79. Florentino del Valle, op., cit., p. 41.

80. As cartas originais que temos são transcritas com erros de ortografia, porque as cartas transcritas por seus biógrafos foram ortograficamente corrigidas. Na Espanha superava-se cinquenta por cento de analfabetismo, pelo que o mérito de Ismael, apesar de suas faltas de ortografia, é considerável e, além do mais, escrevia as cartas que os companheiros enviavam a seus familiares.

81. Ciudad Real.

Saúde! pois o cozinheiro está me chamando para descascar batatas.

Lembranças a Jacinta⁸² e família; já lhes escreverei.

Beijos às crianças.

Recordações às tias.

À irmã Sixta...”⁸³.

“Seu primeiro destino desde Utiel foi a capital de Cuenca. Desde ali começaram a chegar cartas a seus familiares e amigos, em parte para tranquilizá-los, em parte porque ali reinava tranquilidade; nelas Ismael informa que as coisas não sucederam muito mal para ele. Tinha sido considerado útil só para serviços auxiliares. Escrevia-lhes frequentemente, e as cartas foram marcando o itinerário de sua vida de soldado”⁸⁴.

“Ao chegar a Cuenca, o primeiro alojamento que nos deram – conta Sevilla–foi o Seminário da referida cidade. A belíssima capela era nossa sala para dormir e Ismael se adiantou e escolheu o lugar onde tinha sido o altar, para colocar ali seu colchonete”⁸⁵.

Compartilhou o lugar com Félix Torres Olalla, hoje sacerdote que vive, com 93 anos de idade, em Guadalajara e disse: *“Estivemos juntos no seminário de Cuenca convertido em quartel de milícias, ambos dormíamos na capela do seminário, dormitório de uma companhia; sem dúvida, tanto ele como eu, escolhemos a capela para dormir por ser lugar sagrado, embora totalmente profanado.*

Honrando a verdade, e sem jamais ter-nos visto antes, o olhar deste jovem me impressionou, seu olhar descortinava seu mundo interior”⁸⁶.

“No dia nove de outubro de 1937, escreve desde Cuenca, dando explicações de sua estância e esbanjando humor e tranquili-

82. Refere-se a Jacinta Burillo.

83. Carta original, AGC-IT.

84. Florentino del Valle, op. cit., p. 41.

85. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 116.

86. Escrito de Pe. Félix Torres Olalla. Ver epílogo nº 2, segundas indagações da mão da Virgem, pp. 188ss. AGC-IT.

dade para não alarmar aos seus: *“Queridos pais e irmãos: estas quatro letras são para fazer-lhes saber, que até agora não sabemos nada dos nossos, pois algum dia que outro costumam marchar os das brigadas, – ou seja, os úteis para tudo–; porém nós, os auxiliares, seguramente ficaremos aqui no quartel para os serviços interno, pois começaram a nos ensinar as principais obrigações; porém ainda não há nada concreto.*

Somos quatorze do povoado e sempre estamos com brincadeiras ganhando as simpatias de todos os companheiros. Não se preocupem comigo porque estamos muito bem; estamos todos juntos no mesmo dormitório com umas janelas formidáveis. É um lugar saudável e bonito. Mando-lhes um postal, para que vejam como é lindo este lugar””.

*Continua aconselhando a seus irmãos menores e a Jesus recomenda-lhe especialmente a guarda do seu “armariozinho”, onde conservava suas coisas: “Jesus, cuida do armariozinho para mim. Vamos ver se és educado, pois te tornaste o mais velho da casa e tens que ser bem educado e fazer-te respeitar pelos menores; porém primeiro tens que ser tu mesmo. Luis, a ti digo o mesmo, e vejamos se melhoras de gênio, etc. Suponho que não fiques aborrecidos por isso. Escrevei-me todos”*⁸⁷.

Não recebeu resposta e no dia onze do mesmo mês torna a escrever-lhes, no mesmo tom: “Queridos pais e irmãos: apenas quatro letras para dizer-lhes como estou intranquilo, por não ter tido notícias vossas, pois já escrevi, em seis dias desde que saímos de Ciudad Real, seis cartas e ainda não recebi nenhuma resposta... Digam-me o que está acontecendo. Esta manhã transcorreu muito agradável, pois estivemos tocando Tomás, Sevilla, Espinosa e eu com uma guitarra e um bandolim que era do cozinheiro de oficiais e se formou a de São Quintín. Não sabiam onde nos colocar os companheiros”. Dá a notícia de que, extraoficialmente, ouviu dizer que vão viajar para Madrid

87. Não se conserva o original. A. Martín de Bernardo, op.cit., p. 116. AGC-IT.

e os tranquiliza dizendo que não é nada oficial. Sem notícias de seu presidente da Ação Católica, lhes diz: **“Digam-me se sabem alguma coisa de Montañes”**⁸⁸.

“Dois dias depois, dia 13, recebe carta dos seus e acusa recebimento em seguida.

“Recebi a sua carta, que me encheu de alegria... Sinto que acusam o recebimento apenas de uma das minhas, pois já são sete desde que saí de Ciudad Real. Ontem formaram nossa equipe; alguns de nós parecemos fantoches com estas calças recolhidas no tornozelo; equiparam-nos muito bem, com duas mudas, uma calça, uma farda, alpargatas, uma bolsa para a roupa, uma mochila, copo, talheres, prato... Ontem vieram vários oficiais de diversos departamentos, pedindo gente para determinados ofícios; como não a encontraram ficheram-nos todos, para verificar a que podemos servir. Não me escrevam até que lhes diga aonde nos levaram, pois parece que nos mudarão de um dia para outro... De alimentação estamos bem, sobretudo de pão; por isso me lembro muito de vocês...”⁸⁹.

Recebe outra carta de sua casa e rapidamente responde e lhes comunica que receberam ordem para sair de Cuenca, embora não sabe ainda para onde vão. No dia 17 de outubro escreve desde Embid:

“Hoje tomo a caneta para comunicar-lhes que me encontro em Embid a oito quilômetros de Cuenca, na Companhia Divisionária de Transmissões. Estamos muito bem, pois tivemos sorte. Estamos juntos os conterrâneos. Não é uma cidade isto aqui, nem mesmo uma aldeia (uma coisa parecida aos “Cerrillos”)⁹⁰**, porém o chalet onde está o quartel é mais bonito. Há muita arborização, muitos montes e passa um rio...”**⁹¹.

88. Não se conserva o original. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 117 e Florentino del Valle, op. cit., p. 42. AGC-IT.

89. Não se conserva o original. Florentino del Valle, op. cit., p. 43. AGC-IT.

90. Casa de campo que existe nos confins de Argamasilla de Alba.

91. Não se conserva o original. Florentino del Valle, op. cit., p. 43, e A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 118. AGC-IT.

Assim numa outra remetida a 23 de outubro, desde Embid também, mostra-se preocupado com os “rabos” de filas para comprar víveres, e diz⁹²:

“Estou bem, obrigado, graças a Deus; dos dezenove que chegamos aqui, unicamente quatro foram colocados; os demais estamos esperando. Isto aqui é muito bonito e muito saudável; é notável nos oito dias que passamos aqui, como brilhamos, engordamos e ficamos morenos. Aqueles de Madrid que estão aqui, dizem que isto é um desterro, porém que estão contentes enquanto houver “comida”. Lembro muito de vocês ao pensar nos “rabos” de fila e ao ver o pão que nos dão, que até nos sobra. Faz frio; mas estamos sempre em exercício e não o sentimos; vai passando aos poucos. Digam a tia Asunción que ainda tenho comigo o queijo e que desperta a atenção de todos por ser tão bom... Escrevam-me logo, não deixem de escrever; refiram muitas coisas e não se cansem de escrever, pois eu não me canso de ler...”⁹³.

Seu bom humor o leva a dizer que o frio que faz “vai passando aos poucos”, porque está notando já como é intenso o frio de Cuenca.

Lamenta pela necessidade de pão e de comida que suspeitava continuar passando sua família.

*“A alusão à qualidade do queijo, testemunhada pelos demais, é uma das tantas mostras de seu desprendimento, que sabemos pelos amigos; o que era seu era de todos. Daquilo que chegava de vez em quando do povoado, uma parte mínima era para ele; todos se sentiam convidados a sua mesa”*⁹⁴.

De Cuenca escreveu várias cartas e um cartão postal em 1º de novembro de 1937:

“Queridos pais e irmãos: alegrar-me-ei que quando receberéis esta vos encontréis bem; eu graças a Deus estou bem. A presente carta é para comunicar-vos que já não pertencemos

92. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 117-118.

93. Não se conserva o original. Florentino del Valle, op. cit., pp. 43-44. AGC-IT.

94. Florentino del Valle, op. cit., pp. 43-44.

à “Transmisiones”, pois nos trouxeram outra vez a Cuenca, permanecendo no Estado Maior Tomás e Serna, e para cá viemos somente Sevilla, Espinosa e eu, e todos os demais que tínhamos sido destinados a “Transmisiones”.

Aqui nos encontramos no mesmo lugar de antes. Haveri de escrever-vos todos os dias. Sem mais outra coisa, despede-se de vós seu filho que lhes quer bem.

Beijos às crianças. Lembranças a todos, Ismael”⁹⁵.

Em 4 de novembro:

“Queridos pais e irmãos: muito me alegrarei que ao receberdes esta se encontrem bem; eu estou bem, graças a Deus.

No dia primeiro lhes comuniquei por meio de um cartão postal nossa chegada a esta estância no mesmo lugar onde estivemos anteriormente. Já não pertencemos a “Transmisiones”, pois nos trouxeram à companhia de depósito para ser destinados a diferentes corporações, pois creio que estejam ficando muitas praças vacantes, como acontece com Intendência, saúde, etc.

O fato de que haja praças vacantes é pelo seguinte: estão organizando as brigadas e divisões, e por isso estão requisitando todos os homens úteis, e nestes postos estão colocando os de serviços auxiliares.

Não quero dizer nada até que seja destinado, porém creio que iremos a um lugar no qual, ficaremos bem; ao menos eu gosto loucamente de fazer estes trabalhos. Creio que todos estejamos bem. Vou escrever-lhes diariamente, porém vós não deixais de escrever na volta do correio e registrai a carta para que chegue às minhas mãos.

Escrevam-me em seguida e não me mandem nada.

Sem mais, e esperando resposta, despede-se de vós seu filho que vos quer bem e não vos esquece.

Ismael.

95. Carta original. AGC-IT.

Beijos às crianças.

Recordações a Tomás.

Digam a Jacinta que me escreva, pois ainda não me escreveu; que faça como vós, em vez de escrever duas, que me escreva uma e registrada.

Dizei-me se soa algo da turma de 39.

Saúde.

Recordações a todos os vizinhos.

Mando-vos selos para que registrem a carta”⁹⁶.

“Durante o tempo que estiveram em Embid, choveu muito e vendo que um amigo tinha quase sempre os pés molhados, pois só tinha alpargatas, desprende-se de seus sapatos e os deu a ele. Esse ato pleno de simplicidade, ele mesmo o conta numa carta aos pais escrita desde Cuenca, em meados de novembro; diz:

“Até a presente tenho tido um mar de sorte, apesar de tantas coisas que nos ocorreram, porém muito demoradas para contar. Anteontem entrei nas esquadras de guarda deste quartel, tendo serviço vinte e quatro horas e outras vinte e quatro livres. Este posto o tenho, primeiramente por Espinosa, e depois por minha simpatia. De cama, ainda melhor do que estava; de comida— desde que entraram novos cozinheiros da cidade—não me falta nada. Dinheiro não mandei ainda por não haver “Banco de los Previsores”, porém aproveitando a oportunidade da chegada destas senhoras de confiança, mando-lhes cento e vinte e cinco pesetas, sentindo não poder-lhes mandar mais por não haver cobrado mais que duzentas e oitenta e ter tido que comprar-me várias coisas, que se valessem como antes não somaria tanto, porém aqui eu creio que as coisas estão mais caras que em nenhum outro lugar... Mando-lhes dois pães, pois creio que lhes farão falta..., escrevam-me em seguida e registrada, que não recebo carta... Comprei para mim uma calça que me custou sessenta pesetas e é muito precária; uns sapatos que custaram quarenta e cinco

96. Carta original. AGC-IT.

pesetas, pois os meus, Espinosa não tinha e eu os dei, porque só estava de alpargatas e sempre estava chovendo e tinha os pé sempre escorrendo e fui e os dei... Escrevam-me com frequência, não sejam preguiçosos; Espinosa e Sevilla recebem todos os dias e eu nada. Vós não podeis imaginar a alegria quando alguém recebe carta... Pai, mando-lhe um cigarrinho para que o fume, pois acabo de recebê-lo de um tenente e pensei que o melhor que possa fazer é dá-lo para que o fume”⁹⁷.

A 20 de novembro escreve um cartão postal para “o camarada Francisco Antônio Molinero, seu pai (C. Libre)”:

“Querido pai e irmãos; muito me alegrarei que ao receber esta, se encontrem todos bem; eu prossigo bem.

A presente é para comunicar-lhes que sigo bem até a presente, e que tive notícias de Antônio, tendo-me causado muita alegria, e em seguida a respondi. Digam-me se obtiveram notícias dele, e quanto tempo faz e de que data. Sem mais nada, e na espera da resposta, despede-se de vocês, seu filho que os quer bem.

Ismael.

Recordações a todos os vizinhos.

Escrevam-me em seguida.

Recordações a Tomás.

Beijos às crianças”⁹⁸.

A 23 de novembro escreve:

“Já nos é chegada a hora de partir desta Cuenca típica. Não sei aonde vão nos levar; creio, segundo dizem, que iremos a um lugar onde estaremos melhor do que aqui; porém, apesar de tudo, que seja aquilo que Deus queira. Paciência e resignação. Depois lhes escreverei quando chegar, como sempre o fiz...”⁹⁹.

Ismael transmitia seu bom humor nas viagens, durante a estância nos diversos lugares aos quais eram transferidos, bem como seu

97. Não se conserva o original. Florentino del Valle, op. cit. P. 44. AGC-IT.

98. Carta original. AGC-IT.

99. Não se conserva o original. Florentino del Valle, op. cit., p. 45, e A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 118-119. AGC-IT.

otimismo no futuro destino desconhecido. Acompanhado das guitarras e bandolins era raro o dia que Ismael não tomava a iniciativa de organizar uma festa que divertia a todos e lhes fazia esquecer a distância de seus lares e a imediata participação nos cenários da guerra. Porém tudo isso o convertia numa oração, que vivia as vinte e quatro horas do dia, incluídas as da noite.

“Segundo os informes de Sevilla, “Ismael confeccionou um rosário de nós num cordãozinho que terminava um tanto desfiado, para dissimular que estava se desfazendo, caso o encontrassem rezando... Havia dias que não comia porque repartia sua ração entre os que via que ficavam com fome”. Apreciava ficar montando guarda pela noite, porque nisso achava ocasião propícia para mortificar-se e orar. Deixava que todos seus companheiros dormissem toda a noite, enquanto ele supria o serviço deles. Houve no quartel (o seminário de Cuenca) um bom senhor apelidado Camacho, a quem o S.I.M. o perseguia, para assassiná-lo. Ismael e seus amigos o esconderam e uma noite em que ele estava de guarda, o deixou sair em busca de um melhor refúgio.

Como Sevilla via que se alimentava pouco, levava-o à cozinha (era ele o cozinheiro) e o obrigava a tomar alguma coisa. Arranjou-lhe um lugar retirado e oculto naquela cozinha. Era um pequeno quarto onde orava e cumpria com suas práticas de piedade. Não era só isto: “Aproveitava os passeios, para retirar-se aos arvoredos do rio e ali entregar-se à oração. Quando nos dávamos conta dele, Ismael havia desaparecido”¹⁰⁰.

Pe. Félix Torres conta como Ismael resolveu um sério enfrentamento que teve com o sentinela da porta, que lhe poderia *“ter custado um grande desgosto, com seu porte e palavra angelical”¹⁰¹*. Pe. Félix várias vezes referiu o olhar de anjo de Ismael, que recordou toda sua vida e o levou a rezar em sua tumba, em Tomelloso, em várias ocasiões. Assegura que a seguirá visitan-

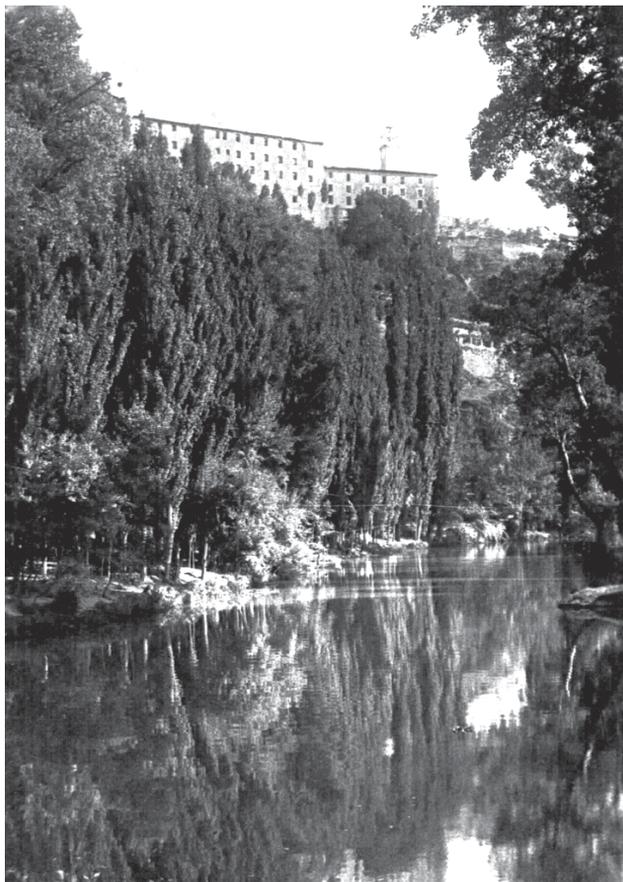
100. A. Martín de Bernardo, op. cit. P. 119.

101. Escrito de Pe. Félix Torres Olalla. Ver Epílogo, nº 2, Segundas Indagações da mão da Virgem, p. 188, AGC-IT.

do enquanto suas forças o permitirem, e continua rezando e invocando-o diariamente.

“Próximo do mês de dezembro, foi retirado de Cuenca e levado ao front de Teruel. Em Mora de Rubielos o separaram de Sevilla. Ao despedir-se lhe deu um abraço e cheio de emoção lhe disse:

“Desde agora tudo será mais difícil]; porém Deus o quer... Bendito seja!”¹⁰².



Seminário de Cuenca convertido em quartel de milícias durante a guerra civil.

102. A. Martín de Bernardo, op. cit. p. 120.

VII BATALHA DE ALFAMBRA

Era o mês de dezembro de 1937. Começa o inverno típico da meseta alta, a mais de mil metros de altitude sobre o nível do mar, com as primeiras neves congeladas a temperaturas de até 20 graus abaixo de zero.

As primeiras notícias que temos de Ismael foram dadas por ele mesmo através de uma carta que escreveu a seus pais, em 13 de dezembro, pouco antes de iniciar a batalha de Teruel; nessa carta procura tranquilizá-los, porém nota-se que sofre embora tenta animá-los.

“Antes de tudo vos pedirei perdão por não vos ter escrito antes, porém isso aconteceu porque em poucos dias percorremos meio mundo, e até permanecer num lugar fixo não quis fazê-lo. Agora que nos parece termos chegado a nosso destino, tomo novamente a caneta para dizer-vos que fiquem tranquilos, pois estou muito bem e com muita vontade de alimentar-me...

*Aqui faz muito frio, porém estamos bem agasalhados e não o sentimos tanto. Não se afligem por nada pois estou bem. Comam (se é que tenham o que comer), bebam, riam, cantem... e não se preocupem, que estou bem. De Sevilla e Espinosa não sei nada; nós fomos separados...”*¹⁰³.

“O bom filho anima a seus pais. Já estava sofrendo; já devia estar um tanto enfermo, porque nesta mesma carta, veladamente e numa frase quase sem sentido lhes diz: “... tendo saúde e o principal deste mundo... (que não falte) há sempre vida. Aquilo

103. Não se conserva o original. Florentino del Valle, op. cit., p. 46. AGC-IT.

que incomoda é que estamos muito longe disso; porém... o que poderíamos fazer? Depois ficaremos mais perto”. Depois? Quando? No Céu? Lá há saúde eterna, sim. O que Ismael quer dizer falando assim em sua carta? Parece ser que sim, (sic) embora a frase não é clara”¹⁰⁴.

O exército republicano tinha um grande interesse bélico e propagandístico para ocupar Teruel, a primeira capital de província que iam conquistar no transcurso da guerra; para isso concentraram mais de cem mil homens e um grande emprego de meios de comunicação, agências de notícias estrangeiras e a presença de altas autoridades do governo para oferecer ao mundo o testemunho de uma vitória segura. Assim o descreve o padre Florentino del Valle:

“A batalha ia ocorrer num dos climas mais rigorosos da Espanha. A linha de frente se estendia ao largo de uma paisagem pintada em tons ocres, como terras ferruginosas, a grandiosidade imponente. Na alta meseta, com altitude média de mil metros acima do nível do mar, chegando a novecentos metros o nível médio das depressões por onde correm os rios Guadalaviar, Túria e o Alfambra, seu afluente esquerdo, todos acima de Teruel. As planícies turolenses são secas e extremamente frias, com ventos que cortam a pele; a neve havia feito sua aparição e bem pouco depois ia ser a grande aliada da guerra, no destroço de corpos por congelamento, ao paralisar-se suas operações. No dia 15 de dezembro de 1937 a iniciativa vermelha deu o empurrão largamente e com esbanjamento preparado; as Agências estrangeiras estavam “antenadas” e de alerta; trens blindados aproximaram alguns oficiais do alto comando para desfrutarem do espetáculo da vitória que davam por descontada e que ofereceria ao mundo, em grandes titulares, uma capital de província conquistada aos nacionalistas. Era justamente três dias antes de começar a grande ofensiva sobre Guadalajara preparada pelos nacionalistas. Desta circunstância se valeram os vermelhos para desenca-

104. Não se conserva o original, porém a completa parcialmente A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 125.

dear sua ofensiva com mais de cem mil homens concentrados naquelas planícies e ao sopé das colinas que expressivamente são chamadas de pedras-mó pelos habitantes do lugar. Uma tenaz, férrea e estranguladora, como corda que aperta com asfixia de morte, aperta a cidade pelo norte e pelo sul. A 8 de janeiro são os vermelhos os donos dela”¹⁰⁵.

Esta vitória não significou o cessar-fogo, pois os nacionais iniciaram uma ampla manobra para minar a moral do exército popular antes de lançar-se à conquista da cidade de Teruel, dando provas de uma maior unidade e superior organização.

Porém os dias do triunfo foram de sofrimento para Ismael, não por razões bélicas, nem políticas, senão por razões religiosas. Assim o conta Alberto Martín de Bernardo, como apreendeu do Pe. José Ballesteros:

“Teve que sofrer blasfêmias contra Deus, ele que tanto o amava, e as angústias sem conta que com isso padecia, chegaram a menosprezá-lo devido sua fraca constituição física. Ele mesmo manifestou ao Pe. José Ballesteros, quando o encontrou no hospital clínico de Zaragoza, que havia sofrido mais pelas blasfêmias e conversas inconvenientes que ouvia dos milicianos nas trincheiras, que por todos os frios e privações daqueles dias terríveis, em que seu corpo destroçado pelos seus, poderia ter caído sobre o branco sudário de neve que cobria os campos ermos de Teruel.

– Quando isso passava– disse a Pe. José, abrindo-lhe sua alma –, apertava muito forte meu rosário e rezava...

As ofensas a seu Deus com aquelas blasfêmias partiam-lhe o coração de dor e assim o citado Pe. José escreve: “É muito justo que sua conduta, seus feitos, sua profunda piedade, seu indefectível sentir católico sejam dados a conhecer aos quatro ventos, propondo-o como modelo de jovens da Ação Católica, figurando seu nome entre o daqueles que por ser os melhores, triunfaram vítimas do ódio satânico. Digo isso porque os muitos

105. Florentino del Valle, op. cit., pp. 46-47.

sofrimentos morais que atormentaram seu espírito durante sua estadia na zona vermelha, aceleraram sua morte. As horríveis blasfêmias que ouvia sair constantemente de lábios daqueles malvados que lhe rodeavam, lhe faziam sofrer de uma maneira espantosa (segundo própria confissão), e para desafogar suas tristezas, retirava-se aonde ninguém o visse e ali chorava até poder acalmar seu tormento moral”.

Ali também, naquelas trincheiras, teve de padecer vexações que o puseram no limite do martírio. É o Pe. José Ballesteros quem também conta estes fatos como os ouviu de Ismael:

“Um dia um grupo de milicianos, com o comissário à frente, puseram-se a blasfemar e a dizer palavras indecentes. Ismael se calou e seu silêncio acompanhado de um gesto de desagrado em seu rosto, o delatou como “fascista” e “beato” (palavras deles):

Vamos ver deste...!– e um desgraçado daqueles, ruim e perverso, lhe propôs dizer uma asquerosa blasfêmia, que fez a Ismael chorar em seu interior.

Um silêncio valente daquele rapaz foi a resposta obtida.

Vieram então os insultos e zombarias. Ele se calava. Blasfemar... jamais! Também insultaram e riram de Cristo, a quem não queria ofender.

– Diga isto...– tornaram a insistir com ameaças. Silêncio, porém que falava muito alto foi a resposta. Desesperados e raivosos o incitaram à força a blasfemar e ante sua resistência e obstinado silêncio, o insultaram e lhe deram duas bofetadas”.

Ismael sofreu com exemplar resignação por amor a Deus e saiu triunfante daquele assédio infernal: até matá-lo quiseram. E isso não foi uma só vez, pois Padre José disse que “houve várias ocasiões que aqueles ímpios quiseram fazer com que blasfemasse”.

*Muito foi o que fizeram-lhe sofrer, embora ele em sua humildade o calasse; porque quando em São João de Mozarrifar esvaizou a intimidade de sua alma no coração do bondoso capelão, se queixava: **“Depois, pôde comprovar no exército vermelho e nas trincheiras o horrível desconhecimento da religião nas***

massas, a falta de fé, o ódio a Cristo”. E como se quisesse ventilar de sua mente a lembrança de tanto padecimento por estas causas, exclamava fechando os olhos: Óh! Trincheiras vermelhas, com que horror as recordo...! já lhe falarei disto, padre, quando tenha descansado um pouquinho... Como tive a palma tão perto! Que martírio para mim não ter sido mártir! Que inveja me dão os jovens da Ação Católica que morreram mártires! Foi feita a vontade de Deus, bendito seja!”

Acrescentaram-se a este sofrimento, as penas e fadigas de uma vida castrense dura, mal vestido, famélico, com o frio penetrando até os ossos, pois aquele inverno de 1938 baixou a temperatura de tal maneira, que os soldados ficavam congelados e ingressavam aos milhares nos hospitais com os pés e as mãos geladas. Para aumentar ainda mais o frio sobreveio uma intensa nevada que semeou de alvura aqueles campos tenebrosos de morte e ódio. Perseguido como estava, os postos mais difíceis e penosos devia ocupá-los, para fazer-lhes sofrer e mais ainda de noite, coisa que ele agradecia, pois então se entregava com mais liberdade à oração, rezando o rosário da Santíssima Virgem contando nos dedos”¹⁰⁶.

A 12 de janeiro de 1938, escreve cartas para seus pais e a seu irmão Luis nas quais ocultava seus padecimentos. A partir desta data as cartas vinham datadas desde Alfambra, que era a primeira linha do front.

“Queridos pais e irmãos: muito me alegrarei se ao receberem esta se encontrarem bem; eu estou bem até o presente.

Recebi a vossa carta de 25 do mês passado¹⁰⁷ a qual me encheu de tal alegria, que nem me recordava de que tinha que comer, nem das demais obrigações. Já me tinham bastante intranquilo; acostumava-me, e não dormia, pois já tinham se passado muitos dias que lhes havia escrito a primeira com data de 13.

Junto com a vossa e de Luis recebi uma da prima Feli, onde (sic) me dá bastantes ânimos, e por isso vos agradeço infinita-

106. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 126-130.

107. Era o dia de Natal.

mente: este é um lugar perigoso, porém não é tão feroz o leão como se pinta, e aqui recebendo notícias frequentes, a gente fica tão tranquilo e contente.

Fiquei muito alegre ao saber que Antônia se casou, e também que Antônio tenha estado presente, pois quem tivesse essa dita de poder ir: porém logo chegará, que tendo saúde e sorte... e paciência, tudo se alcançasse e chegasse.

Sobre o papel, não é demais que continueis mandando pouco a pouco, pois já vai escasseando; o mesmo digo dos selos, pois assim poderei escrever todos os dias: mas como não me respondem seguidamente a cada uma de minhas cartas, não escreverei tampouco.

Quando me escrevam, me escreve V. mais coisas, pois é uma lástima que se rasgue o papel.

Suponho que tereis recebido uma ou duas cartas nas quais vos fazia um pequeno pedido, pois a temperatura deste terreno me obrigou a fazê-lo.

Escrevam-me em seguida. Sem mais por hora, se despede vosso filho que deseja ver-vos.

Ismael.

Dai lembranças de minha parte a todos os vizinhos e aos tios, a Tomás e todos os que perguntarem por mim. Beijos às crianças. Lembranças a Jacinta, e diga-lhe que sim que me recordo do Amo. Como poderia esquecer-lo!...”¹⁰⁸

Ismael vive a esperança: “*porém chegará logo, que tendo saúde e sorte... e paciência, tudo se alcançará e chegará*”, menciona sua saúde, a une à paciência, pensa em todos, reza por todos, com nomes próprios, especialmente por Jacinta com quem tinha frequentes conversações sobre religião e se lembra de Deus (Amo).

A Luis diz:

“Querido irmão Luis: desejo que te encontres bem ao receber esta; eu estou bem. Saúde.

108. Carta original. AGC-IT.

Recebi tua amável carta de 5 do corrente, a qual me encheu de alegria, porém acho estranho dizer que me escreveste uma com data de 3 e que me enviavas 5 selos de 0,45; mas ainda não recebi essa referida carta, porém não devemos nos preocupar tanto pois estamos tão longe um do outro e as cartas demoram bastante.

Falas-me de teu aniversário, e não me dizes se recebeste uma carta com data de 28 do mês passado, na qual te felicitava, pois a escrevi expressamente com esta intenção.

Diga a Jesus que se comporta como um sem-vergonha, porque não quer me escrever sequer umas letras; e que não se apure por nada e fique esperto; e que ele se faça querido por todos.

Hoje ainda escrevi a Miguel, pois ontem recebi carta dele, e me dizia que estava esperando partir para o front.

Escreva-me com frequência; notas que as cartas estão muito mal escritas porque tive que escrever a vários companheiros; e além disso que tenho de escrever em cima de uma caixa estropiada e desse jeito se escreve com muito incômodo.

Sem outra coisa e na espera de notícias se despede de ti teu irmão que muito te quer bem.

Ismael.

Recordações a teus chefes. Lembranças também a todos, inclusive a José Sanchez; diga-me se o vês com frequência e se ele pergunta por mim”¹⁰⁹.

A 17 de janeiro se iniciou uma contraofensiva que deixou o exército republicano em posição desfavorável, enfraquecendo suas posições a cada dia que passava.

Há uma anedota que descreve Martín de Bernardo, segundo foi contado por “Padre José Ballesteros: preparava-se por parte dos Nacionais a contraofensiva e para isso afluíam ao front aquelas caravanas intermináveis de caminhões com forças; por isso

109. Carta original. AGC-IT. José Sánchez, jovem da Ação Católica, amigo de Ismael, sobrinho de Arturo Ortuño, “El murciano”, que vivia no Colégio da Milagrosa, na Praça do Mercado de Abastos de Tomelloso.

todos os sentinelas deviam comunicar, ao final de sua guarda, o número de caminhões que haviam calculado ter chegado. Ismael se via em apuros sobre se dizia a verdade ou mentia, ferindo sua delicadíssima consciência. Uma noite tampou os ouvidos, fechou os olhos e começou a rezar o rosário, coisa que fazia todos os dias, contando nos dedos as avemarias. Chegou o comissário e, notando que Ismael não batia continência, suspeitou que estivesse dormindo e esteve a ponto de disparar sua pistola. Quando terminou sua guarda, sem ter que mentir, pode dizer:

*– Não vi nem ouvi caminhão algum em minha hora de vigi-
lância”¹¹⁰.*

A 23 de janeiro de 1938 escreve a seus pais:

“Queridos pais e irmãos: muito me alegrarei que ao receberem esta se encontrem com a mais perfeita saúde; quanto a mim continuo perfeitamente bem até o presente.

Quatro letras somente para não perder o costume e que vocês estejam com a maior tranquilidade de que estou bem.

Creio que tenham recebido já várias cartas minhas, como também um postal: nelas respondia às que recebi do dia 25 do mês passado; numa delas, respondia a Luis (o único que me recordo, por ser ele o que mais se recorda de mim), com a data de 5 do corrente. E me dizia ter-me escrito no dia 3, e na qual me mandava selos de 0,45: esta porém, não a recebi.

Também escrevi a meus chefes. E a Tomás e Antônia, também. Suponho que já as tenham recebido.

De Jacinta não recebo notícias. Digam-me se ela não quer me escrever; pois lhe escrevi no dia 15 do mês passado e depois um cartão postal, mas ainda não obtive suas notícias.

Digam-me quando Jesus vai embora; pois se tem que ir embora, quanto antes melhor, pois não precisa passar aquilo que passei; porque se eu tivesse me tornado mecânico, não estaria aqui.

Sobre nosso recebimento, passamos já dois meses sem rece-

110. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp.133-134.

ber dinheiro algum. Cremos que receberemos este mês; caso o recebamos, mandarei logo em seguida o dinheiro, pois aqui como não faz falta para nada, poderei mandar tudo.

Se me vissem como estou, certamente não me reconheceriam; pois estou parecido com aqueles pintores de época: com a cabeleira e a barbicha... e sobretudo pelo tanto que engordei com a carne tão boa que nos dão. Digam-me se receberam minhas cartas, nas que havia pedido o pacotinho.

Na próxima carta mandem-me um envelopinho desses de fucsina básica em pó, para fazer tinta, e duas canetas. Certifiquem-me do recebimento desta... E selos também não deixem de mandar-me de alguma vez.

Luis, diga-me algo sobre meu amigo José Sánchez. Diga-me algo pra que lhe escreva.

Procure saber se José Angel é da turma de 40. E também “paquito”, aquele que estava comigo na loja.

Diga-me o que acontece no povoado, se está muito animado ou não. Neste momento tive que fazer uma parada no caminho porque acaba de chegar o carteiro. Que alegria!... Recebi carta de vocês e um cartão de Antônio.

Pela vossa vejo que estão bem; e isso é o meu maior desejo. Estava já há vários dias sem notícias vossas!...

Ciente do que me dizem, vejo que não receberam a minha primeira carta na qual pedia as meias, o gorro e as luvas, porém a segunda em que repetia o pedido (embora não consiga compreender que estivesse tudo esgotado), porém acontece que para os guardas e os demais, todos agradecem muitíssimo.

Mãe, peço de fazer uma visita em meu nome à tia Jacinta e tio Pedro Paulo, e demais da família e diga-lhes que lamento muito que esteja enfermo, e que melhore logo, e dê lembranças a prima Inês, que me alegro muito que esteja ali, porque estando em casa de tia Jacinta, estará como se fosse em sua casa.

No cartão postal de Antônio me diz que teve uma pequena queimadura... coisa sem importância, e que escreveu para vocês

porque, caso o soubessem de outra maneira, não ficassem alarmados, por se tratar de algo sem importância. Repreende-me porque escrevi a vocês cartas muito tristes, coisa que acredito não ter feito... a não ser somente naquelas em que lhes dizia claro onde me encontrava, mas acredito que por isso não devem ter se entristecido, uma vez que isto não é um “bicho tão feio quanto se pinta”.

Nesta data lhe respondo.

Mãe procure a senhora não pensar em nada, e procure distrair-se com qualquer coisa que faça-lhe bem à cabeça.

Tudo passa rápido e logo nos veremos... A senhora não deixe de falar com o amo da casa de Jacinta..., eu me lembro muito dele. A carta de Martín me encheu de suma alegria. Martín dê agora outro puxãozinho de orelha, de minha parte, em Mercedes. Antônia já tinha vontade que me escrevesse umas letras. Amanhã vou te escrever. Já escrevi a Tomás e a ti felicitando-vos.

Escreva-me logo. Sem mais por hora se despede de vocês seu filho que deseja vê-los.

Ismael.

Lembranças a todos e aos tios”¹¹¹.

E a 25 de janeiro de 1938, escreve a Antônio, que estava no front de Extremadura:

“Querido irmão Antônio: ficarei muito alegre por estar bem ao receber esta e melhor da ferida; eu permaneço com a mais completa saúde.

Recebi teu cartão de 11 do corrente mês, o qual me encheu de grande alegria ao tê-lo em meu poder; pois estava antes sem tranquilidade pela carência de tuas notícias.

Ciente daquilo que me dizes, começo a ficar preocupado; pois acredito que não tenhas sido franco comigo. Não me dizes como isso aconteceu... O que estavas fazendo? Não acho que devas me esconder nada!

111. Carta original. AGC-IT.

Nós somos homens, e tanto tu como eu, não devemos ocultar nada um ao outro. Aqui aprendi muitas coisas; tive que acostumar-me a muitas coisas, e não fugiria assustado, se invés de uma queimadura tivesse acontecido algo mais sério. Aos de casa fica bem que não o digas a realidade do acontecido, porém a mim não creio que devas esconder nada.

Eu para ti não penso em esconder absolutamente nada. Em casa não disse e nem o direi, pois fiquei cinco dias enfermo com resfriado, por causa do frio intenso que faz por esta terra. Depois, agora estou com as vistas enfraquecidas desde alguns dias; pois tenho como que nuvens, de modo que nalguns dias tão somente posso abrir os olhos na obscuridade. Isto em casa não o sabem... embora me repreendas por ter-lhes escrito umas cartas muito tristes; no entanto não recordo de ter posto nalguma delas nada que possa entristecê-los.

Tão somente me recordo de haver colocado o seguinte:

Não quero continuar como em minhas anteriores, enganando-os; pois não estou numa cidade como vocês creem, mas encontro-me no front: porém não se aflijam, que isto não é um bicho de sete cabeça como se diz. Logo depois lhes dizia que fazia muito frio, e lhes fazia um pequeno pedido, de umas meias de lã, e umas luvas e algo mais... O que achas?... Não creio tenha feito algum mal, porque mais cedo ou mais tarde teriam que ficar sabendo. À mãe o mínimo lhe há de causar pena. Tão só o fato de não ter-nos a seu lado (embora saiba que estejamos bem), isso só lhe tira o sono.

Porém o importante é que tenhamos saúde e sorte; pois quem me havia de dizer que eu seria um dos que tomassem parte nas grandes operações da "Tomada de Teruel", aonde tão gloriosas páginas está escrevendo nosso grande exército popular...

Como vês estou são e salvo. Sempre alguém se engrandece com estes sacrifícios, que a realidade mais sangrenta que os séculos conheceram nos impõe assim, muito afinco e fé na vitória; pois se o destino nos tem decretado nossa vitória (pois

creio que será desse modo), tornaremos a nos encontrar na tranquilidade de nossa campina, com a satisfação e tranquilidade de haver cumprido com nosso nobre dever.

Digo para ti que o principal de tudo isso é ter saúde e sorte, e que tenhamos a dita de poder tornar a nos reunirmos com os que ali sofrem nossa ausência.

Escreva-me logo, e não sejas preguiçoso... E, sobretudo, não me escondas o que te ocorreu.

Sem outra coisa por enquanto e na espera de tuas gratas notícias, se despede de ti, teu irmão que te quer bem e deseja ver-te.

Ismael.

Dê minhas lembranças aos moços Antônio e Estevão e demais companheiros.

Saúde.

O endereço no remetente tal como está”¹¹².

Nesta carta dirigida a seu irmão Antônio toma muito cuidado no que escreve, porque as cartas são censuradas. O frio e a doença lhe turvam a vista, porém não diz nada disso a seus pais, nem à noiva de seu irmão, Concha, que vive em Tomelloso.

No mesmo dia 25 de janeiro de 1938 escreve:

“Inesquecível Concha: desejo que esta te encontre bem ao recebê-la; eu permaneço com a mais completa saúde.

Recebi tua atenciosa carta de 26 do mês passado, a qual me encheu de alegria quando chegou; pois já pensava mal de ti pela carência de notícias tuas.

Com sua carta percebi o motivo porque não tinhas me escrito antes; pois depois de tudo fizeste muito bem.

Não imaginas o quanto te agradeço pelo quanto me animas; pois ainda que faço por distrair-me... e animar aos companheiros, que são pobres de espírito e se desesperam pela mínima coisa, também careço que me animem.

112. Carta original. AGC-IT.

Faço o possível para distrair-me, não creias que estou sempre piando como o passarinho, que cai do ninho e faz pouco caso da mãe. Como tudo o que me dão... (mas, às vezes, os roncões que sinto no estômago, não me deixam dormir; porém não tem importância) bebo também aquilo que nos dão, vinho, coanhaque e outras coisas mais. Eu faço para viver. Se alguma vez me veem sério é porque careço de boas notícias; pelas outras coisas... não passo nenhum apuro.

Fique claro que dizendo dessa maneira pretendo que me compreendam, pois quero dizer que isto é um assunto de bastante transcendência; porque se não fazes para viver, então morres de tédio. O terreno aqui é muito frio; porém me faz bem. O ar é muito puro. Ontem recebi um postal de teu “Guacharo”¹¹³ e irmão meu, Antônio. Disse-me para não ficar alarmado porque o postal venha escrito por Antônio Maso, pois mesmo não pode fazê-lo porque não consegue com a mão que foi queimada. E assim descobri o “mistério”¹¹⁴.

Quando me escreveres, me dirás o que lhe sucedeu, porque eu não acredito nessa história da queimadura; porém se for assim, melhor que seja uma coisa sem importância.

Ele me reprova por minha maneira de proceder para com meus pais. Que lhes escrevi cartas muito tristes e demais... Eu não creio ter feito mal em dizer-lhes claramente onde me encontro; pois tarde ou cedo teriam que saber.

Escreva-me súbito; pois não podes dar-te uma ideia da alegria que experimentou meu corpo, ao ver, e ler tua carta. Sempre alguém pode se alegrar ao ver, quando um aprecia a pessoa do outro, que lhe pagam com a mesma moeda. Agora aquilo que mais me impressiona, é que nos tenhamos que tratar como amigos... porém o que podemos fazer!... Paciência que tudo se resolve neste mundo!...

113. Chama a seu irmão Antônio carinhosamente de “Guacharo” = passarinho.

114. No original “encontrar El peine” = descobrir, a causa da ferida de seu irmão Antônio.

Sem mais por hora e na espera de tuas gratas notícias se despede de ti quem te aprecia deveras e deseja te ver.

Ismael.

Dê lembranças a teus pais e às meninas... e também de minha parte à dona do moinho.

Saudações.

Quando me escreveres não gastes nada com selo; pois se não é inconveniente, podes mandá-la a minha casa e que venham juntas no mesmo envelope.

Diga-me muitas coisas e não desperdice papel.

Lembranças à Avó”¹¹⁵.

A 1º de fevereiro de 1938 escreve a seus pais e é a última carta original que se conserva desde o front:

“A meus mui queridos pais e irmãos: desejo que vos encontreis bem ao receberdes esta; eu permaneço bem até o presente dia.

Quatro letras somente para comunicar-vos que prossigo bem, tendo chegado triunfalmente com a mais perfeita saúde a este novo mês. Pouca coisa me ocorre contar-vos; embora levo já três dias sem receber notícias, sempre se ocorrerá algo, pois entra uma satisfação no corpo ao escrever alguém a seus pais, pois se passa vários dias sem escrever, parece que lhe falta algo.

Faz vários dias escrevi a vós juntamente com uma carta para Antônia, Concha, Martín, etc..., pois Antônia lhe devia carta, e a Concha, como recebi uma carta dela com data do ano passado, pensei matar vários coelhos com uma cajadada só.

Suponho que já tenham recebido outra, respondendo-lhes à sua de 12 do mês passado.

Vamos ver se me dizem algo de Jesus, se se decide ir embora ou não; pois já falei em minha carta anterior que se tenha que incorporar-se que não o deixem fazer isso; que não seja bobo.

115. Carta original. AGC-IT.

E à prima Esperanza e Angelita digam-lhe que me perdoem por não ter-lhes escrito sequer umas letras, porém que já vou fazer isso.

Sem mais nada que dizer e na espera de notícias vossas se despede vosso filho que lhes quer bem.

Ismael.

Dai recordações a Dolores e família e à Rosaizei que ainda conservo a pastilha.

Digam-me o que faz Jesus e que me escreva algo.

Saúde”¹¹⁶.

A 1º de fevereiro de 1938, escreve a Pedro Cuesta, também desde Alfambra. Seu espírito se fortalece na esperança e na fé e só lamenta não poder receber a sagrada comunhão:

“Querido amigo Pedro: não pense que eu tenha me esquecido de você! Como poderia esquecer de um amigo a quem tanto devo! Acredito que tenhas tomado conhecimento de que me encontro no front de Teruel, onde tão gloriosas páginas estão sendo escritas pelo nosso grande exército popular... Embora nos tenham feito uma má jogada destinando-nos a esta brigada como úteis, sendo que éramos de serviços auxiliares...; mesmo que muitas vezes dei até ser destinado a esta brigada, por muito que tivesse feito não teria me livrado de vir ao front como fuzileiro... Aqui necessita-se apenas de serenidade, esperança e fé na vitória... Anteontem, recebi carta de Miguel, na qual me diz que você pergunta frequentemente por mim. Creio ter passado muito bem em Valência. Seis dias durante os quais teve a sorte de encontrar-se com o amigo Jesus¹¹⁷, ele que os tratou como eles merecem, pois todos desjejuaram¹¹⁸ com Ele; que sorte! Não lhe parece? Porém, você não pode invejá-lo porque também o encontrou nesta Páscoa, passando em sua companhia. Eu, no entanto, não

116. Carta original. AGC-IT.

117. Encontrar-se com Jesus era receber a sagrada comunhão.

118. Receberam a sagrada comunhão.

*tenho essa dita! Paciência! Escreve-me pela volta do correio. Seu amigo, Ismael*¹¹⁹.

Dias depois, começa a batalha definitiva para Ismael, ao mesmo tempo em que ocorre a derrocada do exército popular.

O Serviço Histórico Militar publicou, *La Batalla de Teruel, Monografías de la Guerra de España*¹²⁰, que diz entre outras coisas, o seguinte:

“A chamada batalha do Alfambra teve muito breve duração – três dias – porém seus resultados foram autenticamente espetaculares.

A operação deve ter começado a 3 de fevereiro, tendo que atrasar-se dois dias por causa da falta de visibilidade. Assim amanheceu o dia 5, e a artilharia teve que esperar até que a névoa se levantasse. Quando o fez as peças bateram seus objetivos de forma demolidora durante cerca de duas horas e meia, cuja ação se somou um bombardeio aéreo de enorme violência.

No dia 6 prosseguia a manobra, com ritmo ainda mais acelerado... praticamente sem inimigo diante, culminando no dia 7 de fevereiro.

“A operação de retificação do front da rodovia de Zaragoza a Teruel ao do Alfambra – escreveu o general García Valiño – se havia conseguido com pleno êxito e à custa de um número tão reduzido de baixas que parecia inverossímil; uns dez oficiais e trezentos soldados, menos do que a ocupação de qualquer quota havia custado nos primeiros dias da batalha. Em contraposição, o inimigo havia sofrido duro quebranto, já que a manobra envolvente de Sierra Palomera lhes havia desconcertado de tal forma que muitas unidades ficaram sem retirada possível e, desde então, ficou em nosso poder todo o arsenal de munições e víveres que correspondia ao front estabilizado de Singra”. Os mortos e feridos constatados alcançavam a cifra de 1.257 e 6.409, respectivamente.

119. Não se conserva o original. Florentino del Valle, op. cit., p. 48. AGC-IT.

120. Nº 10, Editorial San Martín. Madrid 1974.

Com a manobra do Alfambra a batalha de Teruel cambiaria radicalmente de signo”.

Assim nos conta o padre Florentino del Valle:

“No dia 5 começou a ofensiva nacional. A ala esquerda, o Corpo de Exército Marroquino, era comandada por Yagiüe. A ala direita, o Corpo de Exército da Galícia era dirigido por Aranda; o centro ficava constituído pela Divisão de Cavalaria, e pelo contingente de Navarra sob comando de Monasterio y Bautista Sánchez. No dia 4, estava tudo preparado, a moral das tropas era elevadíssima, abre fogo a artilharia e faz destroços a olhos vistos. As tropas se lançam decididamente ao assalto; vão caindo cotas e cidades. A primeira de Navarra se infiltra por todas as partes com força irresistível e envolve o grande sistema de defesa marxista que tem como centro a cidade de Pancrudo, um dos sistemas mais potentes que levantaram os vermelhos no decurso da guerra. A ala direita, deixando atrás várias cidades, toma a direção do Alfambra para interceptar a retirada inimiga na cidade do mesmo nome. Os cavalos terminam a jornada, a grande carreira de obstáculos felizmente salvos, indo dessedentar no rio Alfambra. Termina a batalha com o crepúsculo. A grande Sierra Palomera, ponto tão temido, fica já para trás, e tem-se o saldo de catorze cidades conquistadas. Foi um avanço em tromba irresistível, com força indomável; ia saindo o espinho da caí-da de Teruel.

O quadro, desde qualquer atalaia era impressionante; soldados fugindo desmoralizados em todas as direções, caminhões emperrados nas rodovias, material abandonado; a derrota de Alfambra é tal que poucas chegariam a sua categoria nas fatais consequências para os vermelhos”.

O padre Florentino del Valle disse que na batalha do Alfambra, segundo testemunhas presenciais, Ismael se ofereceu em holocausto:

“... jogou fora o fuzil, permaneceu de pé, apertou nas mãos a medalha da Virgem e começou uma invocação febril e confiada. As balas sibilantes desenhavam seu corpo; seus companheiros

fugiam blasfemando ou caíam pesadamente ao solo, mortalmente feridos. Ele, erguido como uma estátua orante, esperou até que ouviu a voz imperiosa de mãos ao alto! E entregou-se.

Este final era um símbolo de sua vida toda no front. Mais tarde evocará ainda com estremecimento, o martírio daquelas jornadas infernais, entre profissionalismo ateu e grosseiro; nas quais o manto da Senhora o protegeu como um escudo...

Fizeram-no prisioneiro e o trataram com dignidade”¹²¹.

A batalha do Alfambra teve consequências muito importantes na moral dos exércitos: o soldado do exército popular saiu desmoralizado e, em troca, se elevou a moral do combatente do exército nacional. Espalhou-se a notícia por todos os front, entre outras razões, como consequência da grande importância publicitária que se havia transmitido ao mundo inteiro pelo governo da República com a tomada de Teruel. De fato, a partir de 17 de fevereiro, desde Alfambra se iniciou a grande ofensiva em todo o front de Aragão pelas tropas nacionais, que cinco dias mais tarde, a 22 de fevereiro, conquistavam Teruel. E seguiram avançando, por um lado, até Lérida e fixar o front no rio Segre, e de outro e mais importante, conquistando os territórios da margem direita do Ebro até os arrabaldes de Tortosa, chegando ao Mediterrâneo por Vinaroz. Com isso logram uma saída ao mar e dividiram em duas a zona republicana. Poderia afirmar-se que a batalha do Alfambra foi o princípio do fim da guerra.

121. Florentino del Valle, op. cit., pp. 49-50.

VIII SILÊNCIO

“Lá vai Ismael – a 7 de fevereiro – formando na humilhante fila dos vencidos”.

Como Teruel continuava em poder do exército popular até 22 de fevereiro, os prisioneiros foram conduzidos a pé os vinte quilômetros que separavam o front do Alfambra de Santa Eulália del Campo, sede do quartel geral do exército, onde tiveram que adaptar como prisão uns currais de gado, que estavam cobertos pela neve gelada há várias semanas. Foi ali que Ismael permaneceu desde o dia 7 de fevereiro com os que lograram sobreviver à batalha e à geada, até o dia 14 quando foi transferido ao Campo de Concentração de São Gregório em San Juan de Mozarrifar, em Zaragoza¹²².

Quisemos confirmar com o Conselho Municipal de Santa Eulália o possível destino dos prisioneiros da batalha do Alfambra. Leonor, uma amável funcionária, nos informou quase com total segurança que haviam adaptado um edifício destinado a curral na rodovia, em Pozohondón. Quando quisemos visitar os lugares de Alfambra e Santa Eulália, Dom Joaquim Martín Abad, Vigário Episcopal de Madrid, que é natural de Teruel e conhece muito bem a zona, se ofereceu muito amavelmente a acompanhar-nos. Quando passamos por Santa Eulália rumo a Teruel decidimos entrar por nossa conta a fim de descobrir o lugar onde possivelmente haviam levado prisioneiro a Ismael. Na rodovia mencionada, e uma vez que deixamos para trás Santa

122. Os biógrafos não deviam saber que o primeiro destino de Ismael como prisioneiro tinha sido Santa Eulália del Campo.

Eulália, a dois ou três quilômetros, vimos um edifício quase em ruínas e decidimos entrar por um terreno baldio. Quando chegamos, começamos a fotografar o lugar, Dom Joaquim por sua conta com sua excelente câmara fotográfica. O certo é que estávamos um tanto desanimados acerca de que aquele lugar fosse ou não o que buscávamos, quando vimos gravado numa incisão no dintel da porta uma inscrição bastante deteriorada, que dizia “Tudo pela Pátria”. Agora não se duvidava mais de que ali havia estado o campo de prisioneiros e nos confirmaram que o lugar é conhecido como La Masada de la Hoya del Monte.

A caminho de Teruel podemos falar por telefone com o padre Florentino del Valle, em Villagarcía de Campos, que nesse dia cumpria 102 anos. Era o dia de São Vicente de Paulo e recordamos que por ali Ismael devia ter perdido a medalha da Virgem Milagrosa que havia costurado nas entretelas do jaleco antes de partir para o front.

Ismael inicia o sacrifício do silêncio como se tratasse de uma promessa agradável ao Senhor.

“Vai ouvindo as primeiras frases compassivas, ou os primeiros insultos cáusticos, ou se lhe crava na alma o riso burlesco dos que o contemplam como derrotado. Vão lhe tomando a ficha e quando todos tendem ao exagero alegando méritos anteriores que lhes avalizem, Ismael oculta sua filiação como membro da Ação Católica; mais ainda, há entre os chefes do campo-prisão algum do povoado, que sabe que Ismael se oculta e cala”¹²³.

“Quando procedem ao preenchimento da ficha, ele simplesmente se agrupa com todos. Vê que alguns ficam livres por desculpas e méritos que os avalizam; que outros, ao calar, por não ter que alegar, são considerados como maus e suspeitos e ficam em qualidade de prisioneiros. Ismael decidiu calar-se.

– Seu nome?

– **Ismael Molinero Novillo.**

– Idade?

123. Florentino del Valle, op. cit., p. 51.

- *Vinte anos.*
- *De onde és?*
- *De Tomelloso (Ciudad Real).*
- *Que diz você de si mesmo?*
- *Nada...*

Ele não se avaliza; não se desculpa por nada. Ali mesmo havia um capitão de sua cidade, conhecido e amigo seu, e se oculta e não busca sua proteção¹²⁴. Cala! Descobrir seus ideais e sua personalidade na Ação Católica, o teriam libertado; porém Ismael constringe o coração que chora sangue, que agoniza de torturas, e cala! Cala com aquele silêncio santo e sublime que o ligou ao sacrifício e a dor.

Que difícil é calar, para padecer!...

*Ismael cala e sofre. Um relato simples de seus padecimentos no front, que os demais prisioneiros que se encontravam com ele podiam declarar ser verdade, podia colocá-lo em liberdade; no entanto, ele cala, “**porque queria sofrer – são suas palavras – por Deus, pelas almas e pela Espanha**”.*

“Sente seu corpo minado por uma pneumonia, sem dúvida contraída nas últimas vigílias sobre a linha gelada do front; cala e nada diz até que a enfermidade o trai; aperta o coração entre suas próprias mãos, embora sofra, embora pingue sangue. Unicamente nos consta o fato: o silêncio¹²⁵, que providencialmente se rompeu a tem-

124. O capitão Francisco Vásquez López Ortega era natural de Tomelloso, amigo da família de Ismael, estudou na Academia Geral Militar de Zaragoza, onde também chegou a ser professor; depois chegou a General, porém Ismael não quis dar-se a conhecer.

125. Nota do A.: Há um texto escrito por Francisca Javiera del Valle, costureira no colégio dos jesuítas de Carrión de los Condes (Palência) que aparece publicado no *Decenario del Espíritu Santo, Biografía de um alma*, por Martín Alonso, cap. 14, c), páginas 148ss., Selección de escritos inéditos. Recolhimento e silêncio exterior. Ediciones Rialp, Madrid. Pode ajudar-nos a compreender o mistério do silêncio de Ismael:

“Este recolhimento e silêncio exterior é de suma necessidade para o recolhimento e silêncio interior; este recolhimento interior tem algo parecido no modo

po, antes que a morte selasse irremediavelmente seus lábios, para permitir-nos admirar a grandeza de seu sacrifício.

Existe um primeiro espaço de sua vida de prisioneiro que não pudemos iluminar com pormenores. Apareceu a enfermidade (pneumonia) que mal curada consumiu sua natureza debilitada; uma tuberculose que, ocultamente a princípio murchou suas forças, que nos últimos momentos invadiu imperiosamente seu organismo, calcinando-o com uma febre insistente; acresce-se a isso uma alimentação fraca que ajudou o fácil progresso da doença.

de formar-se, crescer e desenvolver-se da noz-moscada; essa enquanto as cascas não estão constituídas, a noz não começa a formar-se e dentro dessa casca, ali a noz cresce e se desenvolve. O recolhimento e silêncio exterior são de suma necessidade; sua prática para formar-se, crescer e desenvolver-se em nossa alma de recolhimento interior, meio por onde a alma adquire a solidão onde se há de por e alegremente viver; se queres atrair sobre si os olhares amorosos do mais fino dos Amantes; este recolhimento e silêncio exterior temos de dar-nos quanta pressa possamos para quanto antes adquiri-lo e tê-lo em posse, e digo em posse, porque ainda que trabalhemos por tê-lo enquanto que com toda a inteireza de nossa vontade não pretendamos, em possessão não o adquirimos; porque este recolhimento e silêncio exterior que tão logo se pronuncia não tão facilmente se adquire, porque o adquirir este recolhimento e silêncio exterior é fazer o que se faz quando há incêndio dentro de uma casa, que começam a jogar tudo quanto há dentro dela pelas janelas, e ao ponto o sacam tudo, e a dona da casa começa a olhar os móveis e diz: ai! Que bom alocado estava aí e era meu! Quanto me custou para adquiri-lo! E o olha e torna a olhá-lo, com tanta pena; e devia alegrar-se porque se não a despojam assim a casa, todos os móveis se teriam queimado. Pois assim acontece conosco com o recolhimento e silêncio exterior; que bem tão grande nos resulta do pouco trato com as criaturas, de quantos dissabores e desgostos nos livramos, de quantos quebra-cabeças, de quantas ofensas a Deus. De tudo isso estamos livres se no recolhimento e silêncio vivemos e se com inteira vontade deixamos o mundo, quanto não goza a alma ao fazer tal separação! Porém nós não somos assim, pois uma de duas, a dizer a Deus com todas as veras de nossa alma que o queremos servir e amar, e a todo custo nos abracemos com inteira vontade, ou não; se não, por que dizer que buscamos e desejamos a santificação de nossa alma? E se verdadeiramente o queremos e buscamos despojar nossa alma de tudo, à maneira que se despoja uma casa quando há incêndio, que em mui pouco tempo se retira tudo; tudo se resume em que aquilo que queremos, o queiramos deveras; se o que quere-

Em meados de fevereiro foi conduzido ao campo de concentração em San Juan de Mozarrifar, próximo a Zaragoza¹²⁶, e ali viveu no anonimato até que a enfermidade que ocultamente lhe minava, acabou por derrubá-lo.

Naquele campo de concentração havia um capelão zeloso, Pe. Ignacio Bruna, que ia de uma cela a outra falando aos prisioneiros, consolando aos tristes, ajudando a bem morrer os que terminavam seus dias na enfermaria.

Um dia se encontrava num dos pavilhões em conversação com os rapazes, quando um agente sanitário lhe chamou urgentemente para que assistisse a um prisioneiro gravíssimo que acabava de ingressar na enfermaria; sentia chegada sua hora e queria reconciliar-se com Deus.

Lá foi ele, e vejamos agora o que guardou em seu diário o capelão para que não se apagasse a recordação daquele encontro:

mos com inteira vontade já está tudo vencido; o que resta fazer não custa. A separação das criaturas quando existe boa vontade, é coisa fácil deixá-las, se a Deus queres e buscas deveras, olha um meio que hás de por em ação para adquiri-lo; imita nisto aos do mundo quando amam, veja que não poupam meio algum pra conseguir estar sozinhos; eles não teem livros que lhes ensinam a amar-se, e se amam. Não há sacrifício que lhes custe, porque onde há amor todo sacrifício está vencido; e o amor de Deus, que engendra prudência e discrição, já te dará a prudência e discrição que necessitas para fazer tua separação das criaturas sem ser notada, e guardar silêncio sem ser conhecida. Nunca perguntes nada do que acontece, nem te fixes no que em conversação estejam falando, nem sejas curiosa por coisa alguma que aconteça; tu, por tua conta, que não há de ser outro que amar e mais amar, para conseguir amor e mais amor; e se queres este amor, tão logo as criaturas te causarão grande rigor no trato, e sem grande desgaste de energias, as deixarás todas e viverás muito felizmente em teu recolhimento e silêncio exterior, que é o caminho por onde sempre hás de seguir, e receberás a bem-aventurança que se dá como recompensa antecipada àquele que por aqui caminha. O Senhor não dê sua graça, que com ela, tudo se vence e tudo se alcança. ASSIM SEJA”.

126. Nota do A: a zona é conhecida como San Gregorio, pelo que também o chamam Campo de Concentração de San Gregorio. É um magnífico edifício de quatro andares onde havia existido uma fábrica.

“No campo de concentração de San Juan de Mozarrifar (Zaragoza), tive ocasião de conhecer a esta humilde violeta transplantada já nos jardins celestes. O dia 18 de março de 1938, ao fazer minha visita ordinária à enfermaria, observei num dos enfermos uma sublime atitude e como um nimbo de santidade. Aproximei-me dele com respeito e carinho, fazendo-lhe as perguntas do ritual para iniciar a conversação:

– Como te chamas? Como estás? Quanto tempo faz que estás neste campo? Que desejas? Fez a confissão geral de sua vida e depois falamos mais um bom momento. Como eu o repreendesse amorosamente por não ter-se dado a conhecer antes, respondeu-me com sublime naturalidade.

– Padre, faz muito tempo que estou aqui. Quando o senhor entrava para visitar-nos, sentia uma emoção grandíssima e quando o senhor saía, entristecia-me muitíssimo; porém eu queria sofrer por Deus e pela Espanha, e compreendia que se o senhor me conhecesse, que tolheria essa ocasião ou pelo menos mitigaria minha dor. Agora que sinto como grave minha situação e o senhor nada pode fazer por mim, já não importa.

Saí emocionado e me retirei para deixá-lo descansar, pois se fatigava dado seu estado de saúde”.

Mais tarde, à pedido de quem conheceu a Ismael e desejava notícias detalhadas de sua enfermidade, ampliou as impressões desta entrevista¹²⁷; ouçamos-lhe:

Haveis contemplado detidamente a imagem de São Luis Gonzaga? Foi a primeira que me veio a mente depois de contemplar aquele rapaz.

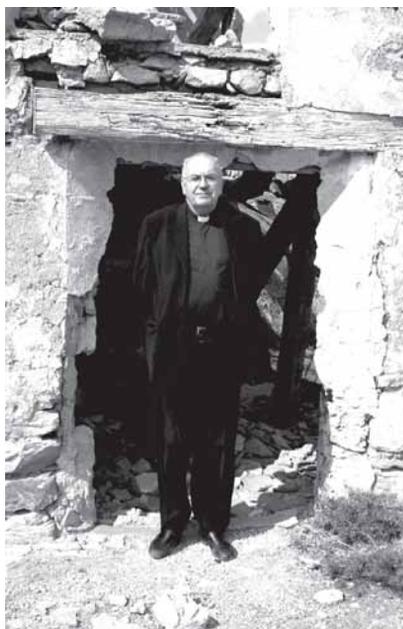
– Olha, padre, vou morrer e quero confessar-me, se o senhor pode me atender.

– Meu filho, estou a tua disposição absolutamente; prepara-te

127. Nota do A.: refere-se à enfermeira do Hospital Clínico de Zaragoza, Aurora Álvarez, que tomou notas diretas do capelão e as entregou ao padre Clemente Sánchez e ao padre Martín Brugarola, S.J., além das que ela escreveu.



Lugar conhecido como Masada de la Hoya del Monte.



Dom Joaquín Martín Abad.



Pe. Ignacio Bruna.

para que possas fazer uma boa confissão, e me avise quando achares que estás preparado.

Abriu seus bonitos olhos, olhou-me docemente e murmurou estas palavras:

– Estou preparado, porém haverá de ter muita caridade comigo. Estou muito mal.

Uma hora aproximadamente durou sua confissão. O segredo sacramental não deixa correr minha caneta; hei de me limitar a narrar a conversação havida depois da confissão.

– Como me sinto feliz, meu Padre! Fale-me de sofrimento, de tribulações e de cruces, porque são meu sonho dourado e foram realidade viva em mim, principalmente desde que começou a guerra. Como compreendo bem agora, padre, as palavras que tantas vezes nos repetia nosso conselheiro da Ação Católica: “Meus filhos, sabeis que os bens imensos de Deus não cabem senão em corações vazios e solitários”. E que solitário está o meu! Nem pais, nem amigos, nem honras, nem riquezas, nem consolo humano algum... Não obstante, sou feliz!

Como lhe augurava um futuro agradável, se Deus o queria salvá-lo, se refez no leito, olhou o crucifixo que presidia ao local, apontou com o dedo e disse:

– Não quero nada com o mundo. Sou de Deus e para Deus; se morro serei totalmente de Deus no céu e se não morro... quero ser sacerdote!

– Que dizes, Ismael? Tu deliras, pequeno.

– Padre, não deliro. Tampouco terei a satisfação de que o senhor acredite em mim? Sim, quero ser sacerdote e dos bons, dos que servem a Deus de graça, nem mercenário, nem assalariado. Quero viver absorvido Nele, perdido na imensidade Dele e a Ele totalmente entregue. Nem egoísmo, nem dinheiro, nem comodidades, nem família, nem honras, só Cristo!

Fechou os olhos, não para dormir, senão para meditar; eu os abri para chorar emocionado, e lhe disse:

– *Por acaso ignoras que ser sacerdote é viver sacrificado*¹²⁸
em todo momento?

– *Ah! sim. Porém diga-me; embora não se veja seu trabalho, embora não apareça o fruto, e se critique sua atitude, o faças por Deus?*

– *Claro que sim.*

– *Então, tudo está bem.*

Eu, sacerdote, com vários anos de ministério, fiquei admirado, e envergonhado do espírito daquele jovem, muito superior ao meu. Ele continuou falando:

– *Amanhã, quando comungar, consumarei a obra de desprendimento que desde alguns dias iniciei e não pude terminar. Em Cristo deixarei meus caprichos, meus gostos, as exigências de minha fraca natureza.*

– *Faz muito tempo que estais conosco?*

– *Aqui em San Gregório, dois meses e meio*¹²⁹.

– *Oh! Dois meses e meio! Por que não te deste a conhecer e terias favorecido dentro da disciplina que leva consigo o regime penitenciário e te haveria trazido o necessário, eu teria levado à minha casa algum momento, e sobretudo, haveria te consolado? Ou, por acaso, não me viu nunca?*

– *Sim, padre; eu vi o senhor. Entrava em nossa cela com muita frequência; escutava-lhe com muitíssimo gosto e quando se ia beijava a batina sem que o senhor nem meus companheiros percebessem. Adiantaria pouco ter melhorado minha situação, falando ao senhor; e alguma vez tive o propósito de fazê-lo, mas graças a Deus, recusei depois, como uma tentação, posto que assim teria perdido a preciosa ocasião de sofrer em silêncio por Deus e pela Espanha. Hoje conto ao senhor todas estas coisas, porque vou morrer e já nada pode*

128. Nota do A.: na revista *La Vida Sobrenatural* se diz *crucificado* em vez de *sacrificado*.

129. Nota do A.: havia pouco mais de um mês, porém deveria ter perdido a noção de tempo.

fazer em meu favor... Encontro-me fatigado, já continuaremos falando depois”¹³⁰.

A respiração fatigosa do enfermo e a tosse frequente motivaram o afastamento do sacerdote, mesmo quando a conversação sublime daquele rapaz o atraía para que ficasse à sua cabeceira escutando-o extasiado.

Quando retornou o capelão encontrou a Ismael fitando o crucifixo que presidia a enfermaria. Suavemente volveu sua cabeça para olhar o interlocutor e acolhê-lo com um sorriso.

– *Como estás, Ismael?*

– *Estou bem e sou feliz, Padre. Que felicidade tão grande eu sinto! Como é possível que Deus me dê tanto consolo? Como será o céu, se aqui já me sinto tão feliz? Óh! Padre! Quantos homens vivem escondidos na obscuridade, atados com as correntes dos vícios, porque não teem uma mão amiga que os tire de tão funesto estado? Quantos teriam se lançado na correnteza de uma vida que os tornariam santos se em seu caminho tivessem encontrado outros santos...! A Providência foi pródiga comigo. Embora educado cristãmente, teria me perdido sem remédio. Meu caráter fogoso, meu espírito agitado e violento me empurravam com força irresistível rumo aos prazeres do mundo, nos quais teria afundado, se outro jovem de meu povoado não tivesse se colocado a meu lado para exercer comigo a tutela de um anjo. Ele foi a primeira célula da Juventude da Ação Católica que o conselheiro fundou no povoado. Ele nos buscou; ele começou a formar-nos, ele nos ensinou a conhecer o valor do sacrifício; ele, enfim, nos preparou para o martírio. E se todos não derramamos o sangue por Jesus Cristo, foi porque o Senhor não quis conceder-nos esta graça tão grande. Todos a oferecemos generosamente; nem um fugiu, e os que morreram, o fizeram valentemente. Eu pedia ao Senhor que me desse fortaleza para beber o cálice do martírio; porém... o fruto*

130. La Vida Sobrenatural, pp. 220-222.

não estava maduro para entrar tão logo no céu; não cingi a coroa, nem empunhei a palma e isto foi para mim mais duro que o próprio martírio.

E continuava.

– Os santos fazem falta! Nosso assessor religioso nos animava os jovens a sermos santos. Ele morreu como um santo, morreu mártir. Pouco tempo antes nos dizia: “ A tempestade rompeu o dique da disciplina social, o leão da revolução rugiu, porque faltam mãos santas que cortem sua juba. Sobrou materialismo em nossa época porque faltam santos. Há que preparar-se para morrer como o Mestre; nosso sangue não será infrutuoso”. Depois pude comprovar no exército e nas trincheiras, o desconhecimento horrível da religião nas massas, a falta de fé, o ódio a Cristo. Falarei mais sobre isso quando tiver descansado um pouquinho... como tive a palma tão próxima! Que martírio para mim não ter sido mártir! Que inveja me dão os jovens da Ação Católica que morreram mártires! A vontade de Deus foi feita, bendito seja Deus!

Noutro momento de respiro falou da Virgem Maria; Ismael a queria com delírio.

– A Santíssima Virgem do Pilar! Dois meses na Espanha de Franco, na Espanha da Virgem sem beijar o santo Pilar! É horrível. Fale-me do Pilar, já que não posso ir até lá, visite-a em meu nome... Padre, como recordo destas coisas que me disse, queria que me desse um escapulário da Virgem Santíssima do Pilar.

“A falta do escapulário do Pilar, e de escapulários pequenos do Carmo—disse o capelão— o pus um de tamanho grande, que não havia dado a ninguém no mundo, era uma recordação de minha santa mãe que levava sempre comigo. O pus sobre seu peito e me agradeceu por isso com um terno e cálido beijo...”

– Servirei a Espanha no anonimato, ofereci a Deus todas as manifestações de minha enfermidade e os padecimentos de meu sacrifício, quis o martírio e finalmente o consegui. Não o

derramamento de sangue pela fé, porém sim o abandono, o lento sofrer, a angústia de morrer com a ausência de minha santa mãe”^{131, 132}.

“Chorava emocionado—acrescenta o capelão—, limpei suas lágrimas, estampeei um beijo em sua frente de anjo e me retirei”¹³³.

Pe. Ignácio Bruna elogia assim ao bom Ismael:

“Vi muitos ostentarem sobre seus peitos medalhas e condecorações; cavaleiros mutilados; cavaleiros da Espanha e os contemplo com carinho, porque todos eles aportaram grandes sacrifícios pela salvação da pátria. Em Ismael não vi condecorações, nem medalhas, nem cruzes e consta que as tinha. Quais eram suas cruzes? Semelhantes às do Crucificado. Chagas em todo o corpo, carência de tudo, privação do consolo humano”¹³⁴.

O médico do campo, vendo que a enfermidade de Ismael era grave, pois já tinha “atacado os pulmões, com seu enfraquecimento por necrose e decomposição, que eliminava com vômitos frequentes”, decidiu mandá-lo a Zaragoza, a um hospital. Dada a sua gravidade podia ir a Torrero ou ao Clínico. Preparou-se sua saída. Ele chamou o capelão. Com tristeza apresentou-se Pe. Ignácio e, ciente do destino para onde era levado, escreveu uma recomendação para o capelão de lá. Dizia assim:

“Estimado companheiro em Cristo: Ismael Molinero passa para esse hospital. É um excelente jovem. Entrevista-se com ele e o verás. Deseja comungar amanhã. Não o abandones. Caso haja Irmãs, que o atendam espiritualmente.

Fraternalmente em Cristo, Pe. Ignácio Bruna. San Gregório, 18-03-38”.

Ismael sentiu a partida. O capelão, que o admirava, sofreu uma cruel desilusão. Mais tarde, conta como recorda-se de Ismael:

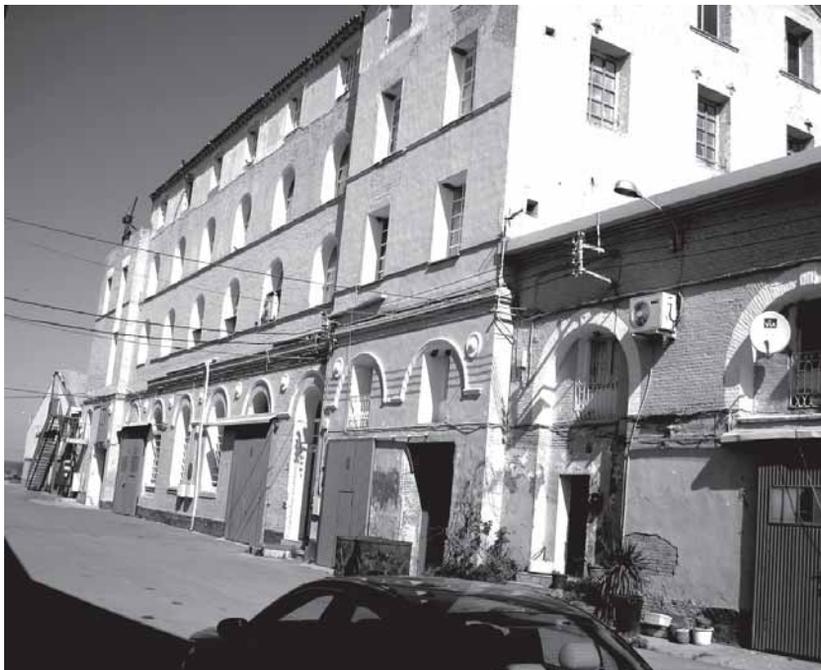
“Quando meu zelo tropeça com corações duros e ingratos,

131. La Vida Sobrenatural, pp. 223-224.

132. Florentino del Valle, op. cit., pp. 51-58.

133. A. Martín de Bernardo, op. cit. P. 154.

134. La Vida Sobrenatural, p. 224.



Edifício que foi um campo de concentração, San Juan de Mozarrifar.



Nossa Senhora do Carmo.

transfiro minhas lembranças à enfermaria desse campo e àquela data de 18 de março e me parece ver a figura daquele anjo, que só sabia sorrir, e que me disse: “Padre, adiante, eu o abençoo desde o céu”. Em seu diário que escreveu num dia daqueles, anota: “Terá morrido? Vive ainda? O ignoro; tenho presente seu nome Ismael, e suas virtudes”.

Quando o bom capelão chegou a casa da patrona (sic) naquela noite, disse aos que ali estavam: “Como gostaria de ser trocado por um dos que vão morrer!”¹³⁵.

Na tarde do dia 18 de março de 1938, uma ambulância transferiu Ismael para o Hospital Clínico da Faculdade de Medicina de Zaragoza.

Continua subindo o caminho do calvário e satanáas havia tentado seduzi-lo com o sonho de uma falsa liberdade e de agradáveis privilégios, quando o capelão disse assim que o encontrou repreendendo-o amorosamente por não ter-se dado a conhecer antes:– *“Por que não te deste a conhecer a mim e eu teria favorecido dentro da disciplina do regime penitenciário, e teria trazido para ti o necessário, inclusive teria te levado algum momento ao meu quarto?”*

Ismael respondeu que havia rechaçado **“Como se fosse uma tentação”** tudo o que pudesse afastá-lo de ser fiel à vontade de Deus: vivia desprendido, liberado, redimido. Oferecia-se a Deus no silêncio, mais ainda depois de haver recebido o sacramento da reconciliação e, com isso, a força para consumir a obra que havia iniciado e ainda não havia concluído; por isso lhe responde:

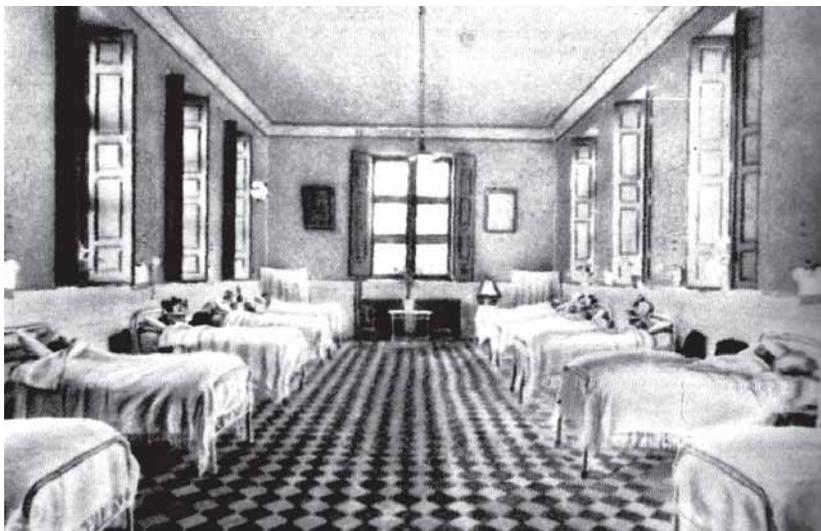
– **“Assim teria perdido a preciosa ocasião de sofrer em silêncio por Deus e pela Espanha”.**

Quebrado o silêncio na confissão, se transbordou de alegria.

135. Alberto M. de Bernardo, op. cit., p. 156.



Hospital Clínico de Zaragoza.



Hospital Clínico. Sala de patología.

IX MORTE

Era a tarde do dia 18 de março de 1938.

“No sopé da escadaria do Clínico (Faculdade de Medicina) detém-se uma ambulância. Dela retiram os enfermeiros uma padiola com um jovem, que, ao julgar-se por sua fisionomia, está muito grave.

– À sala de prisioneiros, número 17, cama 6, infecciosos– ordena uma voz.

Acudiram enfermeiras, auxiliares de enfermagem e alguma Irmãzinha da Caridade. Aquele jovem é Ismael Molinero, humilde e expressivo diz a alguns dos que ali se achavam:

*– **Quero comungar amanhã. Estou muito mal. Digam isso ao padre capelão**– e ao invés de entregar a carta de recomendação, a esconde, porque quer consumir seu martírio do silêncio.*

Chegou a noite. Ismael não descansava. Com a felicidade de pensar em ter Jesus, dentro de algumas horas, na intimidade de seu coração se esquecia das dores.

Antes do alvorecer do dia 19, festa de São José, já estava acordado. Orava... Pelo corredor chegava o tintilar da campainha anunciando que chegava Jesus.

Por ali, perto de seu leito (sobre o qual pendia a ficha de prisioneiro) passa o capelão. Finalmente, depois de dois anos ia ter a dita de aconchegá-lo em sua alma!

O capelão passou junto a ele, porém seguiu adiante e saiu da sala.

Ele pode pedir, chamar a atenção, manifestar seus ardentes

desejos de comungar; porém compreendeu que até isso lhe pedia o Senhor e generoso e sublime ofereceu-se. Somente uns dias mais tarde deixou escapar esta queixa, como um suspiro, que deixa entrever sua alma:

– O Senhor quis me privar deste consolo tão grande para mim.

Houve uma enfermeira, jovem valente e caridosa, da Ação Católica, evadida da Barcelona vermelha, que se chamava Aurora Álvarez, e que prestava seus serviços no Clínico. Ela foi quem se impressionou com a conduta de Ismael e assim anota sua impressão:

“No dia 19 de março de 1938, ao entrar na enfermaria 17, chamou minha atenção um enfermo recém internado que ocupava o leito nº 6. Passei toda a manhã ocupando-me dos demais enfermos; como ele não me pedia nada, não me aproximei de seu leito. Pela tarde seguia no mesmo ritmo e logo pude observar que mal falava com seus companheiros. Estranhando tão misterioso silêncio me perguntava a mim mesma: será um de tantos vermelhos que não está contente de estar a nosso lado? Por outra parte, aquele semblante tão doce e aquele olhar de bondade, que expressava a inocência de sua alma, não me deixavam supor que pudesse ser cúmplice de tantos crimes, nem, que suas mãos estivessem manchadas de sangue. Seria bom? E por que não o dizia?”¹³⁶

No dia 20 pela tarde, Ismael recebeu a inesperada visita de dois paisanos seus. Um deles era Alfredo Salinas—consogro de Luis Molinero, irmão de Ismael—, com quem se havia encontrado no front da Espanha de Franco. Ismael sofreu uma pequena emoção e como esta se desata sempre em lágrimas, de seus olhos saíram dois filetes. Súbito, no entanto, se animou a conversação e Ismael contou a seus paisanos parte de seus sofrimentos.

Porém nem lhes pediu ajuda, nem se queixou de nada. Sofria em silêncio.

136. La Vida Sobrenatural, p. 227.

Quando eles se retiraram, a enfermeira chamou a Alfredo e lhe perguntou:

– Diga-me soldado, quem é este jovem?

– Ismael Molinero, meu paisano.

– É um bom rapaz?

– Um dos melhores de Tomelloso. Foi secretário da Ação Católica.¹³⁷ É um jovem exemplar. Eu me retiro ao front, cuide bem você dele.

Aurora, a enfermeira, ficou maravilhada do que ouvia e, aproximando-se da cama de Ismael, lhe disse:

– Você é da Ação Católica?

Enquanto respondia, fez um gesto como de alguém que não compreende. Estava disposto a prolongar ou reatar o sacrifício do silêncio. Unicamente, como para desafogar-se e para evitar a resposta, disse:

– Como pode ver, encontro-me bastante mal, e só lamento morrer sem ver meus pais.

– Não pense nisso¹³⁸; agora não pense mais nada que em ficar bem, para poder ir vê-los. Não te entristeça pela ideia de estar na qualidade de prisioneiro; para mim já não serás um prisioneiro de tantos e em mim encontrarás, mais que uma enfermeira, uma irmã, você não me disse, porém já fiquei sabendo que pertences à Ação Católica, à qual eu também pertença. Como membro seu e mais ainda nestas circunstâncias, é meu dever fazer por você quanto puder.

A expressão triste de Ismael, torna-se doce, seus olhos brilharam um lampejo de gratidão e beijando a mão daquela jovem enfermeira que o consolava e lhe dava alento, soluça:

– É a primeira palavra de carinho que ouço desde que saí de minha casa, pois durante minha estadia na Espanha vermelha, não ouvi mais que insultos: e aquilo que mais me

137. Na realidade, Ismael foi tesoureiro e vocal, respectivamente. Ver nota 5.

138. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 157-163.

*penalizava era não ouvir o nome de Deus, a não ser que para maldizê-lo...!*¹³⁹

“E já, rompido o silêncio, começou a especular os detalhes que queria saber daquele enfermo:

– *Diga-me, faz muito tempo que está prisioneiro e enfermo?*

– *Já faz dois meses em San Gregório e um que estou enfermo*¹⁴⁰.

– *Que fazia durante aquelas longas horas de reclusão?*

– *Retirava-me a um rincão e contando nos dedos rezava várias partes do rosário para que a Espanha triunfasse. Não me arredava o sofrimento físico, porém me entristecia por não encontrar entre tantos prisioneiros algum que pensasse como eu.*

Tão somente quando nos mandavam trabalhar e via a algum sacerdote, sentia desejo de burlar a vigilância e lançar-me a ele e jogar-me em seus braços e abrir-lhe o coração. Mas me continha. Um dia tínhamos ido trabalhar na cidade, muito próximo do Pilar. Ai! Minha Virgem do Pilar à qual não visitei! Acabávamos de montar no caminhão de regresso; vi um sacerdote, senti que meu coração saltava do peito e que todo meu corpo me exigia saltar por terra e falar àquele representante de Deus. Foi tão grande a excitação, que para dominar-me cobri-me com a manta a cabeça enquanto o caminhão arrancava... E chorei amargamente, porém também aquele dia resisti!

– *Porém, por que não disse você quem era e teria evitado o sofrimento?*

Ismael resistia a dar a resposta; porém ante a insistência da enfermeira, respondeu simplesmente:

– *Deus me pedia este sacrifício e com sua ajuda pude consumá-lo!*¹⁴¹

“Ismael se cansava. A enfermeira notou isso e desistiu de fa-

139. La Vida Sobrenatural, p. 228.

140. Comete o mesmo erro no cálculo do tempo, porque só havia estado pouco mais de um mês em San Gregório.

141. Florentino del Valle, op. cit., pp. 61-62.

lar-lhe por mais tempo naquela tarde. Não tardou em comunicar algo a outras amigas.

Naquela mesma tarde, momentos antes de chegar seus paisanos, pôs-se a escrever uma nota para sua mãe, que, talvez, pensou enviá-la pela correspondência postal da Cruz Vermelha. É um espelho onde retrata sua conformidade com a vontade de Deus.

“Mãe, seguramente estas quatro letras serão as últimas que você verá de mim, as que a encherão de pena; porém não há que ter pena nestas coisas de Deus. Fui feito prisioneiro em Alfambra; trataram-me muito bem e me trouxeram para Zaragoza, onde estive com a mais perfeita comodidade e bem-estar.

Chegou um dia em que me acometeu uma grave enfermidade, que tão somente se Deus o permite pode ser curada.

Assim que paciência e resignação. Deus o quer assim. Bendito seja!”

A fim de não fazer com que seus pais sofressem, oculta sua qualidade de prisioneiro num campo onde sofreu muito com os trabalhos, maus tratos e solidão imensa da que se viu rodeado.

Aurora quando limpava e organizava a mesinha de Ismael, esbarrou com um envelope sobrescrito ao Senhor capelão deste Hospital.

Surpreendida, se dirige ao paciente:

– Ismael, o que é isto?

– Já podem rasgá-la; não é nada, respondeu.

Dissimuladamente a enfiou dentro de um livro de medicina que manuseava e quando terminou, saiu ao corredor e leu a carta. Era a de Pe. Ignácio Bruna, recomendando a Ismael.

Não se conteve e foi até ele, pedindo uma explicação.

– Que significa isto? Quem te deu esta carta?

Ismael não responde, fecha os olhos e aperta os lábios e vira a cabeça, como que para fazer-se forte; não adiantou e diante da insistência feminina respondeu, finalmente:

– Quero passar despercebido, quero sofrer, e se entregasse isso, me considerariam e terminaria meu sacrifício.

E como que para desviar a atenção e desfazer o afeto que suas palavras despertaram na enfermeira, continuou:

– Amanhã gostaria de comungar; consiga-me a senhora esta dita antes de ir embora. No dia de são José, ao chegar, não sei por que não me quiseram dar a comunhão. O Senhor quis me privar deste consolo para mim tão grande; desejo tanto comungar!¹⁴²

*– Falarei já com o capelão; não te preocupes. Se te negaram a comunhão, é porque o padre não costuma dá-la aos prisioneiros, até que não os examina, pois como todos estão sem formação religiosa ou com uma formação muito fraca, costuma negá-la até que os prepare*¹⁴³.

“No dia seguinte” recebeu, finalmente, a comunhão das mãos do capelão que, “inteirado de quem era e da gravidade de sua doença, deu-lhe a comunhão sem dificuldade. A enfermeira o encontrou com as mãos cruzadas, os olhos semicerrados numa expressão beatífica, realçada pela palidez do rosto. Aproximou-se mansamente e perguntou-lhe:

– Estás dormindo?

– Não; estava dando graças a Deus; Como sou feliz com Jesus em meu coração! Depois de tanto ansiar, em vão, comungar, hoje é o dia mais feliz de minha vida. Não é nada o que sofri em comparação com a alegria que hoje invade minha alma! Deixe-me dar graças por benefício tão imenso.

A enfermeira ofereceu-lhe um rosário que trazia para ele e isto veio completar sua alegria; o recebeu com notória emoção:

– Não, não me ponha debaixo da almofada onde possa extraviar-se; ponha-o aqui, no braço, e não mo retires até depois de morto; depois o envia a minha mãe, como última recordação de seu filho¹⁴⁴.

Era a primeira comunhão que recebia desde cerca de dois anos.

Vários testemunhos de ontem e de hoje acreditam no amor que

142. La Vida Sobrenatural, p. 228.

143. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 164-166.

144. Florentino del Valle, op. cit., p. 64.

Ismael tinha pela Eucaristia, desde aqueles longos momentos de oração na paróquia e no Hospital Asilo de Tomelloso, que tanto impressionavam aos amigos e às Irmãzinhas por seu recolhimento e devoção, ou o testemunho de Pe. José Ballesteros durante o retiro espiritual que fez no seminário de Ciudad Real, e as recentes declarações da Madre Asunción, abadessa das religiosas concepcionistas em Manzanares, e da Ir. Aurora Serrano, que conheceram a Ismael em sua juventude.

Um fato singular veio trazer novo consolo e alegria a Ismael, em 22 de março: Pe. José Ballesteros ingressou, por causa de uma ferida causada por um tiro de bala na perna, no hospital clínico de Zaragoza. No capítulo IV vimos como se conheceram em Ciudad Real, durante o retiro espiritual, do ano 1935.

Há alguns anos atrás, Pe. José contou a Pe. Alberto Martín de Bernardo esse encontro:

“Mobilizado o batalhão de Pe. José, veio este a parar no front de Aragón. Cerca do meio dia de 22 de março de 1938, tive ocasião de cruzar o campo nacional e nesse mesmo dia ingressava no clínico de Zaragoza. “Até a muito que se tramitava (conta o mesmo) meu expediente de liberdade e adesão ao Regime Nacional, ingressei como ferido vermelho”, porque ao fugir das trincheiras vermelhas, deram-lhe um tiro na perna. Havia no escritório em que isto tramitava um seminarista, companheiro de Pe. José, que tinha se evadido também das filas vermelhas e lhe prometeu solucionar o problema logo. Tinha sua cama num corredor, pois o hospital estava materialmente cheio, e precisamente no final desse corredor estava a cama de Ismael. Súbito correu a voz entre o pessoal sanitário de que aquele rapaz “vermelho” era um seminarista manchego e isto o fez ganhar as simpatias de freiras e enfermeiras.

“Quando completavam dois ou três dias que estava ali— diz Pe. José—, disse-me Julia Quero, uma das enfermeiras que prestavam serviços voluntários nos hospitais, que na sala 17, nº 6, situada no final do corredor em que eu me encontrava, estava a cama de um enfermo de minha terra. Fui ver quem era, e me encontrei com um

rapaz de olhos muito grandes nublados pelo beijo da dor, com o nariz comprido e afilado, com as maçãs do rosto salientes, com os lábios brancos e cortados pela secura da febre ardente e teimosa, com um sorriso órfã e solitário vertido sobre seu rosto emagrecido como de um cadáver; todo seu corpo era como o de um esqueleto revestido de pele com uns dedos compridos e nodosos em suas mãos que cruzavam com o rosário, beatificamente sobre o peito. Eu não o reconhecia. Ele olhou-me lentamente...

Finalmente falei-lhe:

– Então? Disseram-me que somos paisanos.

Ismael respondeu-lhe sussurrando:

*– **Pode ser; eu sou de Tomelloso... E tu?***

– Eu sou de Albaladejo.

*– **Parece-me que te conheço ou creio que alguma vez já nos vemos.***

– Sim; pode ser que tenha acontecido. Seguramente nalguma viagem ou em Ciudad Real, o no seminário...

*– **Ah! Porém, tu és do seminário?**– disse animando-se um pouco.*

– Sim; agora estou aqui ferido.

*– **Ali foi onde te vi; quando do retiro espiritual de 1935.***

Instintivamente olhei a ficha da cabeceira e li seu nome: Ismael Molinero.

– Porém tu és Ismael de Tomelloso, que estiveste fazendo o retiro espiritual no seminário? (no hospital começaram a chamá-lo Ismael de Tomelloso).

E se abraçaram efusivamente. Os dois estavam sós, sem família. Não era, pois, estranho que aqueles corações unidos pela mesma desgraça, se ligassem num abraço, que lhes dava o mesmo consolo.

“Porém, como estava Ismael! Não parecia o mesmo. A enfermidade e o sofrimento haviam atacado nele e o haviam deixado feito uma pobre figura, que se atraía, porque estava rodeado de uma auréola de santidade, de só o ver, movia a piedade e devoção.

Falamos longamente, embora ele falasse com fadiga e enorme dificuldade. Contou-me sua enfermidade, suas penas, algo de sua vida de mártir”.

Desde então teve um confidente e um amigo que fez por ele o quanto pôde.

Conserva-se uma carta de Ismael escrita com data de 25 de março, festa da Anunciação da Virgem Maria, quiçá o mesmo dia que se entrevistou com Pe. José. Estava se sentindo mal e queria deixar alguma recordação a sua querida mãe. É um eco da felicidade que o inunda, por haver comungado; porém está interrompida de repente, porque enquanto escrevia sobreveio-lhe um colapso.

“Mamãe, este dia em que te escrevo estas letras, estou bastante mal e decaído; porém minha alegria é grandiosa, por ter tido a dita de receber o Corpo de Cristo.

Depois do exposto acima, ei de dizer-lhes como tudo veio surgindo.

Já sabemos que tudo é disposto por Deus, portanto nós devemos nos ater à sua Santa Vontade.

Fui muito bem assistido em minha enfermidade, pois vim a cair em...”¹⁴⁵

Assaltou-lhe um golpe de tosse e afluiu aos lábios o sangue dos pulmões. Pálido e doloroso caiu num colapso que sobressaltou a todos. Assim, não é de estranhar que Pe. José o encontrasse no lastimoso estado em que antes o descreveu.

A doença avançava triunfadora e o médico não dava esperança alguma de cura. As hemoptises se repetiam; a caquexia era progressiva; os ruídos cavernosos sibilantes marcavam o avanço da decomposição pulmonar e anunciava o pouco de vida que lhe restava.

Ismael sofria muito e, no entanto, de nada se queixava. Ora-va, rezava o rosário; fitava o crucifixo.

Pe. José havia-lhe prometido falar com os que podiam liberá-

145. Não se conserva o original. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 172.AGC-IT.

lo, especialmente com aquele seminarista manchego, que tramitava nesse assunto.

Tendo sido inteirada do assunto, a enfermeira se opôs a isso, com o fim nobre e caridoso de que não o levassem da sala onde ela o atendia”¹⁴⁶.

“Aurora propôs a Ismael fazer uma novena a Nossa Senhora do Sagrado Coração, pedindo-lhe sua saúde. Aceitou”¹⁴⁷, dizendo:

– **“Como queira, porém minha vida está se acabando. Creio que morrerei em seguida”**¹⁴⁸.

– **“Não vá embora pro céu ainda. Não vês que jovens como tu fazem falta no mundo?”**

– **“Deus o quer assim, e estou tão bem preparado, que desejo quanto antes ir embora pro céu”**¹⁴⁹.

“Aurora começou a novena, ajoelhada junto ao leito do enfermo. Ismael sorria. Era já de noite. Cheio de agradecimento e com ar de augúrio despediu-se da jovem:

– **Vá descansar; quem sabe quando venhas amanhã já não me encontres vivo. Deus te pague por tudo!**

Ismael já tinha muito entusiasmo. A novena continuava. Sorrindo, como sempre, sem querer ferir a caridade da jovem e sentindo saudade da morte que o levaria a sua verdadeira pátria, lhe disse:

– **Não quero obrigar à Virgem Maria a fazer um milagre devolvendo-me a saúde, quando estou tão perto do Céu”**¹⁵⁰.

“À medida que avançava a novena (à qual veio se somar dona Pilar, convidada por Aurora), notando uma ligeira melhora dona Pilar e Aurora se animavam e traçavam plano felizes.

– **Quando ficares bom, iremos os três dar graças à Virgem do Pilar.**

Ismael levantava os olhos ao céu, e com doce olhar indicava:

146. A. Martín de Bernardo, op. cit. Pp. 169-173.

147. Florentino del Valle, op. cit., p. 65.

148. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 176.

149. Florentino del Valle, op. cit., p. 65.

150. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 176-177.

– ***Eu irei dar graças ao Céu, e logo.***

Estava persuadido de que ia morrer logo e essa persuasão lhe dava alento na enfermidade.

Um dia a enfermeira lhe propôs fazer um pacto entre os dois:

– *Eu estou esgotada, não valho quase nada neste mundo. Queres que peçamos a Deus para fazer-nos uma troca: que eu morra e tu continues vivendo?*

– ***Ah! Isso de jeito nenhum; jamais será você que irá arrebatá-me a felicidade que espero para muito breve!***¹⁵¹.

“A melhoria que notaram fez renascer uma alegria física, que repercutiu em seu estado moral e chegou-se a pensar que ficaria curado.

Tudo em vão! Ismael começou a padecer aos poucos dias em seu corpo os tormentos mais atrozes da enfermidade.

Uma febre insistente e alta fazia-lhe suar intensamente e aquelas suores apodrecendo sobre seu esquelético corpo o fez coberto de chagas ulcerosas. Mais ainda: as costas e a coluna vertebral estavam em carne viva como se tivesse sido flagelado horrivelmente. Ismael sofre, e se cala.

Deitado em seu leito de dor, na posição de decúbito dorsal, fazia grandíssimos esforços para respirar. Com muita fadiga conseguia respirar, sentindo então como se o peito fosse atravessado por inúmeros punhais. “Acudiam para movê-lo com frequência, a fim de evitar a asfixia, e ao movê-lo fazia um gesto de dor que tentava dissimular com um sorriso”. Este é o testemunho de Aurora: “Posso dizer que durante um mês e meio que o assisti, nunca ouvi uma só queixa”. E pe. José Ballesteros escreve: “Jamais se queixou de nada, nem protestou por nada. Devia sentir agudíssimas dores e nunca se queixava e além do mais, estava sempre deitado de barriga pra cima, com a agravante de que suas feridas deviam incomodá-lo muito mais”.

Quando pe. José ficou livre, por haver terminado favoravel-

151. Florentino del Valle, op. cit., p. 68.

mente seu expediente de depuração, Ismael teve inveja dele, só porque podia visitar à Santíssima Virgem do Pilar e meio triste e resignado dizia:

– Quando vais ver a Virgem, lembra-te de mim e reza uma avemaria por mim.

*Sempre que podia comungava e isso foi quase todos os dias. E fazia isso com tal devoção e fervor, com tanto amor e compostura externa, que movia à devoção, quando não às lágrimas. “Edificava-nos a todos que rodeávamos seu leito”, disse pe. José. “Parecia um anjo vindo à terra; tanto é assim que nós, muitas vezes, o chamávamos Luis Gonzaga ou João Berchmans, coisa que ele não queria, dada sua grande humildade”**

A propósito de São Luis Gonzaga, devemos lembrar que Ismael o tomou como modelo na angélica virtude da castidade. Ouçamos pe. José: “Por seu espírito de sacrifício heroico, por temor de incomodar aos outros e em especial por sua angelical modéstia, não disse nada de suas feridas e úlceras horríveis nas costas e pernas. Só eu por casualidade pude descobri-las um dia e só a mim me permitiu que o cuidasse”¹⁵².

* São João Berchmans (Diest, 1599- Roma, 1621) ingressou na Companhia de Jesus, em 1616 e em 1618 foi enviado ao colégio romano; morreu muito jovem; com São Luis Gonzaga e São Estanislau de Kostka foi proposto como patrono da juventude. Foi o anjo do lar, fiel ajudante de sua mãe.

Sua devoção à Virgem Maria era proverbial. Sentia para com ela um carinho terno, profundo, confiante e filial. No último ano de suja vida João havia-se comprometido, firmando com seu próprio sangue, de “afirmar e defender aonde quer que estivesse o dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria”. Dizia: “Quero ser santo sem delonga alguma”.

São Luis Gonzaga nasceu em Castiglione, Itália (1568-1591). Em 1581, o jovem Luis Gonzaga, que era seminarista e se preparava para ser sacerdote jesuíta, se dedicou a cuidar dos enfermos da peste de tifo negro. Encontrou-se na rua com um enfermo gravíssimo. Tomou-o nos ombros e o levou ao hospital para que o atendessem. Porém foi por isso contagiado pelo tifo e Luis morreu em 21 de junho de 1591, à idade de somente 23 anos. Morreu fitando o crucifixo e dizendo: “Que alegria quando me disseram: vamos à casa do Senhor”.

152. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 177-179.

“Um dia Aurora lhe trouxe uma relíquia de São Luis Gonzaga: vou colocar em você uma relíquia de S. Luis Gonzaga. Sabes quem é este santo? Ismael fez um gesto inexpressivo, porém tomando a relíquia beijou-a demoradamente.

“Qual seria minha surpresa—disse a enfermeira—quando ao chegar a sua casa em Tomelloso, vejo que á a imagem de São Luis a que preside seu leito, numa moldura feita por ele mesmo! Tinha sido o santo de sua predileção!

Uma das virtudes que havia tratado fielmente de copiar de São Luis era a castidade, chegando, às vezes, até o heroísmo”¹⁵³.

“Ao que parece uma injeção aplicada na coxa infeccionou a perna; e isso aconteceu talvez já em São Gregório, ou talvez, estando já no hospital clínico. Como consequência produziu-se uma chaga, que foi, pouco a pouco, apodrecendo-lhe a carne”. Sem dizer qual a finalidade “Ismael pedia todos os dias gazes e algodão, para fazer por si mesmo os curativos; agia assim por recato e amor à pureza. Uma das vezes em que a enfermeira foi movê-lo, tocou ligeiramente as chagas e retirou sua mão manchada de pus”.

– Que é isto, Ismael?

– Nada, não é nada!– respondeu Ismael um tanto confuso e tratando de diminuir a importância do fato e de ocultar seu mal.

– Como não é nada? Deixa-me ver o que tens.

Resistia. Aurora, no entanto, se impôs no seu ofício e descobriu um pouco. Na coxa havia uma enorme ferida, de tal profundidade que podia caber nela a mão. Ismael cobriu-se em seguida. Só ele soube o que com isso padeceu. A enfermeira repreendeu-lhe energicamente:

– Por que não disseste nada? E eu desvelando-me por ti, esforçando-me por devolver-te a saúde e tu ocultando-me estas coisas...!

Foi uma chicotada dada em sua alma. Ele fechou os olhos dos

153. Florentino del Valle, op. cit., p. 66.

quais escaparam abundantes lágrimas, e numa atitude humilde calou e resignou-se. Era uma vítima e não devia queixar-se. Cumprira seu desejo: **“Quero passar despercebido; quero sofrer”**¹⁵⁴.

“Mais adiante, em vésperas de sua morte e já quase agonizando, quando o médico para auscultá-lo ou a enfermeira para fazer a injeção, o descobriam, ele como que instintivamente cobria seus membros, chamando a atenção de todos essa trivial defesa de sua castidade, porém que deixava transparecer sua delicadeza de alma”¹⁵⁵.

“Sobre os sofrimentos físicos há que colocar suas grandes penas morais”¹⁵⁶.

“A todos os desprezos e faltas de cuidado, ele respondia com uma resignação e silêncio admiráveis”, anota pe. José.

Desde então, Aurora cuidava com especial atenção de Ismael, porque chegou a cair em tal estado de debilidade que dava lástima contemplá-lo. Cheio de dores, sem forças e com angústias indizíveis, caiu numa grande anemia que o fez perder o apetite totalmente. Neste caso, a enfermeira se comportou como uma mãe. Levava-lhe bolinhos, doces, marmeladas e outras mil coisas de mais “fácil digestão”.

Uma vez, o médico fazia a visita aos enfermos acompanhado da Irmãzinha. Como sabia que aquele rapaz era prisioneiro, surpreendeu-se de ver em sua mesinha alguns alimentos destes mencionados. Inteirando-se de que era a enfermeira que os proporcionava, com sorriso malicioso e tom cruel disse à irmãzinha:

– Será alguma vermelhinha e por isso o atende com predileção. O comentário magoou a Ismael. Porém ele calava e sofria.

Parecia que todos estavam contra ele. Outro dia desde um canto da sala, um prisioneiro enfermo, alemão, das brigadas internacionais, levantou um pouco a voz e disse:

– Mas o que tem este rapaz que o mimam desse modo?

154. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 179-180.

155. Florentino del Valle, op. cit., p. 67.

156. Florentino del Valle, op. cit., p. 68.

O bom Ismael, como para comprazê-lo, respondeu timidamente:

– É que estou muito mal; estou morrendo.

– Não quero que me tragam mais coisas, disse à enfermeira, pois lamento que reпреendam a você por minha causa”¹⁵⁷.

“Porém sofrendo tão duramente como sofria, sabia esquecer-se de suas penas e dores físicas para consolar as penas dos demais. Estava sumamente reconhecido à enfermeira pelo que se desvelava por ele. Queria mostrar-se agradecido, e um dia em que as atenções haviam sido maiores que de ordinário, por exemplo, depois de lavar-lhe a boca para retirar o amargor daquelas matérias degeneradas que eliminava, com voz desfalecida porém com olhar de agradecimento dizia Ismael:

– A você não podiam matar os vermelhos, porque os desígnios de Deus eram que você se santificasse atendendo-me e animando-me como o faz. Quisera mostrar-lhe o agradecimento pelo muito que lhe devo, porém nem voz tenho para fazê-lo. Você é católica e aprecia a promessa de orações desde o céu; desde ali lhe prometo que hei de recompensá-la até a menor ação que fez por mim. Verdadeiramente que isso tão só minha mãe poderia ter feito... Estou feito pó, e não tenho voz na garganta, perdoe-me que não seja mais expressivo.

A emoção e a fadiga aceleravam sua trabalhosa respiração e diminuía a tossezinha seca que cortava suas expansões.

Outros dias, ao notá-la um tanto decaída pela preocupação com algum familiar que tinha entre os vermelhos:

– Confie– dizia-lhe Ismael– não seja covarde e levante o coração ao céu.

E com sorriso um tanto forçado tratava de dissimular a preocupação idêntica que a ele o torturava”¹⁵⁸.

“Uma vez quando dona Pilar veio visitar Ismael, lhe disse:

157. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 184-185.

158. Florentino del Valle, op. cit., pp 70-71.

– *Ismael, posto que és da Ação Católica, gostarias de receber uma visita de alguns membros do Conselho Diocesano daqui?*

Illuminou-se seu rosto pálido com alegre expressão e respondeu afirmativamente.

A visita não se fez esperar muito. O presidente e o secretário do Conselho se aproximaram da cama de Ismael, alguns dias depois.

Renasceu, então, aquele rapazinho simpático de Tomelloso, virtuosamente alegre. Esquecido de suas dores, compartilhava amavelmente o tempo numa conversação amena com eles. Um presentinho acertado o fez sorrir sua alma.

– *Trouxemos para você uma insígnia da Ação Católica; você se agrada?*

– ***Oh! Muito! Muito obrigado mesmo!*** – e o acariciava entre suas mãos.

Pensou, talvez, que a esnobando sobre seu peito, seria causa de que muitos o atendessem melhor, ou ocasião para ganhar simpatias de médicos e religiosas. O certo é que Ismael a guardou em sua mesinha e não a esnobou. Quando se foram os jovens, a enfermeira encontrou a Ismael com um sorriso de íntima satisfação no rosto. E como adivinhando os desejos de Aurora de conhecer a razão daquele contentamento que fazia brilhar seus olhos, disse-lhe:

– ***Abra a gaveta e olhe o que há aí dentro.***

Envolvida num papel de seda estava a insígnia da Ação Católica.

E esclareceu:

– ***Vieram para visitar-me os jovens da Ação Católica e me trouxeram este presente***– e tomava nas mãos a insígnia e a beijava com efusão apaixonante.

– *Porém, ponha-a na camisa para que vejam.*

– ***Não, se estragaria logo. Além do mais, seria indigno colocá-la num lugar tão sujo***¹⁵⁹.

159. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 182-183.

“Ismael não gozou do dia emocionante da imposição de insígnias, pois segundo informes do secretário daquela Juventude, “oficialmente ignora-se se chegaram a impô-la, já que isso não consta no arquivo da associação e não temos lembrança alguma de que isso tenha ocorrido”. Ismael foi inscrito como sócio da Ação Católica no dia 1º de abril de 1934. No dia 3 de fevereiro de 1935, na Junta Geral da Associação ele foi nomeado tesoureiro, cargo que desempenhou até 6 de janeiro de 1936, dia em que o deixou e assumiu como vocal.

Mais tarde, numa cerimônia de imposição de insígnias que houve em Tomelloso, como se acredita que Ismael não a tivesse recebido oficialmente, foi-lhe concedida a honra de colocá-la presa por um laço entre as pregas da formosa bandeira branca”¹⁶⁰.

“Pelo único motivo que não queria morrer (confidenciou intimamente com Pe. José, um dia), é para ver terminada a guerra e o desenvolvimento da Ação Católica, meu apostolado favorito, embora depois de morto, desde o céu pedirei muito por todos meus paisanos (por seu Centro, entenda-se), pela Ação Católica, para que se estenda e se organize em todas as cidades. São muito necessários os sacerdotes e, na falta deles, os jovens da Ação Católica devem preparar-se para cumprir seu programa tão necessário em todos os tempos e hoje mais que nunca”.

E pe. José para atizar este fogo mais ainda, proporciona-lhe folhetos e livros que tratavam de seu “apostolado favorito”, como ele o chamava”¹⁶¹.

“Na véspera da festa de Nossa Senhora das Dores, 7 de abril, piorou muito seu estado de saúde e sentiu que ia morrer. Eram cerca das nove horas da noite ou pouco mais. No hospital já estavam todos recolhidos. Começou a tossir e teve uma grande hemoptise. Cada vez que tossia, saíam de seu peito pedaços desprendidos de seus pulmões, e naquele transe amaríssimo mandou chamar pe. José com a Irmã de plantão. Estava magérrimo e

160. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 39-40.

161. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 183.

com o rosto agônico, porém entre as sombras com que a dor esfumava seu rosto, amanhecia uma paz serena com a aurora de um sorriso resignado.

– O que está acontecendo, Ismael?– perguntou-lhe Padre José.

– Fica aqui comigo; esta noite vou morrer.

– Não diga isso, meu jovem.

– Sim, sim; chama o capelão. Já recebi o viático e quero a santa unção. Sinto que vou morrer já.– Já envolvia entre as mãos descarnadas o rosário de Nossa Senhora, apertando-o fortemente. Também Ela havia sofrido muito e precisamente no dia seguinte, a Igreja celebrava a festa de suas dores.

Pe. José foi chamar o capelão, o qual se apressou em vir assisti-lo.

Ismael ajeitou-se um tanto como pode, em seu leito, e respondeu o que conseguiu, dando conta de tudo. O capelão ficou um bom momento, animando-o, ditando-lhe jaculatórias, e vendo que não apresentava mais sintomas de agonia, retirou-se para descansar com a advertência de que, caso se agravasse, pe. José o chamasse.

Chegou então o doce momento das intimidades entre ele e pe. José. Com um sorriso que brotou novo e sem sombra de dor em seus lábios sangrentos, disse:

– Então! Queres algo que te peça à Virgem Santíssima? Pois morro esta noite. Amanhã é sexta-feira das dores, festa de Nossa Senhora. Amanhã estarei com Ela no Céu...!

– Não digas isso, Ismael – contestou-lhe pe. José, para animá-lo.

– Logo verás, logo verás; vou morrer esta noite. Porém estou muito contente!

Essa alegria era reflexo da paz e tranquilidade de sua alma. Esquecendo-se da gravidade do momento começou a brincar:

– Amanhã quando chegar ao Céu, se São Pedro não me deixar entrar, porque tenha sido um diabinho, arranco-lhe as barbas... Amanhã no Céu...!

Por volta da meia noite, parecia serenar-se e melhorar um pouco. Pediu a padre José que fosse descansar. À manhã seguin-

te, quando este chegou outra vez perto de sua cama, disse-lhe com verdadeiro sentimento:

– **Estou mais triste...! Não morri! Com os planos que já tinha preparado!**¹⁶².

A semana santa do ano de 1938 ocorreu no mês de abril, “aumentaram tantos as dores, que se viu bem claro que o Senhor quis associá-lo mais intimamente à sua Paixão. Um dos tormentos, aliviado bastante pelo cuidado da enfermeira em lavar-lhe frequentemente a boca, era a sede devoradora pela febre que lhe abrasava e secava as glândulas salivares. Com caridade cruel para o sofrimento do enfermo unicamente lhe permitiam tocar com seus lábios o copo d’água, e de quando em quando umedeciam seus lábios com algumas gotas que apenas chegava à língua.

Este sofrimento da sede, em geral os demais se lhe acrescentaram de uma maneira alarmante a quinta-feira e a sexta-feira santas. Alguém pensou que havia entrado em agonia. Seus sofrimentos eram tais, que tinha convulsões terríveis, tremendo as mãos e todo o corpo. Às três horas da tarde a enfermeira entrou e ao vê-lo naquele estado, perguntou-lhe assustada:

– O que está acontecendo?

– **É Quinta-feira santa!**¹⁶³ – respondeu espontâneo.

E com isso tratou de explicar tudo. Que dias tão apropriados para unir-se à grande vítima do Calvário!¹⁶⁴

“A quinta-feira santa foi também dia de muita dor. Dava compaixão vê-lo. As chagas de seu corpo eram mananciais de tormentos, sobretudo as das costas. Porém afogava os gestos de dor entre os braços de uma serenidade que impunha.

Como a Cristo, a sede o abrasou e em suas costas sentiu dores de flagelação; porém suportou tudo a exemplo de Cristo também. Pe. José o encontrou gravíssimo. Ismael dissimulou um sor-

162. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 186-187.

163. Era o dia 14 de abril de 1938.

164. Florentino del Valle, op. cit., pp. 71-72.

riso órfão, e pobre e enlouquecido de amor, porque só os que estão assim falam como ele falava; disse-lhe:

– **Finalmente hoje tenho a dita de oferecer algo a Jesus!**¹⁶⁵.

“Ismael era todo fogo; seus olhos haviam cobrado vida, lacrimejavam, e seu rosto havia se incendiado, pintando ligeiramente de vermelho a palidez normal.

– **Agora – disse–ouçam uma poesia ao Sagrado Coração que eu costumava declamar nas cidades, nas festas da Ação Católica.**– E a declamou com igual maestria e idêntico entusiasmo”¹⁶⁶.

“E sofrimento como nunca esteve até o sábado de aleluia, em que voltou à tranquilidade de dias anteriores”¹⁶⁷.

Eram os dias da páscoa da ressurreição.

“Desde os dias dolorosos da semana santa Ismael não vivia na terra. Todo seu anelo era o céu. A hora da morte não chegou para ele com medo e com tristeza. Ante a esperança de uma morte próxima, cheio de felicidade sorria.

Pe. José lhe perguntou:

– **Estás triste porque vais morrer?**

– **Não! Agora me encontro melhor preparado que nunca, e, portanto, que venha quando quiser a morte. Estou seguro que a Santíssima Virgem do Pilar a quem amo com todas as ânsias do meu coração, me ajudará a apresentar-me ante o Tribunal de seu Filho e por isso nada temo**”¹⁶⁸.

No dia 1º de maio celebrava seu 21º aniversário natalício e “foi o último lampejo de sua vida. Depois se foi apagando visivelmente. À medida que a chama se extinguia, Ismael ia despreendendo-se mais da terra, ainda com o pensamento:

– **Fale-me do céu: fale-me da Virgem Maria!** – dizia afavelmente a quantos lhe visitavam.

165. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 191-192.

166. Florentino del Valle, op. cit., p. 73. N. do A.: a poesia era “Amor Divino”, do jesuíta Pe. Félix G. Olmedo.

167. Florentino del Valle, op. cit., p. 72.

168. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 195-196.

Tocava já o prêmio com as mãos, porém mantinha a serenidade suficiente e a inteireza de ânimo para preocupar-se delicadamente pelos demais. Num certo dia observa que a enfermeira está excessivamente fatigada, porém que não se retira para sua casa apesar de haver terminado sua hora de serviço. Ismael, fitando-a afavelmente, lhe diz:

– *Vá embora tranquila, que esta noite não vou morrer*¹⁶⁹.

“No entanto, um espinho se espetava na alma: sua lembrança ia muitas vezes à direção daquela aldeia manchega que o viu nascer. Um peso angustioso e de pena o invadia: morreria só, sem os beijos e solitudes de uma mãe, sem o consolo dos seus...; quicá aquela boa enfermeira lhe fecharia os olhos, lhe diria as últimas palavras de alento, porém sua morte estaria sem o calor da família”.

“Pensava em seu rinconzinho de Tomelloso, a ideia de não ver à cabeceira de seu leito os seus, sua mãe, sobretudo, ao morrer, o perturbaria continuamente até expirar”.

– *Que consolo maior me daria a senhora – disse um dia à enfermeira – se me promettesse ir visitar a meus pais ao terminar a guerra, e falar-lhes de seu filho, e dizer-lhes que, apesar das dores da enfermidade, morro tranquilo e pensando neles.*

– *A enfermeira respondeu-lhe que iria:*

– *“Mesmo que tenha que ir à pé, irei; o prometo. Cumprirei tua última vontade”*¹⁷⁰.

“Vi que seu estado era grave e procurei o médico da sala, a fim de que fizesse o possível para salvar àquela vida que tanto prometia no campo da juventude.

Ele também se dava conta de que sua vida é breve e me pede papel, pois queria escrever o último adeus a seus pais que lá na outra Espanha o chorariam como morto. Com muita dificuldade, pois quase não podia sustentar o lápis na mão, escreve a seguinte carta:

169. Florentino del Valle, op. cit., p. 73.

170. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 196-197.

“A minha queridíssima mamãe e papai, como os irmãos: Neste momento em que lhes escrevo estas quatro letras, estou muito mal e ao encontrar-me neste estado, lhes escrevo estas letras para dar-lhes o último adeus; pois espero que, quando as recebam, seguramente estarei já no céu, pedindo por todos vocês. Por mim não fiquem aflitos, pois mesmo que você, mamãe, não estiveste a meu lado, encontrei uma mãe que me cuidou com os maiores cuidados que minha enfermidade requeria. Não me abandonou nem um momento... fez para mim as vezes da mais terna mãezinha e por ela os envio meu último adeus. Adeus a todas as crianças, Antônio, Ana; aos tios e demais primos; a Félix e Francisca, Miguel, Pedro e demais. Adeus a todos. A senhora não tenha pena, que morri como a senhora me ensinou. Recebi todos os Sacramentos. Até o céu, que ali os espero a todos, adeus. Recebem este último abraço daquele que os quer bem e não os esquece, Ismael”¹⁷¹.

Em seguida lhe disse:

– Já que não tenho a dita de ter aqui minha mãe, diga-me jaculatórias e não me deixe até que esteja morto...

“Estive com ele desde as 5 horas da tarde até às 11 horas da noite. Quando já aquele coração parece que deixava de bater, abre os olhos, e com um olhar de gratidão, com um sorriso em seus lábios moribundos e entrecortadas palavras, me disse:

– “Até o céu e não sofra por mim, que sou muito feliz...”

Para todos passou inadvertida aquela emocionante cena...

Dei-lhe uma injeção de cardiazol e com isso reagiu... Como já está melhor, lhe disse, o deixo e amanhã virei cedo. Apertou-me com efusão a mão, como se despedindo, dizendo:

– “Que o Senhor a recompense por tudo quanto faz por mim. E se não retorno a vê-la, já pedirei por você, pois quiçá quando torna, já estarei morto”¹⁷².

171. La Vida Sobrenatural, p. 229. AGC-IT.

172. La Vida Sobrenatural, pp. 229 e 230.

“Dona Teresa Fanjul, a quem lhe haviam matado um filho, numa cidade de Huesca, acompanhava alguns dias à enfermeira, e ao ouvir a carta de Ismael, emocionada se inclinou sobre ele e beijou-lhe a fronte dizendo:

– Já que não tens tua mãe ao lado, eu te darei o beijo de mãe”¹⁷³.

“Ismael lhe respondeu:

– **Muito obrigado: no Céu pedirei pela senhora!**

Num daqueles dias, Pe. José foi despedido para Bilbao. “Sentiu tanto que eu fosse embora – escreveu–, que ao despedir-me, não teve mais remédio que chorar, comovido por ele”. Mas após quatro ou cinco dias retornou a Zaragoza.

Alguém teve que dizer a Ismael que aqueles que morriam prisioneiros, eram enterrados numa fossa comum. Falando disso com Aurora, desabafou assim:

– **Fico horrorizado que me atirem na fossa comum, quando morra.**

– Não te preocupes, rapaz, que tudo vai se ajeitar.

Outra vez disse:

– **Quero que, quando morra, me amortalhem com a batina da Companhia de Jesus.**

– Teve uma brilhante ideia! E por que com a batina de jesuíta?

– **Sim, porque eu tinha desejo de ser da Companhia de Jesus e já que não pode ser, pelo menos que me enterrem vestido como um deles, como morreu S. Luis Gonzaga”¹⁷⁴.**

Os primeiros dias do mês de maio “ia já terminando a lista de encargos antes de partir deste mundo e sem perder seu bom humor dizia:

– **Vou dar muito pouco aos vermes!**– dizia um tanto humoristicamente, fitando seus braços ossudos e esqueléticos.

No dia 5 de maio comungou fervorosamente, como costuma-

173. Florentino del Valle, op. cit., p. 75.

174. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 198-199.

va, e na ação de graças despediu-se de Jesus com um até logo. Sentia-se no fim”¹⁷⁵.

“Naquele dia Pe. José não ia visitá-lo”.

“Recebeu a unção dos enfermos com plena consciência. Com voz débil, alternada com a respiração, acompanhada de gemidos dolorosos, contestou o enfermo às frases do ritual.

Ao despedir-se o capelão, com certa preocupação Ismael lhe suplicou que ficasse ao seu lado, pois não queria morrer só. Temia esta solidão e ainda pressentia que Deus ia purificá-lo mais ainda com esta última prova. A enfermeira aquele dia havia ficado em sua casa por ter adoecido. O capelão lhe disse algumas jaculatórias que Ismael repetia, mais com a mente que com os lábios. Contudo, até a última hora e com voz apenas perceptível, saíam de seus lábios ressequidos:

– **Minha mãe do Pilar, me salva! Meu Deus, misericórdia! Sagrado Coração de Jesus, confio em...**”¹⁷⁶.

E expirou.

O corpo retornou à terra, a alma voou ao céu e o silêncio caiu sobre nós”.

“Ballesteros, ao dar a triste nova a seus pais, testemunhou sobre os últimos momentos de Ismael.

“Sinto dar-lhes tão triste notícia, porém vejo-me no dever de fazê-lo por ser esta a vontade de seu santo filho, o qual com sumo interesse me encarregou antes de morrer que assim o fizesse... Sinto dupla pena pela perda de um dos meus melhores amigos e por adivinhar a que proporcionará a seus corações doloridos de pais. Sirva-lhes de consolo, a consideração de que o Senhor o terá próximo de seu trono, onde, por muito querê-lo o atraiu; era como um anjo e morreu assim como era. Preparado

175. Florentino del Valle, op. cit., p. 75.

176. A. Martín de Bernardo, op. cit., p.201.



Aurora Álvarez.



Igreja de La Asunción de Tomelloso. Calvário.



Aurora em Tomelloso juntamente com o pai de Ismael. Em ambos os lados da Aurora são Mercedes e Martín Molinero Novillo. Ao lado do pai são Ismael Montero Molinero, Luis Molinero Novillo e sua esposa María, o escritor Jesús Marín Sierra e Tomás Montero Molinero.

*como um santo o encontrou a morte, e como um santo abandonou este lugar de misérias... No dia 5 de maio deste ano, às dez da noite, expirou na paz do Senhor...”*¹⁷⁷.

Aos amigos íntimos de Ismael escreveu: “*Era o dia 5 de maio, mês consagrado à Virgem Maria, quando este anjo de pureza e de santidade havia de unir-se ao número dos Bem-aventurados*”¹⁷⁸.

Ismael quis ser sacerdote para assemelhar-se com Jesus, para celebrar a santa missa, para unir-se a Cristo no sacrifício do altar, e por fim a celebrou, como Jesus no Calvário, junto a Maria, como havia feito desde que ingressou na Ação Católica, fazendo sagrados, sacrificados (“sacri-facti = fazer sagrado”), todos os instantes de sua vida.

Durante sua curta vida deu provas de amor a Deus e ao próximo e da prática das virtudes da alegria, da pureza e da pobreza que, embora não sejam as virtudes mais importantes, são a chave para abrir ou fechar a porta das demais virtudes. Porém, sobretudo, viveu o desprendimento total, o abandono total na presença de Deus, porque buscando sua face a encontrou. Viveu sempre com alegria e morreu também nos dias da alegria da páscoa da ressurreição e do mês de maio, no qual nasceu, morreu unido sempre à Santíssima Virgem Maria.

177. Florentino del Valle, op. cit. pp. 75-76.

178. A. Martín de Bernardo, op .cit., p. 201.

X TERRA

Ismael, como qualquer santo, pensava na morte com a esperança e a alegria do dia de seu nascimento definitivo para o céu: a morte e a sepultura eram os passos necessários para a ressurreição, por isso a espera com alegria. Porém não podia imaginar que até depois de morto ia seguir também os passos de Jesus.

No dia 6 pela manhã chegou Aurora ao hospital clínico, pensando em Ismael, e se encontrou na porta com Pedro, o porteiro de Socuéllamos, localidade próxima a Tomelloso, o qual lhe disse mesmo antes que ela pudesse dizer qualquer coisa:

“Morreu esta noite às dez e meia!”

Aurora perguntou-lhe onde haviam posto o corpo e o porteiro lhe disse que aos prisioneiros de guerra levam à fossa comum; o mesmo que os crucificados no Calvário. Como teriam feito com Jesus Cristo caso José de Arimateia não tivesse cedido a sepultura.

Pediu-lhe a Pedro que a acompanhasse ao depósito de cadáveres e procurou o de Ismael entre os que tinha morrido naquela noite. Encontrou-o rígido, vestido com a calça e a camisa cáqui de soldado do exército, os olhos entreabertos e mostrando no rosto uma grande paz com um leve sorriso que punha fim ao sofrimento. Tinha uma expressão doce e serena, conforme relatou depois a seu irmão Luis.

Aurora fechou-lhe os olhos, cruzou as mãos com dificuldade sobre o peito num gesto piedoso e rezou uma breve oração.

Dirigiu-se ao capelão, e ambos foram encontrar-se com o comandante chefe do hospital, pedindo-lhe permissão para levá-lo ao cemitério da cidade, ao que foram atendidos, sempre que corresse com os

gastos do enterro, que somavam cerca de 500 pesetas, quantidade tão alta que não dispunham dela nem tinham meio para arranjá-la.

Diante das dificuldades, o capelão e Aurora se dirigiram ao coronel presidente da Junta Classificadora de Prisioneiros, solicitando que se declarasse a liberdade de Ismael já morto; mas isso não pode ser feito, precisamente porque ao haver falecido não se lhe podia instruir um expediente de declaração de liberdade.

Muito ansiosos retornaram ao comandante chefe do hospital, o qual disse não haver outra solução que adquirir uma fossa em propriedade para Ismael, e deu-lhes um prazo que vencia às três da tarde.

Encontraram, finalmente, almas caridosas que lhes emprestaram o dinheiro para comprar a sepultura e um caixão de madeira. Para esse fim, às cinco da tarde Aurora e dona Pilar foram ao cemitério de Torrero, formando o único cortejo fúnebre.

Quando chegaram ao cemitério, uma nova dificuldade se apresentou naquela jornada azarenta para que os restos de Ismael pudessem descansar em paz: o cemitério havia sido fechado por haver terminado a hora de enterros e não podiam fazê-lo até o dia seguinte.

Dona Pilar, uma mulher resoluta, e Aurora, uma enfermeira à qual a piedade e a devoção lhe faziam sacar forças da fraqueza, conseguiram do coveiro que pudesse enterrá-lo naquela tarde mesma, na sepultura recém aberta.

Depositaram, finalmente, os restos no cemitério de Torrero e *“as duas mulheres lançaram os dois primeiros punhados de terra sobre a urna funerária e umas lágrimas de dor pela separação”*¹⁷⁹.

Aurora escreveu a padre Alberto Martín de Bernardo:

“Não creia o senhor que me deixei impressionar facilmente pelas virtudes de uma alma seleccionada, pois antes de ter a ocasião de cuidar de Ismael, havia convivido, na zona vermelha, com jovens que alegremente aceitavam a palma do martírio; porém todos esses sofrimentos me pareceram pequenos, ao compará-los com os de Ismael...”

179. Florentino del Valle, op. cit., p. 79.

Por isso, quando, depois de sua morte, encomendei a placa que devia ser posta na cruz da sepultura, não vacilei em escrever:

*ISMAEL MOLINERO NOVILLO,
SECRETÁRIO DA JUVENTUDE DA AÇÃO CATÓLICA DE TOMELLOSO,
IMOLOU SUA VIDA POR DEUS E PELA ESPANHA,
NO DIA 5 DE MAIO
DE 1938, AOS 20 ANOS DE IDADE¹⁸⁰
R.I.P."¹⁸¹*



*Túmulo de Ismael em
Zaragoza.*

180. Ismael foi tesoureiro e não secretário (ver nota 5). E sua idade exata eram 21 anos cumpridos quatro dias antes.

181. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 205.

XI CÉU

“No dia 7 de maio se apresentou, no hospital clínico, pe. José. Aurora encontrou-o num corredor, e lhe disse chorosa:

– Óh, Ismael está morto, Ismael está morto!

– Subi à enfermaria– conta–, e com efeito, ali estava sua cama vazia. Não soube se chorava ou alegrava-me. Chorei ao amigo bom a quem queria bem. Alegrei-me porque havia voado ao Céu”¹⁸².

Pe. José Ballesteros pediu a Ismael, no leito de morte, que nunca se esquecesse dele, sobretudo, para que fosse um fiel sacerdote quando terminasse seus estudos no seminário de Ciudad Real e sempre recordou que nunca lhe abandonou, e notou seu apoio nos momentos mais difíceis, até que morreu santamente em Ciudad Real, em 1998.

“Como coroa de glória, registramos o elogio que Pe. José Ballesteros fez a Ismael:

É uma lástima que tenham passado tantos anos desde então até hoje e o tempo tenha apagado cenas e frases admiráveis, que quando estive com ele, o ouvi pronunciar e das que fui testemunha.

No entanto, hoje permanece em mim uma ideia fixa, que é inapagável. Ismael morreu santo, porque em sua enfermidade soube sofrer como um santo, embora que por ser assim, tanto mais se empenhou em ocultá-lo, por aquela humildade que se refletia em suas palavras todas, e assim passou despercebido em todos seus detalhes”¹⁸³.

182. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 203-204.

183. A. Martín de Bernardo, op. cit., p. 204.

O jornal dos jovens da Ação Católica de Zaragoza dedicou várias páginas à memória de Ismael, sob a epígrafe: “Um vermelho que tinha a alma branca”. E terminava com esta frase:

*“Seus despojos, encerrados em modesto ataúde, foram transferidos ao cemitério católico de Torrero; na quadra 52, sepultura 401; descansam à sombra de uma artística cruz; mãos delicadas e carinhosas cuidam com mimo das flores que crescem sobre sua tumba”*¹⁸⁴.

“A sepultura de Ismael parecia estar abandonada. Um dia, no entanto, apareceu com um requadro de ladrilhos e cheia de flores. Aurora não o desamparava nem morto.

Os jovens da Ação Católica de Zaragoza publicaram em seu Boletim, por ocasião da morte de Ismael, um precioso artigo dedicado à sua memória, no qual se realça seu sacrifício, e elogiavam suas virtudes e apresentavam sua morte como modelo. Mais ainda, sua tumba era muito frequentada por aqueles rapazes, que tributavam testemunho de admiração àquele soldadinho desconhecido, que considerado como prisioneiro vermelho, sofreu como um santo e morreu como tal.

Ramos artísticos e coroas de flores sobre o sepulcro falavam também do carinho e veneração que sentiam por ele.

O Senhor quis romper definitivamente o silêncio admirável de Ismael. Começava a tornar glorioso seu sepulcro, como sincero testemunho ao calado heroísmo do jovem.

No ano de 1940, a Associação de Jovens da Ação Católica organizou aquela formidável peregrinação ao Pilar de Zaragoza. Mais de 20.000 flores da Juventude encheram a belíssima basílica e a praça que existe diante. Um bosque de bandeiras brancas arrufava ao soprar da brisa suave daquela manhã. Aquilo era sublime. Jamais o esquecerei. Eu era pequeno e estudava num colégio daquela recordada e querida cidade. Ali se jurou defender, mesmo com a morte, a Assunção de Nossa Senhora aos céus em corpo e alma. Alguém ali

184. Florentino del Valle, op. cit., p. 79.

publicamente, aclamou Ismael como modelo de jovem da Ação Católica. Eu nada sabia, nem tinha ouvido ainda sobre isso.

Entre aquelas filas se achavam seu irmão Luis e um companheiro íntimo de Ismael (Miguel Montañes). Subiram a Torrero. No cemitério, na quadra 52, sepultura 401, encontraram o lugar onde dormia o sono dos justos. Estava cheio de flores e eles lhe ofereceram mais. Ismael florescia”.

Em fins de novembro de 1942, sua mãe, Maria Francisca, “foi silenciosamente visitar e orar sobre a tumba de seu filho. Iria com a preocupação das santas mulheres de Jerusalém rumo ao sepulcro do Nazareno; Ah! se lhe fosse dado retirar a terra do sepulcro, para amortalhar a seu gosto o filho e adornar depois a sepultura! O coração maternal sofreu um grato desengano: *Que lindo o puseram!*” *As exigências maternais eram satisfeitas*”¹⁸⁵.

Ela mostrou desejos de que os restos de seu filho fosse trasladados ao cemitério de Tomelloso “para tê-lo mais perto” e, quando regressava da viagem, em Madrid, na noite de 1º de dezembro de 1942, enquanto dormia na pensão Aurora, na Rua Espoz y Mina, reuniu-se com seu filho para sempre.

No dia 13 de maio de 1950, festividade de Nossa Senhora de Fátima, para cumprir a vontade de sua mãe, foram trasladados os restos de Ismael desde Zaragoza a Tomelloso, e nos povoados onde parava o trem celebrava-se uma festa mais que um funeral: missa na estação de Atocha de Madrid, concentração dos jovens da Ação Católica, na estação de El Romeral, responsórios em Alcázar de San Juan, Cinco Casas y Argamasilla de Alba até que por fim, no dia 15 de maio, descansaram os restos no panteão construído por subscrição popular no cemitério de Tomelloso.

“Houve um tempo no qual parecia que a memória de Ismael havia se extinguido: mas não foi bem assim. Em abril de 1942, a excelente revista de mística dominicana “La vida sobrenatural” trouxe em suas páginas uma preciosa história de um rapaz

185. Florentino del Valle, op. cit., p. 80.

manchego, modelo dessa vida. Dava-se a conhecer ao mundo a vida e oblação heroica de Ismael no altar do silêncio e da dor. Constava de uma pequena introdução e das anotações que sobre ele haviam feito Pe. Ignacio Bruna (capelão de San Gregório) e Aurora Álvarez, a enfermeira que o assistiu durante o período mais penoso de sua enfermidade. Um Padre Operário Diocesano a havia enviado desde Tucumán (Argentina) a tão conhecida revista sob a epígrafe: “O miliciano santo”.

No colégio zaragozano onde eu estudava se recebia a revista e um dia disse-me um irmão:

– “Estamos lendo no refeitório uma coisa muito bonita de um “miliciano” de tua terra. Trata-se de um moço da Ação Católica, de Tomelloso, que passou como vermelho, por sofrer em silêncio e não dar-se a conhecer. É algo admirável. Algumas vezes dá pena o que sofreu, sem dizer nada...”

Eu me orgulhei e quando discutíamos os alunos sobre coisas e valores de nossas províncias, sempre procurava destacar o bom Ismael.

Retornei a La Mancha e em três ou quatro anos não ouvi falar e nem eu falei do paisano Ismael.

Estudando filosofia no Seminário de Ciudad Real chegou às minhas mãos a revista “De broma y de veras” do ano de 1947. A capa trazia o retrato de um jovem e este título: “Ismael de Tomelloso”, de autoria do Pe. Florentino del Valle, SJ.

Renasceu em seguida em mim a recordação daquele rapaz e com avidez li a belíssima biografia que apresentava a revista. Chorei de emoção. Certas descrições cativam e comovem. Quase todos os que a leram me disseram o mesmo: Chorei! Agora sim que de verdade se fazia pública a vida simples, alegre e heroica de Ismael. A administração do “Mensajero” se viu invadida por uma multidão de cartas, que pediam, desde seminários, centros de Ação Católica, colégios e conventos, um exemplar de Ismael de Tomelloso”. Foram feitos alguns, adornados de uma significativa e preciosa capa e se venderam no momento. E foi

ISMAEL DE TOMELLOSO - 'IN SILENTIO...'



*María Francisca,
mãe de Ismael.*



Os restos mortais de Ismael são transferidos de Zaragoza a Tomelloso; no centro: Pe. Francisco Izquierdo Molins, à sua direita Jesús Barco e Jesús Cobeta; à sua esquerda Primitivo Pemán, Pedro Cuesta e Luis Molinero, entre outros.



Paróquia da Assunção de nossa Senhora. Transferência do caixão para o cemitério.

necessário fazer uma segunda edição para satisfazer os pedidos que se faziam.

O autor enviou alguns exemplares à família e amigos de Ismael. Um dia seu irmão Jesús se apresentou ao Exmo. Sr. Bispo prior, dom Emetério Echevarría e lhe presenteou com um livrinho daqueles.

O Sr. Bispo ficou encantado de ter entre seus jovens, um cuja vida era um exemplo de virtudes cristãs, modelo que podiam seguir as florescentes gerações da Ação Católica Manchega. E também chorou sua Excelência!

Confessou ter lido mais de oito vezes aquele livrinho e cada vez ficou mais comovido com o bom Ismael. Já nem sabia falar de outra coisa nos povoados.

Eu o ouvi pregar, em Manzanares, sobre o amor deste jovem ao santíssimo sacramento dos altares, por ocasião do cinquentenário da Ação Noturna Espanhola, na referida e nobre cidade. Chorava, cuspiu fogo pela boca, ao relatar a pena sofrida por Ismael quando não pode comungar no dia de São José, no hospital clínico, e o gozo santo que experimentou, quando aconchegou no peito o Rei do Amor.

Outra ocasião, foi na capela do seminário, quando nos falou dele. Animava-nos a desejar um sacerdócio santo, desinteressado e heroico, como o que deseja Ismael, se o tivesse conseguido. Esplêndido, como sempre, presenteou-nos com um exemplar da vida de Ismael a cada seminarista e nos convidou a ler muitas vezes as belíssimas e exemplares páginas que falam desses desejos e a meditar muito sobre elas, para sentir a ânsia divina de um sacerdócio santo, cuja rota nos marcava um rapazinho manchego, por cuja boca falava o Espírito Santo.

Não parou aqui. Em novembro de 1947 fez sua visita “ad límina”. Levou de brinde ao santo padre Pio XII duas flores de espiritualidade da planura manchega.

Foi recebido por Pio XII, em Catelgandolfo. Depois das rituais conversações, passou-se ao terreno íntimo.



Miguel Montañés, Pedro Cuesta e outros membros da Ação Católica, rezando no túmulo do Servo de Deus.



Bispo Dom Emeterio Echevarría no momento da chegada em Tomelloso dos restos mortais de Ismael.

“Santidade, disse o Exmo. Sr. Bispo prior, aqui lhe apresento as vidas de dois jovens da nossa diocese. Esta é de Maria Rosa da Veja, angelical juvenzinha de sólidas virtudes”.

Era um precioso exemplar encadernado em couro, dádiva que fazia ao santo padre os pais de Maria Rosa. Pio XII o folheou. Escutou o comentário que dela fazia dom Emeterio e sorriu satisfeito.

“Esta outra, continuou dom Emeterio, é de menos luxo, porém não se deixa ganhar em heroicidade. Trata-se de um jovem da Ação Católica, de virtude admirável. Este livrinho tem cenas que fazem chorar”.

O papa passava as folhas: “Acaso esta é uma delas?”

Mui bela é esta, Santidade, porém há outra melhor. Vou lê-la.

Dom Emeterio abriu o livro e leu ao Santo Padre a cena de Ismael com o capelão de San Gregório, no campo de concentração. O santo padre se comovia. A voz de dom Emeterio tremia de emoção. Foi tanta a emoção que sentiu que não pode continuar a leitura.

“Fitei o santo padre e... o vi chorar! Uns filetes de lágrimas caíram de seus olhos. Fechou-os misticamente e balbuciou: É um herói! Isto é sublime! Os dois são uns heróis!”

Dom Emeterio expôs-lhe simplesmente depois, que era seu desejo “ressoar algum dia seus nomes sob a cúpula de São Pedro”.

O melhor elogio para Ismael Molinero é aquele que escapou dos lábios do papa:

“É um herói!”.

Os que leem sua biografia choram e dizem: “É um santo”. Cumpriu-se aquilo que dizia Pe. Ignacio Bruna, capelão de San Gregório: “Quando todos os que lhe conhecemos e tratamos com ele, dermos à publicidade dos traços que presenciamos, o mundo gritará clamando: Era um santo!”¹⁸⁶.

186. A. Martín de Bernardo, op. cit., pp. 208-212.



Sua Santidade Pio XII.



Bispo Dom Eusebio Echevarría.



Basílica de São Pedro em Roma.



EPÍLOGO

Recebemos algumas perguntas interessantes acerca das balizas que nos levaram e trouxeram pelos silêncios de Ismael de Tomelloso, e mesmo que nos sentimos traídos e levados como essa bola de trapo com a qual Santa Teresinha gostava de comparar-se, vamos tentar contar algumas destas balizas.

1. PRIMEIRAS INDAGAÇÕES.

Uma manhã do verão de 2004, depois de visitar no cemitério de Tomelloso, a tumba de Ismael, fomos a casa de Luis Molinero Novillo, seu irmão, que vive na rua Independência nº 15, e lhe perguntamos quando havia sido canonizado seu irmão. Respondeu um tanto despistado que não o sabia, porém recentemente tinha ido visitar um sacerdote em Ciudad Real, delegado para a causa dos santos, Pe. Francisco del Campo Real, porque lhe havia pedido documentação sobre Ismael; levou as informações que detinha e não havia mais recebido notícias dele.

Entrevistamos-nos com pe. Francisco no bispado de Ciudad Real que estava muito atarefado com as causas dos mártires, informando-nos com muita amabilidade, inclusive mostrando certo interesse pela figura de Ismael, que não havia sido iniciado o processo de canonização pela simples razão de que ninguém havia pedido.

Pedimos audiência a Monsenhor Antônio Algora Hernando, que acabava de ser nomeado bispo prior de Ciudad Real. Tivemos uma agradável entrevista, no dia 2 de novembro de 2004; ele nos disse que a Igreja não podia iniciar o processo de canonização de Ismael se não havia uma demanda, devoção e interesse popular para iniciar

a estudar as circunstâncias de sua vida e a primeira coisa que havia de fazer era uma biografia.

A pessoa que nos pareceu mais adequada para escrevê-la foi o Pe. Valentin Arteaga Sánchez-Guijaldo, que havia sido coadjutor na paróquia de Tomelloso, bom amigo de todos nós e um prolífero e excelente escritor e poeta. Informaram-nos que era o prepósito geral dos clérigos regulares teatinos, com residência em Roma. Recordava-se bem de Ismael de Tomelloso, e quando lhe explicamos o que queríamos aceitou encantado e pediu os antecedentes que houvesse.

Contamos a Luis Molinero as entrevistas anteriores e nos deu fotocópias de alguns documentos, cartas e notícias de imprensa que faziam eco de Ismael e fotocópia de uma biografia escrita pelo padre Florentino del Valle, da companhia de Jesus, em março de 1947, com o título *Ismael de Tomelloso. La lección de su silencio*.

Enviamos cópia de todos os documentos ao padre Valentin, porém não contávamos com que, por razão de seu cargo, estava muito ocupado e tinha que viajar por todo o mundo com frequência, pelo que não lhe foi possível escrever a biografia e nos aconselhou vários escritores, alguns deles amigos comuns, aos que nos dirigimos expondo-lhes o assunto, porém tampouco aceitaram.

Visitamos a Ir. Maria da Cruz Molinero Novillo, irmã de Ismael e de Luis, religiosa das Irmãzinhas dos Anciãos Desamparados que vivia no convento de Aravaca, em Madrid, e nos entregou novos documentos, fotografias, cartas, algumas estampas antigas com uma oração para a devoção particular que trazia a fotografia de Ismael e alguns pensamentos e traços de sua vida, e um livro escrito em 1949, pelo presbítero pe. Alberto Martín de Bernardo, que se intitulava *El miliciano que murió como um santo. Vida heroica de Ismael Molinero Novillo*. Contou-nos muitas coisas, porém também nos surpreendeu ouvi-la dizer que a família não devia intervir na causa de canonização de Ismael porque esta chegaria quando Deus a quisesse. Disse que ela mesma havia escrito uma carta a Roma, em fins de 1996, dirigida ao papa João Paulo II, na qual dizia:

“... ao ler a mensagem que dirige aos jovens na exortação

Vita Consecrata, reviveu em mim e em toda minha família, o zelo apostólico e a santidade de vida de meu irmão Ismael Molinero...

O amor à dor é a nota distintiva de seus últimos anos de vida. Amou verdadeiramente a cruz, com alegria. Seu lema foi: calar e sofrer por amor!

Vossa Santidade diz aos jovens: “ Entrai com valentia nas grandes correntes de santidade. Cultivai os anelos característicos de vossa idade, e respondi com prontidão ao projeto de Deus sobre vós”.

Este foi, Santo Padre, o IDEAL de vida cristã de meu irmão Ismael. Assim viveu até sua morte, admirando as obras de Deus e fixando o olhar nas realidades que nunca perecem.

Vossa Santidade nos recorda que o terceiro milênio espera o contributo da fé para que o mundo seja mais sereno e mais capaz de acolher a Deus”¹⁸⁷.

Como a fama de santidade de Ismael havia se iniciado e estendido em Zaragoza onde morreu, e começaram a conhecê-lo com o nome de Ismael de Tomelloso, era conveniente saber se viviam pessoas que o tivessem conhecido direta ou indiretamente; também se fazia necessário procurar nos arquivos da Ação Católica notícias de sua vida e, sobretudo, de sua morte, pois havia sido tratado por membros da Ação Católica, pelo capelão da prisão e do hospital clínico que haviam deixado escrito testemunhos da sua fama de santidade.

O primeiro contato que estabelecemos foi com pe. Luis Cuartero Lapieza, delegado do Apostolado Secular. Pareceu-lhe um caso interessante e disse que podia receber-nos a 30 de dezembro de 2004. Nesse dia nos apresentamos em Zaragoza: havia feito algumas averiguações sobre Ismael de Tomelloso, porém, lamentavelmente, os arquivos da Ação Católica estavam na catedral e, por causa das obras que estavam realizando, os documentos estavam embalados e era muito difícil ter acesso a eles.

187.AGC-IT.

2. SEGUNDAS INDAGAÇÕES DAS MÃOS DA VIRGEM.

Outra manhã do ano de 2005, fomos à basílica da Milagrosa, na Rua de Garcia de Paredes de Madrid. Recordamos que Ismael havia ido ao colégio da Milagrosa em Tomelloso e havia recebido das Filhas da Caridade os princípios de sua formação cristã, e nos atrevemos a pedir à Virgem que fosse a patrona dos trabalhos que estávamos fazendo e que compartilhasse seu patrocínio com a Virgem do Pilar, à quem Ismael tinha uma grande devoção e sob cuja proteção morreu em Zaragoza; com a Virgem de Peñarroya, padroeira de Tomelloso até o ano de 1942 que Tomelloso proclamou padroeira da cidade à Virgem das Vinãs; com a Virgem de Fátima, porque a 13 de maio de 1950 foram trasladados os restos mortais de Ismael desde Zaragoza a Tomelloso; e com a Virgem da Almudena, padroeira de Madrid.

Não se tratava de uma petição fora de órbita porque a Virgem Maria esteve sempre presente na vida e na morte de Ismael, em momentos, atuações e datas muito precisas que coincidem no mês de maio: nasceu a 1º de maio de 1917; foi batizado a 6 de maio; a unção dos enfermos e sua morte foram a 5 de maio de 1938; e o traslado dos seus restos, desde Zaragoza começou em 13 de maio até 15 de maio de 1950, quando, finalmente repousaram no panteão de Tomelloso; até a grande homenagem nacional que lhe foi tributada pela Ação Católica, em Tomelloso, teve lugar a 20 de maio de 1956.

Como o trabalho aumentava pedimos ajuda a Jaime Quevedo Soubriet, um jovem jornalista inteligente e inquieto, amigo das letras e da investigação, dono da empresa editorial que dirige e publica *El Periódico del Común de La Mancha*. Explicamos-lhe o que queríamos, ou seja, conhecer pessoas, fatos, conseguir testemunhos e fazer entrevistas sobre Ismael de Tomelloso. Com muito interesse e generosidade, aceitou o convite.

Entre as cartas que nos entregou Luis, havia uma escrita por um sacerdote de Guadalajara de 92 anos (nasceu em 27 de julho de 1917), pe. Félix Torrer Olalla, que havia compartilhado com Ismael



Virgem Milagrosa.



Virgem do Pilar.



Virgem de Peñarroya.



Virgem das Vinhas.



Virgem de Fátima.



Virgem da Almodena.

os primeiros meses de mobilização nas províncias de Cuenca e Teruel. Na carta pedia ao bispo a abertura do processo de canonização e era um testemunho claro da fama de santidade. Localizamos Pe. Félix que já demonstrou, por telefone, ter grande agilidade mental e muito boa memória. Ele nos disse que se alegrava por se mover esta causa porque estava convencido de que Ismael era um santo; disse também que costumava visitar sua tumba em Tomelloso, para pedir-lhe favores que sempre os conseguia.

Entrevistamos Pe. Félix, em Guadalajara, no dia 26 de dezembro de 2005. Ele é a única testemunha viva que conviveu com Ismael no front. Contou-nos aquilo que recordava, porém, sobretudo, punha ênfase no fato que Ismael era “um anjo”: repetiu isso várias vezes; e que estava convencido de sua santidade; disse ainda que havia escrito cartas aos bispos de Ciudad Real para que iniciassem o processo de canonização, e nos entregou o texto que transcrevemos a seguir:

“No dia 18 de setembro de 1937, foi mobilizado o batalhão de 38 ao qual pertencia Ismael de Tomelloso, jovem da Ação Católica, e o que subscreve esta, pertencente à mesma leva, seminarista então e hoje sacerdote.

Fomos contemporâneos no seminário de Cuenca convertido em quartel de milícias, ambos dormíamos na capela do seminário, dormitório de uma companhia; sem dúvida tanto ele como eu escolhemos a capela para dormir por ser um lugar sagrado, embora totalmente profanado. Fazendo jus à verdade, devo dizer que nunca nos tínhamos visto antes, e seu olhar me impactou muito, pois desvelava seu mundo interior; sem dúvida acontecia comigo o mesmo que acontecia com Aurora, quando mais tarde o viu enfermo no hospital, permanecia surpresa com o olhar daquele jovem silencioso.

O medo que todos nós sentíamos de ser detectados como inimigos daquele regime imperante e bélico nos fazia reservados e temerosos no trato, ocultando nossa condição de cristãos praticantes. Intuí que aquele jovem não era como os demais.

Falei tanto com Ismael quanto com seus companheiros da

mesma cidade de Tomelloso que foram incorporados ao mesmo tempo e do mesmo pelotão e que estimavam a Ismael mediante seu testemunho de religiosidade.

Alguns deles, com Ismael e comigo, um total de 19, fomos eleitos para incorporar-nos em Embid, a 8 quilômetros de Cuenca, a uma companhia de Transmissões, para retornarmos frustrados, em poucos dias ao quartel de Cuenca, por não termos sido necessários. Ismael retornava conformado e paciente, enquanto que os demais voltavam aborrecidos. Por seu interior estado de ânimo e porte exterior, aquele jovem era diferente dos demais. As conversações mescladas da picardia juvenil não eram de seu agrado nem tomava parte nelas. Calava pacientemente.

Ismael entrou a formar parte da esquadra que montava guarda na porta do quartel. O sentinela da porta era rigoroso e impedia de todos os modos que ninguém saísse do quartel. Todos desejávamos escapar daquela jaula onde mandavam que você varresse, carregasse caixas, cuidasse da cozinha, da limpeza, etc, etc. Certo dia este que subscreve quis sair pela porta, e o sentinela me deu alto, pois era companheiro de Ismael e nos enfrentamos numa acalorada discussão que inadvertidamente poderia ter me custado muito. Ismael se interpôs com seu porte e palavra angelical que me ficou gravada na memória; foi o olhar de um santo que impôs a paz.

A meados de novembro de 1937, fui levado com mais outros cinco ao front de Teruel, à linha de frente, até 6 de fevereiro de 1938.

Na guerra se sente muito medo. Levaram-me ao campo de concentração de Miranda de Ebro e um dia que passava por ali o capelão, lhe disse que era seminarista e que queria sair daí. Era o que mais me importava sair de lá, não estar mais com aquelas pessoas. Lá caso se inteiram que és católico ou seminarista, podem te dar uma punhalada. Não podia falar porque aquelas pessoas que haviam perdido a guerra e que eram prisioneiros podiam fazer qualquer coisa. Assim que disse ao capelão que era seminarista e queria sair de lá, fizeram-me perguntas sobre nomes que me avalizavam e consegui sair.

Ismael nunca disse que era católico, nem quando estava no bando republicano, nem quando foi feito prisioneiro pelos nacionalistas. Ismael não era como eu. Eu era hostil ao bando republicano e afim do nacional. Ele não era nem de um nem do outro. Há que dar-se por descontento que Ismael em nenhum momento se distinguiu por suas ideias políticas, nem num nem noutro sentido. Ele nunca manifestou que pertencia a um movimento católico, o que teria servido para sair do campo de concentração.

Depois da guerra, retornei ao seminário. Mais tarde, quando era capelão castrense em Toledo, conheci umas monjas que tinham um livro no qual se falava de Ismael. Então me dirigi ao bispado de Ciudad Real, seria talvez o ano de 1957, e declarei que havia estado com Ismael, que queria rezar, fazer uma novena, pedir-lhe algum favor, e que me dissessem o que teria que fazer. Porém, naquela época, nada foi feito acerca deste assunto”¹⁸⁸.

A vitalidade de pe. Félix, sua excelente memória, sua serenidade e equilíbrio, com tanta idade, deixou-nos muito impressionados, porém muito mais deveu impressionar a Jaime que chegou a dizer que aquilo que mais havia apreciado da entrevista era a ênfase que havia posto Pe. Félix na alegria e na simpatia de Ismael e que insistisse tanto em que ele se parecia com “um anjo”.

Em fins de janeiro de 2006, Luis Molinero nos disse que sua irmã Maria da Cruz estava muito enferma. Morreu a 5 de fevereiro. Sentimos grande dor porque sua presença teria servido de apoio à causa, no entanto, sua morte nos infundiu mais desejos de aproveitar o tempo disponível e iniciamos as buscas por outras pessoas que pudessem contribuir com novos testemunhos em Tomelloso, Ciudad Real e em Zaragoza.

Em fevereiro enviamos ao arcebispo de Zaragoza, Dom Manuel Ureña Pastor, os antecedentes que tínhamos e ele os entregou para estudo ao delegado para as causas dos santos, o padre esculápio José Luis Cepero Ezquerra.

188. Escrito de Pe. Félix Torres Olalla. AGC-IT.

O sacerdote Pe. Leopoldo Lozano Rivas que havia sido coadjutor na paróquia da Assunção de Tomelloso enviou-nos duas cartas. Uma era um texto manuscrito, sem data, de Ir. Felices Sánchez, a alma do colégio da Milagrosa onde Ismael havia aprendido as primeiras orações e tinha sido alfabetizado. Conta alguns traços da vida de Ismael e fala do momento em que ele foi despedir-se das Irmãs que estavam refugiadas na casa de Miguel Montañes Rodero, presidente da Ação Católica de Tomelloso, na véspera de sua partida para o front, com estas palavras:

*“Ismael de Tomelloso.- Tudo quanto devemos dizer de nosso querido Ismael resultará **pálido** porque é muito difícil chegar a avaliar um espírito tão cheio de Deus como era Ismael. Começou mais tarde que outros, porém correu mais e chegou súbito a escalar a meta.*

Eu admirava seu espírito de serviço aos demais; via-se que era seu carisma; sempre disposto a todos os serviços que eram necessários; tanto na Ação Católica como em qualquer favor que pudesse prestar sendo útil aos outros.

Quanto se alegrava! Sim porque não só era fazer o serviço senão com o bom espírito com que o fazia. Sempre dinâmico, tão alegre e contente, com seu espírito juvenil que lhe caracterizava e com que ganhava o carinho de todos.

***Sua obediência e espírito de fé.-** Como compunha a Junta com Miguel e Pedro, ele se considerava sempre o fiel servidor deles, sobretudo de Miguel; a opinião de Miguel era para ele um oráculo.*

Ismael também tinha um espírito de artista; era muito útil para as catequeses que tínhamos na paróquia; preparava as crianças de um modo encantador; nos momentos livres preparava o cenário com uma graça que ninguém o igualava.

Todos nós o queríamos bem!

Era amante fidelíssimo da paróquia e de todas as obras paroquiais.

***Sua despedida.-** Para mim foi muito emocionante; na noite anterior a sua partida para o front se apresentou em casa de*

Miguel onde estávamos duas irmãs hospedadas (refugiadas) e pediu uma medalha da Virgem Maria e ele mesmo costurou sua medalha entre as telas do jaleco; eu o deixei fazer por si mesmo porque estava me servindo de meditação aquele ato que nunca mais esqueci”¹⁸⁹.

E a outra carta era de um sacerdote de Zaragoza, Pe. Ángel Moros, na qual dizia que chegaria a Tomelloso em 10 de julho de 1980, numa excursão que havia organizado de bicicleta desde Zaragoza, com mais de vinte jovens, para visitar a tumba de Ismael, celebrar missa na paróquia e agradecer a Ismael e a seus familiares e amigos pela vocação ao sacerdócio que havia recebido pelo exemplo de sua vida.

Continuamos trabalhando, com o gravador, a esferográfica, o caderno e a máquina de fotografia visitando aos que pudessem dar-nos alguma notícia sobre Ismael.

Contamos o que vínhamos fazendo a Pe. Matías Rubio Noblejas, pároco da Assunção de nossa Senhora de Tomelloso, e embora que na primeira entrevista fosse parco em palavras e muito prudente, animou-nos a seguir buscando informação. À medida que nossas conversações iam se tornando mais frequentes, mostrava maior interesse, até que um dia nos confessou que no seminário havia feito retiro espiritual dirigido por Pe. José Ballesteros que havia conhecido a Ismael e lhe havia assistido nos últimos momentos de sua vida e ainda tinha gravadas em sua memória suas palavras.

Outra visita imprescindível era ao bispo prior de Ciudad Real durante 27 anos (1976-2003), hoje bispo emérito, Dom Rafael Torija de la Fuente. Na primeira conversação que tivemos disse que conhecia bem a Ismael, pois havia lido, aprendido e utilizado seus pensamentos e sua vida em práticas e homilias durante seus estudos no seminário e durante sua vida pastoral; contamos-lhe o encontro com Pe. Félix Torres Olalla e nos disse que havia sido preceptor seu no seminário de Toledo, onde havia-lhes falado de Ismael.

189.AGC-IT.

A realidade jurídica encarregou-se de diminuir nosso crescente entusiasmo ao recordar-nos que não se podia iniciar o processo na diocese de Ciudad Real porque, segundo as normas canônicas, era obrigado iniciá-lo em Zaragoza por ser o lugar da morte de Ismael. Sempre pensávamos que seria melhor iniciar na diocese de Ciudad Real, pois ali ainda estavam vivas as lembranças de sua infância, a família, os amigos e a devoção que ainda pudesse subsistir. Pedimos audiência ao arcebispo de Zaragoza, Dom Manuel Ureña Pastor.

No mês de maio de 2006 ocorreram dois encontros interessantes:

No dia 12 celebramos uma agradável reunião com Pe. Rafael Torija e Pe. Félix Torres. Além da alegria do reencontro entre ambos depois de tantos anos, e depois de recordar os tempos no seminário de Toledo, em torno dos anos quarenta do século passado, passaram a falar de Ismael, das recordações que haviam compartilhado no seminário e de sua fama de santidade. No final da reunião, chegaram à conclusão de que a primeira coisa que deveriam fazer era recolher os testemunhos das pessoas que o conheceram e dar a conhecer sua vida.

Quatro dias mais tarde, no dia 16, nos reunimos com Dom Manuel Ureña, arcebispo de Zaragoza, um trabalhador infatigável. Havíamos-lhe pedido audiência e nos chamou para dizer-nos que, aproveitando que tinha que ir a Madrid no dia 16, poderíamos nos encontrar lá.

Havia lido os documentos que lhe havíamos enviado sobre Ismael e nos atrevemos a sugerir-lhe que apoiasse o início do processo na diocese de Ciudad Real, onde a recordação estava mais viva. Propus solicitar informe ao padre José Luis Cepero Ezquerria para que aconselhasse o mais conveniente. Agradecemos-lhe sua amabilidade e seu entusiasmo que havia logrado aumentar o nosso, e queremos que conste que a causa de Ismael deve muito a Dom Ureña, pois desde o primeiro momento, veio apoiando-a de forma muito eficaz, assim como seu secretário Pe. Gonzalo Ruipérez.

Pôs-nos em contato com o diretor do arquivo diocesano, Pe. Juan Ramón Royo, com quem tivemos várias reuniões até localizar os arquivos da Ação Católica, que continha somente livros e revistas que consultamos sem encontrar nada significativo. Examinamos os docu-

mentos que tinha de Pe. Francisco Izquierdo Molins, que havia sido conselheiro diocesano dos jovens da Ação Católica, havia estado presente na exumação dos restos de Ismael, em 13 de maio de 1950, e havia falado aos jovens da Ação Católica convidando-os a imitar as virtudes de Ismael e havia expressado seu desejo de vê-lo algum dia sobre os altares.

Como nossa responsabilidade aumentava e não tínhamos experiência, nem capacidade para desenvolver um trabalho desta importância, solicitamos ajuda de todos os que queriam nos escutar.

E essa colaboração chegou, junto com a ideia de que o processo de canonização fosse iniciado formalmente por um grupo de leigos, através de uma Associação Civil de amigos e familiares de Ismael, para fazer o rescaldo ou atizar o fogo, remover com a pá o braseiro a fim de descobrir as brasas que ainda permaneciam resguardadas pela cinza do tempo-, e recolher antecedentes e testemunhos. Se a Associação era a promotora, qualquer um teria a oportunidade de participar desde o princípio no processo e ajudaria a propagar a devoção ao Servo de Deus.

Quando contamos isso a Dom Matias pareceu-lhe bem assim e nos pediu que redigíssemos uma carta solicitando o início do processo ao bispo de Ciudad Real.

Com a carta e com os estatutos da Associação retornamos em 17 de agosto de 2006 para encontrar-nos com Dom Matias. Ao passar pela porta da paróquia, que era a única que estava aberta pelas obras que estavam sendo realizadas na fachada principal, vimos o altar do Sagrado Coração de Jesus com Santa Margarida Maria Alacoque, a cuja esquerda está a imagem da Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, a mesma imagem do colégio à qual Ismael dedicou seus primeiros olhares.

Em 25 de agosto de 2006, festividade de Nossa Senhora a Virgem das Vinãs, padroeira de Tomelloso, ao terminar a missa solene em sua honra, firmamos a carta solicitando ao bispo prior de Ciudad Real o início do processo e a constituição da Associação para a causa de beatificação e canonização de Ismael de Tomelloso. Naquela

tarde nos reunimos com Madre Assunção, abadessa das Religiosas Concepcionistas de Manzanares que havia conhecido Ismael e nos pediu também de assinar o documento¹⁹⁰.

No dia seguinte, em Madrid, fizemos uma visita a Pe. Luis Carrión Sastre, sacerdote da Prelazia do Opus Dei, cuja saúde atravessava uns momentos de diagnóstico grave. Explicamos-lhe o processo de Ismael e lhe entregamos uma estampa para a devoção particular. Enquanto ele ia lendo em voz alta e com calma cada um dos pensamentos escritos na estampa, permanecia meditando-os em silêncio. Ao finalizar nos disse: “Este rapaz é um santo. Como se chama?” Quando lhe dissemos seu nome começou a pronunciar-lo em voz alta com acento hebreu, pois entre outros idiomas, o fala e o escreve corretamente: “ISH MA EL”, que significa “Homem de Deus”. Pedimos-lhe que no-lo escrevesse de próprio punho e isso serviu para ilustração da biografia breve que enviamos a Roma. Quando retornamos para uma visita em 2 de junho de 2009, estava escrevendo um livro sobre as mulheres nos evangelhos, rodeado de folhas manuscritas com caneta tinteiro; pedimos-lhe que nos escrevesse novamente o nome de Ismael, e derivou a conversação para o povo de Israel e o processo de canonização de Isabel a Católica, pelo que nos acrescentou estes dois nomes e seu significado que incluímos nesta biografia, de seu próprio punho.

Depois explicou-nos o que diz a História Sagrada sobre Ismael, filho de Abraão e de Agar, pai dos muçulmanos, que reconhecem a importância profética de Jesus e de sua mãe Maria e adoram ao mesmo Deus. Fez algum comentário sobre a origem judia do nome de Ismael e dos sobrenomes Molinero e Novillo, o que não nos causou grande surpresa porque em Tomelloso e em La Mancha, as três reli-

190. Os signatários foram: Olga Alberca Pedroche, Padre Valentín Arteaga y Sánchez-Guijaldo, Blas Camacho Zancada, Alejandro Cañas López, Tomás Casero Becerra, Asunción González Burillo, Nicolás González Burillo, José López Martínez, Leopoldo Lozano Rivas, Luis Molinero Novillo, Jaime Quevedo Soubriet, Rogelio Redondo Paulet, Rosario Ruiz Lomas, Ana María Santamaría, Monsenhor Don Rafael Torija de la Fuente, Félix Torres Olalla e Inés Villacañas.

giões e as três culturas, a saber: judia, cristã e muçulmana teem garantida sua convivência desde vários séculos; quanto ao processo de canonização da rainha Isabel parece que se vai abrindo, ainda com certa resistência, o caminho da verdade que tão deformada vem circulando há vários anos; e terminou dizendo-nos que os católicos e os muçulmanos temos no povo judeu nossos irmãos maiores, depositários da promessa e da palavra revelada no Antigo Testamento que cumpriu no Novo.

Em princípios de setembro de 2006, Pe. Félix Torres Olalla telefonou-nos para dizer que havia recebido carta de um amigo seu, o coronel Sr. Luis Alcalá-Galiano, enviando-lhe uma obra de teatro escrita em 1954 pelo presbítero pe. Manuel Liñán Carrera. Havia encontrado-a na paróquia de São Pedro de Alcântara, em Marbella, Málaga, intitulada *El miliciano de Amaponte. Joven modelo de Acción Católica*, sobre a vida de Ismael de Tomelloso, em que se trocam os nomes de Ismael por Miguel e Tomelloso por Amaponte¹⁹¹.

A 12 de setembro de 2006, telefonamos a Pe. Miguel Moros Álvarez porque havíamos combinado de nos encontrarmos após o verão, e nos disseram que havia morrido no dia 10. Foi outro duro golpe que se unia ao falecimento de Ir. María da Cruz.

Localizamos a enfermeira que havia atendido a Pe. Miguel até sua morte, Mari Luz Frauca Cacho, e ela nos contou detalhes de sua vida: a alegria e o consolo que recebia em meio de suas dores atrozes cada vez que olhava a foto de Ismael que tinha na cabeceira de sua cama; quando morreu tinha essa imagem entre as mãos; também nos entregou o itinerário da excursão que havia feito de bicicleta até Tomelloso para visitar a tumba de Ismael, em 1980, à qual havia acompanhado o padre Domingo Legua, amigo de Pe. Ángel, atual vigário episcopal em Santo Domingo, República Dominicana.

No dia 4 de novembro o bispo prior Dom Algora firmou o decreto aprovando os estatutos da Associação, e em 15 de novembro, nomeou provisoriamente juiz a Pe. Bernardo Torres Escudero e no-

191.AGC-IT.

יִשְׂרָאֵל

ISMAEL

HOMBRE DE DIOS

אִשָּׁה

EL AISHA

ISABEL

MUJER DE DIOS

יִשְׂרָאֵל

ISRAEL

PUEBLO DE DIOS

Luis Carrión Sastre

2 de JUNIO DE 2009

Nomes hebraicos transcritos para o espanhol, com seu significado, por don Luis Carrión Sastre.

tário a Pe. José Martín Sánchez de León, para conseguir os testemunhos das testemunhas de avançada idade que conheceram a Ismael.

A assembleia constituinte da Associação foi celebrada em 17 de dezembro de 2006, no colégio da Milagrosa, e participaram 78 pessoas, entre elas, o bispo emérito Dom Rafael Torija de la Fuente. Entre outras providências, fizeram o acordo de solicitar a inscrição da Associação no registro do Ministério da Justiça para que tivesse efeitos civis; seguindo o conselho de padre José Luis Cepero, também solicitaram ao arcebispo de Zaragoza a prorrogação da jurisdição em favor da diocese de Ciudad Real para a iniciação da causa; nomeou-se postulador o padre Valentin Arteaga; e elegeram a Junta diretiva¹⁹².

3. TERCEIRAS INDAGAÇÕES COM SURPRESAS.

Nos primeiros meses de 2007, o juiz delegado e o notário colheram declarações das testemunhas de idade mais avançada. Como era necessário fazer uma biografia breve para enviar a Roma acompanhando a petição do “Nihil Obstat”, encarregaram ao delegado para as causas dos santos, padre Francisco do Campo Real para que fizesse isso, porém como estava muito ocupado com as causas dos mártires da guerra civil, que seriam beatificados em 28 de outubro, não podia começar até fins do ano e tardaria vários meses para terminá-la.

A 3 de agosto, comprometemo-nos a fazer a biografia breve para enviar a Roma e o rascunho foi entregue no bispado de Ciudad Real, em 27 de setembro de 2007, festividade de São Vicente de Paulo. Apenas chegado ao bispado, o juiz delegado, Pe. Bernardo Torres nos disse que queria mostrar-nos algo que havia aparecido na caixa

192. A Junta diretiva estava composta por: Olga Alberca Pedroche, Tomás Casero Becerra, Natividad Cepeda Serrano, Miguel Huertas Torres, Dionisio Lara Porras, Luis Molinero Novillo, Joaquim Navajas Jiménez, Don Matías Rubio Noblejas, Rosario Ruiz Lomas, Faustino Sánchez Navarro e Rocío Torrér Márquez, como Vocais. Jaime Quevedo Soubriet, Secretário, e Blas Camacho Zancada, presidente.

forte. Em sua presença e junto com mais três sacerdotes abriram a caixa e retiraram um pequeno pacote envolto num papel branco, velhíssimo, com uma inscrição escrita de próprio punho pelo bispo prior Dom Emeterio Echevarría, que dizia “*Contém vértebra de Ismael de Tomelloso*”. Quando abriram o cofre aparece a firma e a letra do bispo prior dizendo: “osso separado do esqueleto de Ismael Molinero de Tomelloso”. Não podemos evitar um sobressalto. O bispo Echevarría havia ordenado a extração da vértebra como uma relíquia quando trasladaram os restos de Ismael desde Zaragoza a Tomelloso, em 1950. Trata-se de uma carinhosa e piedosa tradição da Igreja com seus filhos mortos em odor de santidade.

Mais tranquilizados pedimos ao juiz permissão para contar a aparição da vértebra de Ismael na biografia breve que ficou terminada para ser enviada a Roma, em 12 de outubro de 2007.

Em 28 de dezembro de 2007 foi assinada pelo bispo prior a petição do “*Nihil Obstat*” dirigida à Santa Sé, e depositada nos correios, em 2 de janeiro de 2008.

Durante os meses de janeiro e fevereiro de 2008 viajamos a Zaragoza para entrevistar-nos com Dom Manuel Ureña e, através de seu eficacíssimo secretário Pe. Gonzalo Ruipérez, podemos conhecer a vários sacerdotes de terceira idade que podiam acrescentar dados sobre Ismael a Ação Católica. Falamos com o delegado para as causas dos santos, padre José Luis Cepero, com o arquivista diocesano Pe. Juan Ramón Royo, que tinha a custódia de todos os papéis históricos da Ação Católica, e com Pe. Mariano Mainar Elpuente, um sacerdote que havia sido postulador da causa de canonização de Santa Genoveva Torres Morales, atualmente postulador das causas de canonização dos mártires de Aragón, e cuja generosidade, experiência e sábios conselhos nos estão sendo muito úteis.

Falamos também com Mari Luz Frauca Cacho, a enfermeira que havia atendido a Pe. Miguel Moros, nos últimos meses e ela nos contou detalhes de sua vida, do programa da excursão que haviam feito de bicicleta a Tomelloso para visitar a tumba de Ismael, à qual havia

sido acompanhada por Domingo Legua, amigo de Pe. Ángel, atual vigário episcopal em Santo Domingo, República Dominicana.

Um colaborador extraordinário, digno de menção, é Luis Molinero Novillo, irmão de Ismael, que com seus 86 anos de idade rejuvenesceu graças à eficaz atividade que desempenha, imprópria de sua idade. Trabalha com tanta ilusão que repetia de vez em quando: “Só peço a Deus que me permita ver iniciado o processo de canonização de Ismael”.

No dia 14 de março de 2008, fomos à basílica da Milagrosa, em Madrid. Era sexta-feira da festa das Dores e nos surpreendeu que o padre vicentino, Fernando Espiago, celebrasse a missa de santa Luisa de Marillac, quando sua festa era no dia 15. Ao finalizar a missa nos explicou que como o dia 19 de março era a festa de são José e era quarta-feira santa, a Igreja havia trasladado a solenidade de são José para o sábado dia 15, e por essa razão havia adiantado a festa de santa Luisa de Marillac para o dia 14.

Embora antes não tínhamos falado com ele da causa de canonização de Ismael o contamos, com entusiasmo, que Ismael havia sido educado pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, e ele nos interrompeu para dizer-nos que havia pregado retiro espiritual em Tomelloso, e conhecia a vida de Ismael e sua biografia. Mostrou-nos uma estampa que continha, no ângulo superior esquerdo uma relíquia do féretro de Ismael.

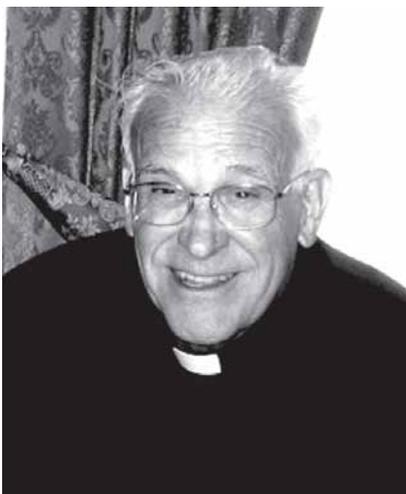
Ao meio dia, telefonou-nos o juiz delegado, para dizer-nos que acabava de receber o “Nihil Obstat” de Roma e que podia se iniciar o processo de beatificação e canonização do servo de Deus¹⁹³.

193. “Romae, die 6 Martii A. D. 2008.

Excmo ac Rev.mo Domino, D. Antonio Algora Hernando. Episcopo Civitatis Regalensis.

Litteris, die 28 mensis Decembris anni Domini 2007 editis, Excellentia Tua ab hac Congregatione de Causis Sanctorum quaeris utrum, ex parte Sanctae Sedis, aliquid absit Causae Beatificationis et Canonizationis Servi Deis Ismaelis De Tomelloso, Christifidelis Laici, qui vita anno Domini 1938 functus est.

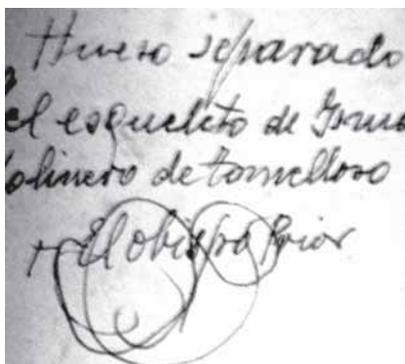
Re explorata, placet mihi Excellentiam Tuam certiore reddere, ex parte Sanctae Sedis, NIHIL OBSTARE quominus Causa Beatificationis et Canonizationis



*Dom Rafael Torija de la Fuente,
Bispo emérito de Ciudad Real.*



Pe. Felix Torres Olalla.



Caixa com vértebra de Ismael. Assinatura do Bispo Dom Emeterio Echevarría.

A alegria foi tão grande que demos as graças a Deus e depois a santa Luisa de Marillac. Comunicamos isso a Dom Matias e a Luis Molinero. A este último começamos por dizer-lhe que já podia partir para o céu e juntar-se com seu irmão Ismael porque a súplica que havia feito ao Senhor havia se cumprido. A reação de Luis, com graça e agilidade, foi: “Deixem de brincadeiras, agora lhe peço que me permita vê-lo canonizado”. No dia seguinte, 16 de março, sábado da Paixão, por motivo do sermão da semana santa, tivemos a oportunidade de dar a notícia na paróquia da Assunção de Nossa Senhora de Tomelloso, que foi recebida com grande alegria.

O bispo prior nomeou o Tribunal Eclesiástico definitivo, a Comissão de Peritos em História e em Teologia¹⁹⁴, e no dia 5 de maio de 2008, segunda-feira, quando se cumpriam 70 anos da morte de Ismael, ocorreu a solene sessão de abertura do processo no palácio episcopal de Ciudad Real, sob a presidência do bispo prior Dom Antônio Algora Hernando, às 17:00 horas, com o salão repleto de pessoas de vários povoados da província, em particular de Tomelloso, de Ciudad Real e de Zaragoza. Durante a sessão se deu a leitura do documento recebido da Santa Sé e fizeram juramento de fidelidade aos respectivos cargos os membros do Tribunal, o postulador e o vice-postulador.

Foram explicados os passos do processo e, ao finalizar a sessão, fomos a Tomelloso, para celebrar a missa de ação de graças e pelo servo de Deus, no 70º aniversário de sua morte.

Teria que ratificar de maneira oficial os testemunhos que se havi-

eiusdem Servi Dei Ismaelis De Tomelloso peragi possit, servatos “Normis servandis in Inquisitionibus ab Episcopis faciendis in Causis Sanctorum”, die 7 mensis Februarii anno 1983 ab eadem Congregatione.

Excellentiae Tuae addictissimus in Domino

Iosephus Card. Saraiva Martins, Praefectus”.

194. Tribunal: Juiz delegado, Pe. Bernardo Torres Escudero; promotor de justice, Pe. Francisco Javier Sanzol Díez; notário actuário, Pe. José Martín Sánchez de León. Comissão histórica: presidente, Pe. Francisco del Campo Real; Pe. Mariano Mainar Elpuente e Pe. Luis Núñez Burillo. Comissão de censores teólogos: monsenhor Joaquin Martín Abad e Pe. Lorenzo Trujillo Díaz.



Assembleia Constituinte da Associação para a causa de canonização de Ismael de Tomelloso.



Sessão de abertura do processo, presidida pelo Bispo Dom Antonio Algora Hernando. Sentados, da esquerda para a direita: Pe. Francisco del Campo Real, Pe. Bernardo Torres Escudero, Mons. Rafael Torija de la Fuente, Mons. Antonio Algora Hernando. No uso da palavra, o Postulador da causa, Pe. Valentín Arteaga; à sua direita Pe. Miguel Esparza e à sua esquerda Pe. José Martín Sánchez de León e Pe. Matías Rubio Noblejas. Também presente Pe. José Luis Cepero, Delegado das Causas dos Santos da Arquidiocese de Zaragoza.

am prestado provisoriamente e receber outros. A princípio de julho o tribunal se transferiu para Zaragoza, a fim de receber diversas testemunhas, o que seria impensável duas semanas atrás e graças a essas testemunhas foi possível saber nomes de alguns sacerdotes e membros da Ação Católica que testemunharam sobre a fama de santidade de Ismael, os lugares onde ele esteve como prisioneiro, o Hospital onde morreu e sua tumba. De novo tivemos oportunidade de sentir a generosa ajuda do arcebispo, Dom Manuel Ureña, de seu secretário Pe. Gonzalo Ruipérez, do arquivista diocesano Pe. Juan Manuel Royo, de Pe. Mariano Mainar e do Pe. José Luis Cepero. Também em julho ratificaram e prestaram novos testemunhos, em Tomelloso e em Ciudad Real, e durante o verão foram recolhidos dados, notícias e sucessos para incorporá-los à causa.

4. NÃO ESTAMOS SOZINHOS.

Embora a melhor notícia recebida até agora a devemos a Roma pelo “Nihil Obstat” que abre a causa de canonização, se tem continuado a produzir fatos que põem de manifesto que não estamos sozinhos. Alguns destes apoios, gratuitos e extraordinários, vale à pena contá-los para ser agradecidos com as numerosas pessoas que estão ajudando à causa de Ismael de Tomelloso.

4.1. Este ano apareceu o documento mais antigo sobre a vida de Ismael, publicado na revista dominicana de estudos místicos *La Vida Sobrenatural* (ano XXII, tomo XLII, nn. 257-258, maio-junho de 1942), fundada por Frei Juan G. Arintero, op, e graças à diligência e generosidade de Frei Ricardo de Luis Carballada, diretor da Editorial San Esteban del Convento de San Esteban dos padres dominicanos de Salamanca, temos um exemplar original que foi por eles a nós oferecido. Trata-se de um artigo escrito pelo presbítero Pe. Clemente Sánchez Sánchez¹⁹⁵, Operário Diocesano, que o enviou à Revista

195. Pe. Clemente Sánchez Sánchez, natural de Macotera, Salamanca, sacerdote do Instituto Operário Diocesano, foi reitor do seminário menor de Toledo, do metropolitano de Sevilla e do seminário maior de Salamanca; foi trabalhar na

desde Tucumán, na Argentina, e foi publicado na sessão de *Exemplares de vida sobrenatural*, sob o título: *Ismael Molinero Novillo, El Miliciano Santo*. Vale à pena reproduzir a introdução:

“Leitor caríssimo, nem minha caneta, nem minha boca teem parte alguma nas páginas que te ofereço. Só me cabe a honra, não minguada, de apresentá-las. Elas contém a história resumida dos últimos dias, e não dos primeiros, de um valoroso e heroico rapaz da Ação Católica, Ismael Molinero, secretário do Centro da Ação Católica de Tomelloso, Ciudad Real, Espanha. Herói anônimo, como tantos outros imolado no altar do sacrifício, vítima grata aos olhos de Deus nos dias horrorosos da guerra.

E te ofereço estes fatos, sem comentário algum, tal como chegaram a minhas mãos numas cartilhas, muito rasuradas, escritas a lápis pelo capelão militar do campo de concentração, que assistiu a Ismael em seus últimos momentos. Como foi que dei com esta descoberta?

Uma palavra de introdução: Era uma manhã de março, mês e meio depois de ter sido derrotadas as forças vermelhas de Barcelona. Tendo acabado de benzer os crucifixos que iam ser novamente colocados nas salas de aula do colégio que, no calçadão de Catalunha, esquina Diagonal, teem as Reverendíssimas Irmãs Teresianas, de Dom Enrique de Osó. Depois da arenga que teve que fazer às alunas, uma das maiores me perguntou aonde poderia falar comigo. À tarde compareceu ao seminário e ali me contou minuciosamente como conheceu e tratou com Ismael; entregando-me finalmente umas anotações do capelão do hospital e outras suas, junto com duas cartas, que Ismael escreveu a seus pais no leito de morte, rogando-me que quisesse ordenar aqueles papéis, dar for-

Argentina e, em Tucumán, desenvolveu um importante apostolado como assessor da JAC e da comissão diocesana da JOC. Regressou a Espanha e exerceu o paróquio na igreja de São Cristovão do Parque Móvil de Madrid; foi nomeado secretário geral dos cursilhos de cristandade. Publicou vários livros, entre outros, *El Sacramento del Orden*, *Del catecismo AL seminário*, *Joven, Cristo te llama e Outra carmelita santa?*

ma aqueles exemplos e publicar uma pequena biografia do herói, para estímulo e incentivo da juventude de Ação Católica.

Porém o homem propõe e Deus dispõe. A obediência me lançou ao oceano e deu comigo em Tucumán, onde as dificuldades do momento romperam o fio da comunicação com a Mãe Pátria e também com aquele fio dos meus planos.

Hoje, impulsionado pela admiração e o carinho que de mim merecem os rapazes da Ação Católica, para os quais na pessoa daqueles daqui de Tucumán, guardo sempre as expansões mais íntimas de meu coração de sacerdote, decidi limpar a poeira dos velhos papéis, em troca do valor que possam prestar a nossos jovens assim como de consolo aos senhores assessores”¹⁹⁶.

O irmão de Pe. Clemente, Pe. Juan Sánchez Sánchez, também Operário Diocesano, vive atualmente em Majadahonda (Madrid) e em 22 de dezembro completou 90 anos. Foi superior do seminário de Zaragoza, viveu em Roma durante vinte anos, onde foi postulador de mais de setenta causas de beatificação e canonização, entre outras, a de São João de Ávila, padroeiro do clero secular espanhol, São João de Ribera, patriarca de Antioquia e arcebispo de Valência, e Santa Teresa de Jesus de Jornet e Ibars, fundadora das Irmãs das Anciãs Desamparados e padroeira da terceira idade. Pe. Clemente e pe. João têm três irmãs religiosas, uma das quais, Ir. Teresa, reside em Alba de Tormes.

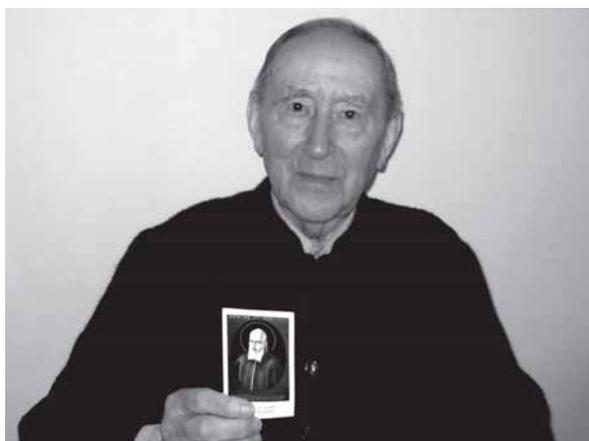
A 12 de outubro de 2009, enquanto concluíamos a biografia, Pe. João Sánchez Sánchez nos disse que a causa de Ismael “parece-me uma causa das mais puras que conheci em meus anos de postulador, que vai levar muitas almas para Deus, especialmente ao sacerdócio, através das virtudes em grau heroico”.

4.2. Outro fato singular produziu-se com relação ao Padre Florentino del Valle, cuja surpreendente presença foi relatada (pág. 22), em parte, no preâmbulo porém, para maior ilustração, vamos

196. Clemente Sánchez Sánchez, op. cit., p. 218.



Pe. Clemente Sanchez Sanchez com seus irmãos; da esquerda para a direita, Pe. Juan, operador diocesano, Irmã Teresa, filha da caridade, Irmã Maria Cruz, dominica, Pe. Clemente e irmã Monica.



Pe. Juan Sánchez Sánchez.

contar algum detalhe mais da visita que lhe fizemos em Villagarcía de Campos.

Quando a 19 de maio de 2009, lhe perguntamos por telefone se poderíamos nos encontrar, com muito bom humor disse: *“Se veem para ver-me porque, se não, não tem nada que fazer. Aqui me encontram, quando quiserem vir, eu não saio. Vou cumprir 102 anos a 27 de setembro”*. Recordamos-lhe que nesse dia se celebraria a festa de São Vicente de Paulo, bom “amigo” de Ismael, e nos confirmou isso com voz clara e muito bom humor. Recordando as ausências irreparáveis de Ir. Maria da Cruz Molinero e de Pe. Ángel Moros, no dia seguinte, 19 de maio, fomos visitá-lo.

Bem cedo pela manhã, como gosta de escrever o Pe. Florentino del Valle, chegávamos à residência para os padres anciãos da Companhia de Jesus, em Villagarcía de Campos. O irmão porteiro nos levou a seu quarto e como não estava, tivemos que procurá-lo no refeitório. Convidou-nos a tomar café. Depois, viemos andando os vinte metros que separam o refeitório de seu quarto, nos sentamos e permanecemos cerca de duas horas em animada conversação.

Em resumo, disse-nos:

“O conhecimento, por assim dizê-lo, de Ismael, foi através do padre Martín Brugarola que comigo formamos o grupo de Fomento Social. Chegou a conhecer com detalhe o hospital de Zaragoza, onde estava Ismael e, sobretudo, falou muito com a enfermeira, Aurora, quem lhe forneceu muitos dados sobre Ismael. E o padre Brugarola todos esses dados nos repassou, deixando-os à minha disposição.

Ao padre José Julio Martínez, do Mensageiro, pareceu-lhe bem que o assunto Ismael formasse parte de uma espécie de coleção de vidas jovens”.

E mais adiante:

– *“ E o senhor tem devoção a Ismael?*

– *Sim.*

– *E o invoca?*

– *Sim; rezo pondo-me em contato com ele ,sua figura.*

– *Fala com ele?*

– *Falo espontaneamente, ou seja, o tema, assim por dizer, é aquilo que me preocupa no momento. Coloca-me em contato; e outras vezes, nada mais que uma espécie de rajada, falando, pois, como...*”

Não sabemos como pode localizar Luis Molinero Novillo, que estava cumprindo o serviço militar em Madrid, para que o acompanhasse a Tomelloso. Visitou a casa de Ismael, falou com seu pai, com seus irmãos e com seus amigos, de modo todo especial com Miguel Montañes, presidente da Ação Católica de Tomelloso, com Pedro Cuesta, secretário da mesma, com o Sr. José Antonio Martínez, Alfredo Salinas, Santos Burillo, etc., etc., com os que teve oportunidade de reunir-se em várias ocasiões e lhes dedicou a biografia de *Ismael de Tomelloso. La lección de su silencio*¹⁹⁷. A primeira visita a Tomelloso durou três dias, segundo confirmou Luis Molinero, que aproveitou para passar uns dias de licença e folga e encontrar sua noiva, graças às investigações do Padre Florentino del Valle. Depois visitou Tomelloso em outras ocasiões, por própria conta, segundo nos informou:

– *“Agora eu tinha o acréscimo dos de Tomelloso.*

– *Ah! Foi o senhor que investigou.*

– *Claro.*

– *E ali perguntou...*

– *Perguntei no hospital, às irmãs, no hospital de Tomelloso. A Montañes, Cuesta, Luis, o irmão...*

– *O senhor falou com as irmãs, com seus irmãos, com o bispo de Ciudad Real.*

– *Sim falei”.*

Visitou Ciudad Real em várias ocasiões e se entrevistou com o bispo prior de Ciudad Real, Dom Emeterio Echevarría, e em Zaragoza falou com o arcebispo e com Pe. Ignacio Bruna, capelão do campo

197. A dedicatória diz assim: “A Miguel, Pedro, José Antonio... os quais, pela sua amizade, ganharam para Cristo a Ismael; e para aqueles que Ismael teve uma lembrança agradecida ao despedir-se deste mundo”.

de concentração e pároco então de São João de Mozarrifar, onde Ismael esteve prisioneiro. Também falou com o conselheiro da Ação Católica, Pe. Francisco Izquierdo Molins, homem de grande autoridade, que lhe confirmou a fama de santidade de Ismael de Tomelloso, e as constantes visitas e peregrinações que faziam aos jovens da Ação Católica à sepultura de Ismael. Resumindo, isso tudo significa que o Pe. Florentino del Valle investigou a vida de Ismael com as pessoas e nos lugares nos quais havia estado durante os anos de sua infância, no front, no campo de concentração e no hospital onde morreu.

No Teatro Cervantes de Tomelloso, a crônica publicada no diário *Lanza* de Ciudad Real, de 18 de abril de 1950 registra as palavras que pronunciou o padre Florentino del Valle, por ocasião dos atos e preparativos do traslado dos restos mortais de Ismael: *“Disse modestamente aos jovens da Ação Católica que ele não havia tido mais mérito que o de ventilar sua memória, bem recompensado porque nos lugares que visita já o conhecem como autor desse livrinho e o nome de Ismael o precede em todas as partes. Em termos de grande eloquência explica as três lições que se depreende de sua vida tão breve quanto fecunda: a lição da alegria e do bom humor, a do silêncio e aquela da dor; magníficas lições que vós deveis aproveitar, pois o que não teria feito Ismael se tivesse tido a outro Ismael diante?”*¹⁹⁸.

Relatamos nossos encontros com o Pe. Florentino del Valle, que nos servirão de grande companhia e estímulo nos trabalhos desenvolvidos na causa de canonização. Porém, não podemos evitar, ao revisar a segunda edição, de contar que quando recebemos a primeira prova de imprensa do livro fomos a Villagarcía de Campos a mostrá-la ao padre del Valle. Quando a recebeu em suas mãos, enquanto a folheava, fez um gesto de simples protesto ao ver as duas fotografias que aparecem na biografia que tínhamos feito em 19 de maio e em 19 de junho de 2009. Isto acontecia em 31 de outubro pela manhã.

198.AGC-IT.

O extraordinário enfermeiro que o cuidava, Irmão primitivo de Miguel, nos disse que o via com poucas forças, o que podemos verificar no momento em que estivemos com ele.

Em 6 de novembro, estávamos os membros da Junta Diretiva da Associação reunidos em Tomelloso, quando Jaime Quevedo Soubriet trouxe-nos várias caixas com livros da biografia recém saídos da gráfica e em torno das nove horas da noite, enquanto estávamos folheando-os e comentando, recebemos várias chamadas do reitor da casa de Villagarcía de Campos, padre Fernando López Combarros e do Irmão Primitivo de Miguel, dizendo-nos que tinha acabado de morrer o padre Florentino del Valle.

No domingo seguinte, dia 8 de novembro, o acompanhamos pela última vez, nos funerais e seu enterro. Choramos a ida ao céu deste santo sacerdote que havia entregado sua vida pela Igreja e pela Companhia de Jesus, e havia sido e será para sempre uma referência essencial na causa de canonização do Servo de Deus Ismael de Tomelloso.

4.3. O presbítero Pe. Alberto Martín de Bernardo escreveu a biografia de Ismael intitulada *El miliciano que morreu como um santo. Vida heroica de Ismael Molinero Novillo*¹⁹⁹. Está inspirada no texto de Pe. Clemente Sánchez Sánchez, publicado em *La Vida Sobrenatural*, porém foi escrita a obra depois de ter lido a biografia do padre Florentino del Valle, como ele mesmo nos conta no capítulo XI, página 135 e seguintes. Falou com Pe. Ignacio Bruna, com a enfermeira Aurora Álvarez, com a família de Ismael, com os amigos de Tomelloso e com os sacerdotes e jovens da Ação Católica que conheceram Ismael e trataram com ele, confirmando e ampliando o conteúdo das biografias anteriores.

Movido por sua vocação missionária encaminhou-se para Cuba e depois a São José de Porto Rico, onde morreu. Foi capelão no convento das Irmãs dos Anciãos Desamparados, às quais deu assistência espiritual juntamente com os anciãos de suas casas, e também foi

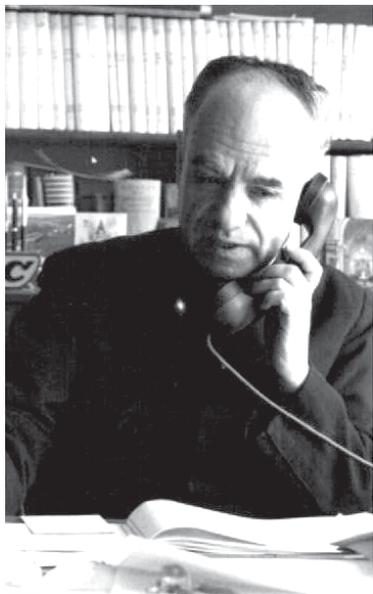
199. AGC-IT.

capelão da prisão de Oso Blanco. As Irmãs nos contam o carinho com que tratava aos anciãos e o bem que fazia atendendo aos prisioneiros. Pedia às Irmãs que caprichassem nas comidas para os anciãos e que preparassem também comidas especiais que levaria à prisão. Convidava-as a rezar a via sacra com os presos, que lhe tinham respeito, carinho e gratidão. Ismael teve muito que ver com a vocação de Pe. Alberto Martín de Bernardo, e em sua dedicação aos anciãos desamparados e aos prisioneiros.

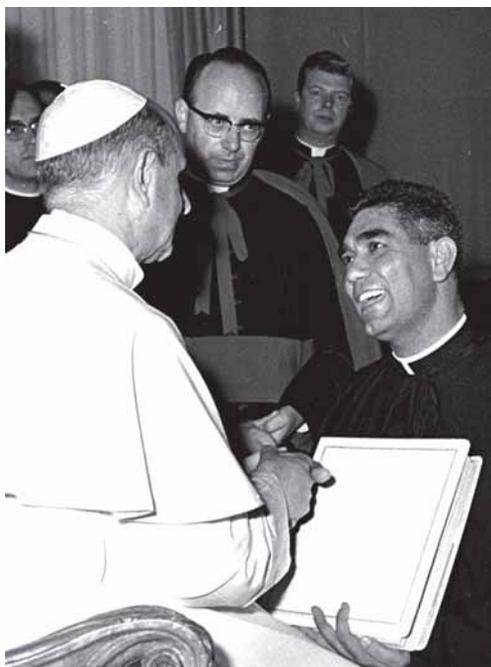
4.4. O autor da obra de teatro intitulada *El Miliciano de Amaponte*, o padre Manuel Liñán Carrera, de 93 anos (nasceu em 3 de março de 1916) é, desde mais de vinte anos, capelão na Residência de Anciãos da Virgem das Flores, de Álora, em Málaga, das Irmãs Hospitaleiras de Jesus Nazareno Franciscanas. Quando as visitamos podemos comprovar sua magnífica memória e a jovialidade que demonstrava em manusear o computador no qual ainda escreve livros com uma habilidade extraordinária.

Disse ter muito presente Ismael na atenção e cuidado que dedica aos anciãos e enfermos aos quais vem atendendo por encargo do bispo de Málaga, e só lamenta não poder ser agora mais útil pela limitação de seus movimentos. Conheceu Ismael de Tomelloso através do obséquio que lhe fez uma senhora asturiana da colônia espanhola em Oporto, no dia de seu aniversário: era a biografia do padre Florentino del Valle.

Ficou tão impressionado com a vida de Ismael que escreveu, em 1954, *El Miliciano de Amaponte. Joven modelo de Acción Católica*. Foi representada primeiro por uns turistas espanhóis em Portugal e depois pelos seminaristas no seminário redentorista de Oporto. Traduziu-a ao português e teve um grande sucesso. Em 1960 introduziu personagens femininos, porém, curiosamente, não a imprimiu até o ano de 2005, sem que soubesse da iniciação da causa; manteve uma constante correspondência sobre sua obra de teatro com bispos, sacerdotes e religiosas, como nos faz perceber com as cartas que nos entregaram.



Pe. Florentino del Valle, em sua juventude, e em 19 de junho de 2009.



O Santo Padre Paulo VI recebe Pe. Alberto Martín de Bernardo em 1970.

Acompanhamo-lo até a capela, onde celebrava missa ao meio-dia e, enquanto seguia na cadeira de rodas, contava-nos a influência que havia tido Ismael em sua vida. Ao entrar na capela andando erigido, apoiado num andador, chegou até o altar, lentamente, com visível esforço. Estávamos impressionados pela autoridade que refletia, com voz forte e clara como pronunciava os textos e permaneceu sentado todo o tempo, exceto no momento da consagração.

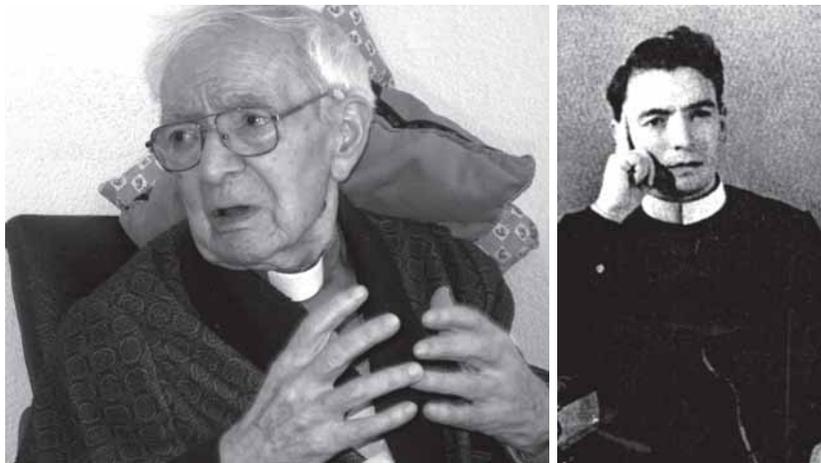
4.5. Seguimos a pista deixada por Mari Luz Frauca, a enfermeira de Pe. Ángel Moros, com o itinerário, os textos e as orações que haviam rezado, em 1980, os participantes na excursão de bicicleta a Tomelloso²⁰⁰ a fim de darem graças pela vocação que havia recebido Pe. Ángel através da intercessão de Ismael, e localizamos o vigário episcopal de Santo Domingo, padre Domingo Legua, que também havia acompanhado aquela excursão. Ele enviou-nos desde a República Dominicana, um correio eletrônico no qual explica a vocação de ambos os sacerdotes que, por seu interesse, vamos transcrevê-lo aqui:

“Os pais de Ángel, Domingo e Eusébia, são um casal jovem nascido num pequeno povoado da margem do rio Jalón, província de Zaragoza. Trabalham em RENFE, como guarda de segurança de trânsito, no cruzamento da autoestrada nacional II, na localidade de Jubera, povoado de Soria depois de passar Medinaceli na direção de Madrid a Zaragoza.

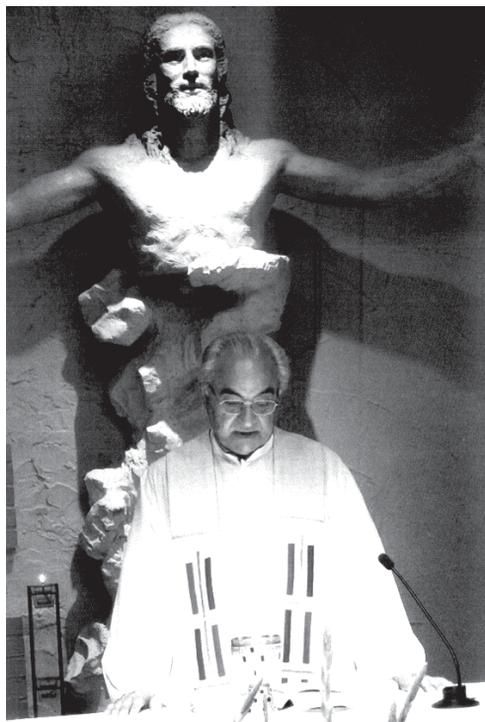
A residência é uma casinha pobre da RENFE, separada a poucos metros da autoestrada nacional II, e as linhas do trem. Está caiada, limpa e rodeada de flores, de maneira que a pobreza está dissimulada com a beleza e a limpeza. A pontualidade do trem por ali era imprescindível, de maneira que o trem das dez podia passar às duas, às quatro da tarde ou até mais tarde, porém de qualquer maneira havia que estar preparado e com as barreiras abaixadas para evitar qualquer catástrofe de gente distraída.

O casal já tem dois filhos, Pepe e Antônia, a mamãe está grávida e segundo seus cálculos a criança deve chegar por volta de me-

200.AGC-IT.



Pe. Manuel Liñán Carrera, recentemente e quando publicou El miliciano de Amaponte.



Pe. Angel Moros Alvarez.

ados de julho. No seio da família há certa expectativa de preocupação, pois, pressente-se, pelo que se observa tanto na estrada quanto pelo trem um movimento inusitado de veículos de guerra; tudo passa diante de seus olhos e não são alheios a nada. Dar à luz aí nessa casinha não é o lugar mais apropriado em vista do panorama no qual a Espanha está vivendo. Decidiram que com as duas crianças maiores se afastem rumo o monte para assim evitar qualquer perigo. Poucos dias depois nasce Ángel, no dia 15 de julho do ano de 1936, numa estalagem onde se abriga os rebanhos. Três dias depois, a 18 de julho, estoura a guerra civil e que casualidade, pois o momento não foi o desejado, porém... Em vista desta situação e crendo que a coisa se espichava demais, Eusébia com os maiores e o recém-nascido decide voltar para casa a fim de cuidar do esposo e seguir a rotina da vida, pois ainda que fosse dura era aquela que lhes tocava viver. O pai trabalhava levantando e baixando as barreiras do trem, às vezes a vários quilômetros de sua casa. É um homem muito trabalhador e de forte caráter.

Eusébia à hora estabelecida deve baixar e subir a barreira, à vez que se encarrega dos labores próprios da casa e da educação dos filhos.

A infância de Ángel, mesmo quando é muito pobre é aprazível. Ao lado de sua mãe, mulher cheia de sossego e de paz, prudente e pouco amiga de mexericos, vive Ángel os primeiros anos de sua vida; por osmose vai aprendendo junto com a mãe a linguagem do silêncio tão habitual naquele contexto e que nele calaria tão profundamente. Junto à sua mãe, vê passar dia após dia aquela “esqueleto” de ferro com uma sequência interminável de vagões que vai contando pouco a pouco; há um tráfego de caminhões e de tanques de guerra, tanto pela rodovia, como pelo trem. Os aviões lhe fazem estupor e medo. Eusébia compartilha o pouco que tem com quem passa pela sua casa.

Há uma pequena anedota na infância de Ángel que, muitos anos depois nos contaria e que faz referência a um bastão. Nós seus amigos sempre vimos detrás da porta de entrada de sua casa, um bastão,

que depois o colocaria num lugar mais visível do refeitório. Um dia pregando sobre os sacramentos, depois da proclamação do evangelho vai na direção da cadeira presidencial e toma um bastão que havia colocado aí sem que ninguém se desse conta. Com ele entre suas mãos nos contou a história do bastão. Quando ele era muito pequeno havia passado pela casinha um pobre mendigo pedindo algo para comer, a mãe de Ángel lhe disse que esperasse um pouquinho que logo lhe daria algo, posta a mesa convida o mendigo para entrar e receber a comida, o mendigo se opõe e a mãe lhe diz que a única possibilidade de comer era que entrasse e tomasse parte com toda a família; o pobre tão agradecido pela comida e pelo tratamento recebido lhe disse na saída: veja, senhora, eu não tenho nada como agradecer-lhe o que a senhora fez por mim, dou-lhe o único que tenho: meu bastão. Aquele bastão acompanhou toda a infância de Ángel em seus jogos e havia passado a ser um sinal (sacramento de vida para ele) do amor de sua mãe a Deus e ao próximo.

Da casinha de Ubera foram transferidos a casinha de Morata de Jalón, aqui é aonde Ángel vai a escola, tira umas notas estu-pendas e tudo indica que o rapazinho promete, é aplicado, trabalha-dor e responsável. Por ser inteligente e esperto seus pais pu-seram toda a esperanças no filho, por fim parece que tudo vai melhorar e o futuro é mais agradável. O que não sabem os pais é o que está ocorrendo no coração de Ángel a partir da leitura da biografia de um jovem manchego, Ismael de Tomelloso, escrita pelo padre jesuíta Florentino del Valle, livro que lhe havia pre-sentado Jesus Marin Sierra.

Na década de sessenta do século passado foi publicado um livro que fez, então, o maior sucesso! Refiro-me ao livro de Sanz Vila e José Luis Martín Descalzo com o título Por que me fiz sa-cerdote? Sacerdotes de grande prestígio foram entrevistados so-bre a origem de sua vocação sacerdotal; e foi a propósito da leitura deste livro que eu, jovem de dezoito anos mergulhado num processo de busca, perguntei-lhe a Pe. Ángel Moros Álvarez, sa-cerdote recém ordenado da arquidiocese de Zaragoza e que esta-

va exercendo seu ministério sacerdotal em minha paróquia de Andorra de Teruel, no ano de 1965: Ángel, porque se ordenou sacerdote? Quem influenciou você? A quem devia sua vocação? E com uma segurança extraordinária, com serenidade e convencido daquilo que dizia falou-me de Ismael, da grande influência que havia tido em sua vida a partir da biografia que havia lido.

Ángel foi uma vocação adulta ao sacerdócio, essa era a palavra que se referia a quem seguia para o seminário tendo já passado a adolescência. Como à idade de 18 anos a leitura da biografia de Ismael²⁰¹ havia lhe mudado seus esquemas e sua trajetória de vida, pois Ángel, de família ferroviária, havia começado a trabalhar na RENFE, o livro contando a vida deste jovem manchego da Ação Católica de Tomelloso causou-lhe tanto impacto que o releu em várias ocasiões e que o ajudou de maneira definitiva e determinante em seu discernimento vocacional. Com a serenidade que o caracterizava falou daquilo do que se está convencido, quantas vezes Pe. Ángel foi perguntado sobre sua vocação, sempre fazia referência a Ismael de Tomelloso. Próximo à cabeceira de sua cama estava sempre uma fotografia de Ismael; a vi ali durante os quarenta e três de nossa amizade com Ángel; essa fotografia lhe foi dada como herança muito apreciada a Mari Luz Frauca Cacho²⁰², quem o acompanhou dia e noite de maneira heroica os quatro últi-

201. A biografia de Ismael escrita pelo padre Florentino del Valle tinha sido entregue a pe. Ángel por Jesus Martín Sierra; este último nascido em Zaragoza, foi membro da juventude da Ação Católica, e vive em Barcelona; com seus 83 anos tem uma excelente memória, continua escrevendo e o último artigo sobre Ismael o publicou na revista *El Pilar*, de junho de 2009. Costumava passar as férias com seus avós em Morata de Jalón, e ali organizou uma biblioteca circulante através da qual conheceu Ángel Moros que era mais jovem do que ele, muito aficionado a ler. Como havia permanecido tão impressionado pelo livro do padre Florentino del Valle, o presenteou a Ángel e nos confirmou que este apenas que o acabou de ler comentou-lhe que aquilo que não havia conseguido ser Ismael, sacerdote de Cristo, ele ia sê-lo em seu lugar.

202. Fotografia doada por Mari Luz Frauca à Associação para a causa de canonização de Ismael de Tomelloso.

mos anos da cruel enfermidade, esclerose lateral amiotrófica, que destruiu a vida de Ángel. Ángel que era um sacerdote maravilhoso, influiu de maneira definitiva em minha vocação sacerdotal. Junto a ele nestes quarenta e dois anos de uma profunda amizade, foi para mim mestre e testemunha no amor a Deus, ao próximo e no imenso amor à Igreja, até o ponto de converter-se em mim numa referência sem a qual teria andado sem rumo. Aos poucos anos de permanência, como sacerdote, na paróquia da Apresentação da Virgem, no bairro de la Bozada, na cidade de Zaragoza, em princípios dos anos 80, como quem tem uma dívida pendente, organizou uma peregrinação de bicicleta, desde Zaragoza passando por Morata de Jalón, aonde pe. Ángel viveu sua adolescência e juventude; e também aí foi aonde se forjou essa misteriosa e profunda amizade com Ismael, até Tomelloso, povoado de La Mancha onde nasceu Ismael.

Gozosamente nos unimos em seu agradecimento a Ismael um grupo de jovens de sua paróquia, alguns jovens aspirantes ao sacerdócio e um grupinho de sacerdotes que empreendemos esta peregrinação para acompanhar a Ángel até Tomelloso onde publicamente, na paróquia onde Ismael haviaorado tantas vezes, e diante de um bom número de fiéis, pe. Ángel reiterou seu agradecimento a Deus e a Ismael por sua vocação sacerdotal”²⁰³

Três coincidências e três lições, ao menos, recolhidas nas correspondências escritas, correspondem-se com três virtudes aprendidas e vividas em suas respectivas famílias tanto por Ángel como por Ismael: as virtudes da pobreza e do desprendimento, simbolizadas no bastão do mendigo e na entrega do melhor filho para Deus, e a virtude do silêncio, herdado de suas mães e vivido heroicamente em meio das terríveis dores físicas que ambos padeceram.

4.6. Duas boas amigas de Ismael que conviveram com ele em sua juventude permitiram-nos amavelmente manter conversações e autorização para eu fossem transmitidas com a maior fidelidade:

203.AGC-IT.

– A madre Asunción González Burillo, abadessa das Religiosas Concepcionistas de Clausura de Manzanares (Ciudad Real), nascida em Tomelloso, no ano de 1929:

“Que alegria me dá em saber do início do processo de canonização de Ismael. É um santo. Tratamos muito com ele me casa com meus pais e eu o devo a vocação. Era um rapaz muito alegre com muito carisma. Permanecia com as pessoas por sua simpatia.

Recordo quando ia ao hospital e alvoroçava todos os velhos, dava-lhes de comer..., e meu pai o seguia nisso. Dava de comer a um ancião todo requebrado, e meu pai levava uma vitrola que temos aqui e Ismael bailava com eles e com as anciãs. Gostava muito do bandolim e da guitarra. Tocava esses instrumentos e cantava muito bem. Transmitia alegria e paz. Não como alguém que diz bobagens e está só fazendo farra, senão como quem sempre deixava uma mensagem.

Ismael frequentava muito minha casa, e de noite, quando saía, como as pessoas se sentavam no banquinho, à porta da rua. Algumas vezes ceava com minha mãe, que era muito espiritual, falando de coisas espirituais.

Lembro também que num cômodo da casa havia uma maleta que tinha suas coisas espirituais, que havia deixado com minha mãe para guardar quando seguiu para o front. Parece que o estou vendo: livros, cadernos e várias coisas, entre elas um cilício. Deixou-os com meus pais, coisa que não devia ter feito, porém eles os entregaram a Miguel e a Pedro que vieram buscá-los quando terminou a guerra, menos o cilício que ficou com meu irmão.

Possuía um caráter muito alegre, era muito brincalhão e tinha uma imagem excelente, de paz, de tranquilidade, que transmitia confiança, as pessoas que falavam com ele permaneciam com ele. Minha mãe era muito espiritual e com ele passava as horas de folga, e eu dizia: mas ainda aqui?

Há outra coisa preciosa. Foi quando comecei a sentir a vocação religiosa. Senti a vocação numa hora santa. Estava participando

de uma hora santa, e como Ismael tinha essa devoção à eucaristia, escrevia preciosidade sobre a eucaristia, se punha em oração e olhava a porta do sacrário..., e refletia seu grande amor à eucaristia. Algo especial me impressionou profundamente, porém eu provei a ver se tinha ou não vocação de verdade, fui a bailes de noite, e me dizia pe. Eliseu, o pároco, porque era meu confessor: “Mas garota, se és delegada da Ação Católica, és uma terciária, que vai dizer o povo quando te vê ali”. “Pois eu vou mesmo assim”, dizia. E me fizeram um traje todo elegante, porém aquilo não me chamou a atenção. Foi um chamamento, algo especial. Especial porque te digo, é que era todas as noites, dizia-me Ismael: “tens que ser monja”. Uma noite, outra noite, outra noite...

Ismael é o culpado de que eu viva agora aqui...

Porém, sobretudo, me impressionava seu grande amor à eucaristia; tinha muito amor à eucaristia”²⁰⁴.

– Irmã Aurora Serrano López, Filha da Caridade de São Vicente de Paulo, nascida em Villanueva de los Infantes, no ano de 1920, nos disse:

“A recordação mais viva que tenho de Ismael é quando em Tomelloso as amigas íamos fazer uma visita ao Santíssimo e estava Ismael fazendo também sua visita; ele parecia um anjo. Isso diziam as garotas de meu tempo, de 10 anos, mais ou menos.

Quando saíamos, esperávamos para ver o que nos dizia, coisas de crianças, e nos dizia: “Ei garotas, vocês querem bem a Jesus?” “Claro, por isso viemos aqui, porque o queremos bem”, disse uma mais resolvida. “No domingo teremos teatro no colégio das Irmãs”, dizia-nos Ismael; “são 5 centavos a entrada”. E acrescentava: “Sabem o que vamos fazer? Vão preparando com suas amigas e depois o dinheiro que arrecadaremos vamos dá-lo a Irmã Felices, para as missões”. E se despedia com aquele sorriso, com aquela cara de anjo. Eu me lembro do rosto de Ismael...

Era muito amante de Nossa Senhora, amante dos pobres cem por cento. Eu o vejo naqueles invernos, que ias bem abrigadinha

204.AGC-IT.

como podias, com um agasalho, e o vejo com uma gabardina muito clara, do comércio onde trabalhava, à volta da paróquia, El Siglo. Então, este rapaz tinha arte, era um artista, e sentia a arte em seu corpo. Punha as vitrinas maravilhosas, e ganhava a toda a paróquia do povoado. Todos, todos. Tinha uma arte especial para declamar, que não podes imaginar a graça que tinha para a poesia de Mi vaqueirozinho, e todo o povo chorando. “Bem, quando acabamos com isso, começaremos com outra coisa”. E iniciava outra poesia...

Vai ser um espetáculo grandioso, para glória de Deus e do povo, que veja que há santidade dentro de um mundo tão corrompido.

Recordo-me muito de todo o bem que fez, no sentido de seu apostolado com essa simpatia que tinha, com essa humildade que desaparecia quando o aplaudiam. Sempre, sempre sorridente, nunca uma cara fechada, é que Ismael tinha qualidades maravilhosas, porém se santificou por meio de cinco amigos.

Passou frio durante uma temporada, não apóstata, não, porém muito frio. E então, seus amigos se deram conta e o levaram a um sacerdote que é mártir, Pe. Barnabé Huertas, que o ganhou para Deus. Quando as crianças estavam em seu “escritório” e chegava um daqueles rapazes, olhava o crucifixo e lhe dizia: “Senhor, um mais, que não se escape”. E entrava outro: Pe. Barnabé, trouxemos até aqui este amigo, porque quer tomar parte do nosso coral, porque canta muito bem; “Ah! Que bom, que bom!” e assim se foi formando o grupo. A Pe. Barnabé se aproximou Miguel Montañes. Eram cinco²⁰⁵.

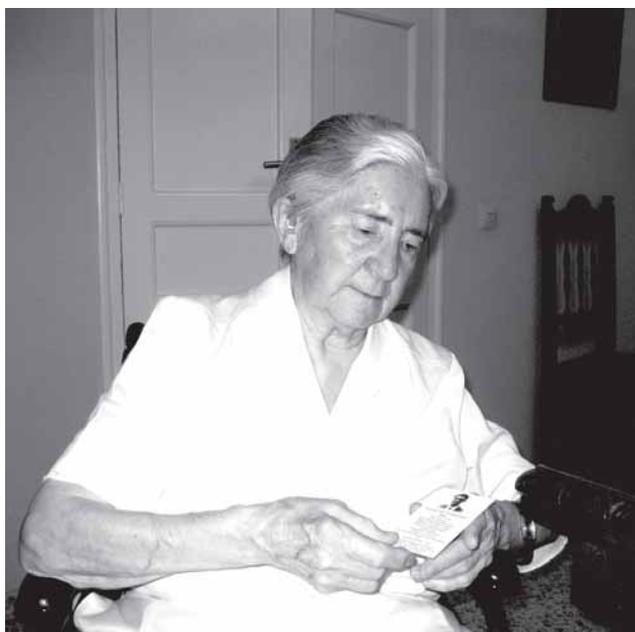
Quer saber como faziam as orações? Numa folha de papel de fazer cigarro anotam o tema e então o papel era jogado pela grade do porão aos amigos.

Assim faziam as meditações e iam de uma casa a outra, deixavam cair o papelzinho na claraboia, e assim iam fazendo a oração até que veio a guerra e tiveram que ir cada um par seu

205. Miguel Montañes, Santos Burillo, Pedrito Cuesta, José Antonio Martínez, e Alfonso Salinas.



Madre Asunción González.



*Irmã Aurora
Serrano.*

canto. Porém Ismael tinha uma paixão, o que me chamou muito a atenção, a ânsia materna que tinha. Não se deu o senhor conta que disse “quanto quis o martírio e ainda o consegui, não pelo derramamento de meu sangue pela fé, mas sim pelo lento sofrer, o abandono e a ausência de minha santa mãe”.

Ismael foi tesoureiro da Ação Católica. Imagino-o com uma bandeira, bom; pode crer que quando for beatificado, certamente lhe farão uma estátua parecida assim. Não, nada haverá de lhe faltar, porque Tomelloso precisa de empurrões, porém isso será feito.

Sim em Tomelloso faziam-se alardear obras monumentais de caridade, sem dar publicidade, porém se faziam, eu acredito.

Sempre que fui ao cemitério, bem o sabe Deus, passava pela sepultura de Ismael e me ajoelhava e lhe dizia: “Ismael, lembra-te da juventude de teu povoado, não a esqueças”. E me despedia: “Ismael, você sabe o que lhe digo? Pela juventude de teu povoado, não nos esqueças”. Sempre lhe disse isto, e por isto creio que perseverei tantos anos.

Que formosura aquilo que o Senhor nos vai dar, depois de tanto abandono, porque foi abandono. Deixaram-no muito abandonado. Foi um martírio. Eu quero muito bem a Ismael, e o veremos sobre os altares. Sim, não se ponha o senhor sério, o veremos sobre os altares.

O importante disto é que verdadeiramente se remexa a juventude como fez o papa na Austrália agora, quando for celebrado em Madri a jornada mundial da juventude, dentro de três anos, aí é onde tem que estar Ismael.

Eu era muito amiga de sua mãe e eram muito pobres, porém se resignavam e calavam, e ninguém se inteirava que estavam passando fome. Todo mundo caladinho, caladinho. “Mamãe, amanhã é domingo”. “Sim, que lindo, sim”. “Amanhã toca-nos meia laranja”. Dava-lhes a mãe meia laranja porque era domingo, para cada um. “É verdade que a situação está feia, porém não podemos deixar de atender a Deus, temos saúde e estamos

muito bem". "Então amanhã vai nos dar meia laranja?" "Sim, sim", e lhes dava meia laranja de sobremesa.

A mãe era uma mulher muito boa. As mães são as que forjam aos filhos, no sentido biológico e no sentido religioso, creio. Tudo eles devem à mãe. Muito boa, muito boa. Muito tomellosense.

Quando morreu, fomos ao sepultamento muitíssima gente.

A mãe queria ver a sepultura de seu filho em Zaragoza e, quando ela chegou ao cemitério e viu como o custodiavam ficou emocionada. Ao voltar de lá, já regressando a Tomelloso, no dia seguinte, passou muito mal e morreu. Morreu no caminho.

O pai era um senhor de estatura mediana, moreno, sério, ao que me parece. Viviam na rua Independência, na nossa rua. Nós no nº 7, e eles no 13, creio"²⁰⁶.

4.7. Entre as publicações que apareceram recentemente, até agora desconhecidas, estão as dos dois sacerdotes que conheceram Ismael: Pe. Ignacio Bruna Peribáñez, e Pe. José Ballesteros Estero.

Os sacerdotes consultados e as pessoas que conheceram a Pe. Ignacio Bruna Peribáñez nas paróquias de Zaragoza onde desempenhou o ministério sacerdotal, em particular, a última de Nossa Senhora de Altabás, coincidiram em afirmar que era um sacerdote santo.

Na primeira entrevista publicada no Boletim dos jovens da Ação Católica de Zaragoza, XVI, nº 128, de junho de 1951, realizada pelo escritor Jesus Marín Sierra²⁰⁷, disse pe. Ignacio:

"Através daquela pelanca que era seu corpo esquelético, sua consciência tranquila e seu espírito diáfano se deixavam refletir em seu rosto, com uma alegria sã e sem recuos. O sorriso de Ismael, cavalgando nas asas de sua alegria interior chegava a quantos tratassem com ele numa auréola de paz e de doçura. Ismael morria sorrindo. Seu morrer parecia um formoso sonhar; foi minha impressão sem hipérbole".

206. AGC-IT.

207. Refere-se ao escritor, Jesus Marín Sierra, segundo nota explicativa 201.

“Singular é tudo o que foge do corriqueiro. Ismael viveu sua vida consumindo-a em Deus. Ismael havia sabido morrer a muitos gostos e a muitas coisas, ainda que legítimas. Ismael foi deixando sua vida no caminho com serenidade e em silêncio. Ismael se consumia lentamente num martírio tranquilo, sereno, fundo e tranquilo. Ismael não buscou o martírio a seu gosto, nem a hora, nem o momento; aceitou tudo de bom grado como e quando o Senhor o exigiu. Ismael não foi vítima de seus gostos e desejos, senão dos desejos e gostos de Deus. A melhor morte, mesmo para imolar-se, é a que Deus quer. Em Ismael a quis silenciosa, e por isso se oculta e cala. Não é isto singular? Não encontrei outro caso que, como Ismael, buscasse desafogo a sua dor em mais dor”.

Noutro momento da entrevista recalca que Ismael *“era simpático. A graça, que não destrói a natureza, mas que a aperfeiçoa, havia sobrenaturalizado sua simpatia pessoal até o ponto de que emoldurava em seus olhos luminosamente puros, em seus lábios brancos, pelos que falava sua alma mais branca ainda, em seus traços fisionômicos serenos e tranquilos, em seu corpo torturado, machucado, arruinado, porém sem contorções desagradáveis, exercia irresistível poder de atração. A beleza de uma paisagem, as doces cadências de uma melodia não embelezam tanto como o sorrir de uma alma na cruz. Ismael estava na cruz e sorria”.*

Interrogado sobre se a ideia de uma morte prematura pode levar a um jovem a realizar o sacrifício calado que realizou Ismael, responde:

“Não; de nenhuma maneira. A ideia de uma morte prematura, quanto não se soube viver a vida num tom elevado, poderá levar a alma ao arrependimento, ao protesto da vida anterior porém o muito heroísmo exige muito amor de Deus, e o amor de Deus se alimenta da cruz. Quem não foi dando, consumindo, gastando, por amor, durante a vida, até elevar-se na cruz, de providência ordinária, não poderá permanecer nela em silêncio. A vida espiritual tem também seus princípios e seus corolários. Morrer em tom heroico responde a um viver no mesmo tom”.

“*Não e sim— responde à pergunta sobre se Ismael realizou algum fato apostólico no campo de concentração—.*

Não se assuste; não há contradição, não me consta que se dedicasse ao apostolado entre os presos; tampouco me estranha, quando a tônica de sua vida era o silêncio. Sei que fez um grande apostolado por eles. Verá: orava e sofria, em sua oração e sofrimentos, segundo lemos em sua biografia, sentia um comichão que lhe devorava as entranhas pelos jovens que se perdem. Como a hemorroíssa estava constantemente tocando em Jesus para arrancar-lhe virtude salvadora. Não creia, Marín, que com seu sofrer calado e com sua oração abismada em Deus atrairia do céu uma irradiação divina sobre as almas de jovens que tanto o preocupavam? Sabe que a ação mais silenciosa e oculta que leva o selo do amor de Deus, nem falha, nem se perde. Que importa o tempo e o lugar? Dará seu fruto”.

“Eram seus começos na vida espiritual, sua formação seria deficiente e lhe faltava a marca da dor e da cruz, que veio depois. Se Deus tivesse prolongado sua vida, apesar de seus sofrimentos, teria feito muito ruído entre vós, com seu apostolado sem som nem estardalhaços, porém de entrega e fervor. Acaso não o está fazendo depois de morto?”

“O médico quase me assegurou que não chegaria vivo a Zaragoza; sugestionou-me com isso, e não pensei em seguir a pista. Vejo nisso as marcas da providência: tivesse intentado aliviar-lhe no que fosse possível, e isto não entrava nos planos de Deus”.

“Quando a enfermeira veio com a carta de recomendação que eu lhe havia dado para o hospital, e que ela encontrou escondida entre suas roupas, depois de enterrado” foi quando Pe. Ignacio percebeu que Ismael tinha morrido.

E compara sua vivência com Ismael “*quando me encontro entre jovens de vida superficial, atormentados, tão pronto entusiasmados e exacerbados, como apagados e abandonados. Quando vejo jovens que levam uma insígnia, porém que vivem do exterior; que tudo que é mundano os impressionam, que vivem por*

dentro e do que levam dentro, não posso evitar a comparação com Ismael. Pobrezinhos! Como ficam mal desajeitados! Também, e então com grande prazer espiritual, quando me encontro com jovens que vão atrás do belo ideal que Ismael viveu”.

Quando Marín Sierra lhe pergunta se tem esperança em que a Igreja um dia canonize a Ismael, responde:

“Se meço minha esperança por meus desejos, a tenho e muito grande. Sois vós, quem deveis de merecer esta graça e dita para a juventude católica, levando vossas vidas a de Ismael, fazendo carne de vossa carne o tom heroico de fazer muito e falar pouco, sofrer e calar, entregando-os a uma atividade apostólica que tome antes voos no abismar-se em Deus pela oração e no fazer vosso o “não eu, senão Cristo é quem vive em mim”, do Apóstolo”²⁰⁸.

Concluiu a entrevista dizendo que, mesmo que tivesse despedido de Ismael no campo de concentração, o resto de sua vida havia estado unido a ele e agradecido pela promessa que lhe fez: **“Padre, adiante, eu o abençoe desde o céu”**.

No *Guión del Militante*, ano IV, nº 6, conselho da JACE, Ciudad Real, de 20 de maio de 1956, diz Pe. Ignacio Bruna:

“Hoje sou pároco de uma das mais espirituais freguesias da diocese de Zaragoza. Quando conheci a seu paisano, Ismael, era eu capelão de um campo de concentração, daquele precisamente em que Ismael foi morador e herói. Meus atuais fregueses me fazem feliz, porém não podem suas finas atenções apagar de minha lembrança a saudade daquele passado. Acontece que não encontrei ainda com outro Ismael.

Cada dia recebia em meu escritório do cárcere a visita de meus queridos presos. Os recém ingressados chamavam a minha porta receosos; penetravam em meu aposento com timidez; tremiam como afogados, não menos que réu diante do juiz, ódio?... acanhamento?... timidez? Desconfiança?..., de tudo um pouco. Haviam-lhes falado tanto e tão mal de nós! Os antigos, pelo con-

208.AGC-IT.

trário, desejavam como algo extraordinário que chegasse esse momento de tratar com o capelão.

Sentavam-se junto a minha mesa e na desnudez de meu quarto silencioso, depois de umas quantas sessões e entrevistas, abriam suas almas para mim, expunham suas penas grandes e pequenas, para eles sempre terrivelmente esmagadoras; contavam-me minuciosamente suas dores que sempre resultavam sérios ao extremo; derramavam em meu coração as tempestades do seu, e me pediam solução para seus problemas.

Quando os via verter lágrimas silenciosas, buscando com isso alívio para sua dor e desafio a seu coração, punha-me a seu lado, para iluminar-lhes com um pouco de alegria, para dar-lhes delicadamente a entender que não lhes faltaria em meu coração sacerdotal a esmola carinhosa de minhas palavras afetuosas, de minha ajuda incondicional e desinteressada.

Quem não viveu no pequeno mundo de um campo de concentração ou de um cárcere, não suspeita sequer quantas dúvidas, quantos tormentos de ordem afetiva e moral afetam o pobre recluso.

Eu observava como alguns dias, ainda rodeados por centenas de companheiros, se sentiam sozinhos, e no meio do bulício, nos momentos de recreio, um silêncio demasiado eloquente amargava sua existência. Era a hora de suas intimidades, desfilavam por seu pensamento, como sombras fugazes, o lar que lhes viu nascer, a mãe que lhes carregou em seu seio, seus antigos amigos e todas as coisas de sua intimidade. Oh! Tormento! A trombeta que não entendia de sentimentalismo nem de intimidades, lhes recordava que não no recinto do lar, senão na casa de expiação haviam de passar dia após dia. Eu cheguei a sentir na carne viva o problema desses homens e me entreguei aliviá-los no possível, já que o resolvê-lo não estava em minhas mãos. Pensava que se os enfermos são tudo para o médico, com a beleza é para o artista, aqueles homens era para mim. Meu único trabalho: sacrificar-me por eles; minha única pena: as suas; minha única ilusão: fazer-lhes ver o verdadeiro caminho e ajudá-los a segui-lo. Tudo

isto fará calibrar melhor o valor do sacrifício de Ismael, pois a tudo isso renunciou, tinha personalidade definida e destacada, para saber e poder dizer, diante de sua vocação de mártir, quero! E aceitar todas as consequências, custasse o que custasse e ainda fazê-lo acima de tudo. Era uma alma grande, decidida, tenaz, perseverante, de aço.

O quero! De Ismael meditado e profundo tornou tudo possível, o fez atuar sem vacilação; deu-lhe força para continuar apesar do fastígio, do cansaço e ainda da aparente inutilidade de seu sacrifício.

Tomou a decisão de sofrer quanto tivesse ocasião, por amor de Deus, e ao serviço dela pôs sua inquebrantável vontade.

Deus marcou o seu caminho. Sua consciência, clara e limpa, o iluminou. Sua alma sentiu uma força que o arrastava rumo ao heroísmo de sofrer calado e silencioso. Determinou-se, agiu e perseverou até o fim. O primeiro é tão fácil e simples que o fazemos todos. O segundo é mais penoso e por isso menos frequente. O terceiro, é aquele no qual fraquejamos. Ismael, não.

Você também, jovem manchego, refletiu muitas vezes, se recolheu um instante, ouviu a voz de Deus e com ela sentiu um ímpeto, uma graça especial que, como a seu paisano, gritou: vamos! Lança-se na água! Solta as amarras! Lança-se ao apostolado com energia e com esforço! Se é você um dos valentes, se é da escola de Ismael, por que não duvido que a conduta de Ismael terá feito escola entre as juventudes manchegas principalmente, você se lançou e continua como ele: até o final. Se você é débil, diante dos obstáculos não esperados, diante das contradições, diante do cansaço, não soube passar por cima, se rendeu, caiu por terra como um derrotado.

Não vi homem mais derrotado no físico do que estava Ismael, naquele primeiro encontro que aconteceu na enfermaria do campo de concentração. Materialmente falando, embora sua vontade fosse muito forte, não era dono dos elementos, dos homens, nem sequer de seu corpo que se desfazia como açúcar na água,

porém espiritualmente atuava com a energia de quem sente Deus a seu lado e, ainda mais, dentro de si.

Jovem manchego! Viva desperto! Se uma coisa é possível para vocês deve ser feita, e se é impossível, o exemplo de seu paisano Ismael deverá fazê-la possível. Fazei aquilo que deve ser feito; e mais: aquilo que vocês temem e que dá medo realizar. Que o perigo os atraia, que as dificuldades os estimulem.

Aquilo que o mundo entende por heroico supõe menos e custa menos que as renúncias diárias que pedem à vontade constante esforço.

Há duas perseveranças bem claras e definidas: aquela que nunca decai e aquela que se levanta sempre. As duas são estupendas; qual foi o caso de Ismael? Qual há de ser ou pode ser o seu caso? Estuda, reflète e medita para que o fruto das grandes jornadas que se aproximam, para as juventudes masculinas manchegas, seja fazer de vocês dignos daquele jovem que marcou para vocês uma rota e um caminho”²⁰⁹.

A outra entrevista pertence ao sacerdote Pe. José Ballesteros Estero, nascido em 1918. Conheceu Ismael no ano de 1935, durante o retiro espiritual que foi realizado no seminário de Ciudad Real, e do qual Ismael participou; o segundo encontro, mais prolongado, foi no hospital clínico de Zaragoza, ao qual Ballesteros chegou ferido de guerra numa perna e encontrou Ismael aí num estado deplorável:

“Tive meu primeiro contato com Ismael rumo ao ano de 1935. Estava eu então cursando meus estudos no seminário de Ciudad Real, e ele por sua vez, fez, no referido seminário, um retiro espiritual. Recordo que teria Ismael então a idade de uns 17 ou 18 anos e, mesmo dado o caráter de penitência que tem o retiro, notei nele seu caráter expansivo e alegre, de um otimismo inato e que era um rapaz que deixava amigos por toda parte onde passava; também, como depois pode comprovar, tinha um coração daqueles que se entregam totalmente com todos e para todos.

209.AGC-IT.

Depois não tornei a encontrá-lo até que ambos coincidimos no hospital de Zaragoza, eu ferido por um balaço recebido no front e ele com sua terrível enfermidade bastante avançada. Ali foi onde mantive com ele várias bate-papos nos quais pode perceber o verdadeiro espírito de santidade e de sacrifício que havia neste jovem, e que não o abandonou até sua morte.

Aquilo que mais me impressionou nele foi sua alegria diante do sofrimento e a certeza que tinha de ir para o céu, em seus últimos momentos.

Lembro-me que numa das conversas que tivemos, no hospital, invejava minha sorte de poder chegar a ser algum dia sacerdote, e ele pelo contrário morrer sem ter chegado a fazer nada útil na vida, dizendo-me que sentia morrer sem poder realizar o sonho de ser padre, como acreditava que eu o realizaria. Então lhe disse que se morresse que pedisse desde o céu por mim, para que não perdesse minha vocação, exposta como estava a tantos perigos morais que existem no front; e que ele me prometeu fazer assim. E tenho tanta certeza que cumpriu sua palavra, ajudando-me com sua intercessão, que jamais lhe ofereci uma Missa porque tenho a certeza de que ele está no céu pedindo ainda por mim, e por isso não necessita que eu interceda por ele.

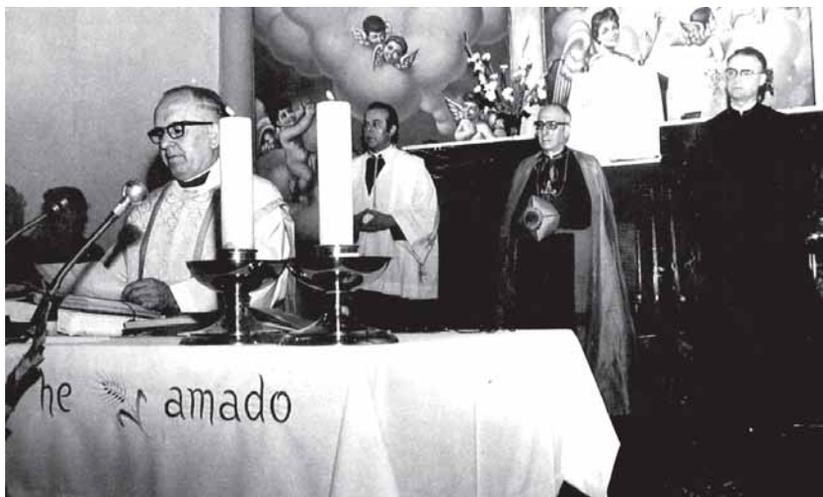
Quando seus restos foram trasladados para Tomelloso, fui a este ato, golpeei com os nozinhos o féretro em que repousavam seus restos e dei-lhe graças por sua ajuda desde cima, que creio tenha influído para que não perdesse minha vocação sacerdotal, naquela época tão difícil”²¹⁰.

Quando a guerra terminou, regressou a Ciudad Real, onde terminou seus estudos e foi ordenado sacerdote.

A homenagem nacional que a Ação Católica prestou a Ismael de Tomelloso, em 1956, terminou de ser feita em sua tumba, e a crônica do ato foi publicada no jornal *Signo*, de 26 de maio de 1956:

“Pe. José começou beijando a tumba, para recordar aquele

210.AGC-IT.



Pe. José Ballesteros Estero com um paciente no Hospital de Ciudad Real onde era capelão; abaixo, celebrando a Eucaristia.

*23 de março de 1938, quando se encontraram no hospital clínico de Zaragoza. Depois fez uma síntese das recordações*²¹¹.

– Oferece tua morte por minha vocação, por todos os jovens de La Mancha– pedi-lhe.

E estou certo de que o fez. Eu sinto em muitos momentos sua intercessão maravilhosa. Jamais rezei-lhe um pai-nosso. Seria um crime. Estou certo de que não o necessita. Minha oração é dar-lhe com os nozinhos no sepulcro e dizer-lhe: “Ismael, não se esqueça daquilo que prometeu!”

*Muitas das pessoas que estavam presentes não puderam conter suas lágrimas. A natureza, como somando-se à homenagem, abriu também suas nuvens. Porém não foi uma chuva melancólica, tristonha, que tivesse desentoadado. Foi uma chuva alegre, desportiva, de rajadas, que nos fez correr e rir. Sabíamos que tudo isto era apreciado por Ismael”*²¹².

O diário *Lanza* de Ciudad Real, em 22 de junho de 1985, por ocasião de sua aposentoria como capelão do hospital provincial, publicou:

“Cuidou dos enfermos durante 32 anos, o que lhe havia deixado uma marca viva de amor aos enfermos. O destino no hospital havia confiado o bispo porém declarou que o havia aceitado somente por obediência, porque era aquilo que menos gostava de fazer em sua vida, embora acabou reconhecendo que havia sido a melhor etapa dos anos de sua vida sacerdotal”.

Também diz que foi “obrigado”, embora obedeceu ao Senhor bispo, ao viajar a Lourdes acompanhando aos enfermos, pois não o atraía, porém, no final de sua vida, depois de muitas peregrinações e de muitos anos no hospital, reconheceu as graças recebidas através de seus enfermos para os que a Virgem Maria tem reservadas singulares graças, porque “na dor renasce o amor”. Foi qualificado pela imprensa como “um sacerdote preocupado pela dor”.

211. Nota do autor: recordações que são contadas no cap. IX.

212. AGC-IT.

O amor que Ismael sentia pelos sacerdotes se derrama desde sua própria vocação e, por isso, ajuda-os a servir a Deus e aos homens sobretudo neste mundo de abandono e de dor que sofrem os anciãos, nas famílias e nos hospitais. Todos os sacerdotes que conheceram ou trataram com Ismael foram estimulados poro seu exemplo para ser mais fieis e mais santos, e reconhecem a força que receberam através do exemplo de sua vida.

Para concluir estes marcos e como mostra da difusão que teve em seu momento a vida de Ismael de Tomelloso pela geografia espanhola, a Folha paroquial Espiga da diocese de Palência, nº 26/1956, de 24 de junho, publicou um artigo que tem atualidade, intitulado *Em um lugar de la Mancha*, para

“... honrar a memória daquele jovem da Ação Católica, como o fizeram, junto à pia de seu batismo, milhares de jovens, seus companheiros de fé e apostolado, na passada festa de pentecostes.

Para dissipar a falsa, porém divulgada ideologia de que ser santo, e santo de altar!, é algo fora de moda, o que melhor do que dizer que aquele jovem de quem vamos nos ocupar, morreu em 1938?

Para dar um desmentido aos que se imaginam que a árvore do heroísmo cristão só pode florescer na estufa de um mosteiro de cartuchos, por que não dizer-lhes que aquele jovem nunca vestiu hábito religioso, e além do mais foi enterrado com farda militar?

SIM, ISMAEL MOLINERO NOVILLO REUNIU EM SIMESMO NUMA SÍNTESE PERFEITA O LEIGO O JOVEM E O SANTO !

E isso queremos dizer em alto e bom tom aos rapazes de nossa Palência e sua província. Caso esta vida interessa para vocês, peçam-na pois com estilo ameno e muito belo foi escrita sobre este rapaz pelo palentino Pe. Florentino del Valle, religioso nascido em Villamoronta e hoje residente na casa de escritores da companhia de Jesus, em Madrid”.

E termina dizendo:

“... e agora é chegado o momento de contar a conduta rara e verdadeiramente heroica e difícil que Ismael observou naquele transe. Neste país das influências e recomendações e das ligações,

aquele rapaz manchego teve a misteriosa postura de retroceder, de ocultar sua ficha de militante da Ação Católica, de não dar-se a conhecer nem pedir o apoio de alguns de seu mesmo povoado e, como San Alejo em sua própria casa, viveu entre os seus sem que estes soubessem seu nome... Porém suas virtudes o delataram, aquela paciência suave e alegre com que sobrelevou a pneumonia e a tuberculose que o levou ao sepulcro, aquela confissão que o viram fazer na cama do hospital, aquele “Minha mãe do Pilar, salva-me! Meu Deus, misericórdia! Sagrado Coração de Jesus, eu confio em vós!”, que exalaram seus lábios moribundos...”²¹³.

213. AGC.II.

